



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO**



LUDMILA RODRIGUES ROSA

AS EXPERIÊNCIAS COM O CINEMA NA TRANSFORMAÇÃO DOCENTE

UBERLÂNDIA-MG

2021

LUDMILA RODRIGUES ROSA

AS EXPERIÊNCIAS COM O CINEMA NA TRANSFORMAÇÃO DOCENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito necessário à obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação em Ciências e Matemática

Orientador: Prof. Dr. Sandro Rogério Vargas Ustra

UBERLÂNDIA-MG

2021

LUDMILA RODRIGUES ROSA

AS EXPERIÊNCIAS COM O CINEMA NA TRANSFORMAÇÃO DOCENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito necessário à obtenção do título de Doutora em Educação.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sandro Rogério Vargas Ustra
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof^a Dra. Daniela Franco Carvalho
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof^a Dra. Myrtes Dias da Cunha
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof^a Dra. Neusa Maria John Scheid
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI

Prof. Dr. Pedro Donizete Colombo Júnior
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

Uberlândia (MG), 20 de abril de 2021.

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

R788	Rosa, Ludmila Rodrigues, 1986-
2021	As experiências com o cinema na transformação docente [recurso eletrônico] / Ludmila Rodrigues Rosa. - 2021. Orientador: Sandro Rogério Vargas Ustra. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.226 Inclui bibliografia. 1. Educação. I. Ustra, Sandro Rogério Vargas, 1969-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Educação. III. Título.
	CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 06/2021/280, PPGED				
Data:	Vinte de abril de dois mil e vinte e um	Hora de início:	8h30min	Hora de encerramento:	12h50min
Matrícula do Discente:	11713EDU023				
Nome do Discente:	LUDMILA RODRIGUES ROSA				
Título do Trabalho:	"AS EXPERIÊNCIAS COM O CINEMA NA TRANSFORMAÇÃO DOCENTE"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Cinema e a (Trans)Formação Docente"				

Reuniu-se, através da sala virtual pública <https://meet.google.com>, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, assim composta: Professores Doutores: Neusa Maria John Scheid - URI/RS; Pedro Donizete Colombo Junior - UFTM/MG; Daniela Franco Carvalho - UFU; Myrtes Dias da Cunha - UFU e Sandro Rogério Vargas Ustra - UFU orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Sandro Rogério Vargas Ustra, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Sandro Rogério Vargas Ustra, Professor(a) do Magistério Superior**, em 20/04/2021, às 13:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **NEUSA MARIA JOHN SCHEID, Usuário Externo**, em 20/04/2021, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Donizete Colombo Junior, Usuário Externo**, em 20/04/2021, às 18:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Franco Carvalho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/04/2021, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Myrtes Dias da Cunha, Membro de Comissão**, em 22/04/2021, às 12:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2672406** e o código CRC **46F98D23**.

MINHA GRATIDÃO

É com imenso carinho que dedico este trabalho a essas pessoas que, a cada dia tornam a minha vida mais feliz e completa.

Em especial...

A Deus, meu refúgio e fortaleza. Obrigada Senhor, pois apenas nós sabemos da imensa dificuldade de percorrer esta caminhada.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a seguir meus estudos, não medindo esforços para isso.

À minha irmã Janaina, meu cunhado Rodrigo e minha sobrinha/afilhada Maria Clara, pelo carinho e incentivo na vida.

Anna, minha companheira de todos os momentos.

À minha família e aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pelo afeto e pela torcida para a realização da tese.

Às colaboradoras e amigas do grupo *CinEduAção* que aceitaram e se envolveram no desafio de estudar e aprender no coletivo.

Ao meu orientador Sandro Ustra, que me acolheu, me respeitou e me inspirou a ser uma pesquisadora e pessoa melhor, além das contribuições no desenvolvimento da tese.

Às professoras doutoras Daniela Franco, Lúcia Estevinho e Myrtes Cunha, pelas significativas contribuições como membros da Banca de Qualificação.

Aos professores doutores Daniela Franco, Myrtes Cunha, Neusa Scheid, Pedro Colombo pela gentileza com que aceitaram o convite para a defesa.

A Alinne, Camila, Daniela, Flávia, Liciane, Mírian, Núbia, amigas incondicionais e irmãs de coração, pelas conversas sobre a vida e o trabalho.

Enfim, a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização desta pesquisa.

A todos vocês, os meus melhores afetos!

RESUMO

Este estudo está inserido na Linha Educação em Ciências e Matemática do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. A pesquisa teve como objetivo compreender as potencialidades do cinema na constituição humana, planejando e propondo uma formação docente na Educação Infantil. Esta foi voltada para a utilização de filmes com as crianças, refletindo e analisando sobre o que já se faz e construindo uma proposta coletiva para o Cinema na Escola como educação do olhar e do sentir. Algumas questões que balizaram o estudo foram: I) Como o espaço educativo da escola, de maneira geral, favorece (ou não) o desenvolvimento de sessões de cinema para abertura de discussões? II) Como produzir experiências através do cinema nas práticas pedagógicas? III) Como o professor pode planejar uma prática intencional explorando os mais variados filmes? O objetivo da tese e as problemáticas foram pensadas a partir da dinâmica colaborativa de formação de educadores, que contemplou um olhar comum sobre as dificuldades e potencialidades docentes no que se refere à utilização do Cinema na Escola. Procurei atender as necessidades e expectativas dos professores, contribuindo para o processo de constituição profissional, questionando e repensando uma prática pedagógica mais significativa e humana. Para isso, tomei como inspiração metodológica a abordagem qualitativa, que possibilitou encontrar formas de representar a realidade, utilizando as técnicas de observação e entrevista para conhecer como os filmes eram exibidos nas escolas. No decorrer do trabalho focalizei na pesquisa-ação colaborativa, com a finalidade de proporcionar às professoras experiências coletivas e individuais com o cinema, na tentativa de possibilitar a mobilização docente nos seus conhecimentos e nas suas ações educacionais. A construção dos significados foi desenvolvida pelo viés da pesquisa narrativa, que busca compreender e interpretar as conexões entre as estruturas subjetivas, sociais e humanas. No campo teórico, procurei abranger as aproximações entre cinema e educação, embasados em Almeida (1993, 2004), Barbosa (2017), Fantin (2005), (2006, 2007), (2011, 2015), Migliorin (2014, 2015), Larosa (2002, 2006), dentre outros, partilhando a ideia de que o cinema é arte e cultura, sendo um potencializador de diálogos com diferentes e diversos contextos, como por exemplo, a escola, que é um espaço social de construção e mediação de saberes. Em campo, percebi que as professoras exibiam filmes de animação, utilizando-os como entretenimento, para as crianças se alegrarem e se divertirem, e recurso pedagógico, para ilustração e/ou ensinar algum conteúdo. Além disso, os filmes distraíam as crianças, deixando-as envolvidas e nesse momento as docentes conseguiam desenvolver outras atividades que a função demandava. A partir dessas cenas evidenciadas formamos o grupo de estudos *CinEducação* que foi formado por educadoras conectadas com interesses de serem profissionais melhores, procurando entender como o cinema pode sensibilizar, afetar e mobilizar pessoas. Vivenciamos momentos de trocas, tanto pessoais quanto profissionais, leituras de textos e experiências com os filmes. Esse contexto e a imersão nos ambientes escolares, me permitiram inferir que o cinema, por materializar-se socialmente na cultura, permite um acesso mais consciente à interioridade e, por consequência, à própria aprendizagem, sendo um artefato que impulsiona novas aquisições, bem como atua como produtor de saberes e sujeitos, formando identidades. A formação docente com e pelas experiências com os mais variados filmes possibilita múltiplas aprendizagens, transformando nossas vidas e as práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Cinema. Arte. Cultura. Educação Infantil. Formação de Professores.

ABSTRACT

This study is included in the Education Line of Sciences and Mathematics - Doctoral Course of the Graduate Program in Education at the Federal University of Uberlândia. The research aimed to learn the potential of cinema in the human constitution, planning and proposing a teacher training in Early Childhood Education. It focused on the use of films, analyzing and reflecting on what is already being done in order to present a collective proposal for the Cinema at School. Some questions that marked the study were: I) How does the school's educational space, in general, favor (or not) the development of cinema sessions to opening of discussions? II) How to produce experiences through cinema, in pedagogical practices? III) How can the teacher plan an intentional practice exploring the most varied films? The objective and problems were thought from the collaborative dynamics of educators training, which contemplated a common view on the difficulties and potential of teachers about the use of Cinema at School. I tried to meet the needs and expectations of the teachers, contributing to the professional constitution process, questioning and rethinking a more meaningful and humane pedagogical practice. For that, I took the qualitative approach as methodological inspiration, which made it possible to find ways to represent reality, using observation and interview techniques to learn how films were shown in schools. I focused on collaborative action research, with the purpose of providing teachers with collective and individual experiences with cinema, to enable the mobilization of teachers in their knowledge and educational actions. The construction of meanings was developed through narrative research, which seeks to learn and interpret the connections among subjective, social and human structures. In the theoretical field, I tried to cover the approximations between cinema and education, supported by Almeida (1993, 2004), Barbosa (2017), Fantin (2005), (2006, 2007), (2011, 2015), Migliorin (2014, 2015), Larosa (2002, 2006), among others, sharing the idea that cinema is art and culture, and potentializes dialogues with different and diverse contexts, such as the school, which is a social space of construction and mediation of knowledge. I noticed that the teachers showed animated films, using them as entertainment for the children to rejoice and have fun, and a pedagogical resource, for illustration and/or teaching some content. In addition, the films distracted the children, making them involved, and at that moment the teachers were able to develop other activities that the function demanded. From these evidenced scenes, we formed the CinEducAção study group, which was formed by educators connected with the interests of being better professionals, trying to learn how cinema can sensitize, affect and mobilize people. We experienced moments of exchange, both personal and professional. This context and the immersion in school environments allowed me to infer that cinema, as it materializes socially in culture, allows a more conscious access to interiority. Consequently, it is an artifact that drives new acquisitions, as well as it acts as a producer of knowledge and subjects, forming identities. Teachers training with and through experiences with the most varied films allows us for multiple learnings, transforming our lives and pedagogical practices.

Keywords: Cinema. Art. Culture. Early Childhood Education. Teachers Formation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEMEPE	Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais
DVD	Disco Versátil Digital
EI	Educação Infantil
EF	Ensino Fundamental
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GEPLI	Grupo de estudos e Pesquisas sobre Linguagens e Infâncias
MC	Mestre de Cerimônia
OMC	Onde Melhor Convier
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis
SIEX	Sistema de Informação da Extensão
TV	Televisão
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Integrantes do Grupo de Estudos CinEducAção.....	16
Figura 2: Cartaz de divulgação do curso de formação	143
Figura 3: Verso e anverso do folder do curso de formação.....	146
Figura 4: Parte interna do folder do curso de formação	147
Figura 5: <i>Hall</i> de entrada	149
Figura 6: Refeitório/Auditório.....	150
Figura 7: Palco.....	150
Figura 8: Lateral do palco.....	151
Figura 9: <i>Hall</i> de entrada	156
Figura 10: Refeitório/Auditório.....	156
Figura 11: Palco.....	157
Figura 12: Refeitório/Auditório.....	184
Figura 13: Lembrancinha para os cursistas	188
Figura 14: Alunos conhecendo a arte do cinema, pelo grupo Trakinagem.....	192
Figura 15: Crianças socializando entre elas e com brinquedos	192
Figura 16: Alunos produzindo seu próprio filme	193
Figura 17: Alunos e oficinairos observando as produções	193
Figura 18: Espaço de socialização organizado em sala de aula	195
Figura 19: Momento em que as crianças registraram suas impressões	196

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Exemplo de tabela de horários dos docentes da Educação Infantil, que trabalham com crianças de 4 anos, com a distribuição por eixos de trabalho.....	78
Quadro 2: Listagem de filmes exibidos pelas docentes.....	83
Quadro 3: Informações sobre os Encontros do Grupo Reflexivo.....	92
Quadro 4: Dados das colaboradoras - Grupo Reflexivo.....	95
Quadro 5: Datas e temáticas estudadas nos Encontros Reflexivos.....	133
Quadro 6: Estrutura adotada para a classificação dos filmes/desenhos infantis nacionais.....	189

“O cinema não tem fronteiras nem limites.
É um fluxo constante de sonho.”

Orson Welles

“A única forma de chegar ao impossível
é acreditar que é possível.”

Alice no País das Maravilhas

SUMÁRIO

ALICE NO PAÍS DO CINEMA	12
RECORDAÇÕES, VIVÊNCIAS E INQUIETAÇÕES	17
CINEMA E EDUCAÇÃO.....	26
Abertura para o Cinema	27
Pedagogia Cultural.....	35
Cinema na Escola.....	44
Educação do Olhar e a Criança.....	60
CAMINHOS DA PESQUISA: DO PLANEJAMENTO À AÇÃO	71
Metodologia de Pesquisa	72
Construção dos Significados.....	76
Costurando os Momentos	96
APROXIMAÇÕES E (RE)CONHECIMENTOS	99
Narrativas do Cinema na Escola.....	101
Alice através das Narrativas.....	124
O CINEMA NAS TRANSFORMAÇÕES DOCENTES MEDIADAS PELA PESQUISA COLABORATIVA.....	128
Grupo CinEducAção - Fusões, Sintonias e Afetos	130
As Múltiplas Experiências com o Cinema.....	197
IMINENTES CONSIDERAÇÕES	213
CHÁ DAS LOUCAS.....	221
REFERÊNCIAS	233

Alice no país do Cinema

Esse é o trabalho de Alice, materializado em palavras, na tentativa de elucidar a trajetória de uma pesquisadora em campo, suas descobertas, relações, inquietações, aprendizagens e conexões. Seu nome: Alice, mas não a que se aventura no país das Maravilhas.

Era uma menina sonhadora e desafiadora, que sempre estava preocupada em buscar e descobrir o novo e além do mais, tinha uma grande paixão: amava assistir filmes. Tinha admiração pelo cinema que mexia muito com ela, provocando-a de uma forma única e lhe oportunizando momentos fascinantes e inesquecíveis.

Alice amava ser professora, empenhava-se em planejar e fazer sempre o melhor para seus alunos. É certo que, em determinados momentos, ela se sentia grande e capaz de enfrentar quaisquer tipos de barreiras que apareciam, já em outros, sentia-se pequena, com muitas dificuldades para encarar seus medos e, dessa maneira, correr atrás e conquistar seus sonhos.

Foi então que, no ano de 2017, sentiu um forte desejo no peito em conhecer e investigar mais a fundo o ambiente escolar, suas parceiras de profissão e de igual maneira, como eram as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula relacionadas com o cinema. Assim, buscou tornar realidade o seu sonho.

Alice buscou cinco escolas para desenvolver sua pesquisa e empenhou-se ao máximo para conhecê-las, sendo que em alguns momentos teve que realizar certas adequações em diminuir ou aumentar de tamanho para poder ter acesso às mesmas. Contudo, percebeu que não seria uma tarefa nada fácil,

visto que observou e vivenciou que muitas portas não eram do seu tamanho e que algumas estavam emperradas.

Mesmo frente às primeiras dificuldades, Alice não desistiu e nem se deu por vencida, até que em um belo dia, ela deparou com uma surpresa: duas portas enfim se abriram, dando acesso às preciosidades, e ela pôde adentrar nestes ambientes escolares de uma maneira diferente, fascinante, não apenas como uma mera docente que ministrava as aulas, mas agora como uma investigadora, uma pesquisadora.

É foi assim, a começar desse instante mágico, que Alice conseguiu, agora como pesquisadora, desbravar pela primeira vez o chão dessas escolas, a fim de desvendear os mistérios nelas enredados, participando ativamente e vivenciando aulas junto a professores e alunos, tendo a oportunidade de promover a escuta sensível de docentes e supervisores e, dessa maneira, pôde, alicerçada nas suas primeiras evidências, observações e diagnósticos a respeito desses ambientes, obter a possibilidade de efetivar a proposta de encontros diversos contemplando o tema “Cinema na Escola”.

Nesse momento Alice foi surpreendida porque acreditou que ao sugerir às profissionais da educação para se encontrarem, pouquíssimas delas aceitariam, mas aconteceu justamente o inverso, pois a adesão foi grande, maior do que ela imaginava e juntas consensualmente, tomaram a pílula do crescimento, e assim amadureceram tanto pessoal quanto profissionalmente. O respeito das ideias de senso comum que consideram o professor acomodado e indisposto a estudar, tudo caiu por terra, não fazendo mais nenhum sentido. É dessa provocante e instigante proposta de encontros surgiu um grupo de trabalho denominado “CineEducação”.

Sabe o que foi mais incrível? Foi o fato das profissionais que participaram dos estudos, assumirem o nome de personagens de filmes infantis que a Alice adora assistir, porém elas apresentavam características, personalidades, modos de se vestir e pensar diferentes das personagens das animações cinematográficas. E foi assim que o grupo “CineEducação” foi composto e constituído pelas seguintes protagonistas: Fiona, Pocahontas, Tiana, Mulan, Moana, Cinderela, Sininho, Jasmine, Mégara, Ariel e é claro, Alice, porque esta é a história narrada aqui.

Mas... em meio à formação do grupo de estudos, Alice pirou. Sabe por quê? Porque ela tinha o hábito de fazer tudo do seu jeito, queria que as coisas sempre acontecessem exatamente como ela havia planejado e, além disso, tinha dificuldades em aceitar a opinião dos outros em relação ao trabalho que até então era seu. No entanto, aos poucos, Alice começou a compreender que fazer parte de um grupo, implicava em pertencer a um coletivo, estabelecer parceria, troca, relação, união...

E foi partindo dessa compreensão que Alice pode ir assimilando que ninguém é melhor nem pior do que ninguém, que as pessoas são diferentes umas das outras, que elas possuem distintas histórias, vivências, ideias, ideologias, religiões, entre outras. Que integrar um grupo exige e requer respeito ao outro. Ser um grupo é multiplicar e dividir saberes, construir várias composições do eu singular em um processo coletivo, com o objetivo comum de estudar, pensar, dialogar e aprender conhecimentos sobre o Cinema na Escola.

Os integrantes do grupo CineEducação, mergulhadas no país do Cinema, experienciaram inúmeros momentos de partilha, vivências pessoais e profissionais, leituras de textos e sensações com os filmes. Traçaram os seus

próprios caminhos, foram muitas interrogações, percepções, desentendimentos e aprendizagens. É o que Alice leu compreendeu ao longo da sua formação que agora sim fazia todo sentido: que a diversidade cultural gera conflitos entre as pessoas e de igual modo as aproxima, possibilitando a ampliação das visões de mundo.

É sabem que mais? Com os encontros reflexivos do grupo todas foram se envolvendo com o compromisso e prazer de estudar e, em consequência, laços afetivos foram estabelecidos. Respeito, cumplicidade, amizade, carinho, conectividade foram suscitados nas relações. Alice aprendeu o quanto é bom se relacionar, se envolver, confiar, amar.

É vocês acham que acabou aí? Ainda não. O grupo decidiu construir um curso de formação continuada para os profissionais da educação interessados no assunto Cinema na Escola. Elas ambicionavam propiciar espaços de reflexões e diálogos sobre o assunto, (re)conhecendo suas possibilidades e contribuições para o processo de ensino-aprendizagem, atuando na formação global dos alunos. Compreenderam também que o cinema constitui um artefato potencializador de relações humanas no ambiente escolar.

No início o grupo ficou com um pé atrás em assumir tamanha responsabilidade, mas conforme suas integrantes foram compreendendo suas práticas, estudando, assimilando, trocando informações e aprendendo, ganharam confiança e planejaram, da melhor forma possível, a formação continuada, que foi intitulado com um nome bacana que remetia ao cinema: “Luz, Câmera... Educação”. Alice definitivamente entendeu que é na ação que realmente a educação se faz, buscando conhecimentos e saberes para que a docência seja efetiva e a aprendizagem significativa.

Dessa maneira.... Opa, parou!!! Agora já chega e está de bom tamanho até aqui. Se eu contar toda essa história agora, não terá nenhuma graça. Saiba que esse é só um pedacinho da história que Alice vivenciou, sonhou, planejou, realizou, conquistou. Se quiser saber como termina, continue lendo até o final, uma vez que Alice registra, a seguir, sua tão sonhada tese “*As experiências com o cinema na transformação docente*”, lembrando que nessa construção, ela se realizou como pessoa e pesquisadora, pois seu desejo em mobilizar a formação docente foi enfim concretizado.

Figura 1: Integrantes do Grupo de Estudos CinEducAção



Fonte: Produzida por Mulan, 2021.

RECORDAÇÕES, VIVÊNCIAS E INQUIETAÇÕES

Quem é você? — perguntou a Lagarta.
Eu... mal sei, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então. — respondeu Alice.

Que quer dizer com isso? — esbravejou a Lagarta. Explique-se.
Receio não poder me explicar. Por que não sou eu mesma, entende? — disse Alice.

Não entendo. — respondeu a Lagarta.
Receio não poder ser mais clara. Pois eu mesma não consigo entender, para começar; e ser de tantos tamanhos diferentes num dia é muito perturbador.
— completou Alice.

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll (2000)

Permita-me apresentar... Prazer, sou Alice!¹ No momento não sei bem responder quem sou, transformo-me constantemente e enfrento muitos conflitos existenciais. Aproximo-me do Chapeleiro no quesito maluco, metódico e bitolado com o tempo. Sou curiosa, impulsiva, aventureira, inquieta, questionadora, desatenta, sonhadora... uma pluralidade de possibilidades, buscando a liberdade e tentando encontrar as maravilhas da vida.

Início esta tese narrando algumas marcas dos caminhos trilhados por mim, ao longo dos anos, pois acredito que as nossas escolhas e aspirações, incluindo a motivação para esta pesquisa, foram materializadas pela trajetória percorrida na vida, a partir de minhas recordações, vivências, inquietações e aprendizagens.

Minha infância está diretamente relacionada ao cinema mais do que qualquer outra coisa... Quando criança os momentos de lazer e diversão foram sentados no sofá, assistindo televisão, mais especificamente a desenhos animados como: *Tom e Jerry*, *Pink e Cérebro*, *Caverna do dragão*, *Popeye*, *Pernalonga*, *Tartarugas Ninja*, *Flintstones*, *Os caça-fantasmas*, *He-man*, *Denis: o pimentinha*, *A família Addams*, *Ursinhos Carinhosos*, *Piu Piu e Frajola*, *O fantástico Mundo de Bobby*, *Pica-pau*, *Capitão Planeta*, entre outros.

Também assistindo filmes em fita cassete como *Os Três Porquinhos*, *Pinóquio*, *Bambi*, *Cinderela*, *Alice no País das Maravilhas*, *101 Dálmatas*, *Mogli – O Menino Lobo*, *A Pequena Sereia*, *A Bela e a Fera*, *O Mundo Fantástico de OZ*, *O Rei Leão*, *Aladdin e os 40 Ladrões etc.*

Além deles, também ocupava meu tempo jogando vídeo game e, entre os jogos, apreciava *Ligeirinho*, *Donkey Kong*, *Sonic*, *Super Mário*. Para completar, gostava de assistir a alguns programas e séries infantis como *Chiquititas*, *Carrossel*, *Castelo Rá-ti-bum*, *TV Colosso*, *Passa e Repassa*, *Planeta Xuxa*, *Caça Talentos*. Recordo-me de como me divertia assistindo à televisão durante boa parte do dia.

Cresci e as responsabilidades do dia a dia me distanciaram dessas descontrações. Comecei a trabalhar com 15 anos de idade, estava no primeiro ano do Ensino Médio, e tive que dividir meu tempo entre o estudo e o trabalho. Assim, os momentos de lazer tornaram-se mais restritos, raramente assistia algo na televisão.

¹ Por se tratar de minha história e pesquisa eu utilizo, em alguns momentos do trabalho, as conjugações verbais na primeira pessoa do singular e, em outros, a primeira pessoa do plural, quando refiro-me a mim, ao orientador e aos sujeitos que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Após a conclusão do Ensino Médio, fui trabalhar em uma escola de Educação Infantil como secretária e, a partir dessa experiência, decidi buscar a formação em Pedagogia, por acreditar ser possível fazer a diferença na vida de alguém, uma vez que é na formação inicial que se constroem as bases para um ser humano crítico e entendedor do seu papel na sociedade.

Prestei o concurso vestibular da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em 2006, para o curso de Pedagogia e fui aprovada. No Ensino Superior, explorei ao máximo as oportunidades ofertadas pela instituição e essas bagagens me viabilizaram conhecer a realidade escolar, seus desafios e possibilidades, aliando teoria à prática.

Esse período, acumulando trabalho e estudo, foi desgastante, contudo, muito produtivo. No mesmo ano de ingresso na UFU, comecei a exercer a profissão docente, trabalhando em uma escola particular de Educação Infantil, em um único turno. O período em que estudei na Universidade foi uma época muito importante em minha vida, pois tive ótimos professores e estava realizando o meu desejo de ser pedagoga.

Constituindo minha formação, aprendi muito com os docentes do curso de Pedagogia, ao observar suas condutas durante as aulas e suas ações com os educandos. As aulas desses mestres, independentemente do conteúdo que ministravam, eram sempre muito ricas, dinâmicas e proveitosas, pois eles pareciam ensinar com prazer, demonstrando o compromisso que tinham com o nosso desenvolvimento e o respeito pelas pessoas. Assim, esses professores colaboraram com boas lembranças sobre a prática docente, suscitando minha aspiração em aprender-ensinar e ensinar-aprender.

Assim que me formei, no ano de 2010, comecei a trabalhar na Prefeitura Municipal de Uberlândia, como contratada, em um turno, e em um colégio particular, no outro turno. No ano de 2011, fiz um curso de Pós-Graduação (Especialização) em Supervisão e Inspeção Escolar, para ampliar meus conhecimentos e, no ano de 2012, prestei concurso público e fui aprovada para trabalhar como Professora, em um cargo, e Orientadora Educacional, em outro período, na Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Atuando nessas instâncias educativas, algumas questões me inquietaram e comecei a perceber que os corpos, as condutas e as identidades dos alunos eram materializados na cultura e exibidos pela mídia. As roupas das crianças, bem como os calçados, adereços, mochilas, cadernos e demais materiais escolares refletiam o que era anunciado na televisão e eram sempre mostrados com encanto. Também percebi que, nos

períodos livres, as atitudes dos alunos reproduziam as músicas, as danças e os gestos veiculados nos desenhos, nos programas e nas novelas.

As observações e os incômodos me trouxeram a um novo momento. Há dois anos, terminava o curso de Especialização (final de 2011) e, durante esse período, percebi a necessidade e o desejo de voltar aos estudos a fim de aprofundar o que aprendera, bem como construir novos conhecimentos que me pudessem auxiliar na prática como docente e como Orientadora Educacional.

Em 2013, em razão do desejo de voltar aos estudos, me preparei e candidatei-me a uma vaga no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Fui aprovada e em 2014-2015 desenvolvi a dissertação “O filme de animação *O Lorax: em busca da tréfuca perdida* na perspectiva dos Estudos Culturais”.

Nesse trabalho busquei aliar dois fatores importantes: por um lado, o interesse dos alunos por assuntos veiculados na mídia e, por outro, meu desejo de trabalhar com a linguagem cinematográfica em especial filmes/desenhos animados, por perceber que a televisão e seus programas se consolidam socialmente na cultura e influenciam o imaginário infantil.

Ao finalizar o Mestrado, fiz o curso de Pós-Graduação (Especialização) em Coordenação Pedagógica com a intenção de contribuir para minha formação pessoal e profissional. Também comecei a pensar na possibilidade de expandir meu trabalho, no que se refere à contribuição direta na prática pedagógica dos professores e ampliar meus conhecimentos sobre o cinema. Como no quadro de horários dos docentes da Educação Infantil havia dois horários destinados ao uso da televisão, então quis conhecer como era a utilização dos filmes nas salas de aula.

Também ressoava dentro de mim a vontade de oportunizar, aos profissionais da educação, experiências com cinema, sem maiores pretensões, permitindo que eles vivenciassem novas descobertas com esse artefato cultural. Em 2016 candidatei-me novamente a uma vaga no Programa de Pós-Graduação (agora no Doutorado) em Educação da Universidade Federal de Uberlândia e fui contemplada.

Senti um imenso orgulho diante dessa conquista, pois consegui ser aprovada em um processo seletivo restrito e concorrido, após ter estudado a vida toda em escola pública, ter Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e bipolaridade. Além disso, sou a primeira da família, e até então única, que possui o título de mestre e agora doutoranda. Chegar até aqui não foi nada fácil, entretanto sou eternamente grata por tudo que conquistei.

Ressalto que, continuar estudando e ainda sobre cinema, que mexe com minhas lembranças e me seduz, motiva-me a buscar sempre mais conhecimentos e tentar somar no âmbito educacional. Diante desses fatores, retomo que pesquisar sobre Cinema na Escola e suas potencialidades me encanta ao ponto de me identificar completamente com a pesquisadora Kênia Diniz (2014) quando diz que:

[...] a linguagem cinematográfica sempre me encheu os olhos, com suas cores e sons, bem como com suas temáticas e conteúdos diversificados. Sem dúvida, a narrativa fílmica esteve presente em minha vida, conduzindo muitas de minhas reflexões e posteriores decisões. (DINIZ, 2014, p. 11-12).

Os filmes que assisti ao longo da minha vida me permitiram vivenciar diferentes emoções e sentimentos, possibilitando mergulhar em mares desafiadores. Assim, a escolha em trabalhar a temática cinema e educação na presente pesquisa aconteceu pelo fato de, inicialmente, acreditar que a linguagem cinematográfica enriquece a formação educacional dos alunos, por ser lúdica e acessível.

Posso dizer que minha própria experiência com o cinema na infância me ajudou nessa percepção e, ao longo da vida meu encantamento por essa forma de expressão foi adquirindo mais consistência. Finalmente, por acreditar que esta pesquisa poderá contribuir para que os educadores tenham outras visões sobre o cinema no contexto escolar assim como servir de base para outras pesquisas que privilegiem o cinema como arte, cultura e potencializador de relações humanas.

A constituição da Alice pesquisadora

Sou o que sou! Uma constituição histórica, social e cultural. Sou um pouquinho de cada pessoa que passou pelo meu caminho ou que se faz presente em minha vida, me fazendo ser uma melhor ou pior versão. Trago sorrisos, encantamentos, sonhos, esperanças, vitórias, determinações, lutas, bem como traumas, dores, inseguranças, lágrimas, fracassos e medos.

Minha paixão pela Educação emergiu, efetivamente, aos 18 anos de idade quando decidi me graduar em Pedagogia e permaneço até hoje. Todos os assuntos relacionados à escola me instigam e tento otimizar meu tempo para aprofundá-los. Busco um estudo permanente, pois os campos nessa área de atuação são diversos e amplos.

Mesmo com horários restritos, por trabalhar das 7 às 18 horas, seleciono meus interesses de investigação e planejo como estudar para aprender um pouco mais. Considero que me tornei pesquisadora no momento em que descobri o que me fascinava, movia, a aprender e isso aconteceu quando eu conheci o contexto escolar, tornei professora, o que eu amo ser, aliado às buscas constantes por formações acadêmicas.

Ao longo de minha construção pessoal e por ter déficit de atenção com hiperatividade precisei contar com a ajuda de profissionais. O relógio já foi meu inimigo, como o coelho de minha obra que sempre estava atrasado com o relógio na mão, mas aos poucos aprendi a administrar meu dia, meu tempo – com auxílio de agenda e assim fui disciplinada, organizada, tentando seguir o planejado.

Ainda não consigo lidar tão bem com meu corpo e mente, agitado e impulsivo, entretanto, a luta continua, com acompanhamento semanal e medicação diária. Essas adversidades não me impediram de correr atrás do que quero. Considero que tudo que sou e me tornei foi graças às minhas batalhas diárias. Acredito que minhas limitações não afetaram minhas práticas docentes nem acadêmicas, ou afetaram e (me acostumei) não vejo, nem percebo.

Muitas vezes me sentia perdida. Apesar disso me esforço em pensar de maneira eficaz, mais nas soluções do que nos problemas, fazer as atividades com antecedência, com planejamento, agir com ações concretas. Sou ansiosa e sei que não conseguimos prever o futuro, porém minha cabeça sofre com o que há de vir. Me reinvento na tentativa de criar estratégias para conseguir lidar com essa minha aflição.

As dificuldades genéticas, econômicas, sociais e culturais que enfrentei me fizeram ser quem eu sou, com todos os defeitos e qualidades, por isso sou eternamente grata à vida. Para me entender melhor, bem como aos desafios que meus alunos com deficiência apresentavam, fiz o curso de Pós-Graduação (Especialização) em Educação Especial, no ano de 2019.

Como pesquisadora, minha maior dificuldade foi desenvolver o trabalho de forma coletiva. O processo de compartilhar o que quero, aceitando as opiniões dos outros sobre o que li, optei e vivi, desde a escrita até a imagem que exponho me fazem sofrer, porém fui me encontrando. Crescemos e nos encontramos, como humanos, quando nos relacionamentos com os outros, com o mundo e com nós mesmos.

Não ter controle sobre os acontecimentos da minha própria produção foi angustiante, pois sei que os planejamentos são flexíveis, as estratégias mutáveis, que preciso me adaptar ao presente, mas depender dos demais me faz vulnerável. Tenho

medos, que são a resposta natural aos novos desafios, e luto para superá-los. Escuto os otimistas e pessimistas para tentar seguir firme com meus objetivos; com uns observo os pontos que podem dar errado e outros vejo pontos que podem dar certo.

Considero que estudar o cinema, que encontrei como refúgio, foi a motivação ímpar em meu caminhar como estudante-pesquisadora e a cada conquista meu coração transbordava de alegria. Pesquisar sobre a arte do cinema, ampliando meus olhares sobre suas múltiplas possibilidades e potencialidades foi desafiador, pulsante, deslumbrante.

Tento aceitar a vida como ela é, ainda mais os aspectos que não posso mudar. Encaro as adversidades como uma forma de aprendizado, assim aproveito todas as situações para aprender e dinamizar meu conhecimento. Viver seria mais fácil se houvesse um manual de instrução... como não existe, vamos tentando, errando, aprendendo e evoluindo. Carrego no peito o sentimento de gratidão!

Alice em... A construção da tese

O presente trabalho configura-se como uma proposta desenvolvida no campo de pesquisa em Educação em Ciências e Matemática. A escolha por essa linha de pesquisa se deu por entender que o cinema é arte, cultura, conexão e potência e que contempla a educação científica informal, percebida como o processo de ensino e aprendizagem das ciências que incide externamente ao currículo escolar, e sua reflexão é contínua e crítica.

Nesse sentido, o cinema pode ser considerado uma produção científica, resultante de construções socioculturais, o que permite sua inter-relação com as várias linhas de concentração, pois oportuniza meditações, discussões e trocas de experiências a partir do campo da cinematografia na interface com a educação.

Seu foco principal está na formação de professores voltado ao cinema, e às possibilidades educativas desse artefato cultural na Educação Infantil. Nessa modalidade não há disciplina específica (como Língua Portuguesa, Matemática, Arte, Geografia etc.), de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2017). Elas são estabelecidas nos eixos estruturantes interações e brincadeiras, assegurando os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, nos quais as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver.

O cotidiano das instituições escolares da Educação Infantil são contextos de vivências, aprendizagens e desenvolvimento das crianças, bem como dos adultos. São espaços propícios de experiências individuais e compartilhadas, que são expandidas

colaborativamente, reconhecendo que somos construídos em uma cultura permeada com tensões, desafios e movimentos.

Destaco, neste seguimento, que por vivenciar a Educação Infantil nas minhas ações profissionais e dado o meu interesse em estudar sobre o cinema, surgiu este trabalho de doutoramento que investigou, analisou e propôs a movimentação interna sobre as possibilidades do Cinema na Escola. Inicialmente o que me motivou foi saber o que acontecia no horário da televisão em sala de aula, como ela era utilizada pelos meus colegas professores e o que eles pensavam sobre o cinema no ambiente educativo.

A partir do que foi apresentado, evidencio algumas questões que balizaram o estudo que foram: I) Como o espaço educativo da escola, de maneira geral, favorece (ou não) o desenvolvimento de sessões de cinema para abertura de discussões? II) Como produzir experiências através do cinema, nas práticas pedagógicas? III) Como o professor pode planejar uma prática intencional explorando os mais variados filmes?

O objetivo de pesquisa foi compreender as potencialidades do cinema na constituição humana, planejando e propondo uma formação docente na Educação Infantil voltada para a utilização de filmes com as crianças, refletindo e analisando sobre o que já se faz e construindo uma proposta coletiva para o Cinema na Escola como educação do olhar e do sentir.

As problemáticas e o objetivo da tese foram pensadas a partir da dinâmica colaborativa de formação de educadores, que contemplou um olhar coletivo sobre as dificuldades e potencialidades docentes no que se refere à utilização do Cinema na Escola. A pesquisa procurou atender as necessidades e expectativas dos professores, contribuindo para o processo de constituição profissional, questionando, repensando uma prática pedagógica mais significativa e humana.

Busquei um estudo contemporâneo e plural, pensando que este trabalho possa ser um potencializador que provoque outras inspirações e articulações entre cinema e educação, abrindo brechas para novas experiências e aprendizados, provocando múltiplas reflexões, conexões, pensamentos, criações, sentidos, discussões, emoções e modificações.

Nesse sentido, tomei como inspiração metodológica a abordagem qualitativa, que possibilitou encontrar formas de representar a realidade, utilizando as técnicas de observação e entrevista para compreender como os filmes são exibidos nas escolas. No decorrer do trabalho focalizei proporcionar às docentes da Educação Infantil experiências

coletivas e individuais com o cinema, na tentativa de possibilitar a mobilização docente nas práticas pedagógicas.

Para uma pedagoga, professora e orientadora educacional na Educação Infantil², trabalhar com essa temática que parece ser mais ligada ao campo da comunicação não foi uma tarefa simples, pois exigiu transitar em outros campos teóricos. Entretanto, meu interesse foi fortalecido pelo fato de poder colaborar com novos olhares sobre o cinema, indo muito além do entretenimento, bem como o desejo de contribuir com as práticas pedagógicas utilizando esse artefato cultural.

Este trabalho apresenta-se organizado em 4 seções, assim resumidos:

Na primeira seção “Cinema e Educação” foram discutidos os referenciais teóricos que embasaram a pesquisa. Busquei, por meio de autores que pesquisam cinema, educação, escola, criança, mostrar a complexidade do cinema e suas relações com o contexto escolar.

Já na segunda seção, “Caminhos da Pesquisa: do Planejamento à Ação”, discuto teoricamente a trajetória na construção dos dados, menciono as etapas, os procedimentos e recursos adotados. A descrição foi realizada articulando o percurso com as referências metodológicas, que contemplam a pesquisa colaborativa e a análise dos dados pautada na pesquisa narrativa, pertinentes à temática desta investigação.

Na terceira seção “Aproximações e (Re)Conhecimentos” apresento como o cinema é materializado nas escolas. Os registros das observações, entrevistas e dos encontros reflexivos, forneceram fragmentos para análise e construção dos significados. Na sequência exponho meus olhares sobre as experiências com o Cinema na Escola.

A quarta seção “O cinema nas transformações docentes mediadas pela Pesquisa Colaborativa” discorro sobre o grupo de estudo *CinEducação* e seus desdobramentos no curso de formação continuada dos profissionais da educação, procurando entender como o cinema pode sensibilizar, afetar e mobilizar os sujeitos.

Por fim, em “Iminentes Considerações”, retomo as questões da pesquisa e discorro sobre minhas “explosões internas” que me acompanharam durante todo o percurso da investigação e marcaram minha trajetória enquanto pesquisadora, colaboradora, professora e como pessoa.

² Pesquisar as instituições escolares públicas municipais, que são meus campos de trabalho, me exigiu muito, principalmente nas questões éticas. Foi imprescindível um cuidado redobrado ao olhar e dissecar as conexões entre o cinema e as práticas docentes, dispondo de generosidade para entender o trabalho do outro.

CINEMA E EDUCAÇÃO

Se eu tivesse um mundo só meu, tudo seria bobagem.
Nada seria o que é, porque tudo seria o que não é.
E, ao contrário, o que é, não seria.
E o que não seria, seria. Entende?

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll (2000)

Para discorrer sobre as construções vinculadas ao *Cinema e Educação* foi necessário pesquisar, ler, estudar e refletir a respeito das diferentes produções escritas de autores que abordam essa temática, com a finalidade de substanciar o trabalho, contemplando os objetivos e o desenvolvimento da análise desta tese.

Procuro abranger as aproximações entre o campo do cinema e educação, partilhando a ideia de que o cinema é arte e cultura, constituindo-se um artefato que produz saberes e sujeitos, materializado na cultura, sendo um potencializador de diálogos com diferentes e diversos contextos como a escola que é um espaço social de construção e mediação de conhecimentos.

Abertura para o Cinema

Nas mãos de um espírito livre, o cinema é uma arma magnífica e perigosa. É o melhor instrumento para exprimir o mundo dos sonhos, das emoções, do instinto. O mecanismo produtor das imagens cinematográficas é, por seu funcionamento intrínseco, aquele que, de todos os meios de expressão humana, mais se assemelha a mente humana, ou melhor, mais se aproxima do funcionamento da mente em estado de sonho. (BUÑUEL, 1983, p. 336).

Estes dizeres ainda hoje mostram as possibilidades do cinema³, que se apresenta múltiplo e ao mesmo tempo singular, que mexe com o espectador ativo presente em todos nós. É arte, magia, estética, flexibilidade, ação, sonho, realidade, ficção, movimento, sensibilidade, valores, conexões, cultura, sedução... é vida!

O cinema possui uma história muito particular de construção e evolução de sua técnica. Após anos de tentativas utilizando aparelhos óticos, em 1895, os irmãos fotógrafos Lumière criaram o movimento da fotografia, sendo considerados, assim, os inventores do cinema. Migliorin (2014, p. 23), menciona que a história do cinema contribui para marcar a revolução na forma de comunicação da arte e da imagem, “os Irmãos inventam o cinematógrafo, um aparelho que permite registrar uma série de instantâneos fixos (fotogramas) que, quando projetados, criam uma ilusão de movimento”.

³ No trabalho utilizo as palavras Cinema, Filmes e Vídeo com o mesmo significado que considero: arte de fazer uma imagem em movimento, que reproduz curtas, média e longas-metragens. Mesmo entendendo que elas representam alguns elementos distintos: por cinema entendemos um espaço próprio (geralmente amplo, escuro, fresco, confortável, com cadeiras enfileiradas, tela grande, áudio impecável, pipoca etc.). Já o vídeo nos remete a assistir em qualquer lugar, de diferentes jeitos e formatos, com distintas ferramentas (*smartphones, notebook, DVD, televisão* etc.).

A partir do surgimento do deslocamento de câmera no século XIX nasce o cinema, possuindo uma linguagem particular, tendo como matéria prima a imagem em movimento, sendo ela o resultado de um equipamento mecânico, a câmera: com capacidade de reprodução daquilo que lhe é proposto, e sendo concomitantemente um produto da intervenção e visão de seus idealizadores. (BORDWELL, 2013). Nesse sentido, a câmera pode ser considerada uma máquina de registro completamente ativa e potente.

A princípio, os filmes eram em branco e preto, curtos, sem áudio e sem movimento de câmera, porém já impactavam o público. O primeiro a ser exibido foi a imagem de um trem chegando à estação, uma cena considerada bastante real para as pessoas que a assistiram devido à escolha de seu plano e enquadramento.

Ao final da primeira guerra mundial, o cinema se estabelecera como uma poderosa mídia de massa. Ao mesmo tempo, estava sendo reconhecido como uma arte distinta. Abraçado por milhões, era também defendido por intelectuais que acreditavam estar testemunhando, pela primeira vez na história registrada, o nascimento de uma nova forma de expressão criativa. (BORDWELL, 2013, p. 29).

Nessa perspectiva, o cinema se transformou rapidamente em uma demonstração de arte e ludicidade, se popularizando em todo o mundo e conquistando os mais diversos tipos de indivíduos, de todas as classes sociais, abrindo uma nova janela de sensibilidades, transformando-se em um ponto fundamental de cultura acessível. O cinema, considerado a sétima arte⁴, é fundamental para troca de experiências culturais, sociais e educacionais.

De acordo com Duarte (2009), o homem nunca teria se tornado o ser tecnológico de hoje se não conhecesse e dominasse a técnica de imagem em movimento. Em geral, o cinema proporcionou um novo modo de ver, compreender e apresentar o mundo e o pensamento, levando às novas práticas culturais e sociais que fazem parte do universo da arte cinematográfica.

A contemporaneidade trouxe consigo novas formas de comportamento. Devido às inovações tecnológicas, as pessoas passaram a ficar mais tempo envolvidas com a televisão, o computador e *smartphones*. A mídia faz parte da vida disponibilizando conectividade com o mundo, oferecendo um volume imenso de informações, podendo oportunizar sentimentos de entretenimento, prazeres e encantamentos.

⁴ As artes são: arquitetura, escultura, pintura, música, literatura, dança e cinema.

A modernidade transformou as relações cotidianas e houve um aumento significativo nas diversões, em especial as que dão ênfase ao sensacionalismo, à surpresa e ao espetáculo gerando prazer e dando vazão comercial na busca por novas sensações, aliando lazeres inéditos a emoções – o suspense passa a ter um toque de risco, drama e perigo.

Não se pode deixar de registrar que, de acordo com Kellner (2001), o cinema (os filmes) e todas as relações circunstanciais que os envolvem estão sob os ditames da maquinaria, são estigmatizados pelo signo da mercadoria. Assim, o cinema e os filmes são reconhecidos e legitimados, como objetos culturais de estudos, todavia, também são vistos como produtos da indústria cultural.

Segundo esse autor, a própria criação das maneiras de ser e viver dos dias atuais é fruto do condicionamento de estilos de vida fornecidos pela cultura da mídia, o que possibilita o entendimento de que ela possui a hegemonia social e cultural da sociedade. Kellner (2001) também relaciona a cultura da mídia à indústria cultural, pois segundo ele funciona como um modelo pré-estabelecido pela indústria, cujas mercadorias produzidas servem mais diretamente para atender aos interesses dos grandes conglomerados dominantes.

Sabemos que o cinema é uma indústria ampla, que produz para o consumo e que busca satisfazer seus públicos pela “contação” de história. Além disso, ele condiciona sua plateia a se reconhecer com e através dos posicionamentos pertencentes na intimidade do sujeito e que são perspectiveis no decorrer das tramas. (ROSENFELD, 2002).

Nesse contexto e segundo esse autor, o cinema possui uma dupla disposição contribuinte em potencial.

Pode-se constatar que, nas duas primeiras décadas do século XX, o cinema se afirmou como indústria de entretenimento e como sétima arte. Essa evolução conjunta configura-se em uma dialética fundamental para a indústria cinematográfica, impactando na relação entre os agentes de produção, e destes com os demais elos da cadeia produtiva. A verificação da tensão “indústria versus arte” também permite compreender o conflito entre a repetição de modelos e a criação de novidades, essencial para a evolução e renovação da indústria. (ROSENFELD, 2002, p. 147).

A produção dos filmes tem intermédio da cultura de onde estão sendo produzidos, representando a maioria do pensamento coletivo de uma classe social que o legitima

politicamente. Nesse contexto e conforme Rocha (1993), a indústria cinematográfica é nacional, pois,

[...] quando se trata de cinema, é impossível deixar de pensar na poderosa indústria americana – o que significa que o surgimento de um filme se dá dentro de um determinado quadro cultural, que sua produção está sujeita a condicionamentos históricos e a história narrada por ele foi emoldurada por um determinado quadro ideológico. (ROCHA, 1993, p. 75).

Sendo assim, o cinema não é imparcial, ele se materializa socialmente na cultura, traduzindo valores, comportamentos e ideias de um grupo e quando transmitidos em outros países são consolidados os deslocamentos dessa cultura. Assim, os filmes sobrevivem na dinâmica social e, “seja qual gênero for, interfere na realidade, isto é, age na história.” (ROCHA, 1993, p. 75).

Hoje é amplamente reconhecido que o cinema reconstrói a realidade de forma completamente original, dando uma ideia particular e jamais interpretada por qualquer outra forma de arte, como a pintura e a literatura. Entendemos e frisamos que o cinema não é fidedignidade da realidade, ele traz consigo elementos do local em que foi produzido, sendo uma alusão cultural e não real e, por ser uma arte, que traz muitas vias de leituras e construção de sentidos, nos possibilita sonhar, fantasiar e criar.

De acordo com Vanoye e Leté (1994), na produção de um filme, a sociedade não é autêntica, ela é encenada, pois os criadores do produto escolhem, organizam os elementos, decupam o real e o imaginário, podendo mostrar a realidade, mas também ocultar alguns aspectos fundamentais. Assim, os enredos que perpassam as telas do cinema dão continuidade aos interesses pessoais, coletivos e mercadológicos.

A produção cinematográfica é mencionada por Xavier (2008, p. 14) como “discurso composto de imagens e sons é, a rigor, sempre ficcional, em qualquer de suas modalidades; sempre um fato de linguagem, um discurso produzido e controlado, de diferentes formas, por uma fonte produtora”.

Portanto, o cinema é um artefato produzido intencionalmente para agradar determinados públicos, uma obra que possui variadas composições e que contempla uma linguagem própria que pode seduzir e encantar. Mesmo sendo uma produção complexa, a consideramos incompleta, pois cada pessoa que a assiste a interpreta de uma maneira.

Duarte (2009, p. 17) entende que assistir filmes é “uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto da

leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. Essas leituras proporcionam uma vivência social particular desse universo cinematográfico.

Assim, Teixeira e Lopes (2003) compreendem o cinema como construção artística, onde há elevação intelectual, espiritual e afetiva. Acreditam que é uma forma de expressar ideias sobre o mundo, sejam elas estéticas, históricas, poéticas, sociais, filosóficas, existenciais, colocadas em movimento, nos fazendo compreender e dar sentido às coisas.

O cinema pode produzir muito mais em seu espectador, principalmente a oportunidade de se transitar com várias linguagens. Em especial:

A linguagem audiovisual consegue fazer com que assumamos o compromisso de entrar no jogo de faz-de-conta de suas histórias, porque seduz primeiro nossos sentidos. Com sua mágica das sombras, estimula nosso prazer visual e auditivo e baixa nossas guardas racionais. (FRANCO, 1993, p. 26).

Dessa forma, quando nos permitimos vivenciar a linguagem audiovisual, somos imersos na manifestação cultural e assim começamos a experienciar as situações expostas nos filmes, nos envolvendo nos acontecimentos e nos colocando em contato direto com esse universo. Existe um espectador ativo presente em todos nós, que assiste a um filme e se seduz ou que começa a olhar ao seu redor de outra forma.

O espectador tem a possibilidade de sentir incontáveis sensações, onde o olhar é direcionado e ampliado, estimulando a excitação e a retenção do prazer e desejo em paralelo, transcendendo os limites do que os produtores pretendem transmitir. Franco (1993) comenta que os filmes marcam as pessoas, indicam caminhos, sugerem comportamentos, orientando o gosto, suprimindo as angústias, embalando as carências afetivas, tornando-se essencial ao viver moderno e às transformações sociais, culturais e políticas que o envolvem.

O ser ativo que existe em cada um de nós, busca também encontrar, através do cinema e nas histórias assistidas, diferentes sensações, “ver um filme é adentrar numa trama, num fluir de acontecimentos que entram em contato com o espírito pessoal, com uma subjetividade que completa os sinais que nos chegam”. (FUENTES, 2006, p. 209). Como resultado, nos teletransportamos para o cenário criado, pensado e imaginado, que atinge de maneira diferente cada sujeito.

O cinema buscou proporcionar sensações de alta intensidade de vivência, e se tornou um dos principais representantes e símbolo do prazer e lazer na sociedade

moderna. Esta lida com mudanças constantes e de rápido impacto na vida dos indivíduos e, assim, o cinema também se adaptou a essas transformações significativas.

O prazer que o cinema nos proporciona, nos afeta profundamente, e muitas vezes não percebemos. Há uma construção orquestrada da ficção pela encenação cinematográfica na tela com diversas finalidades, inclusive encantar o espectador visualmente. (BORDWELL, 2013). Tal encantamento gera em seu público uma autenticidade para além das telas, cativando e hipnotizando quem o assiste.

Cinema é arte e enquanto tal, nos permite inúmeras leituras e interpretações. Além disso, convida as pessoas à reflexão e à sensibilidade. O espectador é aquele que se encanta com a criação de sentido das mensagens e com todos os outros sentidos que não foram instituídos. Assistir a um filme é conhecer e pensar sobre o mundo e a vida.

Almeida (1993) comenta que o cinema é produto de muitas faces, nos quais há

[...] momentos em que ele nos remete para além de si mesmo; momentos em que luz, enquadramento, atores, fala, som, música etc. alcançam significado histórico, cinematográfico, estético, de maneira a nos fazer presenciar algo inteiro, ambíguo e ao mesmo tempo esclarecer. Ideias, informações, visões de mundo, sensações e percepções estéticas que somente o cinema pode mostrar, diferentemente de outras expressões artísticas, de modo especialmente novo e próprio. (ALMEIDA, 1993, p. 137).

Nesse seguimento, precisamos considerar o cinema em determinados períodos, sequências, cenas, bem como seu movimento de imaginação, criação, produção e finalização. A linguagem filmica é de grande importância dentro da totalidade do trabalho com o cinema, pois é por meio dela que o filme nos impressiona e vai criando vínculos afetivos e sociais com quem os assiste.

Nesse direcionamento, Fantin (2005) comenta que ao analisar um filme é importante relacionar os modos de endereçamento e extrapolar a linguagem do cinema, associando:

[...] a especificidade da linguagem audiovisual a questões de ordem pessoal, individual, psicológica com questões de ordem cultural, política e social mais ampla. E isso remete à questão da produção, circulação e interpretação de significados na cultura e nos modos de construção de sentidos em um dado contexto. Além disso, estudar a linguagem desses produtos culturais, seus detalhes, suas escolhas éticas e estéticas de uso da imagem, dos sons, da música, dos planos, dos diálogos, dos tempos, considerando que eles existem por que foram

feitos por alguém para alguém, é uma das possibilidades da mídia educação. (FANTIN, 2005, p. 8).

Nesse ponto de vista, sobre a linguagem cinematográfica, Fantin (2011, p. 82) afirma que “[...] os elementos filmicos configuram os significantes cinematográficos através das imagens, das escritas, das vozes, dos rumores e da música” envolvendo vários códigos e elementos das produções e a construção de sentidos nos espectadores. Nesse sentido, cada elemento, que envolve a produção fílmica, tem sua importância e função, colaborando para que esse artefato conquiste e consiga entreter, cativar, mover e manter seu público.

Essa linguagem tem um alcance diante dos vários elementos que compõem um filme, dando a cada enredo características próprias. Por isso, para além das telas e da produção propriamente dita, é preciso também compreender que as intenções do filme vêm de seus cineastas e do mundo que o rodeia.

Seguindo essa linha de pensamento, citamos Feldman e Aparicio (2006) que mencionam que o

[...] cineasta parte, no início da viagem que é o filme, carregado de ideias, imagens, personagens. Mas os filmes se tecem nas múltiplas encruzilhadas do encontro e o desejo do cineasta necessita de realidades que o povoem e lhe abram o caminho. Cada plano se constrói na tensão entre o desejado, imaginado e planejado pelo cineasta e as rugosidades, os limites e as surpresas dessas realidades. (FELDMAN; APARICIO, 2006, p. 132).

Nesse sentido, o cinema, em sua imensa e complexa produção, carrega também uma trajetória marcada pela oposição individual do seu espectador, movimentando o real e o imaginário, pois cada um se completa diante da postura e da necessidade de se criar para além das imagens.

Duarte (2009) também compactua com esse entendimento, quando enfatiza que

[...] cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados. Tudo depende do modo como são combinados luz e sombra, velocidade da câmera, captura dos espaços, ângulos de filmagem e, acima de tudo, da sequência temporal em que os planos (imagens entre dois cortes) são organizados na montagem. (DUARTE, 2009, p. 37).

Assim e de acordo com essa autora, o cinema consegue reunir os diversos temas e contextos mundiais em uma sequência de imagens e em uma arquitetura de lugares que

não servem apenas para a compreensão da história que está sendo narrada, devido à variação de tempo.

Nesse seguimento e de acordo com Miranda, Coppola e Rigotti (2006), todas as produções cinematográficas são construções narrativas, em que o espectador, ao concentrar-se na narrativa da história, aprende a perceber as questões do mundo, criando com as imagens uma criticidade importante para entender o mundo.

Ainda afirmam que “se aprende a olhar as imagens e naturalizar suas formas de acordo com a disposição dos elementos cinematográficos em cena e com seus significados ao longo da narrativa”. (MIRANDA; COPPOLA; RIGOTTI, 2006, p. 4). Dessa forma, entendemos que a linguagem cinematográfica traz ao público formas de entendimento e correspondência entre o visto e o vivido.

O cinema é capaz de relacionar as mais diferentes formas de expressões artísticas e não há dúvidas de que ele seja uma arte narrativa, afinal, grande parte dos indivíduos vão ao cinema para acompanhar as histórias e pagam para isso, sem contar que há no cinema uma projeção que legitima a construção de ideologias. O filme tornou-se espelho das ideologias, dos costumes e dos interesses dominantes de uma classe social.

Desse modo e admitindo como coerente a argumentação de Fantin (2005), no contexto do filme

[...] o significado é o todo, no contexto narrativo fílmico e extra-fílmico, as histórias, os elementos fílmicos, as posturas vão além da ficção, dos gestos, dos corpos, dos percursos, dos cenários, das roupas, dos matizes, das variações, dos efeitos da luz, das músicas, e suas impressões fundem-se nas configurações do filme. No momento em que a história – em suas formas e conteúdo – aparece e se manifesta para cada um, encontra continuidade e ressonância no espaço-tempo da projeção, unindo-se às sensações e histórias pessoais. (FANTIN, 2005, p. 7).

Então, ao assistir um filme os espectadores acolhem o que ele (o filme) pretende transmitir a partir de sua linguagem cinematográfica e suas variadas representações, e sempre vão além interligando suas experiências de vida e os contextos socioculturais no qual estão inseridos.

É válido frisar que, o cinema representa o real, porém:

No mesmo gesto, na mesma imagem que sofre o real, há uma construção do mesmo real, feita por aquele que opera a câmera, que decide o quadro, que escolhe o movimento, que compõe um *mise-en-scène* e, mais do que isso, por todos os atores não-humanos que também fabricam a imagem. (MIGLIORIN, 2015, p. 35).

Nessa perspectiva, entendemos que as imagens possuem dupla inserção no real, elas trabalham com a realidade representando-as, mas não se limitam às mesmas. Elas possuem também a visão de quem as produz, constituem uma narrativa. Admitimos que toda imagem é uma ficção, sendo uma narrativa do real. O real nos filmes passa por uma encenação, construção de imagens para impactar o espectador.

Migliorin (2015, p. 35) argumenta que “a imagem é o mundo e uma opção de mundo, simultaneamente. O cinema é transformação contínua do que há”. O mundo afeta a imagem e a imagem pode modificar o real alterando sua composição, desconstruindo-o.

É fundamental questionar o cinema, não o aceitando como uma obra pronta e acabada, mas sim como artefato de múltiplas intenções e interpretações. Como afirma Migliorin (2015, p. 38) é preciso “acreditar sem deixar de duvidar, duvidar sem deixar de acreditar; no silêncio e no escuro, o lugar do espectador no cinema certamente tem enormemente a nos ensinar”. O cinema nos causa incômodos, novas formas de ver, sentir, pensar e agir a realidade que nos cerca.

Pedagogia Cultural

A Cultura se faz nas relações histórico-sociais, sem regularidades e padrões, por isso é extremamente difícil a definir de forma conceitual. Podemos dizer, pelas leituras e discussões, que são movimentos flexíveis, dinâmicos, e que são construções que estão sempre em mutação. Legitima o sujeito como autor da própria história, do próprio contexto e das possibilidades humanas a partir da singularidade individual e do grupo.

Pensamos a Cultura como agrupamento de significados divididos e construídos socialmente, sendo mais apropriado usar o conceito cultura no plural (culturas), como modos de viver e de produzir sentidos. Em outras palavras, como expressão de dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos, costumes e ações. Moreira (2003, p. 1210) argumenta que “toda cultura se forma e reforma constantemente no contato com o diferente e o exterior a si mesma”.

O cinema se materializa na cultura e com ela. Segundo Soares *et al.* (2015),

[...] aprendemos muitas coisas a nosso respeito e a respeito da nossa cultura. Aprendemos a reconhecer, isto é, a significar “quem somos” e, nessa mesma operação, aprendemos a significar os “outros”, suas práticas e suas culturas. Aprendemos também as posições de sujeito que

precisamos assumir para corresponder às expectativas sociais, as condutas necessárias para sermos inteligíveis (identificados) culturalmente e as recompensas e punições decorrentes do acordo ou desacordo das nossas estéticas de existência em relação aos modelos hegemonicamente legitimados. (SOARES *et al.*, 2015, p. 71).

Corroborando essa ideia, a cultura permeia um universo muito amplo de atuação legitimando um grupo e dando visibilidade a uma ou várias práticas sociais. Estas se respaldam ora no indivíduo, ora no grupo, que reconhecem a complexidade do simples.

Nesse seguimento, Fischer (2002) percebe a televisão como parte integrante e essencial de complexos procedimentos de veiculação e de produção de significações culturais, sociais e até didáticas, envolvendo os sentidos, que, por sua vez, estão relacionados a modos de ser, de pensar, de entender o mundo, de interagir com a vida.

Através dos processos de comunicação para além da televisão, o cinema enquadra-se em múltiplas questões, uma vez que são relacionadas a ele pela forma que “produzem sentidos e sujeitos na cultura”. (FISCHER, 2002, p. 151). Essa autora argumenta que “torna-se impossível fechar os olhos e negar-se a ver que os espaços da mídia se constituem também como lugares de formação – ao lado da escola, da família, das instituições religiosas”. (p. 153). O cinema compõe um espaço de formação de consciências e, aliado à educação, ambos se tornam grandes parceiros na constituição dos sujeitos.

A cultura da mídia coloca à disposição dos espectadores imagens e figuras com as quais seu público consiga identificar-se, imitando-as ou mesmo concordando com suas condições. Ela desempenha enorme efeito socializante e cultural através de diversos contextos que o indivíduo pode ocupar. O que uma imagem de um desenho animado, por exemplo, significa, não é somente o que figura, mas o que comunica simbolicamente. Todas as formas de ilustração por meio do uso de imagem envolvem comunicação por parte de uma pessoa para outra através de elementos simbólicos.

A partir dos discursos e das visões de mundo produzidos pelos sistemas de representação simbólica, os sujeitos podem se posicionar e construir sua identificação com determinados papéis, perfis, significados [...]. O sistema midiático tornou-se nas sociedades modernas talvez o principal fator gerador e difusor de símbolos e sentidos. Símbolos e sentidos estes que geram tanto sentimentos de identificação e de pertencimento como de anomia e exclusão. (MOREIRA, 2003, p. 1211).

Percebendo a interpretação como uma causa importante para qualquer apreciação, nota-se que o cinema traz todo um conjunto de imagens e de sons que podem ter uma relação mais conexa com o dia a dia dos espectadores e isso reforça os assuntos que o diretor do filme pretende explanar, como artefato de análise na perspectiva dos Estudos Culturais.

De acordo com Nelson, Treichler e Grossberg (2011):

Os estudos culturais constituem em um campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contra disciplinar que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura. [...] estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade. (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2011, p. 12).

Para esses autores, a cultura é percebida como um modo de vida que constitui ideias, linguagens, práticas, relações de poder, entre outros, sendo um leque de práticas culturais disponíveis para serem relacionadas a variados contextos sociais, considerando a vida diária dos sujeitos comuns, compreendendo suas produções e sentidos.

A cultura “passa” ou “acontece” cada vez mais na e por meio da mídia. Isso implica: a) que as manifestações culturais mais diversas só são reconhecidas como tais pela sociedade depois de serem “mostradas” ou incorporadas pela mídia; b) que as próprias criações, os personagens e produtos da mídia se tornam bens culturais de alcance social. Ambos os níveis interagem, de forma que a mídia se torna ao mesmo tempo acontecimento, produção e divulgação cultural. (MOREIRA, 2003, p. 1208).

Nesse contexto, segundo Silva e Magalhães (2014), a mídia se constitui como difusora de significados, produzindo modos de vida e constituindo sentidos. Ela é considerada forte, por ter rapidez para propagar e atingir seus espectadores. Entendendo a mídia, nesse caso o cinema, como um artefato cultural, “[...] podemos encontrar nos filmes estratégias de fazer com que quem os assiste sintam-se identificado com os personagens, com o enredo, com as imagens, com as falas”. (SILVA; MAGALHÃES, 2014, p. 2). Essa identificação permite dar-nos utilidade ao que consumimos, o que influencia na produção de conceitos na vida cotidiana de cada um.

Nesse universo, pensar a cultura segundo Costa, Silveira e Sommer (2003) requer deixar claro que ela nasce de um:

Conceito impregnado de distinção, hierarquia, elitismos segregacionistas e se desloca para outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos [...]. A cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 36).

Nessa circunstância, a cultura renasce de sentidos e de significados criados a partir da necessidade de reconhecimento, transcendendo sentimentos, histórias e vivências de mundos diferentes, sendo valorizada a subjetividade dos variados grupos e se conecta a uma nova forma de prática social.

As práticas culturais representam verdadeiramente os sentimentos de um povo e “o patrimônio e a herança cultural não significa algo pronto e acabado. A cada momento, cada grupo escolhe o que deve ou quer guardar das várias experiências culturais passadas”. (GOMES; OLIVEIRA, 2006, p. 231).

Inserido na cultura há as tradições

[...] que sempre têm o sentido de transmissão de memórias que queremos manter, que não queremos perder de vista. Por isso se fala em resgate, em revigorar, sem se reencontrar. E, nessa busca, há sempre atualizações. O esforço por reatualizar as tradições sempre envolve modificações e invenções. (GOMES; OLIVEIRA, 2006, p. 230).

Até quando reportamos atitudes enraizadas na cultura, acabamos por lançar novas versões e, algumas dessas transformações demoram muito para serem notadas. Dessa forma, eles argumentam que:

Quando refletimos sobre o processo de transmissão cultural, vemos que ele se constitui de desobediência a algumas normas e reforma de outras; de violação de alguns costumes e reafirmação de outros; de transgressão de algumas proibições e produção de outras, de novas expectativas, buscando fazer com que tudo isso se torne uma tradição a ser respeitada. (GOMES; OLIVEIRA, 2006, p. 231).

Nesse sentido, a cultura é movimento, que se forma, se transforma, muda e se adapta ao mundo e às necessidades do grupo. E, nessa conjuntura, os Estudos Culturais assumem uma perspectiva expandida de cultura, na qual, segundo Kindel (2003, p. 12), “[...] direcionam seu olhar para várias práticas culturais, que passam a ser tomadas como instâncias educativas que produzem ideais, representações e identidades culturais, sendo desse modo, constitutivas dos sujeitos”.

A partir do que chamamos cultura ou práticas culturais, surgem novos caminhos que levam às novas descobertas do que seja realmente o erudito, o literário, o artístico, e novos padrões estéticos vão se delineando. Os saberes, particularidades e interesses do povo são valorizados e contemplados, sendo considerados uma construção histórica, social e cultural.

[...] o sistema midiático-cultural elabora e difunde, mesmo de uma forma não totalmente intencional ou planejada, visões de mundo, sentidos e explicações para a vida e a prática das pessoas e, por isso, passa a influenciar sempre mais seu cotidiano, sua linguagem e suas crenças. (MOREIRA, 2003, p. 1212).

Portanto, fica claro o poder de alcance da cultura e o cinema encontra-se dentro desse universo, sendo um elemento de extrema importância para se pensar as formas e práticas produzidas ou existentes na sociedade.

Henry Giroux (2011, p. 85) ressalta que a cultura é o cenário onde uma análise é realizada, o objeto de estudo é investigado, o local de crítica é estudado e a intervenção política acontece, na qual “rejeitam a noção da Pedagogia como uma técnica ou um conjunto de habilidades neutras, argumentando que a pedagogia é uma prática cultural que só pode ser compreendida através de questões sobre história, política, poder e cultura”.

A pedagogia representa um modo de produção cultural implicado na forma como o poder e o significado são utilizados na construção e na organização de conhecimento, desejos, valores. A pedagogia, nesse sentido, não está reduzida ao domínio de habilidades ou técnicas. Em vez disso, ela é definida como uma prática cultural que deve ser responsabilizada ética e politicamente pelas histórias que produz, pelas asserções que faz sobre as memórias sociais e pelas imagens do futuro que considera legítima. (GIROUX, 2011, p. 97).

Os Estudos Culturais salientam a valorização de que no mundo faz-se necessário o (re)arranjo de novas configurações culturais para pleitear com a instituição de ensino o privilégio sobre a Educação das pessoas. Ao utilizar artefatos midiáticos, como as revistas, a televisão, o cinema, a música, os games, os brinquedos, entre outros, o professor, nas palavras de Giroux (2011), promove uma transformação na maneira pela qual se relaciona com as metodologias de ensino, nomeadas pelo autor como “máquinas de ensinar”. Tais artefatos ocasionam maneiras de pensar e de atuar, que interferem nos conhecimentos dos sujeitos sociais sobre si mesmos, dos outros e do mundo.

Os Estudos Culturais fornecem um fértil terreno teórico para assumir a pedagogia como um ato de descentramento, uma forma de trânsito e de cruzamento de fronteiras, uma forma de construir uma política intercultural na qual ocorram um diálogo, uma troca e uma tradução entre diferentes comunidades. (GIROUX, 2011, p. 92).

Esse autor também se preocupa trazendo a cultura como uma “coisa inconclusa, incompleta e sempre em processo” (p. 92). Os sujeitos são lapidados sócio-histórico-culturalmente e suas ações (atitudes, gestos, atuações, costumes, tradições) revelam sua história. Conhecer a história cultural de alguns povos torna possível decifrar algumas relações sociais tecidas no cotidiano dos sujeitos que constroem sua cultura simultaneamente às experiências vividas.

Os Estudos Culturais, na dimensão educacional, definem-se, segundo Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 54) como “uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em que assuntos extremamente relevantes como cultura, identidade, discurso e representação passam a ocupar, de forma flexível, o primeiro plano da cena pedagógica”.

Partindo dessa concepção, a Educação e a cultura têm sido tratadas por meio da expressão ‘Pedagogia Cultural’, que, conforme Steinberg e Kincheloe (2001, p. 14), inclui ‘áreas pedagógicas’ entendidas como “aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.”. A educação acontece em variados ambientes sociais.

Steinberg (1997), citada por Kindel (2007), destaca que:

[...] as pedagogias culturais funcionam como tecnologias culturais que enquadram atos tanto de representação, quanto de compreensão e reconhecimento, os quais possibilitam ou constroem a produção do significado integral à realização das representações e a uma interação ativa com elas (...) atuam nessas pedagogias as pessoas que “constroem” as representações, mas muito mais aquelas que interagem com elas. (KINDEL, 2007, p. 188).

Kindel (2007, p. 226) fala que as crianças e os jovens não aprendem somente na escola, “o verdadeiro bombardeio que as representações construídas por várias instâncias da mídia fazem nas sociedades tem um papel pedagógico bem mais ativo que o das

tradicionais instituições de ensino”. Diante da importância e do poder da mídia⁵ na construção identitária do sujeito, é imprescindível voltar nossa atenção para como utilizá-la em favor da Educação e da sociedade, por meio de uma Educação na e para a mídia.

Entendemos que os filmes se materializam socialmente na cultura e também ensinam, de acordo com Kindel (2007), uma diversidade de conhecimentos, atitudes e valores, promovendo e motivando o interesse por vários temas que compõem a Pedagogia Cultural.

De acordo com essa autora, os desenhos animados têm seus significados ampliados quando são estudados na perspectiva dos Estudos Culturais, que se desenvolvem ao estarem a caminho da compreensão das atitudes dos sujeitos sociais, de suas identidades e funções no decorrer da trama. Como os personagens são criações imaginárias, sendo estimados pelo espectador, eles expressam e reforçam discursos que são espontaneamente admitidos, e os códigos culturais⁶ que são mais bem agregados.

Os desenhos animados têm se constituído em espaços educativos que ensinam de forma prazerosa sobre uma série de aspectos, promovendo, colocando em circulação e fixando determinadas identidades e padrões culturais, ou seja, atuando na contemporaneidade como uma pedagogia cultural. (KINDEL, 2007, p. 224).

É válido destacar de que modo as representações das identidades sociais se materializam na percepção do público quando, mesmo sem acompanhar a história, já sabe quem é o herói, quem é o personagem do mal, quem representa a beleza, quem manda, quem obedece, entre tantas outras posições, assim como os filmes analisados por Kindel (2007).

Assim, alguns temas podem ser mais bem discutidos, quando acompanhados de recursos audiovisuais. Alguns artefatos, como televisão, jornais, desenhos animados, novelas, revistas, jogos, dentre outros, possibilitam desempenhar ações educativas mesmo não tendo essa finalidade. É dessa forma que os seres humanos constroem suas aprendizagens de um jeito particular conforme suas vontades, seus pensamentos, suas emoções, seus comportamentos, seus valores.

É indispensável apreender, de acordo com Fabris (2008):

⁵⁵ Meios de comunicação social, como o cinema, televisão, rádio, revistas, games, etc, que são disponibilizados a inúmeras pessoas.

⁶ Conjunto de imagens, características, valores, comportamentos ou estereótipos relacionados a um grupo.

[...] a educação como um processo cultural amplo que ultrapassa os limites da escola. Esse é um esforço empreendido por uma parcela considerável de estudiosos que ampliam a concepção de pedagogia, tomando toda pedagogia como cultural e incluindo na expressão “pedagogia cultural” aquelas que são produzidas em locais sociais distintos da escola. (FABRIS, 2008, p. 121).

Costa, Silveira e Sommer (2003) salientam que, com base nesse princípio, são alvos de investigação diversos veículos da mídia jornalística impressa e televisiva, contemplando desde peças publicitárias até produtos de entretenimento.

Nessas lições, frequentemente se estabelece o normal e, concomitantemente, o desviante; o ‘progressista’, sinalizando para o ‘antiquado’; o certo, sinalizando para o errado, em um panorama que, marcado pelas questões culturais, é naturalizado e mostrado como ‘moderno’, ‘atual’, ‘biologicamente condicionado’, ‘estando na ordem das coisas’. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 56).

Para esses autores, os Estudos Culturais e sua relação com a Educação e com a Pedagogia acontecem em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles, além de vários ambientes que informam por meio de imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, pelos jornais e pela televisão, principalmente, com produtos do entretenimento.

Fabris (2008) expõe o cinema não apenas como divertimento e material pedagógico, mas como muitas outras possibilidades:

Eles não apenas divertem como, também, ao fazerem isso, desenvolvem uma pedagogia, ensinam modos de vida. As teorizações dos Estudos Culturais numa perspectiva pós-estruturalista permitiram-me olhar para esses artefatos da cultura como lócus de produção de sentidos particulares, gestados nesse lugar de compartilhamento e lutas por imposição de significados que é a cultura. (FABRIS, 2008, p. 119).

Com as inovações tecnológicas, o cinema se torna cada vez mais inovador e mais atraente aos seus admiradores, conquistando os mais variados públicos, sendo “[...] um instrumento de investigação da realidade, de construção do humanismo, que pode se manifestar por meio do extremo artifício”. (MERTEN, 2003, p. 245). Esse autor ainda enfatiza que a produção cinematográfica é considerada uma arte, pois sua transformação é perceptível, tanto às novidades tecnológicas, quanto aos conceitos estéticos e criativos.

Com isso, os Estudos Culturais analisam os efeitos dos textos da cultura da mídia, as maneiras como o público se apropria dela e de como imagens e discursos exercem influência dentro da cultura de forma geral. Nesse contexto, Fabris (2008) discorre que:

Os estudos dos diferentes artefatos culturais têm proporcionado um outro olhar para a área da educação, vista agora como muito menos restrita ao espaço escolar e muito mais aberta a conexões com outros lugares sociais. Trata-se de um olhar que descentra o sujeito e o vê inscrito em práticas culturais enredadas em relações de poder. Assim, pesquisadores vêm agregando às suas análises questões culturais de gênero, raça, etnia, classe social e outras nuances que o contexto das pesquisas exigir, formulando outras questões e tendo em vista, principalmente, a complexidade dos acontecimentos sociais. (FABRIS, 2008, p. 121).

Nessa linha de raciocínio, Fantin (2007) avalia a Educação como um escopo que pode abordar não somente a TV, mas o cinema como um dispositivo, objeto de conhecimento, meio de comunicação e modo de expressão de pensamentos, sentimentos e conhecimentos filosóficos e sociais. Assim, de acordo com a autora, o cinema explora a questão cultural, seus costumes, e formas de vida de diversos grupos sociais.

Fantin (2007, p. 4) afirma que “a realidade cultural vista no tempo e no espaço é constituída de concepções, princípios, obras e realizações que preparam e modelam o patrimônio de toda a humanidade”, e por isso, além das oportunidades de difusão de significados sociais, à medida que as produções cinematográficas “contribuem para transmitir a cultura, isso já os configura como fato cultural por si mesmo”.

[...] as crianças não aprendem modos de ser homem, mulher, ou sobre o corpo, a vida, e a natureza apenas na escola, como algumas correntes pedagógicas tanto enfatizam, pois o verdadeiro bombardeio que as representações construídas por várias instâncias da mídia fazem nas sociedades acaba tendo um papel pedagógico bem mais ativo que o das tradicionais instituições de ensino. (KINDEL, 2007, p. 226).

Nessa mesma direção, Duarte (2009) comenta que as experiências culturais relacionadas ao ato de assistir a filmes interagem na produção de conhecimento, identidades, opiniões em diversos contextos e de várias culturas dos sujeitos sociais, ressaltando com isso a natureza pedagógica do cinema.

Fabris (2008), expõe sua experiência mencionando que

[...] o cinema como uma produção cultural que não apenas inventa histórias, mas que, na complexidade da produção de sentidos, vai

criando, substituindo, limitando, incluindo e excluindo “realidades”. Portanto, passei a tomar os filmes como produções datadas e localizadas, produzidos na cultura, criando sentidos que a alimentam, ampliando, suprimindo e/ou transformando significados. (FABRIS, 2008, p. 120).

A autora ainda complementa que “os filmes foram tomados como textos culturais que ensinam, que nos ajudam a olhar e a conhecer a sociedade em que vivemos e contribuem para a produção de significados sociais”. (p. 120). Assim, o cinema é fruto da cultura na qual foi produzido e também contribui para a constituição dela.

Cinema na Escola

A educação se manifesta como um ato existencial, pelas ações internas (escolhas subjetivas) e externas (sociedade) vivenciadas pelo indivíduo e o torna quem ele é, configurando o sujeito e sua realidade. Assim, a educação caracteriza-se por ser vasta e multidimensional, propiciando a aquisição de conhecimentos.

Nesse sentido, a educação é um fato social, direcionada pelo interesse que movimenta a comunidade em suas relações, reconstruindo a si mesma no decorrer do tempo. Também alcança o caráter de fenômeno cultural como conjunto de crenças, mitos, conhecimentos, valores e experiências que são concedidos ao grupo social.

A partir dessa visão, pensamos o cinema como um artefato potente na construção de sujeitos e questionamos sobre como o professor pode utilizá-lo na formação dos discentes. O Brasil acompanhou o movimento cinematográfico que na educação ganhou evidência em 1937, com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo, uma iniciativa renovadora que surgiu para valorizar o cinema e contribuir para as práticas de ensino.

A história do cinema e educação no Brasil é exposta por Marília Franco (2011) ao ressaltar que:

Ao contrário de muitas iniciativas renovadoras que duram pouco e acabam sem deixar rastros, o INCE deixou uma produção de mais de 500 filmes sobre as mais variadas temáticas e nos mais variados formatos, tanto pelas criações geniais de Humberto Mauro, quanto pela integração ao seu acervo de inúmeras produções de outros cineastas. (FRANCO, 2011, p. 14).

Como a autora menciona, essa instituição finalizou em 1990, mas as obras produzidas se encontram resguardadas no Centro Técnico Audiovisual, órgão do Ministério da Cultura – localizado no Rio de Janeiro. Mesmo com o lamentável fim, o Instituto continua sendo considerado o propulsor do movimento do cinema na educação brasileira.

Então, a linguagem cinematográfica é considerada recente e suas potencialidades ainda estão sendo pesquisadas. Ela facilmente foi aceita nas instituições escolares, conquistando e despertando o interesse dos alunos, possibilitando muitas aquisições e aprendizagens tanto pessoais quanto sobre o outro e o mundo.

A relação entre cinema e educação por um tempo não foi bem aceita. Isso “deveu-se exatamente ao fato de ter sido recusado ao cinema educativo o elemento de prazer, de jogo, assumido e proporcionado pelo cinema de espetáculo”. (FRANCO, 1993, p. 33). Tal atitude foi superada, pois o estado de prazer está agora associado às artes cinematográficas e estas entendidas como produto de uma cultura. Assim,

[...] reforçamos que a relação da arte com a educação não pode ser centrada no conteúdo apenas, o que poderia facilmente reforçar relações de classe e suas divisões perniciosas como: cultura de elite e cultura das periferias, arte do centro e baixa cultura etc. Sair desse caminho verticalizado e da ideia de que a saída para a pobreza é a inserção do pobre nas ditas “indústrias criativas” deveria estar em nosso objetivo. (MIGLIORIN, 2015, p. 108).

Dessa forma, quando proferimos a respeito do uso de filmes em meio educacional não nos referimos a práticas novas, mas a uma atividade que atualmente pode ser bem programada e que viabiliza ao professor uma enorme possibilidade de escolhas.

O cinema no contexto da mídia-educação pode ser entendido a partir de diversas dimensões estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas inter-relacionadas com o caráter instrumental, educar com e para o cinema, e com o caráter de objeto temático, educar sobre o cinema. Ou seja, a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamento e sentimentos. (FANTIN, 2007, p. 1).

Na educação o cinema pode ser compreendido como um componente de conhecimentos, como um meio possível de ampliar conhecimentos. Desse modo, o cinema passa a atuar para além de um recurso pedagógico, devido à sua diversidade e

riqueza de elementos, colaborando, assim, para a formação do aluno. Nesse sentido, Fantin (2006) comenta que é preciso:

[...] entender a potencialidade do cinema como instituição, dispositivo e linguagem, ampliar repertórios culturais, desencadear novas sensibilidades e fazer audiovisual na escola, implica uma forma de conhecimento, de expressão e de comunicação capaz de aproximar educação, comunicação, arte e cultura através de um processo coletivo e intencional. (FANTIN, 2006, p. 317).

Por isso, torna-se importante compreender o cinema como uma entidade, mecanismo e linguagem, bem como elemento de representação com seus aparatos e funções que sistematizam espaços e tempos que podem ser construídos com a especificidade de sua forma de linguagem.

Migliorin (2015, p. 122), no livro *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*, apresenta seu entendimento do cinema como processo político e o segundo aspecto sintetiza o que acreditamos sobre cinema e escola: o cinema “atravessa a educação refazendo laços de pertencimento ao universo do aprendizado e do desejo, entre alunos e professores, permitindo uma produção coletiva e um engajamento no presente.”, sendo considerado um artefato amplo e múltiplo.

Nesse sentido, esse autor também argumenta que o cinema

(...) não pede nada, apenas se aconchega nas capacidades sensíveis dos sujeitos comuns. O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe, mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme. (MIGLIORIN, 2015, p. 193).

Expandir o repertório cinematográfico das crianças implica em garantir acesso a uma gama de assuntos, possibilitando as mais diversas experiências. Estimular novas formas de sentir pode caracterizar um valor, mediante a integração com o cinema de maneira coletiva assegurando novos caminhos no modo de sentir o mundo, o outro e a nós mesmos.

Educar para o cinema e educar com o cinema são dois pressupostos da educação cinematográfica. Isso implica entender o cinema na escola como instrumento através do qual se faz educação e como objeto temático de intervenção educativa através da leitura, da interpretação, da análise da produção de audiovisuais. (FANTIN, 2007, p. 4).

Nessa lógica, é fundamental a reflexão sobre a mídia-educação, com a necessidade de um olhar que explore o educar com/através do cinema buscando entender que ele vai além de um artefato que ensina conteúdos escolares. Ele [o cinema] pode colaborar na construção de novas maneiras de ver e entender o mundo.

A cultura escolar ainda é permeada por conteúdos, matérias, que muitas vezes não se relacionam entre si e que delimitam objetivos prontos e acabados que precisam ser atingidos pelos alunos. O Cinema na Escola acaba rompendo essas restrições curriculares, pois como artefato cultural consegue transitar por todas as disciplinas, sendo considerado transdisciplinar.

Nesse sentido, a autora Wortmann (2018, p. 244) menciona que os conhecimentos se contrastam, que não ficam em lugares pré-definidos que antes o continham e que “não pedem permissão à academia ou a quaisquer outras instâncias oficiais para expandirem-se socialmente, sendo, também, impressionante, a velocidade com que esses são colocados em circulação”.

Cinema na Escola é imprevisibilidade sobre o que o aluno viu, ouviu, sentiu, movimentou, é baseado em conexões e desconexões, construções e desconstruções. Ele transita pela educação formal e informal, o que caracteriza o seu impacto potencializador na constituição humana.

Podemos dizer que o Cinema na Escola é indisciplinar, não se enquadrando aos conteúdos escolares nem aos que envolvem as questões comportamentais. Em outras palavras, quando falamos de disciplinas podemos referir as matérias distribuídas no quadro de horários (disciplinas) e na conduta de bom comportamento. Neste viés, as imagens em movimento são indisciplinas, são conectividades.

Como diz Chassot (2016, p. 181) é preciso esforço para deixar de lado as especializações, infringindo as barreiras da disciplina, propondo ações indisciplinadas, “há que romper os muros da disciplinarização – entenda-se como transgredir fronteiras e envolver-se em propostas transdisciplinares”.

Sendo assim, o cinema pode ser instrumento, objeto de conhecimento, em que o aluno aprende matérias específicas, bem como meio de expressão de emoções, pensamentos, comportamentos. Então, Cinema na Escola é a possibilidade de sair das caixinhas fechadas de controle disciplinar e ir além, é conhecimento para a vida.

Na conjuntura da mídia-educação, o cinema realiza muitos papéis. Fantin (2005, p. 2) enfatiza que “além de ser uma forma da cultura, são instrumentos de conhecimento,

meio de comunicação de pensamentos, meio de expressão artística e formas de representação da história e do sujeito”. Ela complementa que

[...] considerar a televisão e o cinema como um meio, significa entender que eles atuam no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sócio-político-cultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação e de educação. No entanto, considerá-los como um meio, não significa reduzir seu potencial de objeto sócio-cultural a uma ferramenta didático-pedagógica destituída de significação social, pois sabemos que a experiência estética possui um importante papel na construção de significados. (FANTIN, 2005, p. 2).

Porém, o cinema pode ser considerado em sua gama de pluralidades, pois ele move as pessoas, e sua narrativa pode deslocar a relação professor-aluno para o processo de interação comunicativa. As histórias, os personagens e as músicas penetram no ambiente escolar e encantam o público, informam, mexem, agem, aguçam sentimentos, reflexões e saberes para além de suas produções.

Fisher (2002) escreve sobre a mídia e seus modos de educar, enfatizando que as imagens constituem subjetividades. No trabalho pedagógico e com sua ampla variedade nos mostram como o professor trabalha com elas, pois a mídia:

[...] insere-se justamente na tarefa de discriminação, que inclui desde uma franca abertura à fruição (no caso, de programas de TV, comerciais, criações em vídeo, filmes veiculados pela TV etc.) até um trabalho detalhado e generoso sobre a construção de linguagem em questão e sobre a ampla gama de informações reunidas nesses produtos, sem falar nas emoções e sentimentos que cada uma das narrativas suscita no espectador. Trata-se de uma proposta destinada, nos diferentes níveis de escolarização, a mergulhar na ampla diversidade de produção audiovisual disponível em filmes, vídeos, programas de televisão [...]. (FISHER, 2002, p. 158).

Dessa forma, os audiovisuais têm produzido novos conceitos de cultura e arte podendo também auxiliar na prática pedagógica aos docentes em sala de aula. Fisher (2002) percebe a televisão como parte integrante e fundamental de complexos processos de veiculação e de produção de significações culturais, sociais e até didáticas, envolvendo os sentidos, os quais estão relacionados aos modos de ser, de pensar, entender o mundo e de interatuar com a vida.

Nesse contexto, Barbosa (2017, p. 12) em sua tese “*O espaço em devir no documentário: cartografia dos encontros entre cinema e escola*” nos provoca a refletir

sobre a escola como “lugar de encontro de múltiplas trajetórias, humanas e não-humanas, em permanente negociação”, lugar mutável de dinamicidades e conexões. Em outras palavras e para o referido autor, a escola é percebida como

[...] lugar de convergência de diferentes trajetórias humanas e não-humanas. Um espaço que, para além de um local institucionalizado, é um lugar de encontro, eventual, múltiplo e aberto, em permanente mutação em função das negociações disparadas em um estar com. Um lugar tecido no aqui-agora, na efemeridade dos encontros dessas múltiplas trajetórias. [...] a escola é, em especial, um lugar de encontro, de convergência de diferentes e singulares trajetórias de vidas e subjetividades. (BARBOSA, 2017, p. 13).

O cinema serve como referencial para a educação, pois trafega nesse meio como um construtor, transmissor e veiculador de uma cultura em um tempo e espaço, que é ocupacional e situacional. Nesse sentido, o cinema materializa socialmente na cultura, construindo saberes e sujeitos.

Fresquet e Migliorin (2015) relatam três convicções sobre a relação cinema e educação, na qual a terceira crença nos possibilita pensar a relação do cinema com a escola, que afirmam ser na própria criança, nos jovens

Aposta na possibilidade de entrarem em contato com filmes, imagens, sons que não trazem mensagens edificantes, que não são pautadas pela função social ou pela necessidade de fazer um mundo mais bonito. Trata-se de uma crença na inteligência intelectual e sensível dos que frequentam a escola. Só com ela é possível lidar com a arte, com elementos que não se organizam pelo discurso, mas que demandam o espectador para se concretizarem. (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p. 8).

Assim, consideramos esses princípios para melhor aproximação do cinema com a escola, evocando o desafio que essa arte pode provocar, (des)ordenando os processos individuais e pedagógicos, a partir dos sentimentos, vivências e reflexões que proporciona aos seus espectadores.

Na escola o cinema se constitui como um ensejo para que os alunos conheçam e experimentem as mais diversas produções filmicas, sendo também uma oportunidade de ampliar seu repertório cultural, sua criatividade e imaginação.

Se as pessoas estão sendo educadas por imagens e sons, por programas de televisão, cinema, pelos meios eletrônicos e tantos outros configurando os meios audiovisuais como um dos protagonistas dos

processos culturais e educativos, a escola precisa pensar tais potencialidades. Afinal, as mídias não só asseguram formas de socialização e transmissão simbólica, mas também participam como elementos importantes da nossa prática social e cultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo. (FANTIN, 2005, p. 1-2).

A educação para as mídias, conforme a autora, “não se reduz aos meios a seus aspectos instrumentais, pois elas não são ferramentas neutras e sim meios que produzem significados, isso deve estar claro nas mediações escolares”. (FANTIN, 2005, p. 3). Nesse contexto, é importante adotar uma postura crítica e reflexiva sobre as mídias interagindo com essas produções.

Portanto, além de proporcionarem atrações, o filme pode atuar como ferramenta educativa, lembrando sempre que eles transcendem essa ou outras finalidades, dependendo de qual cultura se apresenta, qual sentido pretende-se explorá-lo e até como o espectador o experimenta.

O cinema também subsidia a socialização, sobre a qual Ferretti (1993, p. 109) se refere ao “processo pelo qual pessoas aprendem novos conhecimentos, formas de ver, agir e pensar, convenções, gestos, habilidades etc. que lhes permitem partilhar mais efetivamente da sociedade em que vivem”.

Educar é socializar, considerando o processo contínuo de formação e ensino aprendizagem. Acreditamos que a Educação tem como princípio básico a possibilidade de se fazer pensar, libertando o indivíduo do aprisionamento, muitas vezes imposto, favorecendo a transformação individual e coletiva, não negando a subjetividade nem a objetividade.

Esse processo de socialização acontece em diferentes ambientes, com diversificados rumos e interações, e o espaço sociocultural da escola não é diferente, sendo parte integrante do processo. Ferretti (1993, p. 112) menciona que no contexto escolar o filme “tende a ser visto como manifestação artística, com a qual as pessoas tomam contato livremente, por interesse ou lazer, consumindo-o como bem cultural”.

Assim, o cinema, por ser um artefato cultural, faz parte de um processo socializador “mesmo sem considerar o filme na sua forma e conteúdo, o simples fato de um professor, ou a escola como um todo, considerar e debater responsabilmente o uso do filme pela instituição constitui, em si mesmo, elemento de socialização.” (FERRETTI, 1993, p. 144).

Diante de todos os argumentos expostos, é importante considerar que o cinema traz uma linguagem plural e característica, instituindo elementos que criam e produzem o espaço e as relações dentro dos discursos, potencializando inúmeros aprendizados por meio de sua linguagem cinematográfica.

Uma produção cinematográfica dentro do âmbito escolar é capaz de gerar muitas polêmicas, como por exemplo, a de que os filmes são utilizados como desculpa para não dar aula, como aula vaga, alegando não ser possível esse recurso ser utilizado como um aliado pedagógico e relegando a sua riqueza no processo de ensino-aprendizagem.

Miranda, Coppola e Rogotti (2006, p. 1) comentam que “a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução. A relação entre cinema e conhecimento, no entanto, extrapola o campo da educação formal”. Nesse sentido, podemos considerar que o cinema pode ter relevância nas instituições escolares atuando também na construção de conhecimentos.

O cinema tem a capacidade de ampliar o campo visual e criativo dos educandos, pois as imagens despertam a imaginação e fomenta o interesse pelo criar. Este desejo faz com que o aluno busque apreciar outras alternativas como a pintura, leitura e meios que se identifiquem com o cinema, o teatro, dança, artes visuais, cinematografia, etc. (ALMEIDA, 2004). É fundamental perceber um universo de experiências extrapolando os limites da sala de aula e dos recursos naturalizados entre o quadro e o caderno.

Fantin (2005) menciona que os filmes

[...] implicam um complexo aparato cultural e econômico de produção, distribuição, veiculação e consumo de imagens, sons, informações, divertimentos, publicidades e também participam dos processos de construção (e negociação) de sentidos que significam os modos de ser, pensar, conhecer e se relacionar consigo, com o outro e com a cultura. (FANTIN, 2005, p. 2).

Nessa perspectiva, é ao assistir a obra “que a significação se constrói como conjunto daquilo que o filme nos propõe relacionado ao conjunto daquilo que cada um de nós acolhe e acata como percepção, impressão e experiência pessoal que é sempre contextualizada.” (FANTIN, 2005, p. 7).

Sobre a importância do uso de filmes Fantin (2007, p. 2) argumenta que “em um contexto formativo será mediado por fatores diferentes dos que intervêm em contextos

mais informais, e é importante ter em mente as transformações que operam na passagem da fruição”.

É fundamental notar que o cinema é o campo onde a estética, a ideologia, o lazer e os valores sociais mais expressivos são resumidos em uma obra artística. E que dentro do ambiente escolar é possível abrir as portas para o universo dos filmes, adentrando em diferentes culturas, tendo no ambiente da sala de aula o seu maior reconhecimento. (DUARTE, 2009).

O cinema vem agregar as atividades em sala, somando como uma contribuição para disseminar o conhecimento e trazer movimento ao aprendizado do aluno. Segundo Duarte (2009), a inserção da linguagem do cinema dentro da educação deve ser feita a partir do instante em que se faz necessário um entendimento da produção de padrões do universo estético e da socialização entre as mais diversas culturas, valores e nações.

O Cinema na Escola oportuniza experiências, nos afetando e conseguindo produzir nas pessoas múltiplas sensações e aprendizagens, a partir do que conhecemos e desconhecemos. Favorece, nesse sentido, uma troca saudável de vivências e aprendizados para a vida, que atravessam tanto os alunos quanto os professores.

Migliorin (2015, p. 46) comenta que “na escola, o cinema se insere como potência de invenção, experiência intensificada de fruição estético/política em que a percepção da possibilidade de invenção dos mundos é o fim”. Contudo, com a efetivação cinema e educação podemos compartilhar as experiências, pois ao assistir as obras vivenciamos uma infinidade mobilizações.

Nesse contexto, entendemos que é pertinente uma pedagogia que seja realista e ativa, que considere o desenvolvimento individual que todo aluno precisa estar preparado para enfrentar, mesmo não querendo, que são os empecilhos que aparecem na trajetória de vida. Simon (2011, p. 61) fala que é imprescindível considerar a “Pedagogia como um modo vital de envolvimento na tarefa de transformação social”.

Nesse mesmo ponto de vista, Fantin (2005, p. 3) menciona que várias experiências evidenciam ser possível “não só ensinar com, sobre e através dos meios, mas formar espectadores críticos que negociam os significados, que constroem conhecimento e que interagem de diversas formas.”

Nesse sentido, a utilização do cinema torna-se interessante dentro da escola, pois é convidativo e chama a atenção de crianças, jovens, adultos e idosos, ganhando destaque na atualidade. Fabris (2008) comenta que o cinema encanta e seduz, pois:

[...] como um produto criado culturalmente que traz as marcas, as inscrições das culturas na sua forma de expressão, nas representações que produz. Há uma materialidade fílmica (visível, dizível e de silêncios) criada pela linguagem própria desse artefato, como movimento e posição da câmera (ângulos), abertura ou fechamento da cena (planos) e outros efeitos utilizados na operação de transformar as imagens em histórias que nos capturam e seduzem. (FABRIS, 2008, p. 126).

Esse movimento entre os filmes e o despertar de emoções e criações, aguça a curiosidade podendo levar os educandos a construir pensamentos e possibilidades de relacionar a realidade e o imaginário. Essa relação desperta habilidades cognitivas fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem gerando acomodações e crescimento.

A humanização torna-se um processo inseparável entre a aquisição da experiência humana e a produção cultural, ou seja, a sua objetivação através das elaborações referenciadas por meio da identidade cultural de um povo.

Ver filmes e imagens não é acumular, mas estar com o filme, vê-lo e revê-lo, mas, para isso é preciso tempo. É preciso dar tempo ao conhecimento. É preciso ter tempo para a experiência. Por vezes não são os filmes que estão amarrados ao clichê e perderam o mundo, mas nossa própria impossibilidade de nos autorizar o ritmo do outro, como se os ritmos do mundo fossem únicos, prontos para neles entrarmos sem esforço ou crítica. (MIGLIORIN, 2015, p. 146).

Corroborando a citação anterior, assistir ao filme é apreciá-lo, experimentá-lo. O cinema é um artefato cultural que nos permite conexões e ritmos, consigo mesmo, com os outros e com o mundo. É uma arte que não se ensina, mas que se disponibiliza, estimula, instiga e saboreia.

O cinema “instaura uma descontinuidade entre obra e fruição. Seu poder reside justamente em um buraco, em uma fenda entre os filmes e seus efeitos. Não há passagem ideal entre o que um filme quer dizer e a experiência que se faz com esse filme”. (MIGLIORIN, 2015, p. 37). É uma criação e como tal, sua interpretação também gera uma relação imprevisível entre o filme e o espectador.

O relacionamento entre a pessoa que está recebendo a mensagem e o audiovisual depende da experiência de vida, da cultura, do conhecimento, da experiência pessoal, da leitura, dentre outros elementos do indivíduo. Além disso, a forma como o narrador comunica com o espectador faz com que este chegue a diferentes conclusões sobre a narrativa.

No contexto da escola o aluno pode compartilhar suas impressões e transcender sua bagagem cultural. Assistir a um filme em casa é completamente diferente do que na escola, com o planejamento efetivo do professor, a participação estética, de construção de significação e de apropriação é diferenciada, pois, o trabalho educativo pode fazer com que apreendamos outras formas de olhar.

No processo de construção do conhecimento, é importante destacar que as situações de ensino e aprendizagem, criadas pelos educadores aos alunos, são fundamentais para que os estudantes possam compreender e atribuir um sentido próprio aos saberes, sofisticando seus conhecimentos e associando-os a sua realidade, respectivamente. Assim sendo, o professor precisa ter consciência da realidade, conhecimentos prévios e nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos, no intuito de fundamentar sua prática de forma coerente e relevante, na qual tanto estudantes como professores possam ocupar lugares horizontais, por meio de relações mediadas. (AMARAL, 2014, p. 44).

Em definitivo, um docente que saiba trabalhar com as informações, coletando-as através dos diversos recursos providos pelos desenhos animados, programas de tv, filmes, entre outros, e preparando-as para a prática pedagógica intenciona a execução de uma nova dinâmica de ensino e aprendizagem, que é fundamental para o desenvolvimento da educação nos dias atuais.

Desse modo, o professor tenta alcançar, juntamente com o educando, meios de envolver os dispositivos fundamentais e acessíveis para que o conhecimento seja transformado, analisado e não somente apresentado. Vale ressaltar que o cinema é arte, não como instrumentalista, e podemos vivenciá-lo de inúmeras maneiras.

Nesse processo o cinema favorece, ele nos olha, olha as crianças e nos ensina a olhar as crianças, suas reações, curiosidades, anseios, prazeres, buscando compreender o universo infantil e suas particularidades. Conforme Teixeira, Larrosa e Lopes (2006) o cinema tem:

[...] seu objetivo sobre as crianças. Sobre seus gestos, sobre seus movimentos. Sobre sua quietude e sobre seu dinamismo. Sobre sua submissão e sobre sua indisciplina. Sobre suas palavras e sobre seus silêncios. Sobre sua liberdade e sobre seu abandono. Sobre sua fragilidade e sua força. Sobre sua inocência e sua perversão. Sobre sua vontade e sua fadiga, sobre seu desfalecimento. Sobre suas lutas, seus triunfos e suas derrotas. Sobre seu olhar fascinado, interrogativo, desejoso, distraído. O cinema olha a infância e nos ensina a olhá-la. (TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2006, p. 12).

Os autores ainda mencionam que o cinema “nos põe cara a cara com o comportamento da infância, com seu movimento, com sua corporeidade, com sua gestualidade própria, que só pode ser conhecida a partir do exterior, que só pode ser vista, mas não compreendida.” (TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2006, p. 13).

Assim, o professor pode ser sensível e reflexivo ao trabalhar com o cinema, aprender a contemplar com olhos de crianças, pois “a criança é portadora de um olhar livre, indisciplinado, quiçá inocente; quiçá selvagem; portadora de um olhar que ainda é capaz de surpreender aos olhos” (TEIXEIRA; LARROSA; LOPES, 2006, p. 16) e, assim, apreciar os filmes, sem pretensão, sem conclusões e barreiras.

O uso de recursos audiovisuais favorece o entendimento da reflexão que se propõe, seja em sala de aula ou em qualquer ambiente social em que seja necessário entender um tema e refletir sobre ele, já que, por meio do cinema, o trabalho pedagógico se torna mais amplo e mais significativo.

O papel de mediação está implicado com escolhas que visam, sobremaneira, ampliar o repertório imagético (e fílmico). Em outras palavras, trata-se de escolhas que visam, na matemática do olhar, a soma, ao oferecer, para além do já dado, já sabido, já visto, novas possibilidades de fruição estética – potencializada na medida em que é preservada a riqueza da imagem – sabendo que a riqueza de uma imagem fílmica reside não naquilo que supostamente a câmera “capta”. (MARCELLO, 2013, p. 19).

Ao ampliar o repertório cultural dos alunos com os filmes em sala de aula, o educador proporciona também a possibilidade de experienciar e criar mais do que o pensado pelo produtor, expandir a partir dele e deixar fruir a imaginação das crianças para além do que está na imagem, forma analítica e crítica, fazendo uma leitura criativa.

O cinema no ambiente escolar cria oportunidades de múltiplas e plurais vivências, sendo elas individuais e coletivas. Nesse ambiente ele “se apresenta como experiência com o mundo, com o conhecimento, através de imagens narrativas. Receber um conteúdo com o cinema é inseparável de uma experimentação pessoal e coletiva desse conteúdo.” (MIGLIORIN, 2015, p. 10).

Por isso, quando é exibido um filme na escola ele é aceito sem muitas prerrogativas, por ser entendido como ilustração de conteúdos no qual os alunos possam ver, ouvir e debater. Mas, entendemos que cinema transcende essa visão simplista do senso comum, ampliando possibilidades de vivências, na relação com o que veem e sentem.

Contudo, entendemos que o cinema na educação pode, de acordo com Deus (2016),

[...] ser visualizado como um dever educacional que faça sentido para além dos conteúdos escolares, tanto para os professores quanto para os alunos envolvidos nesse processo. Essa ideia pressupõe provocar a pensar acerca dos sujeitos envolvidos em viver, criar, produzir e problematizar construindo um espaço livre e democrático, no qual o cinema, através de diversas experiências transite como uma oportunidade atual, responsável e criadora de outros modos de aprender e de conhecer, configurando uma nova perspectiva dos alunos de ler o mundo e oportunizar potência do imaginário. (DEUS, 2016, p. 12).

O professor é responsável por alimentar o desejo do aluno, além dele ir à escola, de aprender, de conhecer, de pesquisar e de se relacionar, ensinando novas atitudes diante da sociedade, devendo ser respeitado, ter sensibilidade e não desistir das suas convicções. Para isso, o Cinema na Escola pode suscitar a ampliação indireta de reflexões, multiplicando os olhares.

Para isso, o educador precisa planejar suas ações relacionando-as à organização intencional do espaço escolar e às estratégias de ensino para ampliar a evolução psíquica, social e cultural do educando. A função da educação deve estar aliada aos contextos de intensificação da vida, reconhecimento da história das pessoas envolvidas, crescimento pessoal, respeito aos diferentes grupos e à construção de saberes.

[...] o docente precisa perceber-se, e aos alunos, como seres históricos e culturais, pois ninguém é uma ilha em si mesmo. Influenciamos nas relações que ocorrem constantemente no meio social e histórico, e assim nos elaboramos. Por isso, de certa forma, somos uma extensão do outro. O professor, nessa perspectiva, não é entendido como alguém que domina verdades acabadas que, como sabemos, são questionáveis, ou que fornece receitas prontas, mas, sim, um profissional que reconhece seus alunos como capazes de aprender, cada qual a seu tempo e favorece esse campo do conhecer, por meio de interações significativas. (AMARAL, 2014, p. 44-45).

A linguagem cinematográfica pode ser um recurso metodológico fomentador da aquisição de saberes no ambiente escolar que busca contribuir com o trabalho em sala de aula, tornando-o mais significativo, atrativo, lúdico e prazeroso para alunos e professores. É no processo de troca com os outros e consigo mesmo, que as informações, dados e características sociais se internalizam, formando não apenas o conhecimento, mas a própria consciência. Assim, o professor organizador e mediador estimula o processo de

aprendizagem, auxiliando o aluno com determinados elementos a entrar em contato com esse universo.

Quanto à relação docente mediativa, ou ao ato de mediar, de modo geral, entende-se que são estratégias pelas quais o professor/mediador aproxima e problematiza situações para que os estudantes possam construir e sofisticar seus conhecimentos, indo além de uma *experiência* de aprendizagem superficial. (AMARAL, 2014, p. 45).

Dessa forma, ao exibir filmes aos alunos, evoca-se a importância do uso desse recurso como alternativa para desenvolverem as capacidades psicoeducacionais, tais como: atenção, imitação, memória, imaginação, dentre outros. O aguçamento do lúdico é particular e depende dos estímulos emocionais que são socializados nas suas interações. Assim, a cultura é materializada como ação fundamental para a constituição humana, dando-lhe base, partindo do externo para o interno, originando as estruturas internas como necessidade, motivação, interesse, desgostos ou emoções.

O cinema dentro da sala de aula possibilita a saída do mundo real e a entrada ao mundo da fantasia e, desse modo, a mente assimila novas experiências. No decorrer de seu desenvolvimento o indivíduo é motivado a buscar saberes de diversas fontes para alcançar a maturidade psicossocial e intelectual, e a ludicidade proporcionada pelo cinema é um elemento que auxilia nesse processo.

O gosto e o prazer estão atrelados ao “modo de ser dos objetos, aos modos sensíveis dos objetos e subjetividades existirem e eventualmente perturbarem a ordem do que é possível, ver, dizer e sentir”. (MIGLIORIN, 2015, p. 45). Nesse sentido, o professor pode oferecer momentos de encanto com o cinema, sensibilizando seus alunos.

A motivação do educador estimula seus educandos a participarem, possibilitando dar prosseguimento à realização da atividade filmica. A utilização do cinema como fonte de conhecimento ou como agente transformador, necessita de uma maior atenção a problemáticas relacionados à formação das pessoas. De acordo com Nóvoa (1995, p. 7) “o cinema para despertar e desenvolver o gosto pela interpretação e pela polêmica”.

O cinema dentro da educação pode interferir na constituição do caráter pessoal, afinal quando se fala de educação em sala de aula, isso diz respeito à formação de cidadãos, assim “o modo de sentir, escutar, ver e analisar a obra é um comportamento social e a apreensão estética que se abre ao universo da criação solicita as mais diversas áreas, posturas e atitudes que poderão ser problematizados pela mediação educativa”. (FANTIN, 2005, p. 8).

De acordo com Duarte (2009)

[...] ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias, desenvolver os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação geral dessas pessoas e contribui para distingui-las socialmente. (DUARTE, 2009, p. 14).

O domínio da linguagem e conhecimento cinematográfico é importante na construção intelectual e social do aluno. Ela ultrapassa a condição de um simples recurso usado na sala de aula como meio didático, transcende a tela, e aproxima o indivíduo da realidade. O significado do filme difere para cada um baseado na sua experiência de vida, de acordo com a articulação entre o que a imagem em movimento visa, o som, a fala e os textos apresentados. Tais elementos quando postos em meio social são fundamentais para expansão e debates de divergentes ideias na construção do indivíduo e na construção da sociedade.

Ter contato com os filmes, através de um planejamento articulado,

[...] pode contribuir para a percepção da obra cinematográfica como algo mais do que um mero produto da indústria da diversão a ser rapidamente consumido, o que em si, já significa um enriquecimento da socialização que os alunos e suas famílias experimentam usualmente em relação a esse tipo de manifestação artística. (FERRETTI, 1993, p. 117).

Os filmes podem ser explorados em profundidade pelos professores, valorizando as obras cinematográficas e sua materialização social e cultural. Nesse sentido, todo filme é educativo e contribui para a formação do sujeito, não se limitando ao que ensinam algumas disciplinas escolares.

Quando um professor escolhe um filme a partir de seus parâmetros e de seus objetivos e o exhibe, seu controle dos efeitos desse filme sobre os alunos, apesar de planejado, é relativo, porque a obra cinematográfica, como produção artística e em função da sua própria linguagem, dirige-se às emoções, à fantasia, à afetividade. (FERRETTI, 1993, p. 122).

Ao selecionar um filme o professor precisa ter em mente não só as informações que os alunos podem assimilar, mas também as interpretações que podem fazer, não para repreendê-los, mas para atentar-se às inúmeras potencialidades de filmes como recurso socializador, excedendo os limites da lógica racional.

Eis um papel altamente desafiador para os professores: não ser o que explica o que é a imagem ou que papel ela deve ter para o aluno, mas criar a cena para que ela possa ser pensada, sentida, interrogada, montada. Por vezes, falar sobre uma imagem é trazer novas imagens que permitam combinações frescas. (MIGLIORIN, 2015, p. 88).

Alguns docentes que utilizam o Cinema na Escola se permitem contagiar e produzir com o que não conhecem. Migliorin (2015, p. 51) lembra que “é pela experiência que o professor pode sair do lugar daquele que ensina para experimentar com os alunos – um deslocamento que se faz essencial para uma dinâmica mais horizontal da produção de conhecimento”. Desse modo, o cinema pode ter um papel crucial na educação, que é o encantar e ao mesmo tempo proporcionar deslumbramento e o desejo do novo.

Nessa direção, a fruição dos filmes pelos alunos possui muitas variáveis que os professores não conseguem mensurar. Por isso, ao serem exibidos na escola, eles podem oferecer riscos de serem subjetivos, bem como oportunidades de experiências significativas, positivas e incríveis, cabendo ao educador conduzir essa linha estreita e, por vezes, complexa na sala de aula.

Fresquet e Migliorin (2015, p. 13) mencionam que de forma evidente ou não nos currículos da escola “os filmes ampliam o conhecimento do mundo, de espaços, tempos históricos, de modos de viver, concepções de mundo, perspectivando o próprio ponto de vista em cada filme”. O cinema contribui para o processo de ensino-aprendizagem, podendo dialogar com os projetos curriculares que se relacionam com a elaboração de saberes.

Napolitano (2009) explica que o filme pode ser utilizado como um incremento de determinado conteúdo disciplinar de maneira a ser um material fomentador de debates ligados a temas previamente selecionados pelo professor. Também como um documento em si, ou seja, um produto cultural e estético que agrega e propaga valores, conceitos e atitudes. Para esse autor, ao assistir ao filme com antecedência, o educador “mobiliza o olhar mais crítico e apurado que tem para, entre outras possibilidades, selecionar os trechos que serão analisados, anotando, por exemplo, cenas e imagens representativas do filme”. (NAPOLITANO, 2009, p. 23).

O encontro dos discentes e os filmes podem ser oportunizados em casa, nas salas de cinema, na escola, porém, os sentimentos e as emoções sentidas são particulares e subjetivos. O educador como organizador precisa refletir sobre esse artefato como

produtor de conhecimentos e sujeitos, estimulando o imaginário infantil, a criação e criatividade.

Sendo assim, ao assistir a um filme coletivamente os impactos são individuais e, como adiciona Migliorin (2015, p. 34), “é esse dispositivo que idealmente deveríamos ter em todas as escolas”, pois ele pode levar um assunto com frequente competência servindo como um convite para debates e reflexões. O planejamento do momento de exibição de filmes pode evitar alguns problemas e criar ocasiões que contribuem com ampliação de conhecimentos.

Fantin (2005) menciona que educar para as mídias, nesse caso o cinema, implica:

[...] a adoção de uma postura “crítica e criadora” de capacidades comunicativas, expressivas e relacionais para avaliar ética e esteticamente o que está sendo oferecido pelas mídias, para interagir significativamente com suas produções e para fazer/produzir mídias também. (FANTIN, 2005, p. 3).

O cinema, de acordo com Inez e Faria (2006), é considerado:

[...] fendas a indicar possibilidades de ver e de olhar para as crianças e para a infância, na esperança de que elas nos olhem, nos vejam e nos digam um pouco de si. Acreditamos no cinema como uma arte privilegiada para promover essa colisão visual que trabalha a nossa capacidade de intuir, de imaginar, de suspeitar, de relativizar, exigindo que olhemos um tema não pela forma linear como ele se apresenta muitas vezes na realidade, mas pela ótica das alternativas possíveis que desembocam na criação da crítica das mensagens enredadas. (INEZ; FARIA, 2006, p. 198).

Contudo, o cinema constitui uma arte que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, nos fazendo enxergar as múltiplas situações vivenciadas.

Educação do Olhar e a Criança

A educação é a expressão mais latente da consciência histórica e cultural do ser humano, em que o próprio sujeito aprende e reconhece em si mesmo como ser ativo em seu próprio processo interno de formação de identidade. Isto é, a criança recebe estímulos dos mais variados desde o seu nascimento a partir da relação com o adulto, este por algum tempo será a figura norteadora para que se aprenda a falar, escrever, interagir com o meio

em que vive, entre outros aspectos. Dessa forma, a criança é o reflexo das mudanças históricas, sociais e culturais de uma sociedade que constantemente se modifica.

Em uma concepção histórica tradicional, a criança não era considerada enquanto tal e era vista indiferentemente como um adulto. Na história moderna, em que as relações familiares se alteraram profundamente frente ao mundo mercantil, a criança passa a ser considerada um ser frágil, carregado de ingenuidade, incompleto e dependente do adulto, este, sim, um ser de razão, de equilíbrio e de consciência. Mudanças nos contextos históricos, advindas do enfretamento do mundo pós-guerra e de suas conhecidas consequências, provocaram o surgimento de uma nova percepção da criança. Esta passa a ser vista como um ser de virtudes, que, se bem conduzidas, podem assegurar a construção de uma sociedade melhor. (LEAL, 2006, p. 239).

A criança no cenário contemporâneo é reconhecida como um sujeito em constante transformação, configurando-se como uma esperança de um presente e futuro melhor. Sendo assim, requer um cuidado e atenção frente à sua formação cultural e social para a vida.

Em pleno século XXI vivemos em uma sociedade neoliberal, típica de um capitalismo exacerbado, consumista, produtivo, eficiente e que visa resultados. Uma sociedade que nos leva a pensar sobre a situação das crianças que nela vivem, a educação que lhes é oferecida e o lugar que ocupam nas famílias e nas políticas vigentes, condições estas que se estabelecem em atributo temporário e edificado das identidades.

O conceito de infância e de criança só começou a ter algum sentido recentemente (século XX), antes ela era invisível à sociedade e não tinha sua fase delimitada como algo único e particular. Para se chegar à ideia de criança como central na família é preciso revisitar toda sua história para ter condições de problematizar esse lugar que ela ocupa nos dias atuais. Este foi conquistado mediante concepções teóricas, estudos, reivindicações, movimentos, políticas públicas e ações desenvolvidas ao longo dos séculos.

Essa apreciação de infância, hoje encontrada, foi uma construção social e histórica adquirida, pois a infância, por sua ingenuidade, gentileza e graça, já foi vista como um sentimento de distração e brincadeiras surgidas no meio familiar. Depois em um segundo conceito a criança foi encarada pelos eclesiásticos como pessoa que deveria ser preservada e disciplinada para perpetuar os costumes, ou seja, preocupavam-se não com as crianças, mas em torná-las cidadãos racionais e cristãos.

O sujeito, antes concebido como uma agência centrada, estável e emanadora do sentido identitário, tem sua posição deslocada. A condição pós-moderna, acentuadamente marcada pela visibilidade, objetifica o sujeito em meio à transparente cena contemporânea. Crianças, jovens, mulheres, negros, idosos, docentes, surdos etc., são exemplos de identidades recriadas e reinventadas de múltiplas formas pelas variadas narrativas que passam a circular de forma planetária, fazendo aparecer novos atores sociais. (COSTA, 2005, p. 2).

Foi no século XX, pós 2ª Guerra Mundial, que uma nova preocupação com a situação social da infância e a ideia da criança como portadora de direitos foi sendo desenvolvida na Europa. Autores como Vygotsky, Wallon, Piaget e Freinet influenciaram e divulgaram importantes conceitos sobre o desenvolvimento da infância e suas principais implicações na sociedade.

No Brasil, acompanhando esse desenvolvimento europeu, foram surgindo diversas discussões sobre a criança e sua educação, havendo, é claro, características próprias. Desde então, várias lutas e movimentos ocorreram pelo reconhecimento da criança enquanto um sujeito social com direito a atendimento digno e de qualidade, mas só recentemente é que se iniciaram as discussões que defendem esse nível educativo como direito das crianças e famílias.

Esse tema passou a ser discutido e concretizado em algumas ações políticas ao longo do tempo como: Lei 4024/61 que inclui o jardim-de-infância no sistema de ensino; Lei 5692/71 que estabelece responsabilidade aos sistemas pela educação de crianças menores de sete anos; Constituição de 1988 que reconhece a educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino; Promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que concretizou as conquistas dos direitos das crianças promulgados pela Constituição; LDB 9394/96 que estabelece a educação infantil como etapa inicial da educação básica; Referencial Curricular Nacional (1998); Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (2010), entre outras.

Nesse sentido, as crianças começam a ser percebidas de uma forma absolutamente nova.

Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição. Seres sociais plenos, ganham legitimidade como sujeitos nos estudos que são feitos sobre elas. (COHN, 2005, p. 13).

A autora ainda enfatiza que ao se rever os sujeitos é necessário rever a sociedade em que vivem, assim eles começam a ser vistos como atores sociais “no sentido de atuar na sociedade recriando-a a todo momento. São atores não por serem intérpretes de um papel que não criaram, mas por criarem seus papéis enquanto vivem em sociedade”. (p. 12-13).

Diante desses fatos e dos diversos campos de saberes (História, Filosofia, Psicologia, Antropologia e Sociologia da Infância) é que se pode associar o sentimento de infância construído ao longo dos séculos com o significado de infância e criança atribuído nos dias atuais. Percebe-se que todo esse desenvolvimento em torno dessa temática possui um caráter político e econômico, quando difere as crianças por classe social e nos mostra que em cada tipo de sociedade prevalece uma concepção sobre o desenvolvimento infantil, o papel da família, da comunidade, da instituição educacional e do poder público.

Nesses campos de saberes a Psicologia do Desenvolvimento nos acrescenta conhecimentos quando busca ressignificar sua teoria e redefinir o homem como um ser total, integral, simultâneo, e propor o desenvolvimento integral da criança, tendo a linguagem e o jogo lúdico como parâmetros fundamentais.

A Sociologia da Infância nos coloca outra perspectiva à sociologia da educação quando reconhece a criança dentro de um contexto de culturas infantis, nas relações sociais, um sujeito que é real, social e histórico, que se apropria e produz cultura e que é nos campos das relações sociais que a criança cresce e se constitui como sujeito humano.

A História e a Filosofia, por sua vez, nos fornecem dados para localizar a criança e seu valor dentro de cada sociedade, tradição, costumes predominantes em cada época e seus desdobramentos no ideário social, considerando a história local e de vida do grupo e do indivíduo.

Diante dessa breve construção histórica podemos pensar sobre a situação da criança em nossa sociedade atual. Vale ressaltar que não vemos a criança separada de um social, de uma história e da cultura em que vive, a percebemos como sujeito que modifica a sociedade ao mesmo tempo em que é modificada por ela, um ser com particularidades e necessidades próprias.

[...] formas de assujeitar, subjetivar e narrar as identidades, formas estas forjadas no cenário pós-moderno, na cultura do espetáculo, da visibilidade, do consumo, da comunicação, das mídias, dos

computadores, da indústria cultural, da flexibilidade, da descartabilidade. (COSTA, 2005, p. 2-3).

É importante ter em mente que quando pequenas, as crianças estão vivenciando o mundo com seu corpo, sua mente, suas emoções. Mais importante que trabalhar determinadas noções acerca da sociedade e do mundo científico é as crianças poderem ir construindo gradativamente sua compreensão do universo que habitam, observando, perguntando, levantando hipóteses, buscando informações, explorando, experimentando, confrontando ideias, comunicando e registrando suas descobertas.

Desse modo, a criança é reconhecida como “sujeito social ativo e atuante, produtor mais que receptor de cultura” (COHN, 2005, p. 24), que se constitui na interação com outras pessoas (crianças e adultos), com o mundo e consigo mesma, que necessita de seu tempo para produzir e construir conhecimento. Ela é ativa, real, problematizadora e possui sua singularidade e especificidade.

Contudo, não se pode ver a criança separada do contexto social, da história e da cultura em que vive, mas como sujeito que modifica a sociedade ao mesmo tempo em que é modificado por ela, um ser com particularidades e necessidades próprias para além do cuidado. Ao conhecer a criança e a infância podemos entendê-la melhor, auxiliando na construção dos saberes, proporcionando o desenvolvimento dos aspectos sociais, afetivos, cognitivos, motores, dentre outros, fundamentais para sua formação integral.

Complementado tal ideia, Inez e Faria (2006) descrevem que a criança possui:

[...] uma capacidade inigualável de utilizar o privilégio das múltiplas linguagens, vão nos mostrando como interpretam o mundo através de gestos, movimentos, histórias fantásticas, danças, imaginação, falas, brincadeiras, sorrisos, caretas, desenhos, choros, cantos, construções, apegos e desapegos, e outras tantas formas de ser e de expressar. Assim, penetram com singularidades na história e na cultura. (INEZ; FARIA, 2006, p. 193).

A criança apresenta aptidões que a possibilitam interligar a realidade com a fantasia. O cinema vem ao encontro da criança e ao adentrar no seu intelecto causa transformações na forma desta lidar com seu universo interior e exterior, trazendo um novo significativo, um novo relacionamento de sua realidade, a partir da visão do outro, ou seja, o cinema como forma de arte é capaz de motivar a alteridade do educando.

Nesse sentido, Migliorin (2015, p. 29) diz que “o cinema é uma forma privilegiada de acesso a uma multiplicidade de pontos de vista e enfoques do mundo” e a criança pode

assimilar tudo, tanto coisas positivas quanto negativas de pluralidade cultural. A formação da identidade da criança é consolidada a partir da cultura do grupo em que ela está inserida em consonância com sua trajetória de vida.

É na infância que as crianças estão experimentando o mundo com seus corpos, suas mentes e seus sentimentos. Mais importante que os conteúdos escolares, é permitir/possibilitar às crianças a construção, de forma gradual, do seu conhecimento, bem como a compreensão do universo em que vivem, observando, perguntando, descobrindo, levantando hipóteses, errando, buscando informações, explorando, acertando, confrontando ideias, comunicando, registrando e interagindo.

Nessa direção, o cinema possui um caráter formativo, porém, trabalha muito no campo da subjetividade, criando muitos contrastes entre a representação do real e a ficção, mas não consegue extinguir a realidade, como afirma Larrosa (2006):

O cinema contribui para a educação do olhar. A nós, resta-nos decidir até que ponto o cinema, e que cinema, nos pode ensinar a olhar para a infância com olhos limpos e assombrados, e não só como uma projeção de nossos estereótipos políticos, psicológicos, morais e emocionais. Olhar para uma criança não é o mesmo que saber o que é uma criança, não é o mesmo que se identificar com ela. Uma criança é sempre algo diferente do que projetamos sobre o seu rosto aberto, luminoso. Por isso, necessitamos do cinema: para que nos ajude a olhar a infância em sua alteridade constitutiva, à justa distância. (LARROSA, 2006, p. 72).

Nesse sentido, Teixeira, Larrosa e Lopes (2006, p. 12) argumentam que o cinema “trata é do olhar, da educação do olhar. De precisá-lo e de ajustá-lo, de ampliá-lo e de multiplicá-lo, de inquietá-lo. O cinema abre-nos os olhos, os coloca na justa distância e os põe em movimento”. Esse movimento aquietta o saber e proporciona o despertar do novo, ou seja, da criação e do desejo de ampliar seu saber.

Aos que possuem o privilégio da visão, pode até parecer estranho falar e pensar sobre as imagens que os circundam, o que representam e como influenciam a construção de sua vida; contudo, esse é um assunto sério e que merece atenção de todos, pois aprender a *ver* constitui um saber essencial para a formação humana. (AMARAL, 2014, p. 48).

O cinema possibilita múltiplos olhares e interpretações, não existindo visão unilateral. Essa forma de ver e sentir o filme pode ser despertada pelo outro, melhor dizendo: o olhar pode ser educado para ver além das aparências, compreendendo as entrelinhas das histórias, produções e articulações que perpassam no artefato midiático.

Educar o olhar poderia ser pensado, enfim, como o gesto de nos tornarmos atentos, de caminhar pela mão das imagens, sem nos precipitarmos na busca de verdades supostamente, num “final feliz”, numa polarização do caráter ético dos personagens, na chegada consoladora de algumas conclusões já anunciadas, e assim por diante. Fruir o cinema na escola ou fora dela nada tem a ver com “aplicar imagens a conteúdos didáticos”: é um convite à surpresa, ao novo, ao diverso, àquilo que não sabemos. (FISCHER, 2014, p. 47).

Nessa continuidade, a autora deixa claro que o cinema assume a possibilidade de que “a formação dos educadores pode passar por um contato diferenciado e complexo, com filmes que rompam com os clichês e ampliem nosso repertório artístico e cultural” (FISCHER, 2014, p. 50), pois buscamos o desenvolvimento ético e estético dos educandos e de nós mesmos.

Decifrar o filme é ler e compreender além das mensagens que pretende transmitir, é perceber que quem o produz simula, não sendo a realidade e sim a ficção do real. Conhecer e entender a linguagem cinematográfica, bem como constituição do imaginário através do cinema, é indispensável para a formação do olhar.

Reis *et al.* (2004), afirmam que:

[...] a constituição histórica do olhar humano implica em considerar que a percepção visual caracteristicamente humana não é natural, ou seja, não é dada desde o princípio, nem tampouco é alguma capacidade inata que, para se manifestar, necessita somente do toque mágico de um estímulo ambiental adequado. Implica em compreender esse olhar como indubitavelmente produzido, porquanto sua apreensão não é de uma realidade dada, mas de uma realidade criada, ou seja, cultural. Não existe, portanto, “o olhar”, mas diferentes modos de ver segundo a referência do que é visto a sistemas específicos de atribuição de sentidos culturalmente produzidos. (REIS, 2004, p. 54).

Assim, o olhar não é imparcial, ele é construído, materializado social e culturalmente. Por isso, os modos de ver e perceber-se no mundo estão em constante adaptação, modificação e formação. Os olhares e a imputação de sentidos são mutáveis, pois nós humanos mudamos frequentemente o nosso jeito de ver e acompanhar nossos comportamentos.

Em sua tanta imensidão e fulgor, o cinema “*ajuda a olhar*”. Entre cenários, cenas e enredos, ele transborda. Entre luz e sombra, ângulos e enquadramentos, o cinema movimenta, revelando sua potência (trans) formadora. Entre imagens e sons, na palavra grafada com a câmera, na montagem de tempos e espaços daqui e de lá, do agora e da memória, na alteridade a que nos convoca, o cinema interpela a educação em sua

força educativa. (TEIXEIRA; GRAMMONT; AZEVEDO, 2014, p. 123).

As autoras ainda mencionam que “por detrás do olhar, há imagens que direcionam nossas perspectivas. Há representações e visões de mundo que trazemos conosco, mesmo que não as reconheçamos.” (p. 125). Nossos olhares são direcionados pelo que fomos e somos, de acordo com a história vivida e com quem nos relacionamos.

Oliveira Junior (2009, p. 20) enfatiza que as imagens “educam o olho para ver sob determinada maneira e nessa esteira vão produzindo nossas memórias e as formas da nossa imaginação do real”, e nesse sentido elas “não só dizem de nosso mundo, mas também nos educam a ler este mundo a partir delas”.

Esse autor ainda observa que “educar os olhos não é somente fazê-los ver certas coisas, valorar certos temas e cores e formas, mas é, sobretudo, construir um pensamento sobre o que é ver; sobre o que são nossos olhos como instrumentos condutores do ato de conhecer [...]”. (OLIVEIRA JUNIOR, 2009, p. 19).

Nessa constituição do olhar também são impregnados, conforme argumentam Teixeira *et al.* (2014, p. 126), “estereótipos, prenoções, rotulações, preconceitos a serem interrogados, quiçá, desaprendidos”, e é preciso problematizar jeitos de ouvir e ver o mundo.

Se aprendemos a olhar, de acordo com nossas experiências e vivências, é possível aprender a olhar de outra forma, por outra perspectiva. Nesse contexto, as imagens precedem nossas visões e estabelecem nossa forma de ver sobre elas, então podemos questionar nossos costumes de ouvir e ver, possibilitando mudanças.

As crianças não são apenas produzidas pelas culturas, mas também produtoras de cultura. Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura. Esses sentidos têm uma particularidade, e não se confundem e nem podem ser reduzidos àqueles elaborados pelos adultos; as crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto. Essa autonomia deve ser reconhecida, mas também relativizada: digamos, portanto, que elas têm uma relativa autonomia cultural. Os sentidos que elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos. (COHN, 2005, p. 20).

O cinema é apreendido via olhar, que é construído em uma determinada época e lugar. Conforme Reis *et al.* (2004, p. 53), é “um modo de ver o mundo através de determinada lente, de um ângulo específico”. Porém, ele pode ser expandido pela percepção estética, pois “busca outros ângulos de leitura, não para ver o objeto em sua

pré-suposta verdade, mas procurando, na relação estética com ele estabelecida, produzir novos sentidos para a configuração de realidades outras”. (REIS *et al.*, 2004, p. 54).

Nessa vertente, a percepção estética contribui para a ampliação de um olhar mais livre sobre outras formas de entender o mundo.

Esse olhar de estranhamento, característico da percepção estética, é, portanto, uma das formas de o sujeito reconhecer e ampliar suas possibilidades, seu poder reflexivo e criativo, pois permite que se retire a marca de familiaridade da realidade, que não se tome a máscara que lhe dá um sentido único, mas que essa possa ser vista como polissêmica e multifacetada. (REIS *et al.*, 2004, p. 54).

Esse olhar permite outras posições de leitura, produzindo novos sentidos para a realidade, até então única, configurando outras realidades. Teixeira, Grammont e Azevedo (2014) mencionam que:

A posição da lente de nossos olhos, como a da câmera fotográfica ou a da filmadora nunca é neutra. É sempre direcionada. As lentes pelas quais observamos o mundo estão preñes de sentidos, de significados, de imagens já construídas. E foram aprendidas. Portanto, podem mudar. (TEIXEIRA; GRAMMONT; AZEVEDO, 2014, p. 125).

Nesse direcionamento, o cinema e sua linguagem podem contribuir para a formação das pessoas, pois coloca em dúvidas nosso olhar. Como as autoras discorrem, o cinema “ajuda a olhar”, pois oportuniza novas miragens, “novos horizontes de visão, de compreensão e entendimento do mundo” (p. 126), ampliando não só o olhar, mas também a forma como esse olhar pode se concretizar na perspectiva da transformação.

A visão não é mera habilidade, é algo “que se aprende e que se ensina no interior das práticas sociais”. Por isso, os diferentes dispositivos como a “televisão, *internet*, revistas, fotografia, museus, história da arte e, claro, a escola participam ativamente na construção de nós mesmos como sujeitos videntes.” (MARCELLO, 2013, p. 14).

Nesse direcionamento, o jeito como olhamos o mundo está diretamente relacionado com a nossa história, com o ambiente em que vivemos e como fomos ensinados a ver. O autor ainda argumenta que aprendemos a olhar as imagens pelo “modo como somos convidados (ou não) a questionar, problematizar, desconstruir, justamente, a familiaridade/estranheza que elas nos provocam”. (p. 15).

Diante disso, o professor pode instigar novas aquisições da leitura visual, pois “da mesma forma como fomos alfabetizados para decodificarmos códigos do alfabeto, a

visualidade exige uma decodificação própria não restrita a uma leitura mecânica, técnica e fria.” (AMARAL, 2014, p. 51).

As práticas docentes necessitam estimular as múltiplas leituras de imagens pelos alunos, transcendendo as superficialidades e direcionamentos de quem os produziu, sendo mais enriquecedor e significativo propor leituras, como Amaral (2014, p. 55) propõe, que “os faça pensar sobre o que a obra lhe diz, como o toca, que sensações desperta, que relações pode-se fazer com a vida, ou seja, criar pontes para que a relação estética com a obra ocorra”.

A educação pode reconhecer o uso do Cinema na Escola e fora dela para mediar o conhecimento produzido por esse artefato cultural que faz parte das nossas vidas, pois além de ensinar a ver e interpretar é necessário desenvolver, como Miranda e Guimarães (2015) argumentam, uma educação visual que:

[...] significa entender como os produtos da cultura visual intervêm, atravessam e afetam as construções simbólicas que os homens elaboram no conhecimento, reconhecimento e entendimento do mundo. Ou seja, queremos dizer que as educações visuais ocorrem nas experiências socioculturais cotidianas de estudantes, pais, professores e gestores. Por analogia, podemos dizer que aprendemos a ver as imagens do cinema de uma forma mais próxima da forma com que aprendemos a falar e ouvir do que da forma como aprendemos a ler e escrever. (MIRANDA; GUIMARÃES, 2015, p. 150).

O professor, no que se refere ao cinema e ao olhar, pode ser considerado um educador do olhar, da imagem, buscando estimular e ampliar a visão do aluno para desenvolver as probabilidades de interpretação sobre o que se assiste, formando uma apreciação mais crítica, emancipadora e desprendida, libertando o olhar para ver em diferentes rumos e em múltiplas direções.

Por fim, a educação do olhar pode ser:

[...] entendida como algo primordial, já que o que vemos nos constitui; o corpo e consciência existem no mundo numa relação de visualidade e, por isso, precisa ser pensada como um fenômeno existencial, que se constrói ao se construir, que ao se construir se identifica numa existência reflexiva. Não é possível construir uma existência sem vivê-la, vê-la, senti-la, imaginá-la, planejá-la, como parte de nossas próprias entranhas. (AMARAL, 2014, p. 62).

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a vivência com essa arte, o cinema e sua linguagem, como um potencializador de relações dentro e fora do ambiente escolar.

Ele possibilita adentrar o universo da imaginação das pessoas, ampliando seus olhares e seus repertórios culturais, se reconhecendo enquanto seres perceptivos no mundo.

A cada dia aprendemos coisas novas. Em geral, as aprendizagens variam em intensidade afetiva, importância, valorização social, transcendência. Porém, é necessário e não menos importante desaprender conceitos, significados, atitudes, valores historicamente apropriados, às vezes, nem totalmente conscientes, carregados como mochilas pessoais, familiares, culturais. (FRESQUET, 2019, p. 9).

Assim como aprender, que é a conscientização do vivido, desaprender é necessário para que as aprendizagens significativas se concretizem. Esse desaprender não pode ser entendido como eliminar um aprendizado, mas como modificação dele, uma transformação do que se sabe, pelo movimento de reorganização.

Nesse contexto, aprender, desaprender e reaprender, é a educação do olhar, não como algo passível de ser ensinado, mas sim sensibilizado. Nesse sentido, o cinema “nos espelha diferentes dimensões, etapas da vida, aprendizagens diversas, nos lembra emoções arcaicas conscientes e inconscientes, nos auxilia, com força ímpar para ver e rever nossa própria vida”. (FRESQUET, 2019, p. 11).

Desse modo, a educação do olhar com o cinema como protagonista possibilita novas e múltiplas conexões, podendo abranger a abertura de horizontes, experiências, sensações, ideias, desejos, conhecimentos, mostrando ou não outras formas de sentir, pensar, viver e ser.

CAMINHOS DA PESQUISA: DO PLANEJAMENTO À AÇÃO

A gaveta da alegria já está cheia de ficar sozinha.

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll (2000)

Nesta seção, relato a trajetória da pesquisa⁷ incluindo a fundamentação teórica que embasou essas escolhas, ressaltando o movimento de construção dos dados. Por inúmeras vezes questionei se realmente estava no caminho certo. Assim, no decorrer do processo, percebi que a metodologia traçada consolidou as ações propostas.

No desenvolvimento da pesquisa utilizei a abordagem qualitativa com enfoque na pesquisa-ação colaborativa, com a intenção de compreender como o cinema é explorado nas práticas pedagógicas dos professores da Educação Infantil tentando mobilizar esses docentes para, em conjunto, refletir sobre esse artefato, que se materializa na cultura e atua na construção dos sujeitos.

A pesquisa em Educação, na contemporaneidade, considera a existência de distintas formas de olharmos e de concebermos o mundo, e de modo igual, diferentes maneiras de interpretá-lo. Sendo assim, enfatizo que os resultados obtidos nesta produção se caracterizam como parciais e provisórios, uma vez que a realidade pode assumir diferentes formas, de acordo com os critérios de estudo preestabelecidos.

Dessa maneira, o pesquisador é quem decide. Neste caso foram os primeiros momentos, os caminhos das discussões do trabalho e seus desdobramentos. A escolha é individual, de acordo com o referencial teórico que se identifica, e é a forma encontrada de exprimir a realidade pelo pensamento que decidi priorizar.

Metodologia de Pesquisa

A metodologia constitui o estudo da sistematização, ou seja, o delineamento dos passos a serem executados, para que seja possível a realização de uma pesquisa. A opção metodológica transcende a descrição das técnicas, processos e métodos a serem realizados na investigação, norteados pela necessidade teórica feita pelo pesquisador para estudar um determinado objeto. (MINAYO, 2007).

Baseando-se nessa compreensão, considero a pesquisa como uma forma possível de adquirir novos conhecimentos, tanto no campo de estudo da realidade social quanto das relações interpessoais. De acordo com Gil (2007, p. 17), a pesquisa é caracterizada como “um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados”.

⁷ O projeto foi enviado para análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), que avalia a segurança, proteção e garantia dos direitos dos participantes de pesquisa. Aprovado com o parecer número 2.910.239 no dia 24/09/2018, com CAAE 91368318.1.0000.5152.

A presente pesquisa tem como metodologia a abordagem qualitativa que, segundo Gil (2007), consiste em conhecer a natureza de diferentes acontecimentos e compreender os processos vivenciados por distintos grupos sociais, de forma mais profunda, através da análise das interações entre os sujeitos. Assume similarmente esse caráter por não estabelecer hipóteses a serem alcançadas no início da pesquisa e do mesmo modo por não se preocupar com dados estatísticos.

Essa abordagem fundamenta-se no estudo do ser humano e leva em consideração que ele constitui um ser ativo, habilitado para interpretar e compreender o mundo em que está inserido ininterruptamente. Como meu campo de investigação está interligado às pessoas, mais precisamente aos professores e suas práticas pedagógicas no que se refere à utilização do Cinema na Escola, a abordagem qualitativa nos auxiliou na elucidação dessa realidade, com o propósito de desvendá-la.

Nesse viés pela pesquisa qualitativa constatei, conforme Lima (2003), que é:

[...] um enfoque investigativo, cuja preocupação primordial é compreender o fenômeno, descrever o objeto de estudo, interpretar seus valores e relações, não dissociando o pensamento da realidade dos atores sociais e onde pesquisador e pesquisado são sujeitos recorrentes, e por consequência, ativos no desenvolvimento da investigação científica. (LIMA, 2003, p. 7).

Em vista disso, saliento que a pesquisa qualitativa tem como base entender, delinear e, muitas vezes, tornar claro alguma realidade que foi proposta a ser estudada. Portanto, o pesquisador deve sair da sua zona de conforto para que seja possível adentrar no interior do cenário que está analisando. O seu foco baliza-se na interpretação e na subjetividade dos indivíduos.

Para inteirar com mais clareza desse universo, se fez necessário vislumbrar os muros, tetos e chãos da escola, bem como as frestas, fugas e festas das interrelações, bagunçando o meu achismo e efervescendo meu fascínio, a fim de conhecer como o cinema é explorado nas práticas pedagógicas dos professores da Educação Infantil e se esse artefato consegue mobilizar os alunos e os docentes, em função das construções dos sujeitos e suas subjetividades, materializando-se social e culturalmente.

[...] para transformar a escola, é preciso compreender que educação e sociedade são fenômenos complexos e contraditórios e que a escola, além de instrumento de transmissão dos saberes acumulados e de formação de mão de obra qualificada, é também espaço de transformação. Isso significa reconhecer que os conflitos existentes na

escola fazem parte dos condicionantes sociais que impõem limites às práticas docentes, mas também saber visualizar as possibilidades de transformação dessa realidade. (IBIAPINA, 2008, p. 26-27).

Acredito que a escola é um ambiente de transformação histórico, social, cultural e os sujeitos que ali transitam estão em constantes construções. Por isso, no desenvolvimento da pesquisa e com o anseio de tentar mobilizar os docentes sobre como o cinema pode ser potencializador de sentidos, significados e aprendizagens utilizo a pesquisa-ação colaborativa.

A pesquisa-ação, segundo Fonseca (2002, p. 34), é “uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa”. A partir da situação problemática é que se propõem alternativas para minimizar tais conflitos.

Nesse sentido, esse autor menciona que o objeto da pesquisa-ação constitui “uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto”. (FONSECA, 2002, p. 35). Os resultados construídos não têm valor significativo em si, mas como elementos de um processo de mudança social.

Carr e Kemmis (1988), por sua vez, argumentam que para que uma pesquisa seja nomeada como pesquisa-ação é necessário que ela desperte interesse e melhora; considerando que o interesse deve relacionar-se às demandas e anseios do grupo, sendo importante a colaboração durante todas as fases do trabalho, e a melhora está voltada para o progresso e avanço de uma atividade.

Esses autores, da mesma maneira, concebem que para se elaborar uma pesquisa-ação é preciso que o projeto seja “planejado com o tema da prática social, considerada como uma forma de ação estratégica suscetível de melhoramento”; que recorra a uma “espiral de elos de planejamento, ação, observação e reflexão”, estando todas inter-relacionadas; e que envolva os responsáveis da prática em todos os momentos da atividade, ampliando “a participação no projeto para incluir os outros afetados pela prática e manter um controle colaborativo do processo” (CARR; KEMMIS, 1988, p. 177).

A pesquisa-ação se faz presente no estudo do ambiente escolar, podendo envolver o trabalho de um ou mais docentes juntamente com seus alunos. Assim, ela é tratada como atuação educacional, sendo ação intencional voltada à profissionalização do professor, consistindo em uma intervenção deliberada do pesquisador nas situações de ensino, da

mesma forma que há uma intervenção pedagógica do docente no ensino e aprendizagem dos alunos.

Conforme Pimenta (2005, p. 523) a pesquisa-ação tem por pressuposição que “os sujeitos que nela se envolvem compõem um grupo com objetivos e metas comuns, interessados em um problema que emerge num dado contexto no qual atuam desempenhando papéis diversos”.

A pesquisa-ação colaborativa é uma vertente da pesquisa-ação, caracterizada como uma alternativa de metodologia valorosa para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de diferentes grupos. No âmbito educacional e na formação profissional docente essa perspectiva edifica caminhos para melhorias na capacitação dos educadores, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem⁸.

A escolha pela investigação colaborativa implica na relação pesquisa e formação, na qual Ferreira e Ibiapina (2011) explicitam que:

A pesquisa colaborativa propõe abordagem em que os objetivos da pesquisa e da formação se encontram imbricados, exigindo a inter-relação entre os atores do processo, distinguindo-se de outras modalidades pelo caráter de participação, colaboração e reflexão crítica que lhe é inerente. [...] Nessa perspectiva, o foco da Pesquisa Colaborativa é a vida real do professorado, bem como do processo educativo e as relações estabelecidas pelos professores e pesquisadores como sujeitos da história que constroem no desenvolvimento da atividade docente, tornando-os mais conscientes do contexto no qual estão inseridos, alicerçados por visão e compreensão crítica das suas atuações. [...] pesquisar, na proposta colaborativa, implica refletir sobre o agir e sobre as teorias que lhe servem de esteio, como também criar formas de interpretá-los e transformá-los. (FERREIRA; IBIAPINA, 2011. p. 122).

Partindo desse pressuposto, fica evidenciado que durante a pesquisa colaborativa, a ação deve ser compreendida como uma forma de conduzir à análise crítica e teoricamente caracterizada, que pode ocasionar mudança no tema abordado, portanto os educadores em formação podem refletir coletivamente sobre como trabalhar, como delinear estratégias para detectar problemas e solucioná-los mais facilmente.

Conforme Pimenta (2005), a pesquisa colaborativa pode cooperar nos

⁸ Considero ser todo e qualquer processo de aprendizagem, incluindo aquele que aprende, aquele que ensina e a relação/interação entre eles (docente e discentes).

[...] processos de construção identitária grupal, colocando os sujeitos em condições de proceder a análises e alterações em suas ações docentes e na cultura institucional, fortalecendo-os pessoal e profissionalmente para a elaboração de projetos pedagógicos coletivos que visem melhoria qualitativa no processo formativo dos alunos. (PIMENTA, 2005, p. 528).

À vista disso, realço e justifico a metodologia elegida e aplicada na elaboração do presente trabalho, considerando que, conforme menciona Pimenta (2005, p. 528) “mobiliza os saberes da experiência, os saberes pedagógicos e os saberes científicos, como constitutivos da docência nos processos de construção da identidade de professores”.

Logo, a perspectiva colaborativa configura-se pelo entendimento de que a ação docente é construída no exercício diário dos professores. É a partir de processos formativos, que oportunizam aos professores investigarem, estudarem e debruçarem sobre sua própria prática pedagógica, que eles poderão refletir sobre o contexto em que atuam e seu fazer docente, possibilitando a construção de outros saberes.

Essa metodologia de pesquisa põe em evidência a capacidade de provocar de maneira reflexiva, colaborativa e compartilhada, transformações nas práticas educativas de docentes durante sua formação. Especificamente no desenvolvimento deste estudo, a pesquisa-ação colaborativa foi efetivada a partir do momento em que as docentes demonstraram interesse em dialogar sobre o Cinema na Escola e começaram a se envolver como cooperadoras no processo, o que por sua vez, contribuiu para promover a reflexão sobre sua prática pedagógica e sobre o (re)pensar de suas ações educativas, assunto que abordarei mais detalhadamente no próximo tópico.

Contudo, a pesquisa-colaborativa possibilitou a tentativa de modificar a situação problema da pesquisa que foi mobilizar a transformação docente voltada para a utilização do cinema com as crianças no ambiente escolar da Educação Infantil, planejando e sugerindo uma proposta de formação continuada para a educação do olhar e do sentir.

Construção dos Significados

Com relação aos recursos utilizados na construção dos significados, esclareço que eles sejam extremamente relevantes em função de fornecerem elementos que conferem à pesquisa mais confiabilidade, além de potencializarem aproximações e relações com o estudo, sendo esta, a sustentação do trabalho.

É importante destacar que o interesse em trabalhar com o cinema⁹, surgiu em decorrência do encantamento por essa forma de expressão, por fazer parte da minha história e de muitas outras pessoas, por perceber que esse artefato é usado nas escolas, além do fato de contemplar diferentes construções culturais.

Na investigação fui a campo e me deparei com o interesse de várias pessoas pelo assunto da pesquisa. Percebi que, assim como eu, o cinema compunha a vida delas e que elas se encantavam com essa arte. Houve um envolvimento muito grande por parte daqueles que compunham o quadro de pessoal da escola (as educadoras infantis, professores, supervisores pedagógicos e diretores) que queriam contar suas histórias com o cinema e compartilhar suas experiências.

Desta maneira, considerei a narrativa como algo imprescindível no desenvolvimento da pesquisa. Em campo e na construção dos significados, ancorei em Clandinin e Connelly (2011, p. 108) que mencionam que os pesquisadores “experimentam mudanças e transformações, constantemente negociando, reavaliando e mantendo flexibilidade e abertura para uma paisagem que está sempre em transformação”.

Nesse sentido, desenvolver o trabalho de campo, pesquisando o Cinema na Escola, foi transformador, pois vi e compreendi melhor meus colegas de profissão, suas práticas pedagógicas, suas relações interpessoais, suas necessidades e potencialidades. E nesse momento também me encontrei, senti, vivi, me reconheci como pessoa e profissional.

A pesquisa foi realizada em duas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) da cidade de Uberlândia e envolveu os alunos, professores, supervisores e demais profissionais das instituições de ensino, ponderando que o convívio entre pesquisadora e os grupos sociais estudados possibilitaram conhecer as práticas e usos do Cinema na Escola, mais especificamente em sala de aula.

Assim sendo, Lima (2003, p. 3) enfatiza que a investigação científica, na pesquisa educacional, é “um ato de construção, onde cada elemento envolvido não é apenas mais um dado, mais uma informação, no entanto, contribui de maneira singular para o desenvolvimento de uma ou mais respostas adequadas ao problema suscitado pelo pesquisador”.

⁹ No ambiente escolar o Cinema é veiculado às exibições de filmes nos aparelhos de televisão. Como já mencionado, optamos em escrever Cinema, filmes, *clipes* e vídeos como sinônimos, mesmo sabendo que eles apresentam diferenças na sua constituição.

Optei pela Educação Infantil, que corresponde à primeira etapa da educação básica, por ser o meu campo de atuação – pedagoga – e por acreditar que o trabalho com o cinema pode ser difundido em todas as idades. Outro fator relevante é que, na Educação Infantil¹⁰ há uma ocasião específica na semana em que os professores utilizam a televisão em sala de aula. Já no Ensino Fundamental e Médio os filmes são exibidos esporadicamente, não existindo um momento reservado para isso.

Esse momento, de trabalhar com filmes na Educação Infantil, acontece uma vez na semana (com dia da semana e horários específicos, conforme explicitado no quadro 1), compondo qualquer um dos eixos trabalhados na Educação Infantil. No caso do Quadro 1 usaram como modelo o eixo Linguagem, no qual o professor regente de turma poderia utilizar a televisão em sala de aula, fazendo parte da rotina escolar.

Quadro 1: Exemplo de tabela de horários do docente da Educação Infantil, que trabalha com crianças de 4 anos, com a distribuição por eixos de trabalho.

HORÁRIO	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
13:00 13:50	<i>* Identidade</i>	<i>Identidade</i>	<i>Identidade</i>	Módulo OMC	<i>Identidade</i>
13:50 14:40	<i>* Matemática</i>	<i>Linguagem</i>	<i>Matemática</i>		Supervisão
14:40 15:30	<i>Matemática</i>	<i>Linguagem</i>	<i>Matemática</i>		Supervisão
15:30 15:45	Lanche	Lanche	Lanche		Lanche
15:45 16:35	<i>* Linguagem TV</i>	<i>* Natureza Parque</i>	Supervisão		Natureza
16:35 17:25	<i>Linguagem TV</i>	Natureza	Módulo Sair 16:18		Natureza

Fonte: Documento disponibilizado pela escola H, 2018. **Legenda:** * Identidade = Identidade e Autonomia; * Matemática = Matemática; * Linguagem = Linguagem Oral e Escrita; * Natureza = Natureza e Sociedade.

A carga horária de cada componente curricular para as Escolas da Rede Municipal de Ensino era, na época da construção dos dados, baseada no Plano Curricular da Educação Infantil de Uberlândia (2018), que legaliza os eixos de trabalho que devem ser disponibilizados aos estudantes e quantidade de aulas que cada eixo deve conter. Esse Plano Curricular, por sua vez, foi amparado pelos Referenciais Curriculares Nacionais

¹⁰ Nas Escolas Municipais de Educação Infantil de Uberlândia.

para a Educação Infantil (1998) que contemplam os âmbitos de experiência: Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo.

É importante ressaltar que a Educação Infantil é arquitetada como:

[...] um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças e afetam a construção de suas identidades. (BRASIL, 2009, p. 1).

Entendo que as diretrizes curriculares norteiam as ações educativas, porém não podemos limitar a amplitude das práticas pedagógicas a esse documento. Ele, por si só, não consegue mensurar os espaços, as relações, as experiências e os saberes na Educação Infantil. Assim também é o cinema, ilimitado, um artefato cultural, tecnológico e artístico, com um campo imenso de possibilidades de aprendizagens que contribui para o desenvolvimento da autonomia intelectual.

Iniciei a pesquisa de campo percorrendo as cinco escolas de Educação Infantil do município mais próximas da escola onde desenvolvo minha docência que são localizadas nos bairros Jardim Ipanema, Dom Almir, Celebridade, Morumbi e Alvorada. Entretanto, somente duas manifestaram interesse em colaborar com a pesquisa. Uma delas foi a escola em que eu trabalhava e a outra em que a diretora era minha conhecida.

Friso que para adentrar em outros lugares se faz necessário e é de fundamental importância a aceitação e parceria com as pessoas que ali transitam, pois, elas são fundamentais no desenvolvimento da investigação, bem como a disposição da infraestrutura do local para realização da construção dos significados (no caso específico, a escola). As escolas que colaboraram com a pesquisa foram a Escola Municipal de Educação Infantil Anísio Spínola Teixeira (EMEI A) e Escola Municipal de Educação Infantil Hipólita Teresa Eranci (EMEI H).

Ambas as escolas que me acolheram são públicas e têm como instituição mantenedora a Prefeitura Municipal de Uberlândia e estão localizadas na zona leste da cidade, uma no bairro Celebridade (EMEI H) e outra no Morumbi (EMEI A). A primeira atende 312 crianças de 2 a 5 anos, possui 10 salas de aula, sendo uma em tempo integral

e 9 parciais, e tem 33 docentes denominados Regentes I¹¹ e Regentes II¹². A segunda atende 517 crianças de 4 meses a 5 anos, possui 11 salas de aula, sendo 3 em tempo integral e 8 parciais, e tem 35 professores entre Regentes I e Regentes II.

A EMEI H caracteriza-se por ser um espaço cedido pela igreja e sua estrutura física foi adaptada para ser uma escola. Já a EMEI A foi edificada para ser uma instituição de ensino. Embora com estruturas físicas distintas, elas dispõem além das salas de aulas, de outros espaços físicos como: refeitório, parquinho, campo gramado, quadra e apresentam recursos semelhantes como: jogos e brinquedos variados, carrinho com televisão e aparelho de DVD, livros de literatura infantil, fantoches, bonecas e cama elástica.

Escolhi, dentro da Educação Infantil, focar a construção de informações na pré-escola, que corresponde ao atendimento de crianças pequenas (4 a 5 anos e 11 meses). O motivo que levei em consideração para essa escolha foi a obrigatoriedade de matrícula nessa faixa etária nas escolas e o fato de a criança ser atendida em período parcial dispondo de um professor como regente de turma.

Os dados do trabalho foram construídos inicialmente em dois momentos (observações e entrevistas). Ao chegar nas escolas, procurei as diretoras¹³ das unidades de ensino para apresentar a proposta de pesquisa mostrando como construiria as informações e como transcorreria a investigação. Depois, solicitei a autorização para a Prefeitura de Uberlândia, mais especificamente a Secretaria de Educação, para execução do trabalho. Após autorizado, retornei às escolas e convidei as supervisoras e professoras para participarem da tese de doutoramento.

* *Observações*

Em um primeiro momento foram feitas observações, realizadas no contexto das salas de aula, nos horários reservados para exibição de filmes às crianças. Em ambas as escolas, as supervisoras pedagógicas indagaram as professoras, um dia antes de iniciar as

¹¹ Professores responsáveis pela turma que ministra os eixos: Linguagem Oral e Escrita, Identidade e Autonomia, Natureza e Sociedade, Matemática.

¹² Professores da escola que substituem o Regente I quando eles estão de módulo. Essas professoras, denominadas Regentes II ministram os eixos: Artes Visuais, Movimento, Música, Culturais Regionais e Locais.

¹³ A partir da inserção nas escolas pesquisadas, notei que todos os docentes Regentes I, supervisores escolares e diretores eram do sexo feminino.

observações, se não se incomodavam de uma pesquisadora observar sua rotina de trabalho, sendo uma vez por semana por quatro vezes (dias da TV no quadro de horários).

As docentes manifestaram à supervisora sua vontade de participar ou não da pesquisa. Nesse mesmo dia entreguei, para as que aceitaram, o termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa, elas realizaram a leitura e assinaram, visto que as envolvidas eram maiores de idade.

Nas instituições pesquisadas, havia 27 professoras que utilizavam o artefato cinematográfico¹⁴ semanalmente e 11 delas se dispuseram a abrir o espaço da sala de aula para a realização da pesquisa. Em campo, eu realizava minhas anotações em forma de tópicos, tentando evitar escritas excessivas que poderiam deixá-las constrangidas. Posteriormente à observação, eu registrava minhas percepções com maiores detalhes, produzindo narrativas¹⁵.

Para compreender melhor o ambiente escolar e propor ações/reflexões, inicialmente recorri à técnica de observação com registros minuciosos objetivando conhecer como o cinema é explorado em sala de aula. Nestes registrei minhas percepções sobre os locais, sobre as pessoas e suas relações, as ações e conversas nesses ambientes, bem como expressei meus pontos de vista, minhas ideias, preocupações, emoções, no que se refere ao observado.

Com relação às narrativas, Clandinin e Connelly (2011) mencionam como as relações, oportunizadas pela pesquisa, transbordam vivências, sentimentos, conexões.

[...] são uma mistura de “você e eu”, do participante e do pesquisador _ são notas sobre o que você fez, sobre o que eu fiz com você, sobre o que estava ao nosso redor, sobre o lugar onde estávamos, sobre os sentimentos, sobre eventos correntes e sobre lembranças de fatos passados. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 122).

Dando continuidade à pesquisa, optei por adotar em sala de aula, a postura de observador não participante, pois não revelei às professoras observadas minha pretensão, para não influenciar seus comportamentos e suas práticas, e não me envolvi com o grupo investigado quando estava em sala de aula. O acompanhamento das aulas com as observações teve a duração de aproximadamente dois meses (01/10 à 26/11/2018 – alguns

¹⁴ Estamos considerando como artefatos cinematográficos os filmes, vídeos e *clipes* que são exibidos nas sessões de cinema em sala de aula.

¹⁵ Os registros realizados são indicativos das lembranças que compartilhei. Neles estão minhas digitais, como eu vi, senti e experimentei os lugares que trafeguei, assim como as relações vivenciadas.

no período da manhã e outros no da tarde), no qual consegui registrar um total de 44 observações, sendo uma para cada dia em que acompanhei a aula das 11 professoras.

No entanto, é imprescindível o entendimento de que ao “observador não basta simplesmente olhar. Deve-se, certamente, saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos”. (VIANNA, 2003, p. 12). Assim sendo, as observações e registros foram descritos minuciosamente, observando os pormenores e todo o contexto escolar nos dias destinados ao uso da televisão em sala de aula. O procedimento de observar exigiu disponibilidade e tempo, porém possibilitou a obtenção de informações importantes, além de permitir minha aproximação com as docentes e supervisoras escolares.

Com a inserção no ambiente escolar, mais precisamente dentro da sala de aula, e com o olhar observador, presenciei e observei como as sessões de Cinema eram realizadas na escola. A televisão era disponibilizada apenas para as professoras Regentes I, que eram as responsáveis pela turma, pois ficavam dezesseis (16) horas/aula com os alunos. Aos demais professores, chamados Regentes II, que substituíam essa professora Regente I nos módulos. Não lhes era concedido o direito ao uso do aparelho, com a justificativa de que elas permaneciam menos tempo com as turmas, assim usavam geralmente um *notebook* para expor algum vídeo.

Para cada turma eram disponibilizados dois horários consecutivos de vídeo por semana, com dia e horários estipulados, que contemplavam qualquer eixo de trabalho (conteúdo), sendo que, em alguns deles o horário de televisão coincidia com as aulas de Matemática, outros com a de Linguagem Oral e Escrita, outros com o de Natureza e Sociedade ou com as aulas de Identidade e Autonomia, que são os conteúdos ministrados pelas Regentes I. Assim, os horários para ministrar os eixos e utilizar a televisão são fixos.

Em ambos os locais investigados, a televisão era caracterizada por ser modelo LED, acoplada com aparelho DVD (que permaneciam fora da sala de aula, dentro de um armário de madeira, adaptado com rodinhas para facilitar a locomoção pela escola). As professoras só poderiam usá-la se fosse seu horário, não sendo possíveis trocas, visto que em outros momentos já haviam outras turmas demandando o seu uso/manuseio.

Todas as professoras no horário destinado à utilização da televisão transportavam o armário e o direcionavam para a sala de aula (uns no início da aula e outros após o horário do lanche). Depois do aparelho posicionado, geralmente em um canto da sala, as crianças se distribuíam buscando o melhor campo de visão e companhia. Umas sentavam

no chão e outras nas cadeiras aleatoriamente. Algumas professoras dispunham tapetes no chão para as crianças ficarem mais confortáveis.

Com a televisão disposta, a docente inseria o DVD, selecionado na maioria das vezes por ela, e os alunos assistiam, lembrando que poderiam utilizar a TV por até dois horários seguidos, sendo um total de 100 minutos ininterruptos. Dessa maneira, foi possível verificar que as docentes exibiam filmes em longa, média e curta duração, utilizando ao máximo esses horários.

Todos os vídeos, trabalhados nas salas de aulas observadas, eram de animação infantil. Nesse repertório foram expostos, além de filmes, *clipees*, poesias ou livros para crianças, o que pode ser evidenciado no quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Listagem de filmes exibidos pelas docentes.

Filmes exibidos pelas docentes que foram registrados nas observações:¹⁶
01 - Os Smurfs
02 - Procurando Nemo
03 - O poderoso chefinho (3 vezes)
04 - Sítio do Pica-pau amarelo (3 vezes)
05 – Shrek
06 - Barbie em quebra nozes.
07 - Show da Luna (4 vezes)
08 - A turma da Mônica (3 vezes)
09 - Meu malvado favorito
10 - Ursinho Pooh e os números
11 – Megamente
12 - Os três porquinhos
13 - Dora aventureira (4 vezes)
14 - Xuxa só para baixinhos
15 - Vida de inseto
16 - João e o Pé de Feijão

¹⁶ Acompanhei 11 professoras em suas práticas docentes com o filme em sala de aula e realizei 44 registros ao total. Aqui apresento os filmes exibidos nessas aulas. Nota-se que a quantidade de nomes/títulos de filmes não coincide com a quantidade dos dias observados, tal fato se dá pelo motivo da obra ser utilizada mais de uma vez por diferentes professoras e também por elas exibirem mais de um vídeo na mesma aula, por ser de curta duração ou por perceberem que os alunos não estavam concentrados.

17 - A Bela e a Fera
18 - Marsha e o urso (3 vezes)
19 - Branca de Neve
20 - Galinha Pintadinha (3 vezes)
21 - Chapeuzinho Vermelho
22 - Irmão Urso 2
23 – Abelhinhas
24 - Moana – Um mar de aventuras.
25 - Os incríveis
26 - Frozen (2 vezes)
27 - Como treinar o seu dragão
28 - Detona Ralph
29 – Enrolados
30 - Tom e Jerry: o filme
31 - <i>Coloridos</i> ¹⁷
32 - <i>Toquinho: Aquarela</i> ¹⁸
33 - <i>Xuxa: Misturando as cores</i> ¹⁹
34 - <i>Vinicius de Moraes: As Borboletas</i> ²⁰
35 - <i>Moranginho Primavera</i> ²¹
36 - <i>Doki descobri: Misturando as cores</i> ²²
37 - <i>Elmer, O Elefante Xadrez</i> ²³
38 - <i>Ziraldo: Flicts</i> ²⁴
39 - <i>Galinha Pintadinha Mini</i> ²⁵
40 - <i>Tempo e clima com a turminha CPTEC</i> ²⁶
41 - <i>Sid Alimentação Saudável</i> ²⁷

¹⁷ Disponível em: <https://youtu.be/x8VNNyobJR0>. Acesso em: 10 dez. 2018.

¹⁸ Disponível em: <https://youtu.be/xT8HiiFQ8Y0>. Acesso em: 10 dez. 2018.

¹⁹ Disponível em: <https://youtu.be/uoA3OB35EjY>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²⁰ Disponível em: <https://youtu.be/mQHul1e8Mdes>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HIqBj446V-8>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²² Disponível em: <https://youtu.be/WG7uFVzXn44>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²³ Disponível em: <https://youtu.be/UbQpBe5kOOA>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²⁴ Disponível em: <https://youtu.be/L-J6nQUmnuo>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²⁵ Disponível em: <https://youtu.be/WSZmpJO5Leo>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²⁶ Disponível em: <https://youtu.be/anmoep3uLCg>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q-K0KyBBkpl>. Acesso em: 2018.

42 - <i>Bob o Trem - Aventura com as formas</i> ²⁸
43 - <i>Bom dia todas as cores</i> ²⁹
44 - <i>Franklin joga futebol</i> ³⁰
45 - <i>Tom & Jerry</i> ³¹

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Partindo do exposto, enfatizo que a observação buscou ir além da aparência, para identificar e compreender o objeto de estudo em sua essência. Vianna (2003) comenta que a observação é importante para as pesquisas qualitativas em Educação, que o pesquisador consegue conhecer melhor o local.

Esse mesmo autor menciona também que as observações são métodos de interação capazes de conduzir o pesquisador para os detalhamentos precisos para as entrevistas. Portanto, a partir das observações, há a possibilidade de estruturar os elementos que compõem a construção de significados desse trabalho. Partindo dessa ideia, prossegui rumo ao segundo momento: as entrevistas com as docentes em cujas sala de aula realizei as observações e com as supervisoras que as acompanhavam em suas práticas.

* *Entrevistas*

Em um segundo momento foram realizadas entrevistas com as professoras, com a finalidade de conhecer como se relacionam com o Cinema, seus discursos sobre esse artefato e como trabalham com ele em suas práticas pedagógicas. Nas conversas tentei interagir com as entrevistadas de modo que elas falassem com mais detalhes sobre seu exercício docente.

Desse modo, convidei então as onze professoras que observei suas aulas para as entrevistas, que por sua vez, foram realizadas em uma semana (19/11 a 23/11/2018), com a duração de 20 a 30 minutos. A entrevista foi individual, no próprio ambiente de atuação docente e no seu respectivo horário de trabalho (nos módulos na escola), com gravação em áudio para depois ser transcrita. De modo igual, entrevistei as três supervisoras das

²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IdIGddBixtg>. Acesso em: 10 dez. 2018.

²⁹ Disponível em: <https://youtu.be/ZhGHEZUzQX0>. Acesso em: 10 dez. 2018.

³⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g66un_jWVe. Acesso em: 10 dez. 2018.

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FnMrcRi2pm>. Acesso em: 10 dez. 2018.

escolas com a intenção de entender melhor a dinâmica de orientação sobre o uso da televisão no ambiente educacional.

Ao notar a movimentação da pesquisa na escola, outras três profissionais que trabalhavam na EMEI A manifestaram, para mim, o interesse em participar do trabalho. Uma delas atuava como educadora infantil³², outra como professora e outra como diretora³³. Assim, decidi entrevistá-las para conhecer melhor suas práticas e como se posicionavam no que se refere ao trabalho com o Cinema no ambiente escolar.

Segundo Vergara (2009, p. 3), a técnica da entrevista é “uma interação verbal, uma conversa, um diálogo, uma troca de significados, um recurso para se produzir conhecimento sobre algo”. Nesse sentido, na entrevista se adquire um maior número de informações e dados sobre o tema que se está pesquisando e, por consequência, consegue-se a obtenção de maiores detalhes sobre o assunto.

Com base nessa concepção, optei por empregar a entrevista do tipo semiestruturada, que possuiu um roteiro prévio, em que o informante pode expressar-se livremente sobre o tema. O pesquisador segue o roteiro da entrevista elaborada previamente e, conforme o envolvimento e a necessidade, tem a possibilidade de realizar intervenções de modo a tornar o diálogo algo mais informal, oportunizando outras conversas além das estruturadas.

Dessa forma, a entrevista propiciou que as entrevistadas se expressassem livremente sobre o Cinema e revelassem detalhes de suas experiências. Considero com base em Szymanski (2002), a entrevista como um encontro interpessoal no qual a subjetividade dos protagonistas é ponderada e reflexiva, sendo um diálogo horizontal permeado pelo respeito.

O pesquisador na entrevista tem como referência seus conhecimentos acadêmicos, pessoais, suas teorias e objetivos da pesquisa, cabendo a ele desenhar como a técnica se dará. Também cabe ao investigador “desconfiar” de seus entrevistados, como sugere Magnani (1986), pois pode ocorrer de o entrevistado estar encenando um personagem, levando a entrevista para um caminho que o pesquisador deseja, acredita ou gostaria de ouvir.

³² São os profissionais que auxiliam os professores em sala de aula, atendendo os bebês e as crianças bem pequenas (idade de 4 meses à 3 anos).

³³ Os diretores das Escolas Municipais de Ensino de Uberlândia eram cargos comissionados, que foram escolhidos e nomeados pelo prefeito. Nesse caso, a diretora tinha o cargo público de professora em outra instituição e foi cedida para atuar como diretora da EMEI A com o mandato de 2017-2024.

Esse autor ainda enuncia que o entrevistador é o responsável por conduzir o assunto, de acordo com o conteúdo ou tema, solicitando, sempre que necessários, maiores esclarecimentos através de outras questões. O pesquisador precisa ser dinâmico e flexível para atingir os objetivos da entrevista.

As entrevistas foram transcritas e posteriormente apresentadas às participantes, para que pudessem verificar o que foi registrado, a fim de se evitar distorções no processo, visto que elas vivenciaram diretamente as situações investigadas. Esses registros foram imprescindíveis para a construção da análise da pesquisa.

** Encontros Reflexivos*

As observações das salas de aula e as entrevistas realizadas, expressam fragmentos de histórias vividas e relatadas. A partir de minha inserção nas escolas percebi que provoqueei as professoras a pensarem sobre o uso do Cinema no ambiente escolar.

A pesquisa de campo me permitiu conhecer como o artefato dos filmes era utilizado no contexto das salas de aula; saber que as profissionais desconheciam sobre palestras, cursos e formações que contemplavam a temática e; perceber que as professoras, na maioria das vezes, exerciam a sua prática docente com dedicação.

Considerando as percepções mencionadas, sentida a vontade de encher as gavetas de minha vida, de pessoas e, aliando à minha aspiração em proporcionar momentos reflexivos sobre Cinema e educação, senti que eu, colega de profissão e pesquisadora, poderia contribuir propondo diálogos no que se refere às potencialidades do Cinema no ambiente escolar.

Em campo, consegui estabelecer, viver e trabalhar com as participantes. Como mencionam Clandinin e Connelly (2011, p. 20), “o pesquisador é sempre dual, é sempre o pesquisador vivenciando a experiência e também sendo parte da própria experiência”. Nesse sentido, como pesquisadora, vivi ativamente a/na pesquisa, me conscientizando das necessidades docentes.

Dessa maneira, destaco que meu interesse não foi avaliar a prática das professoras, com indicadores de bom, ruim, adequado, impróprio etc., ou oferecer sugestões, mas entender como elas mobilizavam seus saberes e planejavam suas aulas, no que se refere ao Cinema na Escola e quais conexões eram estabelecidas no momento da exibição de filmes.

Com a pesquisa em processo, mais especificamente quando apresentei os registros das observações e entrevistas, relatei às professoras e supervisoras envolvidas a intenção de conversarmos sobre o Cinema, sendo que elas acolheram a ideia e se engajaram na proposta de discutirmos sobre a temática.

É importante mencionar que na pesquisa colaborativa considera-se que os pesquisadores fazem parte do grupo que compõe a investigação, conseguindo perceber algumas falhas e sendo capazes de contribuir com a aquisição de novos conhecimentos, unindo pesquisa e escola.

Nesse sentido, a disposição de querer melhorar é o que considero importante; a humildade de reconhecer que ainda não se sabe algo e tentar/querer aprender. Aceitação, abertura e vontade são essenciais em trabalhos de campo desenvolvidos em ambientes escolares, pois a escola é vida e vida é o que acontece. Então tocamos e somos tocados, uma experiência de proposição de um novo jeito de fazer pesquisa.

Pensando assim, nas necessidades e capacidades docentes em suas construções de conhecimentos, propus os encontros de estudos que, segundo Ibiapina (2008):

[...] precisam partir de problemas advindos da prática ou de lacunas formativas que representem demandas do professor por formação, por desenvolvimento de práticas profissionais. Assim, as sessões de estudo são espaços de negociação e de co-construção de conhecimentos por parte de professores e pesquisadores, que se aproximam das necessidades dos professores e atendem os interesses investigativos dos pesquisadores. (IBIAPINA, 2008, p. 98).

A pesquisa-ação colaborativa consolidou-se no momento em que a pesquisa deixou de ser minha e tornou-se nossa. Esse fato aconteceu em virtude de mais de um dos sujeitos da pesquisa (professoras e salas de aula observadas e/ou profissionais entrevistadas), mais precisamente 11 das 17 envolvidas, manifestarem interesse em refletir sobre sua prática docente em relação ao uso do Cinema. Essa etapa constituiu um trabalho conjunto entre escola (professoras) e universidade (pesquisadora) na construção de saberes.

Por intermédio de contato pelo telefone e levando em consideração a localização, o dia da semana e o horário de preferência de cada uma das colaboradoras, definimos local, dia e horário que contemplariam a participação da maioria do grupo que demonstrou interesse em participar dos Encontros Reflexivos. Assim sendo, decidi que o primeiro encontro necessitaria ser realizado o mais breve possível, mesmo estando no

final do ano, para que não se perdesse o vínculo construído depois das observações e das entrevistas.

Após a definição da data do encontro para dialogar sobre os filmes na escola, solicitei a autorização da direção da instituição para o uso da infraestrutura e enviei o convite pelo *WhatsApp* para cada interessada na pesquisa com a seguinte chamada “Vamos conversar sobre o Cinema na Escola?” Planejei a dinâmica desse primeiro momento para que todas se sentissem bem e motivadas a socializar suas memórias, anseios, curiosidades e interesses sobre o assunto.

As docentes participantes sugeriram a utilização de mensagens instantâneas, enviadas via *WhatsApp*, como forma de comunicação, quando mencionei meu interesse de dialogarmos sobre o Cinema na Escola. Depois o *WhatsApp* também foi utilizado para que todas recebessem informações sobre a pesquisa e seus desdobramentos.

Lembro que todos os planejamentos foram pensados visando atender as necessidades/expectativas das educadoras e para contribuir no processo de reflexão. Nesse sentido, os encontros permitiram que elas se distanciassem da realidade, analisassem suas possíveis dificuldades e facilidades e, a partir daí, pudessem problematizá-las e (re)pensar sua prática pedagógica, podendo agregar no desenvolvimento profissional das professoras.

É válido ressaltar que o ser humano passa a maior parte da sua vida se relacionando com os mais diferentes grupos e desde o seu nascimento cria vínculos diversificados. Assim sendo, percebe-se que esses grupos se renovam e novos laços são constituídos a partir dessas relações, quer sejam elas familiares, profissionais e/ou sociais. Em meio a esses grupos e ponderando essa formação de novos laços, o grupo de estudos, de acordo com Martins (2015, p. 1), pode ser caracterizado como “um pequeno grupo de pessoas que se encontram regularmente para discutir e aprofundar assuntos de interesse comum, geralmente de forma autônoma e cooperativa”.

É nesse sentido que somei esforços para constituir um grupo de estudo apto a colaborar na agregação de novos conhecimentos, possibilitando o crescimento pessoal e profissional dos membros. Do mesmo modo, e ainda pautados na concepção de Martins (2015), enfatizo que os encontros realizados puderam contribuir para que as envolvidas na pesquisa ampliassem habilidades e competências, capazes de provocar reflexões e a indagações de diversos paradigmas.

Explanando mais claramente a respeito do grupo de estudo, Jesus (2014) menciona que:

O grupo de estudo tem como proposta estimular o processo de aprendizagem, a partir das trocas de experiências, deixando evidente que o trabalho em grupo e a troca de informações são de fundamental importância no desenvolvimento da capacidade de relações sociais, e trazendo crescimento pessoal e profissional, o que acarreta favoravelmente na autonomia do aprendiz mediante as situações de seu cotidiano, podendo estar mais capacitado para sua inserção e aceitação na sociedade em que vive e tendo melhor desempenho nas atividades que realiza. (JESUS, 2014, p. 1).

Dessa maneira, os encontros de estudo constituem os espaços necessários para o desenvolvimento individual, pois é através da vivência e experiência pessoal e dos colegas (coletiva), que adquirimos capacidade para refletirmos sobre nossas ações, sempre buscando melhorias/aperfeiçoamentos. Em consequência, os grupos favorecem a ampliação de saberes e olhares, bem como contribuem para que apareçam e se manifestem novas ideias e novos conhecimentos.

Nesse viés e acreditando que os grupos de estudos são espaços de diálogos enriquecedores é que aspirei e oportuneizei os Encontros Reflexivos. Considero que esses momentos de trocas, como afirma Ibiapina (2008, p. 96), motivam “os professores a focalizar a atenção na prática docente e nas intenções de ensino e incentivam a criação de espaços de reflexão crítica que auxiliem no desenvolvimento da consciência do trabalho docente”.

Ainda em relação a esses espaços de conversas sobre a docência Ibiapina (2008) complementa que:

[...] são sistematizadas com a finalidade de auxiliar os professores a reconstruir conceitos e práticas, desenvolvendo um processo reflexivo que inicia pelas construções já existentes e pela identificação dos componentes básicos dos eixos teóricos da ação e as tendências que estão próximas do fazer didático. Essa reflexão promove a reelaboração de conceitos e práticas pedagógicas e a avaliação das possibilidades de mudanças da atividade docente. (IBIAPINA, 2008, p. 96).

Em vista disso, proporcionei o primeiro encontro que aconteceu no dia 27/11/2018 na EMEI A das 18 horas e 15 minutos às 21 horas e 15 minutos, e até então o único do ano de 2018, considerando que já estávamos no final de novembro. Além dos momentos de acolhimento, interação, socialização e reflexões sobre o Cinema nas nossas vidas e em nossas práticas escolares, também discutimos sobre algumas temáticas que considerávamos interessantes relacionadas ao Cinema. Naquele momento, e em casa,

ainda com o meu papel de conduzir a pesquisa, organizei as temáticas e expectativas que elas mencionaram bem como as possíveis datas para o início desse trabalho.

No dia posterior, enviei uma mensagem agradecendo a participação de todas, solicitando o *feedback* do momento e indagando se teriam interesse em estudar sobre o Cinema na Escola, sendo que todas responderam que gostaram bastante e que julgavam o assunto muito significativo. Uma das participantes preferiu não mais continuar alegando não ter tempo para se dedicar às leituras. Assim, das 11 profissionais da educação presentes no primeiro encontro, 10 manifestaram interesse em constituir e participar do grupo de estudo. Outro fato ocorrido e que foi sugerido, pela maioria delas, foi o de marcar outro encontro antes de finalizar o ano letivo para definirmos, com mais exatidão, o cronograma de estudos.

O segundo encontro, realizado no dia 18/12/2018 das 18 horas e 15 minutos às 21 horas, foi mais objetivo, visto que já conhecíamos um pouco das colegas do grupo, devido à dinâmica do primeiro encontro. Por conseguinte, traçamos coletivamente o roteiro de estudos e definimos as datas, em conformidade com o calendário letivo de 2019, da Secretaria de Educação do Município de Uberlândia, procurando atender aos anseios para a aquisição de novos conhecimentos, voltados para o fazer e a prática pedagógica. Nesse processo de ajustarmos os temas de investigação nos pautamos nos filmes como conectores de diálogos.

Combinamos que os Encontros Reflexivos³⁴ aconteceriam semanalmente, todas as terças-feiras à noite no mesmo local, das 18 horas e 15 minutos às 21 horas e 30 minutos aproximadamente. O grupo de estudos recebeu o nome de *CinEducação* e os diálogos se iniciaram no período das férias escolares, com sugestões de vídeos/filmes e leituras sobre Cinema-Educação. Destaco que nas férias os contatos foram realizados por meio de um grupo do *WhatsApp*, criado por mim no dia 02/01/2019, com a finalidade de manter viva a interação e as trocas entre os pares.

Foram realizados dois Encontros Reflexivos no ano de 2018 e 28 no ano de 2019 como apresento, a seguir, no quadro 3:

³⁴ Maiores detalhes sobre os Encontros Reflexivos do grupo de estudos *CinEducação* são apresentados na seção 4, contemplando os dias, horários, locais, trabalhos realizados e outros acontecimentos.

Quadro 3: Informações sobre os Encontros do Grupo Reflexivo.

Datas	Temáticas
27/11 e 18/12/18	Diálogos sobre o Cinema na Escola; Convite de novos momentos de estudo; Organização e estruturação dos assuntos de interesse coletivo.
12/02, 19/02, 26/02, 12/03, 19/03, 02/04, 09/04 e 16/04/19	Estudos e preparação referente à temática Cinema na Educação.
30/04, 07/05, 14/05 e 21/05/19	Estudos e preparação referente à temática Linguagem Cinematográfica.
04/06, 11/06, 18/06, 02/07, 06/08, 13/08, 20/08, 03/09, 10/09 e 19/09/19	Estudos e preparação referente a temática Cinema nas Práticas Pedagógicas.
01/10, 08/10, 15/10 e 22/10/19	Estudos e preparação referente à temática Cinema: novos olhares e Eu faço arte: produzindo um curta.
12/11 e 19/11/19	Diálogos sobre as experiências com o Cinema; Elaboração do relatório para o SIEX/UFU.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Nesses encontros consolidamos um trabalho coletivo, sem hierarquias e discriminações. Dirigimos nossas considerações e ações no processo de (re)construção das práticas pedagógicas com o uso de filmes, vídeos, vivências e pensamentos que envolvem as imagens e sons. Buscamos dessa maneira, estimular um olhar para nós mesmas, para o outro e para o mundo, um olhar humano.

Todos os encontros foram gravados em áudio, permitindo a apreensão das discussões realizadas. Posteriormente foram reconstruídos em narrativas (registrando, por meio de palavras, ações e conversas), nas quais registrei os discursos das participantes, bem como meus apontamentos sobre o ambiente, as emoções, as atitudes, as reflexões e as conexões que eram estabelecidas.

Além dos encontros presenciais do grupo de estudos *CinEducação* também mantivemos contatos constantes pelo grupo do *WhatsApp*, ressaltando que neste último sugeríamos leituras de textos, artigos e/ou livros, compartilhávamos ideias, sentimentos e/ou reflexões, indicávamos diversos filmes, *clipes* e/ou músicas, enfim dialogávamos sobre inúmeros assuntos. No início os comentários eram somente relacionados ao Cinema e Educação. Sucessivamente criamos intimidade e outros assuntos começaram a ser compartilhados, um ambiente livre, cheio de interações, trocas e afetos.

Nas férias o roteiro de estudos do grupo foi estruturado (de acordo com os temas sugeridos nas reuniões presenciais e que pelo *Whatsapp* foram feitos alguns ajustes), que

por sua vez, contemplaram as seguintes temáticas: Cinema na Educação; Linguagem Cinematográfica; Cinema nas Práticas Pedagógicas; Cinema e Novos Olhares; Eu Faço Arte, produzindo um curta. A partir dessas temáticas, começamos a pesquisar e selecionar materiais para serem compartilhados.

Com o estudo sistemático durante as férias, idealizamos oferecer um curso de formação continuada³⁵ – na EMEI A no período da noite, uma vez ao mês com nove módulos presenciais para os profissionais da Educação Infantil e Fundamental I – embasada no mesmo seguimento dos temas acima mencionados, sendo o conteúdo do curso pautado no resultado dos nossos aprofundamentos de estudos. Assim, pesquisamos, refletimos, dialogamos e nos apropriamos de cada temática: planejando e organizando o módulo de formação, executando a multiplicação desses conhecimentos com os professores e professoras da Educação Infantil da Rede Municipal que se interessassem pelas temáticas. Assim, estaríamos avaliando nosso desenvolvimento e verificando se estava atendendo aos interesses e expectativas dos cursistas.

De tal modo, os Encontros Reflexivos foram realizados pelo grupo de estudos *CinEducação* que depois tornou-se o grupo gestor, formador, planejador do curso de formação continuada *Luz, Câmera... Educação*. O grupo de estudos *CinEducação* se encontrava presencialmente antes do curso para desenvolver (estudar e preparar) a programação.

Em outras palavras, o curso de formação continuada constituiu o auge (resultado) dos estudos oportunizados pelos Encontros Reflexivos, que foram estruturados por tópicos (módulos) no qual nos tornamos multiplicadoras do que aprendíamos, contribuindo, assim, com outros olhares sobre o Cinema na Escola, (re)conhecendo suas possibilidades no processo de ensino-aprendizagem e como potencializador de relações no ambiente escolar.

Friso que todas as integrantes do grupo de estudos *CinEducação* (pesquisadora e colaboradoras), nos Encontros Reflexivos, foram se envolvendo com o prazer de estudar, e, em consequência, laços afetivos se estabeleceram. Nesses momentos, compartilhamos o cotidiano, experiências de vida, compreensão do mundo, a todo instante nos posicionamos como autoras da própria história e, consequentemente, da prática docente.

Desse modo, trabalhar em grupo significou e transformou-se em um grande desafio, pois compreendi que cada pessoa é única, em função de suas vivências,

³⁵ Maiores detalhes dessa ação do grupo de estudos *CinEducação*, como o curso de formação continuada surgiu e seus desdobramentos, estão na seção 4 deste trabalho.

experiências e histórias singulares. Conviver com essa diversidade não implica em uma tarefa fácil, porém tornou-se mais descomplicada pelo fato de manifestarmos um objetivo em comum que no caso em específico, foi o de aprender sobre o Cinema e Educação. Também acredito que estamos em constante transformação, que sabemos muito pouco a respeito de determinados assuntos e que, por isso, é imprescindível prosseguirmos com os estudos.

Em nossos encontros, muitas vezes nos desencontramos, as certezas se tornaram relativas e as incertezas foram permanentes, emergiram muitos conflitos externos e internos. Entretanto, a aprendizagem aconteceu o tempo todo. Além dos assuntos relacionados ao Cinema aprendemos a nos relacionar. Trabalhar em equipe é respeitar o outro, suas limitações, ideais e individualidades.

Todas foram protagonistas na construção do conhecimento. O grupo decidiu sobre a sua própria aprendizagem. A pesquisa, que de início era minha, se tornou “nossa”, a partir do momento que elas disseram “sim” ao grupo *CinEduAção*, que se entregaram incondicionalmente aos estudos, pesquisando, descobrindo, aprendendo, multiplicando, juntas. Posso dizer que vivenciamos inúmeras e múltiplas experiências com o Cinema na nossa formação enquanto professoras.

Portanto, a pesquisa colaborativa se consolidou, pois, foi possível alcançar seu maior objetivo:

[...] criar nas escolas uma cultura de análise das práticas que são realizadas, a fim de possibilitar que os seus professores, auxiliados pelos docentes da universidade, transformem suas ações e as práticas institucionais. (PIMENTA, 2005, p. 523).

A autora menciona que os professores vão se constituindo em pesquisadores a partir do interesse de elucidar alguma problemática do seu contexto e os Encontros Reflexivos corroboraram, pois, como confirma Ibiapina (2008, p. 97), têm a “finalidade de promover encontros destinados a estudos, à reflexão interpessoal e intrapessoal e à análise da prática.”

A seguir apresento o perfil das participantes do grupo de estudo justificando que todos os nomes foram escolhidos por nós mesmas (cada uma indicou o seu), baseado em um personagem de filme de animação e por se assemelhar a alguma característica física, personalidade ou por marcar a sua infância. O grupo sugeriu em colocar os seus nomes verdadeiros no quadro abaixo e ao final deste trabalho escrito, porém no desenvolvimento da pesquisa utilizar os fictícios, por fazer sentido a todas.

Quadro 4: Dados das colaboradoras - Grupo Reflexivo.

Nome	Idade (anos)	Formação	Pós-Graduação	Atuação	Tempo de docência	Carga horária semanal de trabalho	Exerce outra atividade
Andressa Fiona	34	Pedagogia	Especialização	Diretora (EI) ³⁶	11 anos	40	Não
Charlene Pocahontas	37	Pedagogia	Especialização	Professora (EI) Professora (EF) ³⁷	14 anos	44	Não
Cristiane Tiana	45	Pedagogia	Especialização	Professora (EI) Professora (EF)	16 anos	40	Não
Karine Mulan	30	Pedagogia	Especialização	Professora (EI) Professora (EF)	1 ano	40	Não
Kelly Moana	37	Pedagogia	Especialização	Professora (EI)	10 anos	20	Não
Keila Cinderela	40	Pedagogia	Especialização	Vice-Diretora (EI)	15 anos	25	Não
Ludmila Alice ³⁸	32	Pedagogia	Mestrado	Professora (EI) Orientadora (EI)	13 anos	50	Não
Marilene Sininho	42	Pedagogia	Especialização	Professora (EI)	12 anos	40	Não
Nathália Jasmine	26	Ciências Contábeis	Especialização	Educadora (EI)	0	30	Sim
Rafaelle Mégara	32	Pedagogia	Especialização	Professora (EF) Educadora (EI)	15 anos	50	Não
Tânia Ariel	59	Pedagogia	Especialização	Supervisora (EI)	25 anos	30	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

³⁶ Educação Infantil.

³⁷ Ensino Fundamental.

³⁸ Pesquisadora e autora da tese.

As docentes que vivenciam a pesquisa colaborativa, conforme Pimenta (2005, p. 526) menciona, “tem a possibilidade de refletir sobre as suas próprias práticas, sua condição de trabalhador, bem como os limites e possibilidades do seu trabalho”. E os Encontros Reflexivos “criam oportunidades para que sejam externalizados sentidos e significados, ajudando a reorganizar as estruturas já fixadas, ampliando os níveis de conhecimento teórico e prático dos pesquisadores e dos professores”. (IBIAPINA, 2008, p. 44-45).

É um enorme privilégio construir esse caminho com você. Quando você me fez o convite para participar da sua pesquisa não sabia que aprenderia tanta coisa interessante e com aplicabilidade direta, não só na prática pedagógica, mas também na vida pessoal. Eu já gostava de assistir filmes, mas hoje os vejo de formas diferentes. (Sininho, 06/08/2019).

Posso dizer, sem dúvida, que crescemos como grupo e profissionais da educação. Os Encontros Reflexivos nos provocaram, inquietaram, movimentaram, desmistificaram, instigaram, despertaram, encantaram... Foram momentos ímpares de afeição, estudos, dedicação e prazer em ser professora!

Costurando os Momentos

Por acreditar que Cinema é arte e cultura, é movimento, olhar, vivenciar e sentir, utilizei a pesquisa narrativa para compreender e interpretar as conexões entre as estruturas subjetivas, sociais e humanas para além de esquemas segregados, fechados e limitados.

Pensar narrativamente torna-se

[...] condição para o intento de se compreender as vidas experienciadas e narradas. *Vida é educação e os educadores estão interessados em vidas*, vidas que só podem ser expressas narrativamente. Portanto, a pesquisa narrativa se apresenta como uma importante e significativa possibilidade de pesquisa em educação. (MARIANI; MATTOS, 2012, p. 663).

Nesse sentido, tentei contemplar as mais variadas esferas da experiência humana e suas transformações, considerando o contexto e as singularidades das profissionais envolvidas. Essa forma de observar os modos de viver e de pensar tem como objetivo

proporcionar os meios necessários para garantir a realização da pesquisa dos fatos sociais/culturais e suas conexões.

Mariani e Matos (2012, p. 665), mencionam também que “a pesquisa narrativa tem como uma de suas características fundantes a relação – que se expressam narrativamente na busca da construção de significados”. Em campo, as observações, entrevistas e Encontros Reflexivos, foram registrados e se tornaram sinalizadores de memórias que compartilharei aqui.

Busquei romper o conhecimento fragmentado, considerando a incerteza no pensar e fazer científicos de maneira multidimensional. De acordo com Lima (2003, p. 79), o sujeito “estabelece relações, interconexões entre o objeto de estudo e suas condições sociais, históricas e epistemológicas”. Nessa perspectiva, coloquei em crise o evidente, questionando-o, e colocando problemáticas nas tramas das relações.

A pesquisa narrativa leva em consideração as inúmeras composições da investigação e, a partir dela, o pesquisador interpreta e entende as características, arquiteturas ou estruturas dos elementos que estão explícitos e implícitos nas mensagens, nos sujeitos e suas relações, transformando-as em reflexões. Clandinin e Connelly (2011) enfatizam que na pesquisa são oportunizadas múltiplas conexões, transbordando sentimentos, experiências e afetos. Menciona também que em campo, o pesquisador consegue estabelecer conexões, viver e trabalhar com os sujeitos, podendo fazer parte da própria experiência.

Assim, a pesquisa narrativa se materializa de movimentos flexíveis, que considera os sujeitos, suas singularidades e que os situa em um cenário que é social e cultural, permeado por relações. Em outras palavras, na composição da pesquisa, são criadas paisagens que surgem das tensões entre os sujeitos, os lugares e objetos, em um contexto que está sempre em transformação.

Em consonância, compreendo que a investigação acerca das possibilidades do Cinema seja importante, porque este constitui um artefato cultural presente na sociedade, que educa e ensina. Além disso, oportuneizei a mobilização docente e sua transformação, com o intuito de proporcionar diferentes formas de experienciar o Cinema, sendo este considerado um potencializador de relações na escola.

A análise dos momentos, que são as informações construídas nas observações, entrevistas e nos Encontros Reflexivos, foi ancorada pela pesquisa narrativa. Nesse contexto e de acordo com Clandinin e Connelly (2011, p. 18), a análise narrativa é “um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente

aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” e nessa dinâmica os pesquisadores precisam “aprender a negociar através do próprio processo de pesquisa”, a negociar com todo o ambiente.

Eles continuam dizendo que “aprendemos sobre Educação pensando sobre a vida, e aprendemos sobre a vida pensando em Educação. Essa atenção voltada para a experiência e o pensamento sobre a Educação como experiência é parte do que os educadores fazem na escola”. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 24). De acordo com esses autores, o pesquisador busca compreender a essência dos momentos compartilhados, posicionando-se como um interlocutor que vivencia experiência, a fim de desvendar um outro significado, interpretando-a, trazendo, assim, um novo olhar.

Nesse processo de interpretação, juntamente com os autores que discutem Cinema e Educação e que têm a intenção de compreender os possíveis desdobramentos e diálogos do Cinema na transformação individual, social e cultural no contexto escolar, levamos para a análise alguns elementos que nos causaram inquietações. Assim, foram extraídos os traços representativos do Cinema na Escola como *entretenimento e/ou recurso pedagógico*, entendendo como as docentes pensam e agem.

É válido ressaltar que é possível que outras pessoas consigam desenvolver uma pesquisa semelhante a esta, mas assegurando caminhos distintos, ou mesmo observar, entrevistar, planejar e organizar os encontros de formações, bem como consolidar as informações de maneira diferente do que produzi, atribuindo-lhe outros sentidos, pois sem dúvidas, a interpretação e o pensar são essencialmente individuais, construídos sócio, histórico, cultural e ideologicamente.

APROXIMAÇÕES E (RE)CONHECIMENTOS

Não pode viver a vida só para agradar aos outros.
A escolha tem que ser sua.
Porque quando você for enfrentar aquela criatura, terá que ir sozinha.

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll (2000)

Ao adentrar no contexto escolar, consegui compreender o modo pelo qual as docentes empregam o Cinema em suas práticas pedagógicas. Sendo assim, e partindo dessa imersão, enfatizo que as observações, as entrevistas e os encontros reflexivos³⁹, concomitantemente com os referenciais teóricos, embasaram a análise desta pesquisa.

Em *Narrativas do Cinema na Escola*, esforço-me na tentativa de elucidar como é utilizada a televisão nos ambientes escolares, arriscando compreender como as professoras pensam e agem com o Cinema em sala de aula. Tais investigações constituíram dois traços representativos expressos como Entretenimento e Recurso Pedagógico.

As narrativas foram simultaneamente as provocadoras da minha inquietação e as responsáveis diretas por nortear e orientar a análise da pesquisa, sem intenção de promover julgamentos, como sendo certo ou errado, nas práticas diárias das professoras. Em *Alice através das Narrativas*, apresento como todo o processo me tocou, o que penso sobre o Cinema e meu posicionamento sobre a utilização desse artefato cultural nas instituições escolares.

Lembro que essa seção foi estruturada a partir da pesquisa narrativa, que permite considerações sobre as variadas possibilidades de composição e interpretação das informações produzidas, transformando-as em reflexões. Pondero que os assuntos anunciados são pontos comuns encontrados na pesquisa de campo e minhas percepções, não sendo verdades elucidadas, e sim representações da realidade que envolvem pessoas, suas constituições históricas, sociais e culturais, bem como suas relações consigo mesmas, com seus pares e com o mundo.

Aprendi (enquanto um processo não finalizado) a olhar as colaboradoras da pesquisa, os espaços que habitam e suas relações sociais, além das tramas aparentes, pois hoje entendo que “as pessoas nunca são somente, (nem mesmo se aproximam) em algum cenário particular, de termos, categorias ou noções teóricas isoladas. Elas são pessoas com todas as suas complexidades. São pessoas vivendo vidas historiadas em paisagens historiadas.” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 193).

Semelhantemente ao Cinema, que constitui uma arte de representação que gera produções peculiares, a análise do presente trabalho investigativo não deve ser compreendida como um universo fechado, pois não existe somente uma verdade. A

³⁹ Lembro que meu campo de atuação foram duas Escolas de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia. Os detalhes sobre os caminhos trilhados na pesquisa encontram-se na seção metodológica.

produção de sentidos e de significados feita pelo sujeito é singular, a partir de uma história e de relações sociais; cada um vislumbra um olhar a partir das suas vivências e experiências, por isso não podemos viver para agradar os outros e sim a nós mesmos.

Assim, corroboro a afirmação de Clandinin e Connelly (2011) quando argumentam que:

Não existe uma única verdade ou uma versão correta dos fatos [...] nossos textos de campo são sempre interpretativos, sempre compostos por um indivíduo, e num determinado momento. Como pesquisadores, podemos, por exemplo, tirar uma fotografia de um determinado momento no tempo, mas essa fotografia é apenas um contar, um lance, uma imagem. (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 124).

Ressalto que os codinomes das participantes do grupo de estudos *CinEducação*, como mencionado na seção anterior, foram escolhidos por elas, de acordo com alguma característica física ou personalidade apresentada pelo personagem infantil; já os demais⁴⁰ envolvidos na pesquisa foram selecionados por mim.

Reitero que todos os elementos expostos aqui constituem indícios de trabalhos com Cinema na Escola, em como ele é utilizado, discutido e experimentado no cotidiano escolar e nas práticas educativas. São vestígios que elucidam, que anunciam algo e simultaneamente deixam lacunas nas suas diferentes formas de interpretações.

Narrativas do Cinema na Escola

No território da pesquisa construí narrativas que contaram como o Cinema é visto e praticado no interior das escolas. Por meio delas consegui extrair que o Cinema é entremeado como entretenimento/diversão e recurso pedagógico/pedagogização do saber. Pautar essas amarras é respeitar que elas existem, porém, acredito que o Cinema vai além dessa constatação percebida por mim no interior das salas de aula.

Começo essa escrita dizendo: as crianças gostam de assistir filmes na escola. Eu, como professora, sentia e percebia que meus alunos ficavam animados quando era o dia de televisão em sala de aula e por meio da pesquisa consegui observar que não eram somente os meus.

⁴⁰ Optei por colocar nome de personagens de filme de animação infantil que marcaram minha vida.

Assistindo aos filmes os alunos ficaram encantados com as cenas e demonstraram envolvimento com as histórias. (Observação, Mera, 03/11/2018).

O momento da televisão, melhor dizendo da exibição dos filmes, os alunos gostavam bastante. Na maior parte do tempo, eles ficavam vidrados com as imagens e quando passavam músicas eles cantavam juntos com a trilha sonora. (Observação, Gamora, 30/10/2018).

No momento da exibição do filme os alunos ficaram atentos, quando conversavam, um ou outro, a professora chamava atenção pedindo silêncio. Eles interagiram com o desenho, na contagem oral eles fizeram junto com o personagem (nas imagens o personagem solicitava ajuda para as crianças para contarem até o numeral 10). (Observação, Feiticeira, 12/11/2018).

Adoro as gargalhadas que eles soltam quando acham algo engraçado no filme, as imitações que fazem dos personagens, interagindo totalmente com a cena, sinto-me bem de ver a alegria deles, afinal a alegria deles é a nossa alegria também. (Entrevista, Tempestade, 22/11/2018).

A momento do filme é muito esperado pelos meus alunos. Eles adoram o dia de TV em sala de aula, todos querem ser o príncipe e a princesa. (Encontro Reflexivo, Tiana, 09/04/2019).

Notei que esse era um momento esperado pelos alunos e que eles desfrutavam do período em que a televisão se encontrava na sala de aula. Percebi o quanto eles permaneciam com os olhares fixos no aparelho de TV, riam, dançavam sentados, cantavam baixo e comentavam com os colegas algumas cenas. Uma total interação com essa arte que provoca deslumbres e fascínios.

Assim como eu, as docentes achavam “legal” exibir filmes para as crianças.

Gosto de exibir filmes aos meninos, porque é um momento de descontração e total interação entre eles. É uma hora esperada pelas crianças, ficam ansiosas para ver televisão. (Entrevista, Estelar, 21/11/2018).

Hoje em dia as crianças estão muito envolvidas com os meios visuais, os meios de comunicação, internet, celular, e se não utilizarmos esse tipo de recurso, as aulas acabam ficando sem atrativo para os pequenos. Estamos trabalhando os animais com eles, e na semana a letra “P”, então passei o filme “Procurando Nemo” para trabalhar a palavra “Peixe”. Então os filmes fazem parte da minha proposta de trabalho, pois sempre ligo o filme ao assunto que está sendo trabalhado. (Entrevista, Tempestade, 22/11/2018).

Acredito que eles veem todos os tipos de filmes em casa, pois eles têm um repertório próprio. Eles adoram “Capitão América”. Procuo colocar filmes que não remetem à violência, mesmo porque aqui no bairro eles convivem de perto com isso, também tem crianças que não têm televisão em casa e ficam muito animadas com a aula. Acho também que o uso da TV agrega valores às minhas aulas. Estou trabalhando alimentação, então usei o “Sid o Cientista”, muitos não conhecem, ele fala muito sobre alimentação saudável. Perfeito! (Entrevista, Feiticeira, 19/11/2018).

Eu adoro exibir filmes para as crianças. Eles gostam muito das animações que coloco e se divertem com elas e isso eu acho importante. A maioria deles ficam com os olhos fixos na TV e interagem com ela. Fico vendo eles rirem, cantarem, imitarem e divertirem. (Entrevista, Jean, 21/11/2018).

As professoras, de maneira muito significativa, manifestaram sua apreciação, seu gosto, seu prazer em utilizar os filmes em suas aulas, umas como recurso pedagógico e outras como entretenimento. Algumas mencionaram sempre que a TV estava prevista em seu cronograma de sala de aula, a utilizavam, mesmo estando planejadas a realização e execução de outras atividades completamente diferentes.

Exponho, a seguir, três relatos de professoras que se consideravam satisfeitas em exibir filmes para seus alunos, em função das atitudes demonstradas por eles:

Gosto quando eles se envolvem, estão concentrados, prestando atenção e quando eles relacionam algum assunto com o filme, mesmo sendo bem depois. O filme fica na memória deles, às vezes pensamos que não estão prestando atenção, por causa da conversa paralela, mas aprendem, por isso que acho importante o momento do filme, porque eles também aprendem. (Entrevista, Gamora, 19/11/2018).

Acho interessante a reação deles quando começam a comentar o filme, uns falam de cenas, outros de personagens, ou que já viram o filme antes. Isso é bom porque você vê que eles realmente assistiram ao filme. (Entrevista, Cinderela, 12/03/2019).

Acho legal quando eles fazem de conta que são os personagens do filme assistido e começam a agir como tal nas brincadeiras. (Entrevista, Feiticeira, 19/11/2018).

Quando consideramos o que as crianças sentem ao assistirem filmes, a história muda. Em minha prática docente já errei muitas vezes, principalmente por entender que no momento de assistir filmes as crianças não poderiam sequer mudar de posição. Ainda

queremos que nossos alunos permaneçam mais quietos, falando baixo, sem levantar demais, etc. e percebi o mesmo com minhas colegas.

A conversa na hora do filme não me incomoda tanto, porque não é aquela conversa prolongada, é um comentáriozinho. Se prolongar eu pauso o filme e chamo a atenção, mas geralmente não acontece na minha sala. (Entrevista, Cinderela, 20/11/2018).

Na hora do filme as crianças não podiam conversar assuntos outros (externos) com os colegas e quando começavam a ficar agitadas, mesmo que fosse por se empolgarem com alguma cena, elas eram advertidas com pedido de silêncio. (Observação, compilado da pesquisadora, 04/12/2018).

Quando eu coloco um filme que eles não ficam concentrados logo me sento e converso com eles. É muito difícil a conversação e pedido para ir beber água ou ir ao banheiro. O problema é que atrapalha quem quer assistir. (Encontro Reflexivo, Jasmine, 02/04/2019).

Depois de um filme curto, a professora colocou alguns clipees de músicas infantis e nesse dia deixou as crianças dançarem em pé e cantarem mais alto, livremente, porém elas foram advertidas com frequência e de forma mais brusca, firme. (Observação, Jean, 06/11/2018).

Durante o acompanhamento das aulas envolvendo o uso da televisão, presenciei um fato muito peculiar: é que durante a exibição dos vídeos, os alunos não poderiam conversar assuntos não relacionados com o contexto e quando faziam, as professoras os abordavam, chamando-lhes a atenção e exigindo silêncio, sendo que em alguns determinados momentos até ameaçavam retirar o filme. Observei que aos alunos não eram concedidos o direito de fruírem com os filmes como quisessem, pois, quando ficavam livres eram sinalizados por suas professoras para permanecerem quietos/silenciosos.

Diante do exposto, pude observar que os alunos eram condicionados a ficarem pacíficos e calados, sem manifestarem suas emoções, sentimentos e impressões. Notei o quanto eles se sentiam reprimidos, principalmente nos musicais/interativos, quando os personagens interagem com as crianças instigando-as a participar.

Outro fato é que as crianças adoram ver filmes repetidos

Quando os personagens falavam palavras engraçadas e, muitas vezes, não muito educadas as crianças iam ao delírio, riam bastante. Tive a sensação que eles já haviam assistido ao filme, porque em muitas vezes eles antecipavam as falas dos personagens. E mesmo assistindo nesse

dia, os alunos pediram para a professora repetir o filme na próxima aula. A turma ficou muito empolgada, evidenciando satisfação. (Observação, Gamora, 02/11/2018).

Em quase todas as observações constatei que as crianças já haviam assistido aos filmes que estavam sendo exibidos, não sei se na escola ou em casa, mesmo assim conseguiam prender suas atenções e despertavam interesses nas cenas, sendo que em alguns momentos, foi possível até presenciar a antecipação, em voz alta, de determinadas falas dos personagens ou de algum acontecimento que estaria por ser mostrado.

Em campo, percebi muitas práticas pedagógicas parecidas com as minhas e outras eram diferentes no que se refere à utilização da televisão em sala de aula. Sempre conversei com os alunos sobre os filmes e notei que pouquíssimas professoras oportunizavam esses momentos de expressões:

Não conversou com os alunos sobre o filme. Terminou de executar suas atividades docentes na hora do lanche, desligou a televisão e a retirou da sala de aula. (Observação, Estelar, 08/10/2018).

Alguns colegas colocam os filmes que têm duração de uma hora, e a aula se encerra antes do filme terminar, então, faltando 10 minutos para eles assistirem. Tem crianças que saem tristes. Pensa, se nem assistiu tudo, como conversar em rodinha. (Encontro Reflexivo, Pocahontas, 04/06/2019).

Constatei que algumas docentes apenas colocavam e retiravam o filme sem nada falar ou comentar sobre o momento, nem sobre o que gostaram ou não, suas expectativas, impressões, emoções entre outros, nem o título da obra era mencionado. Essas atitudes remeteram a impressão de que o Cinema na Escola é usado de forma aleatória, exibido sem critérios de escolha, sem sentido.

A professora pegou o primeiro DVD que estava uma caixinha de filmes da escola, que estava no suporte da televisão. Colocou no aparelho e perguntou se as crianças queriam assistir aquele desenho. (Observação, Estelar, 30/11/2018).

Também foi possível considerar que, raramente, as professoras assistiram aos filmes com os seus alunos e, excepcionalmente, presenciamos espaços de diálogos antes ou após a exibição deles, não havendo uma troca e interação da percepção artística.

Após colocar o filme para as crianças a professora se ocupou preenchendo em seu notebook o diário de classe. (Observação, Tempestade, 19/11/2018).

Depois de colar as atividades dos alunos no caderno, a professora (era a quarta vez que acompanhava as aulas dela) sentou-se, pela primeira vez até então, ao lado das crianças e elas demonstraram empolgação por terem ela por perto. Percebi olhares curiosos querendo ver a professora assistindo ao filme. (Observação, Ravena, 24/10/2018).

Simon (2011, p. 77) considera importante o professor ser um instigador de diálogos, estimulando que os discentes falem, porque assim se pode “provocar o questionamento e a contestação de suas atuais visões”, instalando conflitos e novas formas de ver, um espaço que permanece aberto e indeterminado.

O Cinema como *Entretenimento*⁴¹ foi muito evidenciado nas práticas e discursos das docentes, sendo que na prática educativa ele foi utilizado como um atrativo para que os alunos permanecessem quietos, tendo seu tempo ocupado com as imagens e sons produzidos pelos mais diversos filmes de animação infantil.

Acho legal exhibir filmes para as crianças porque prende a atenção delas, normalmente eu procuro colocar filme que eu sei que eles gostam, se eu vejo que o filme não está chamando a atenção simplesmente troco. Na educação infantil eles são muito agitados e o filme os acalma e depois a gente pode discutir sobre o filme. Filmes é para fazer com que eles divirtam. (Entrevista, Mulan, 23/11/2018).

Os filmes fazem parte da minha proposta de trabalho, mas eu também uso como recreação ou quando preciso trabalhar com um determinado grupo que está com alguma dificuldade, uso a televisão para distrair o restante da turma. (Entrevista, Feiticeira, 19/11/2018). Os alunos escolhem o que querem assistir, mas eu já sei que são os desenhos animados, aqueles bem populares como Frozen, Marsha, Peppa, Minions, Ladybug, eles pedem um monte que nunca ouvi falar. Ai é mais certo de que eles ficarão quietos. (Entrevista, Anna, 20/11/2018).

A televisão foi colocada no canto da sala de aula, a professora colocou o filme e falou para a turma: Agora é hora de vocês ficarem quietinhos assistindo o filme da Frozen. (Observação, Tempestade, 19/11/2018).

Acho muito legal exhibir filmes para as crianças, tem dias que eles chegam mais agitados e com o filme acabam ficando mais calmos e concentrados. Primeiro eu faço uma seleção de acordo com o gosto deles, os preferidos acabo deixando na escola, eu tento variar e levo

⁴¹ Para as docentes *Entretenimento* é diversão sem movimentos e sem falas. São imagens e sons que atraem e alegam as crianças e que as deixam concentradas, hipnotizadas.

filmes mais alegres, gosto de musicais, histórias, contos. Mas o primeiro critério é se eles gostam. (Entrevista, Tiana, 23/11/2018).

Os alunos se divertem muito com os audiovisuais, no caso os filmes em sala de aula. Eles já nascem inseridos no mundo tecnológico. (Encontro Reflexivo, Pocahontas, 09/04/2019).

Alicerçada nesses relatos, constatei que a maioria das professoras recorre ao Cinema como distração, para que dessa maneira, as crianças permaneçam mais calmas e concomitantemente se divirtam. O que sobressai nesses relatos é a utilização do artefato como entretenimento, podendo nesse caso, ser considerado como uma forma de preencher o tempo de aula (horários).

Os fragmentos também sinalizaram que o fato de propiciar momentos de lazer para as crianças e tempo livre para as professoras desenvolverem outras atividades, tornou-se frequente, despertando minha atenção no sentido desse momento ter se tornado “ocasião de distração”, que para ser prazeroso deveria contemplar o gosto de todos, caso contrário seria substituído (troca do filme), por não conseguir prender e manter a concentração das crianças. Nesse sentido, percebi que por meio de seus comportamentos, as crianças mostram o que querem, prescrevendo suas escolhas e preferências.

Em relação aos espaços e momentos de entretenimento propiciados nas instituições para as crianças, percebi que existem outros, além do filme, como considerados pelas docentes. Seguem alguns excertos:

São os filmes, as aulas de educação física, a hora do brinquedo, o parque e as brincadeiras direcionadas. (Entrevista, Cinderela, 20/11/2018).

Na Educação Infantil a maioria dos momentos são lúdicos. Conseguimos perceber que o brincar faz parte da rotina escolar. (Observação, 26/11/2018).

No ambiente escolar tem muitas coisas legais para as crianças divertirem como brinquedos, educação física, dia do brinquedo e da televisão, parquinho. (Encontro Reflexivo, Mulan, 18/06/2019).

Ir ao parque é um momento de lazer, mas as coisas são muito difíceis; porque você tem que fazer um horário e cobrar do professor que esse horário seja cumprido. Nossa escola é muito ampla e tem muito espaço, mas o professor ainda tem resistência em relação a sair de dentro da sala de aula, acho que é costume, cultural, que a criança aprende em quatro paredes sentada em uma cadeira, em uma mesa, eles têm essa dificuldade. Eles têm que saber que levando essa criança ao parque vai

poder trabalhar conteúdos importantes e ao mesmo tempo elas estarão se divertindo. Além do parque, tem o recreio dirigido, as aulas de educação física, o solário também que é uma extensão da sala de aula dos menores, quadra, quiosque, fundo de grama, cantos pedagógicos (cozinha, sala, cantinho da informática), tudo isso a gente proporciona, mas é utilizado como passa tempo, é divertido para a criança, mas o professor poderia ter mais direcionamento nessas atividades, observando como a criança está agindo, pensando e assim vai. (Entrevista, Fiona, 22/11/2018).

O parque, educação física, dia do brinquedo, o filme e até os jogos e brincadeiras que levamos para eles brincarem. (Entrevista, Estelar, 21/11/2018).

A escola possui inúmeros brinquedos de montar, panelinhas, fogãozinhos, bonecas, ferramentas de mecânico, carrinhos, jogos da memória, quebra-cabeças, dentre outros. (Observação, 30/10/2018).

Os relatos citados anteriormente mostram que nas escolas existem outros espaços e momentos que são considerados “hora de diversão”. Ao entrevistar a gestora da escola de uma das unidades de ensino na qual pesquisei, a mesma esclareceu sua visão e a forma como percebe essa questão:

A televisão, como se diz, é um passatempo, se você não tem algo planejado, se os meninos estão muito ociosos, a televisão no ambiente escolar, dependendo do professor é um sossega leão, eu considero! É uma forma que você tem de estar preenchendo tempo, quando não tem o que fazer. (Entrevista, Fiona, 22/11/2018).

Essa afirmativa foi reforçada durante a pesquisa, a partir do momento em que constatei que diferentes vídeos eram utilizados como uma espécie de vídeo “enrolação”. Ferretti (1993, p. 166), afirma que os filmes precisam ter uma finalidade e que “esta forma de utilização do filme raramente envolve uma preparação do público para se defrontar com a obra”.

A visão da utilização do filme como passatempo fica nítida mostrando também que a professora não elabora um planejamento para atuar com esse artefato. Além disso, as escolas não possuem condições adequadas de fruição fílmica, devido à falta de espaços específicos com boas condições para a exibição de imagens e boa captação dos sons, por isso as aulas com utilização da TV são improvisadas. Neste viés,

O cinema está na escola de formas bem menos interessantes, mas eventualmente necessárias: ocupando o lugar do professor que faltou, acolhendo as crianças em uma sala fechada em dia de chuva ou na sala

com ar-condicionado em dias de extremo calor. (MIGLIORIN, 2015, p. 33).

Durante a pesquisa de campo, percebi que o Cinema, em muitas ocasiões, foi utilizado como sendo um *Recurso Pedagógico*⁴² capaz de promover a ampliação do universo de atuação da docente, auxiliando-a na didatização de determinados temas, ou seja, o Cinema em sala de aula é empregado como ferramenta auxiliadora das práticas pedagógicas, como um instrumento capaz de contribuir de forma mais significativa, dinâmica e contextualizada para a aprendizagem dos alunos, como mostram os fragmentos a seguir:

No início, a professora conversou sobre a importância da prática de esportes para a saúde. Depois falou sobre o futebol, que nesse jogo existem regras para seguir e que no filme eles iriam perceber isso, iriam ver que para o Franklin aprender a jogar bola ele precisava seguir as regras. (Observação, Cinderela, 08/11/2018).

Nesse dia a professora fez interferências durante o filme, que falava sobre a Primavera e me pareceu que esse tema estava sendo trabalhado, os alunos manifestaram conhecer o assunto.

Professora: – Primavera, o que caracteriza essa estação?

Alunos: _ Cores, flores, roupas.

Professora: – O que identificaram, nas imagens do filme, que caracterizam a primavera?

Alguns alunos: – As flores coloridas, o sol, as roupas que a Moranguinho estava usando que era florida e cheio de morangos. (Observação, Mera, 17/10/2018).

Na semana do trânsito, o professor pode trabalhar filmes que falam sobre os meios de transporte e tal. É usar os projetos que são desenvolvidos na escola com o cinema. (Encontro Reflexivo, Moana, 19/03/2019).

Depois da exibição do filme a professora falou sobre a diversidade das famílias e perguntou às crianças o que elas acharam do vídeo. Em seguida, solicitou para que cada uma delas desenhasse sua família, com as características individuais. (Observação, Moana, 12/11/2018).

Eu vejo que muitos professores conversam depois do filme sobre os assuntos que eles abordam. Deixam os alunos falarem sobre o filme nas rodinhas de conversa. (Encontro Reflexivo, Mégara, 19/03/2019).

⁴² Para as docentes Recursos Pedagógicos são ilustrações de conteúdos e/ou de assuntos que precisam ser trabalhados em sala de aula. São imagens e sons que ensinam ou reforçam o que a criança precisa aprender na escola.

Após o vídeo direcionado Bob e o Trem: Aventuras com formas geométricas, a professora passou outra animação curta sobre formas geométricas. Essa exibição foi de aproximadamente 1h e 40min. Depois, fez roda de conversa sobre os vídeos, um bate papo sobre o que os alunos acharam. Por fim, desenhou as formas geométricas básicas no quadro para os alunos identificarem. (Observação, Feiticeira, 29/10/2018).

Alguns professores tentam articular o conteúdo que estão trabalhando com os filmes. (Encontro Reflexivo, Tiana, 04/06/2019).

Depois da exibição da animação a professora fez uma roda de conversa sobre as formas geométricas que apareceram no vídeo. Em seguida, pediu para os alunos observarem e identificarem na sala de aula os objetos que tinham as formas geométricas trabalhadas, como a mesa quadrada, quadro retângulo, apontador em formato de círculo, dentre outros. (Observação, Feiticeira, 05/11/2018).

Eu sempre menciono aos profissionais que os filmes precisam ter contexto, ser usado com recurso pedagógico em sala de aula. Mesmo que seja para mostrar algo para as crianças, principalmente sobre o que não conhecem. (Encontro Reflexivo, Ariel, 19/03/2019).

Assim sendo, percebi as tentativas das professoras em estabelecerem conexões entre os filmes propostos e os que estavam trabalhando em sala de aula. Nesse sentido, o Cinema na Escola foi utilizado como recurso pedagógico para ensinar, ilustrar ou reforçar o conteúdo programado.

Franco (1993) discute que os filmes, independentemente de quais sejam, precisam ser escolhidos com direcionamento a alcançar objetivos, apropriando-os à faixa etária e às características da turma, condizente com o ambiente escolar; também é preciso observar se contêm assuntos que as famílias podem discordar ou se estão em consonância com o nível de conhecimento dos alunos, entre outros aspectos.

A autora menciona ainda que “não há limites na escolha dos filmes. Os mais adequados serão os que poderão proporcionar maior riqueza de discussão. O tema e a abordagem devem ser avaliados de acordo com a maturidade da classe e a natureza da matéria.” (FRANCO, 1993, p. 29).

Nesse sentido, o educador “deve fazer-se um espectador especializado” (FRANCO, 1993, p. 30), ao usar o filme em sala de aula. Ele precisa ser o organizador e mediador capaz de promover o direcionamento de reflexões sobre os assuntos evidenciados e o problematizador de enredos, instigando sempre à participação dos seus discentes.

Verifiquei também essa mesma ligação com o tema proposto e ministrado partindo de indagações a respeito de como as professoras envolvidas na pesquisa procediam em relação à escolha e seleção desses filmes para serem trabalhados diariamente, na rotina com seus alunos, como pode ser observado nos relatos abaixo:

De acordo com o que eu estou trabalhando, com os projetos, com as atividades, com um tema que eu quero que seja trabalhado na sala de aula. (Entrevista, Ravera, 22/11/2018).

Eu escolho de acordo com o tema que eu estou trabalhando naquela semana, se não achar eu passo de acordo com a preferência dos alunos. (Entrevista, Moana, 23/11/2018).

Gosto de trabalhar tudo contextualizado, mas eu vejo colegas que não conseguem. Gosto de usar muitos vídeos, mas eu pesquiso muito e tem coisas muito boas. Tem temas que a gente já poderia ter na escola, que trabalhamos todos os anos, como Folclore, Consciência Negra, Meio Ambiente, Família. (Encontro Reflexivo, Moana, 27/11/2018).

O discurso de uma docente, que aparece na sequência, mostra que a pesquisa possibilitou também a confirmação do fato de que a professora considera como positiva, a exibição de filmes para as crianças:

Acho bacana trabalhar com os filmes na escola, as crianças gostam muito de assistir. Muitos deles são úteis e podemos usá-los para enriquecer as aulas, unir o útil ao agradável. As crianças aprendem se divertindo assistindo aos filmes. Eles fazem parte da minha proposta de trabalho. Então, eles ficam atentos às animações e aprendem os conteúdos que preciso trabalhar. (Entrevista, Mera, 23/11/2018).

Contudo, um fato marcante e que causou certa estranheza refere-se ao relato de uma das professoras pesquisadas que enfatizou fazer o uso de vídeos curtos, relacionando-os ao conteúdo que estava trabalhando, porém, de forma bastante repetitiva, semelhante à técnica de memorização, sob a argumentação de que os alunos precisavam aprender.

Sabe-se que alguns professores utilizam a técnica tradicional de ensinar conteúdos como Português e Matemática, no entanto, com filmes eu não imaginava, principalmente por acreditar que Cinema é arte. Esse fato, muito me surpreendeu e pode ser percebido nas explicações que se seguem:

– O que aparece no fundo do mar? Será tudo azul? A professora começou assim. Colocou um trecho do filme Procurando Nemo, de

aproximadamente 15 minutos, e pediu para os alunos identificarem as cores que aparecem no fundo do mar. Depois fez uma roda de conversa para falar das cores e animais que eles perceberam nas cenas. As crianças pediram para continuar assistindo ao filme, porém a professora negou argumentando que o planejamento não era esse. Em seguida, repetiu os vídeos da semana anterior sobre as cores. (Observação, Ravena, 10/10/2018).

Todos assistiram o trecho do filme Procurando Nemo. Quando a professora colocou os vídeos das cores, ela retirou um grupo de 4 alunos para fazer atividade dirigida sobre o fundo do mar, para expor um painel, que foi impressão da mão com tinta guache e desenhos com canetinha, lápis de cor e cola colorida completando o cenário. (Observação, Ravena, 17/10/2018).

Todas as vezes que acompanhei essa professora percebi que os vídeos, sobre as cores, eram iguais. Deduzi que a escola trabalhava com projetos, assim perguntei para a docente e ela respondeu que sim e que eles mudavam bimestralmente. As crianças não estavam conseguindo mais assistir os vídeos e nem eu. (Observação, Ravena, 24/10/2018).

Durante os acompanhamentos das aulas das docentes, no que se refere ao uso do Cinema, percebi que em suas práticas que a maioria delas não demonstrava preocupação em especificar o nome do filme que seria exibido aos seus discentes. E quando os utilizavam como recursos pedagógicos pouco contextualizavam aos conteúdos escolares.

Em sua tese, Cristiano Barbosa (2017) menciona que é frequente a utilização de filmes nas instituições escolares e que é predominantemente pensado como uma ilustração da realidade.

É comum entre os professores utilizar um filme como ferramenta pedagógica na busca por tornar os conteúdos e as aulas mais interessantes para os alunos. Parte-se, também, da ideia de que as visualidades dadas pelas imagens em movimento são um forte elemento de apreensão desses conteúdos; ou seja, o que acontece no filme, as situações trazidas por ele, são mais facilmente memorizadas, como também permitem ao professor fazer associações entre o que se pretende ensinar e o que as imagens apresentam. Nesse sentido, as imagens dos filmes são tomadas, sobretudo, como ilustração verdadeira e realista do que se deseja ensinar, um exemplo de como, na prática, o conteúdo se materializa, torna-se visível, fazendo do processo de aprendizagem algo mais claro e objetivo no tocante à apreensão e memorização dos conteúdos. (BARBOSA, 2017, p. 14-15).

A pesquisa também viabilizou averiguar que algumas docentes, em raros momentos, até mudavam sua estratégia pedagógica, recorrendo ao uso de outras formas, como as mencionadas nos excertos a seguir:

A professora fez um resumo do filme no início, como se introduzisse o que ocorreria na trama. Na hora da exibição assistiu com os alunos e por duas vezes fez pausas para conversar sobre o que estava acontecendo, fazendo interferências com perguntas direcionadas. Muitos alunos opinaram sobre as indagações. Ao final, fez uma roda para conversar sobre os episódios e compreensão do filme. (Observação, Tempestade, 19/10/2018).

Antes de começar a professora falou: – Lembrem o que estamos estudando essa semana?⁴³ Vamos assistir um desenho sobre o assunto. Quando terminou o filme conversou com os alunos sobre o que eles viram. (Observação, Cinderela, 18/10/2018).

Saliento que os diálogos e as reflexões que aconteciam antes, durante e depois da exibição dos filmes infantis, foram presenciados poucas vezes nas práticas das professoras, durante a fase de observação em sala de aula, porém nas entrevistas algumas falaram que também o faziam, embora abrangessem do mesmo modo a intenção de ilustrar os conteúdos.

Esteve perceptível a existência de um distanciamento e igualmente uma apatia em relação à interação do professor-filme-aluno, fato de extrema relevância para utilização do filme como recurso pedagógico, uma vez que ele se perdia em si mesmo. Ferretti (1993) menciona que:

Em muitos casos, seu uso [do filme] seria justificado em função de ser um “instrumento moderno” de ensino, de permitir a ilustração de aulas, de torná-las mais agradáveis etc., o que representa, evidentemente, uma visão pobre do material cinematográfico e suas potencialidades. (FERRETI, 1993, p 114).

Sendo assim, considero pertinente a argumentação da diretora de uma das escolas, ao mencionar como as ações das docentes “devem” ser pensadas quando o assunto em questão faz referência ao Cinema na Escola e que o caminho “certo” precisa ser elucidado pelos educadores, que compete a eles apresentarem os filmes com contextos educativos, visto que estamos no ambiente escolar.

Uma fala foi categórica e resume como algumas das profissionais pesquisadas pensam e agem no que se refere ao uso dos filmes, quando diz:

O filme na escola é um recurso didático, não é um passatempo, assim como a televisão, o computador, o celular. Eles entretêm as crianças e são dispositivos pedagógicos (...). É preciso formar pessoas para

⁴³ O grupo estava estudando a importância da água em nossas vidas.

entender que as práticas dos professores precisam ter contexto, como o uso dos filmes, e é necessário mostrar o caminho, como procurar, como fazer. Os conteúdos, os eixos, os planejamentos precisam estar interligados. (Encontro Reflexivo, Fiona, 27/11/2018).

Percebi que o Cinema se faz presente na escola e nas salas de aula, porém a forma como ele é utilizado requer e postula novas reflexões, como exprime Fernandes (2015, p. 100), sendo importante a “experiência de entender o filme como aula e não como simples entretenimento. Entender que um filme pode ensinar tanto quanto uma leitura, aprendendo a ver e apreciar os filmes, sua linguagem, ampliando suas leituras, é parte dessa aprendizagem”.

Muitas vezes o discurso do Cinema como *Entretenimento* e *Recurso Pedagógico* estão atrelados e aparecem juntos como se fossem indissociáveis. Tal fato se torna perceptível quando as professoras relatam sobre como selecionam ou escolhem os filmes que irão exibir aos seus alunos, como mostram os trechos abaixo:

Observo meus filhos em casa, o que prende a atenção deles. Também uso Youtube para baixar vídeos relacionados com o tema que estou trabalhando. O material é muito vasto! (Entrevista, Feiticeira, 19/11/2018).

Na escola tem aquelas caixinhas com um monte de DVDs, aí na hora da televisão os educadores pegam e escolhem qualquer um que as crianças gostam. Raramente você vê alguém colocando filme que foi escolhido antes. (Encontro Reflexivo, Jasmine, 07/05/2019).

Eu tenho duas formas, alguns eu coloco de acordo com os temas que estão sendo trabalhados, existem filminhos bons que duram 15 minutinhos, perfeito pra colocar dentro do tema. Também exibo filmes sem ligação com o conteúdo, somente como recreação. (Entrevista, Cinderela, 20/11/2018).

O filme é escolhido de acordo com o tema que está sendo trabalhado na semana (trânsito, dengue, família etc.). Quando termina a programação deixo eles escolherem outro filme. Eles gostam muito de Tom e Jerry, mas não gosto de repetições, porque fica cansativo. E quando não tem nada específico, os deixo escolher. Quando eles ficam na dúvida sobre qual filme assistir, faço votação, o que é sempre necessário, pois cada um quer assistir um desenho diferente. (Entrevista, Estelar, 21/11/2018).

Como nos demais dias observados nessa sala, a professora pegou um DVD no armário da televisão e colocou. Percebi que foi aleatório, pela fala dela mencionando: É esse que vocês gostam né? As crianças

afirmaram que sim. Todos os alunos assistiram concentrados aos episódios. (Observação, Jean, 06/11/2018).

De acordo com o tema que eu estou trabalhando naquela semana, naquele mês. Às vezes são temas pré-definidos pela prefeitura ou percebo algum problema de comportamento, então busco um filme relacionado. Não quero dizer que nunca eu exibi um filme livre, porque tem os desenhos animados que eles gostam muito! (risos). Os filmes direcionados na grande maioria são mais curtos, então logo após procuro dar algo mais descontraído. (Entrevista, Mera, 23/11/2018).

Partindo desses depoimentos, ressalto a intenção da escolha dos filmes em razão de determinados temas que as professoras estão trabalhando em sala de aula, sendo usados ora como recurso pedagógico, complementação do aprendizado, e só então, o cinema, surge como artefato de lazer, distração e entretenimento para as crianças.

Santos, Barbosa e Lazzareti (2015) mencionam que a percepção dos discentes é desenvolvida independentemente da finalidade que foi colocado/transmitido, pois:

[...] o contato promovido de imediato com o filme já recorre às capacidades de percepção, associação, interpretação, identificação, imaginação e afeição, essenciais à reflexão sobre os modos de recepção e fruição estéticas e éticas da arte. O caso é que essa reflexão depurada, ainda que não conscientizada ou discutida em sala de aula, não invalida os processos já acionados pela experiência. (SANTOS; BARBOSA; LAZZARETI, 2015, p. 34-35).

Tentando entender qual o motivo do uso do Cinema na Escola, perguntei às supervisoras escolares sobre quais os objetivos do uso da televisão no quadro de horários das professoras e como respostas obtive as seguintes argumentações:

Acredito que é para incluir o filme e um que seja visto previamente pelo professor, não pode ser um filme nem uma música que não seja conhecida pelo professor, porque corre o risco de estar levando para sala algo que não tenha objetivo pedagógico. Seria assim, quase um tapa buracos, então a importância do filme ela é grande em sala de aula, mas precisa ser muito bem escolhido, dentro da faixa etária da criança, com conteúdo e fala adequada a essa criança e que não fuja das propostas pedagógicas da escola. (Entrevista, Ariel, 21/11/2018).

Na minha concepção deveria ser para a prática educativa, mas tem muitos que usam para entretenimento mesmo e aproveitam para realizar outras tarefas. O professor aproveita para corrigir provas, fazer planejamento, diagnóstico, já vi muito isso acontecer. (Entrevista, Batgirl, 19/11/2018).

Usamos somente para entreter os alunos, a escola pede que seja realizada a exibição de filmes uma vez por semana. Procuramos exibir filmes de acordo com o que está sendo estudado na época, temas relativos a datas comemorativas como folclore, dia do soldado, dia da bandeira, independência do Brasil, mas acho que a escola deveria ter uma preocupação maior com a qualidade e variedade de filmes no acervo da escola. (Entrevista, Supergirl, 20/11/2018).

Verifiquei que as entrevistas ressaltaram a relevância do filme como recurso pedagógico, porém reafirmando o fato de que a escolha requer um planejamento bem elaborado, levando em consideração tema, idade, referencial teórico e outros elementos importantes para a construção do aprendizado. Ao mesmo tempo, afirmaram também que na prática, muitas vezes, acontece o contrário, pois as professoras fazem uso dos filmes sem um planejamento prévio, ou seja, um fim em si mesmo: o entretenimento.

Todas as minhas ações em sala de aula eram planejadas, me sentia mais segura e conseguia administrar melhor o tempo, desde a acolhida até a despedida. Percebi que o momento do filme não era planejado:

Muitas vezes nem tem o planejamento para passar o filme para as crianças, vai na caixinha de DVD e escolhe qualquer um. Falta interesse e acesso dos professores. (Encontro Reflexivo, Jasmine, 27/11/2018).

É importante desde que tenha um contexto, um planejamento. Sou contra televisão o tempo todo em sala de aula como um passatempo, eu acredito na televisão como um recurso didático, se for uma coisa direcionada, planejada com antecedência, não apenas como uma forma de prender a atenção das crianças, para ficarem quietas. (Entrevista, Fiona, 22/11/2018).

De acordo com o acompanhamento das aulas, nos dias destinados à exibição de filmes/desenhos animados, percebi que a maioria (de 11 docentes, 9) das professoras observadas projetavam esses filmes de maneira aleatória para as crianças. Esse fato foi comumente perceptível durante a pesquisa, mas que ressalta uma certa estranheza, visto que elas conheciam seus alunos, seus gostos e interesses, mas não planejavam esse momento.

As crianças estavam assistindo a um filme. A professora responsável pelas atividades da biblioteca chegou na sala de aula e solicitou a metade da turma, o que me provocou estranheza. Eles se retiraram e depois de uns trinta minutos retornaram. O filme não tem objetivo? Por

que alguns saíram para leitura? Não poderia ser em outro momento? (Observação, Jean, 16/10/2018).

Durante o desenrolar da pesquisa, outro fato presenciado por duas vezes na mesma sala, faz referência à professora da biblioteca, que retirou metade dos alunos para irem até à biblioteca durante a exibição de filmes. Minha impressão foi que elas consideravam o fato de os alunos irem à biblioteca ser mais importante que assistir filmes. O que chamou mais a atenção é que esses mesmos alunos que eram retirados durante a exibição, ao retornarem para a sala de aula, eram indagados ao final do filme juntamente com a turma sobre quais eram as suas impressões sobre o filme exibido, mesmo não participando da sessão.

Espelt (2006, p. 30) menciona que o filme se transforma em um “ótimo instrumento para objetivar as práticas infantis e elucidar aquilo que olham e que veem, que sentem e que pensam as crianças no cinema, tendo em conta, além disso, a dimensão coletiva, social, de tal experiência”. Trazendo novas vivências ao mundo da criança no momento em que interagem com a exibição do filme, imagem, sala, professor e alunos.

Referente à exibição de filmes nacionais brasileiros, percebi que:

No início manifestaram interesse, depois começaram a conversar e brincar, uns com os outros, assuntos diversos. Mesmo com a professora chamando a atenção, eles continuaram o bate papo e a agitação. A professora pediu silêncio algumas vezes e tentou fazer com que eles prestassem atenção, sinalizando alguns pontos do filme, porém a situação permaneceu, assim ela retirou o filme que estava no meio, devido ao desinteresse dos alunos. Em seguida, falou com todos sobre o respeito ao próximo, que quem não quisesse assistir teria que respeitar o colega que estava interessado. Pediu para os alunos abaixarem a cabeça na mesa e eles permaneceram assim por sete (7) minutos, sem conversar ou movimentar, como uma repreensão pelo comportamento. (Observação, Tempestade, 26/10/2018).

A Lei 13.006/2014 também foi contemplada nas discussões com as professoras e foi alvo de discussões ao longo da pesquisa, contudo, percebi que quando a docente selecionava e exibia filmes nacionais, os alunos manifestavam apatia, desatenção e de certa forma, desânimo, por isso mal começavam a assistir e já solicitavam a substituição por outro, excetuando os filmes da Turma da Mônica. Notei que os mesmos não prendiam a atenção das crianças como as produções estrangeiras.

A Lei 13.006/2014 determina que os profissionais da educação têm a obrigação de exibir, mensalmente, pelo menos duas horas de filmes produzidos no Brasil, como

componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola. Essa lei emergiu com o intuito de levar o Cinema para todas as escolas brasileiras, a fim de (re)conhecermos as culturas locais e regionais, ampliando assim, o repertório cultural dos alunos.

Ah, eu sinto muita falta de ter uma orientação maior sobre o uso de filmes com cunho pedagógico. Entrou uma lei em vigor onde se exige a exibição de filmes nacionais e sinto falta de ter uma orientação a respeito, um curso, eu acho que seria importante. (Entrevista, Tiana, 21/11/2018).

Agora nós temos a obrigatoriedade de trabalhar duas horas por mês os filmes nacionais. Eu sinto falta de um curso que tenha esse tema para ampliar nossos horizontes, ter um norte, para sabermos o que trabalhar. (Encontro Reflexivo, Cinderela, 27/11/2018).

Essa é uma lei que não é seguida, eu nem sabia disso. Ela não é exigida, nem cobrada, nem fiscalizada. Acho que tem pouquíssimos filmes infantis nacionais. (Encontro Reflexivo, Fiona, 19/02/2019).

Constatei que muitos profissionais que atuam nas escolas desconheciam essa lei, porém ela precisa ser executada e colocada em prática em todas as escolas brasileiras. Percebi dessa maneira, que em uma das escolas pesquisadas, as professoras cumpriam tal exigência, sendo que os filmes nacionais exibidos eram pré-estabelecidos pela supervisão e todas as professoras utilizavam o mesmo filme na semana específica do mês. Na outra escola, as docentes exibiam os filmes brasileiros, sendo que algumas manifestaram ter conhecimento da lei, em contrapartida à grande maioria que não sabia da sua existência.

Concordo com Soares (2015) quando afirma que entende que a Lei 13.006/2014 e outras ações

[...] poderão potencializar o uso de filmes nacionais nas práticas educativas e, dessa forma, a própria educação em suas relações com a produção de subjetividades, as redes de significações que constituem as culturas e as relações entre elas e a invenção de outros mundos possíveis. (SOARES, 2015, p. 75).

Evidencio, outrossim, ao longo da pesquisa, um aspecto curioso e relevante no que tange ao uso do Cinema na Escola, que foi o fato de que todas as docentes desenvolviam várias atividades concomitantemente à exibição dos filmes aos alunos, ou seja, no momento em que os alunos estavam concentrados assistindo aos filmes elas

realizavam outras funções diárias de suas rotinas, o que por sua vez, desviava o foco de concentração e interesse para outras demandas, que não fossem o Cinema em sala de aula, como mostram os registros que se seguem:

Eu aproveito para colar atividades, poucas vezes assisto ao filme com eles, mas sempre coloco a TV de frente para a minha mesa, para ficar de olho neles e em prováveis cenas ou palavras inapropriadas. Porque é o momento que eles estão mais tranquilos, então aproveito e colo 8 dias de atividade nos cadernos. (Entrevista, Anna, 20/11/2018).

Os professores sempre adiantam os seus trabalhos na hora do vídeo, eles fazem tudo menos assistir com as crianças. (Encontro Reflexivo, Ariel, 16/04/2019).

Quando possível faço o planejamento semanal ou colo atividades nos cadernos, aproveito esse tempo que eles estão quietos. Durante as aulas normais é impossível e aí tenho que ficar com toda minha atenção voltada pra eles. Procuro ficar de frente para a turma para poder observá-los, pois mesmo estando quietos, sempre acontece algum burburinho. (Entrevista, Estelar, 21/11/2018).

Enquanto os alunos assistiam ao filme, a professora vistou os cadernos de para casa das crianças; colou a atividade de para casa da semana; fez planejamento para a semana seguinte; fez tarefa com duas crianças de cada vez separadamente (retirou do filme). Percebi que essas crianças faziam a tarefa e olhavam a televisão, demonstravam que estavam mais interessada no filme que na atividade. (Observação, Mera, 03/10/2018).

Enquanto as crianças assistiram ao filme Megamente, a professora ligou o notebook e começou a fazer seu diário eletrônico. Depois ela navegou na internet procurando imagens de painéis que trazem mensagens sobre a igualdade racial para apresentar no evento da escola intitulado Consciência Negra, que é um momento de interação família e escola no qual são expostas atividades feitas pelos alunos sobre a temática. (Observação, Feiticeira, 12/11/2018).

A professora fez planejamento de aula, deu visto nos cadernos das crianças, colou tarefa nos cadernos, justificou que nos dias da semana é muito corrido para realizar esses afazeres. Depois chamou três alunos para fazer atividade. (Observação, Estelar, 16/10/2018).

Televisão em sala é a hora de atualizar o diário, arrumar atividades de sala e casa, recortar e colar bilhetes, organizar armário, fazer planejamento. (Encontro Reflexivo, Cinderela, 14/05/2019).

Esses trechos mostram que o tempo (quadro de horários) não permitia à professora cumprir todos os afazeres de sua função docente, mas que sempre ela executava mais de um, principalmente nos horários destinados ao uso do vídeo para os alunos, ou seja, as professoras, no momento da televisão, permaneciam envolvidas com outras demandas da função docente, como por exemplo: recortar e colar tarefas, arrumar armários, corrigir cadernos, organizar materiais, elaborar planejamentos de aulas, fazer o preenchimento de diários escolares, dentre outros.

Ainda possibilitou perceber o fato de que as docentes da mesma forma, aproveitavam essa ocasião, destinada à televisão, para desenvolver outras atividades com grupos menores de alunos, convocando as crianças de pouco em pouco para realizarem determinadas tarefas.

Durante esse momento, ficou perceptível a demonstração de preferências pelas crianças em assistir à televisão, pois algumas expressavam seu descontentamento em ter que parar de assistir ao filme/desenho animado e quando iam, não conseguiam a concentração necessária para a execução da mesma, permanecendo prestando atenção na tela da televisão e, nessa ocasião, a professora precisava chamar-lhes a atenção em relação ao que estavam fazendo.

Inferi que essas atividades individuais, por sua complexidade, exigiam um maior direcionamento e acompanhamento por parte da professora em sua execução, diferentemente da requerida quando ela aplicava com toda a turma. Através das suas falas notei como os alunos ficavam envolvidos com as imagens e sons, enquanto elas desenvolviam atividades individualizadas com as crianças. Sendo assim, quando questionadas em relação ao que fazem no momento em que os alunos estão assistindo filmes em sala de aula, elas foram elucidativas nas respostas:

Colo atividades nos cadernos. Procuo também atualizar as atividades com algum aluno que esteja necessitando de reforço, mas isso somente quando eles estão assistindo um filme grande e estão envolvidos com ele. (Entrevista, Jean, 22/11/2018).

Organizo tarefas, coloco os cadernos em dia, mas sem deixar de olhar pra eles. Sento junto e vou organizando as atividades, as vezes preparo o cantinho pra próxima atividade que vou fazer. É um momento que eles não precisam tanto do meu direcionamento, converso com eles sobre o filme. (Entrevista, Tiana, 21/11/2018).

Geralmente eu organizo as tarefas que foram feitas durante a semana, colo no caderno, planejo a aula da semana que vem. Este é um

momento que as crianças estão mais tranquilas, estão mais concentradas. (Entrevista, Moana, 23/11/2018).

Quando questionadas do porquê fazem uso desse momento para desenvolver essas variadas atividades, a fala dessas profissionais revelou-se categórica, e sintetizaram suas experiências desse modo:

Porque é um momento que eles estão com a atenção voltada pro filme e eu não tenho que prestar tanta atenção neles. (Entrevista, Cinderela, 20/11/2018).

Como eles gostam de filmes eles ficam bem concentrados e quietos, como minha mesa fica próxima a eles consigo realizar essas tarefas e não preciso ficar tão atenta a eles. (Entrevista, Jean, 22/11/2018).

O que mais a gente vê são os professores passando filmes porque as crianças gostam e ficam mais calmas nessa hora. (Encontro Reflexivo, Ariel, 19/03/2019).

Conforme afirmativas mencionadas pelas docentes, pude verificar que há o desenvolvimento de diversas atividades, referentes às atribuições do cargo, executadas paralelamente ao momento destinado à televisão, quando as crianças estão assistindo aos filmes. O fato de as crianças permanecerem concentradas, pode ser explicado em decorrência dos alunos apreciarem esse artefato e, em função disso, permanecem mais concentrados e tranquilos, não reivindicando a atenção constante direcionada a eles.

Dessa maneira, percebi que as professoras exibiam vídeos de animação, os utilizando como entretenimento, para as crianças se alegrarem e se divertirem, e recurso pedagógico, para ilustração e/ou ensinar algum conteúdo. Além disso, os filmes distraíam as crianças, deixando-as envolvidas e nesse momento as docentes conseguiam desenvolver outras atividades que a função demandava.

Quanto às orientações sobre o uso do Cinema na Escola

Não há orientação. É por minha própria iniciativa que tento colocar os filmes com ligação ao que estou trabalhando com os alunos. Quando trabalho algum tema, por exemplo, alimentação, trânsito, higiene e até bullying, procuro algum episódio ou filme e tento encaixar no meu planejamento. É possível trabalhar valores, por exemplo, aconteceu de uma criança relatar que não tinha mãe, eu trouxe “Procurando Nemo”, mostrei que a família dele era diferente, mas não pior que às outras. (Entrevista, Feiticeira, 19/11/2018).

Nunca recebi orientações sobre o que assistir. Recebi só quando tive que trabalhar filmes nacionais, que é uma vez por mês, mas orientação sobre que linha seguir não. Eu sinto falta, porque eu tenho muita dúvida sobre o tipo de filme que devo exibir e, às vezes, tenho medo. (Entrevista, Anna, 20/11/2018).

Não recebi orientações, só em relação ao projeto Cinema na Escola que é exibir uma vez por mês filmes brasileiros. E não sinto falta de mais orientações porque eu sigo meu próprio roteiro, sempre exibo filmes que têm algo a somar ao conteúdo da semana. (Entrevista, Moana, 23/11/2018).

Fato notório, igualmente demonstrado na pesquisa, é que poucas docentes pronunciaram que receberam orientações sobre como utilizar filmes em suas aulas. Entretanto, uma contradição ficou evidente quando as supervisoras e a diretora foram entrevistadas, todas sem exceção, mencionaram que:

A gente sempre pede pra ter um contexto, por exemplo, se eu estou trabalhando meios de transporte eu teria que trazer um vídeo, um filme direcionado a isso. Na realidade se isso acontece é muito raro, os filmes são muitos soltos, sem contexto algum. (Entrevista, Fiona, 22/11/2018).

Quando nós estamos falando da temática da viola caipira, deve ser apresentado um vídeo que fale do tema do projeto, mas quando não é ligado a um projeto a professora tem liberdade para fazer isso desde que siga alguns critérios, avaliar com cuidado, ver antecipadamente para ela fazer um julgamento, se cabe ou não levar esse filme para a criança. Por mais que a gente oriente para que tenha um objetivo bem traçado, ele aparece até no conteúdo da professora, no plano de aula, no seu diário eletrônico na parte do conteúdo, mas percebemos que ele está mais ligado ao objetivo do entretenimento do que dentro de uma proposta pedagógica. (Entrevista, Ariel, 21/11/2019).

Tal oposição nas falas das entrevistadas me remeteu a uma certa dificuldade no diálogo entre professor e supervisor, evidenciando claramente a falha na comunicação e, principalmente, no desenvolvimento das atividades relacionadas à exploração do Cinema em sala de aula.

As supervisoras declararam desconhecer sobre estudo ou formação que abordasse essa temática. A resposta foi unânime por parte das entrevistadas, negando veemente qualquer estudo, curso ou palestra. Tal negativa suscitou, no momento da pesquisa, questionamentos sobre a necessidade de uma formação específica que contemplasse esse assunto, como anunciam os relatos apresentados adiante:

Faz falta uma formação sobre esse tema. Seria bom conscientizar o professor de como deve ser usado o filme, porque tem muitos que só usam como entretenimento. (Entrevista, Batgirl, 19/11/2018).

Acho que seria interessante cursos para todos sobre o tema filmes na escola, mesmo porque para tirar essa ideia que professor tem de achar que a televisão é um passa tempo e não um recurso didático. (Entrevista, Fiona, 22/11/2018).

Falar sobre o tema Cinema na Escola seria interessante demais. Falta formação nessa área. Assim como o CEMEPE trabalha com jogos, brincadeiras, oficinas que ajudam o professor na prática docente é essencial que tivesse uma formação sobre os filmes. Nossa, uma formação realmente seria excelente. (Entrevista, Ariel, 21/11/2018).

A partir dos fragmentos expostos, a respeito da necessidade de se promover cursos sobre o tema “Cinema na Escola”, é que a formação foi vislumbrada, que foi oportunizar às professoras pesquisadas espaços para dialogar sobre suas realidades e a utilização desse artefato cultural.

A partir dos fragmentos expostos, a respeito da necessidade de se promover cursos sobre o tema “Cinema na Escola”, juntamente com meu objetivo de pesquisa, é que a formação foi vislumbrada, ou seja, oportunizar às professoras pesquisadas espaços para dialogar sobre suas realidades e a utilização desse artefato cultural.

Corroboramos Simon (2011, p. 77), quando argumenta que a intenção não é fazer ou querer que as pessoas que participam dos cursos, das “nossas aulas, assistem nossos filmes, leem nossos livros e revistas, escutam nossos programas de rádio e nossa música, ocupam nossos edifícios e espaços urbanos e assistem nossas atividades religiosas, pensem e ajam como nós o fazemos”.

Temos que falar das crianças, suas construções e desenvolvimentos. Mas é preciso também e principalmente falar de nós, professores, e em como podemos explorar o Cinema como dispositivo que contribui para o processo de ensino-aprendizagem. (Encontro Reflexivo, Cinderela, 19/02/2019).

Nesse sentido, o cinema é uma construção artística cultural que impacta na vida das pessoas, edificando saberes e sujeitos. O Cinema na Escola é potencializador de relações, são conexões consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Alice através das Narrativas

Retomo meus pensamentos sobre a análise, ancorada em Clandinin e Connelly (2011, p. 193), quando argumentam que parte das nossas dúvidas vem da compreensão de que precisamos “escrever sobre pessoas, lugares e coisas ‘em transformação’ mais do que ‘estáticos’. A tarefa não é tanto dizer que pessoas, lugares e coisas são desta ou daquela maneira”, e sim que elas têm histórias, especificidades, singularidades e diversidades.

Pensando assim, posso ser considerada atrevida (o que é necessário para uma pesquisadora), pois a partir da relação com as educadoras e corroborando autores que pesquisam Cinema e Educação, me posicionei de acordo com o que estudo, penso e acredito sobre o Cinema na Escola e suas potencialidades.

Vale a pena enfatizar que apreendi que quanto mais estudo mais percebo que pouco sei. Que todos estão em constante construção e o que hoje acredito que esteja absolutamente certo, amanhã pode não ser mais. Somos moldados pelas relações temporais, sociais e culturais que se transformam ininterruptamente.

No território da pesquisa, o Cinema na Escola foi percebido como de diversão e pedagogização do saber, bem como momento da docente executar outras atividades. E foi notório que o Cinema enquanto Entretenimento foi mais evidenciado, tanto nos discursos quanto nas práticas pedagógicas em sala de aula. Essas questões existem, todavia, acredito que o Cinema é fomentador de relações na escola, permitindo inúmeras e múltiplas possibilidades e aprendizagens.

Concordo com Fretas (2015, p. 96) quando expõe que “projetar filmes na escola pode significar a possibilidade de alargar o conhecimento de si e do mundo, imaginando como eles foram feitos, situando-nos nas emoções da criação e imaginando outras próprias”. Nesse sentido, o Cinema pode ir além, sendo imprescindível:

[...] pensar o cinema como instrumento cultural de aprendizagem no seu sentido largo, ou seja, para além de sua apropriação didática, como ilustração dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Pensá-lo, portanto, como obra de arte que abre as portas da percepção de alunos e professores para outras formas de ver e conceber o mundo, trazendo novas possibilidades de aprender, é dar a conhecer que cinema é esse e como se instauram essas possibilidades. (FRETAS, 2015, p. 98).

Acredito que qualquer filme é educativo, que todos ensinam, com ou sem professor, então o filme pode ser utilizado, sem nenhum problema como entretenimento e/ou recurso pedagógico. Eles atuam na formação dos sujeitos, pois situam os diferentes espaços em que aprendemos, não se limitando ao ambiente escolar.

Cinema é arte e como tal é livre. Nesse sentido, não há outra forma de interagir com a arte que não tenha liberdade. Fantin (2015) menciona que o Cinema na Escola precisa propiciar:

[...] elementos para fruir, pensar e produzir filmes para crianças nas escolas como possibilidade de diálogo e ampliação de olhares sobre a infância, sobre si, sobre o outro e sobre o mundo, de forma a dar visibilidade a uma realidade evidente e que nem sempre é vista, mas que precisamos dar a ver. (FANTIN, 2015, p. 185-186).

Assim sendo, é possível argumentar com firmeza que o Cinema pode ser explorado em profundidade pelas professoras, valorizando as obras cinematográficas e sua materialização social e cultural. Cada artefato fílmico nos mobiliza, nos faz refletir para além dele. E acrescento, mencionando a autora, que “pode ser educativo o filme que emociona, diverte, transforma e faz pensar”. (FANTIN, 2015, p. 179).

Fantin (2011) sintetizou alguns pontos importantes que os docentes precisam meditar quando escolhem exibir filmes para as crianças em contextos formativos. Assim, ela enfatiza os objetivos primordiais de:

Ampliar o repertório cultural, assegurando filmes que apresentem a diversidade de contextos socioculturais, de linguagens, de valores e estéticas. Considerar que todo filme pode ser educativo a partir da relação que se estabelece com ele, mesmo considerando “qualidades inerentes” que certos filmes possuem. Considerar os níveis de desenvolvimento e o conhecimento que se tem das crianças: interesses, capacidades e preferências relacionadas ao capital cultural, às condições de infância, às capacidades reais e potenciais, idade, gênero, classe, etnias etc. Considerar o grau de abertura e incerteza que os filmes possuem, de forma a permitir interpretações diversas. (FANTIN, 2015, p. 181).

Partindo dessa premissa ficam claras as muitas possibilidades do filme e sua grandiosidade para o desenvolvimento da aprendizagem, pois permite a ampliação do repertório de mundo. De igual modo, o Cinema tem tudo a ver com o ambiente escolar, porque quem vive a escola sabe que ela é viva, potente, criativa e irreverente, pois

mediante aos conhecimentos massificados, reinventa possibilidades de atuação, pelas pessoas que a constituem e o Cinema vem ao encontro trazendo a arte de viver e sonhar.

Como argumenta Oliveira Junior (2016, p. 163) o Cinema permite “a escola como campo de experiências mais vastas que atravessam os corpos humanos que por ali circulam e que poderiam transpassar as disciplinas escolares com um pouco mais de vida indisciplinada, que é a vida comum, cotidiana”.

Contudo, a pesquisa possibilitou que as professoras mobilizassem a necessidade de sua compreensão em relação à multiplicidade do Cinema na formação dos discentes e principalmente das docentes, no que se refere à experiência com esse artefato cultural. Esse despertar foi instigado e posto em questionamento a partir do acesso aos espaços escolares de Educação Infantil de Uberlândia, envolvidos na investigação.

Realço que essa experiência com o Cinema é individual, porém ela pode chegar a uma edificação coletiva a partir dos diálogos compartilhados sobre as sensações, impressões e sentimentos que foram suscitados pela vivência da obra, considerando a sala de aula um ambiente extremamente favorável para efetivação dessa socialização.

Assim, considero que pensar o Cinema como arte e cultura na escola é ver e abrir frestas no cotidiano rígido da organização dos ambientes escolares. E a Educação Infantil necessita, conforme defende Oliveira (2012), propiciar às crianças:

[...] experiências de aprendizagem significativas em um espaço coletivo e rico em interações com adultos e outras crianças. Espera-se que contribuam com o desenvolvimento infantil, de forma ampla e integrada, a partir de suas diferentes aprendizagens, superando fragmentações historicamente construídas no atendimento dos diferentes grupos sociais. (OLIVEIRA, 2021, p. 31).

Encontrar as brechas existentes na experiência estética com a arte, nas relações entre filmes, entretenimento e recurso pedagógico, inaugura um caminho que viabiliza o Cinema adentrar nas escolas de forma viva, mais significativa, fazendo com que a sétima arte transborde e potencialize diferentes vivências, criações e imaginações com o Cinema na educação.

Penso como Berino (2015, p. 168) quando alega que:

O cinema projeta mais do que imagens e sons, ele atua sobre nossas vidas, educando amplamente nossa existência. Não apenas a escola educa de modo tão sistemático. Além de outros espaços de educação, como a família e grupos de pertencimento (a Igreja, por exemplo), entre

outras situações educativas, o cinema é uma das mais privilegiadas. (BERINO, 2015, p. 168).

Nesse sentido, o Cinema também atua na construção de um olhar mais sensível e reflexivo sobre a vida, por isso admito que ele permite encontros e consegue promover aproximações, alcançando tanto o coletivo como o individual. É uma obra privilegiada porque amplia na escola as possibilidades da criança de “se expressar, comunicar e criar, de organizar pensamentos e ideias, de conviver, brincar e trabalhar em grupo”. (OLIVEIRA, 2012, p. 34).

A autora ademais que a linguagem cinematográfica pode “garantir às crianças a participação em diversificadas experiências e que devemos valorizar as produções individuais ou coletivas delas como integrantes de um processo criador considerando a construção, por elas, de respostas singulares” (p. 34), valorizando assim suas produções, tanto pessoais quanto em grupo.

*Cinema não é só entreter, é para fazer pensar, é para fazer sonhar...
(Pocahontas, 08/05/2019)*

Nesse sentido, consinto que a experiência com o Cinema nos permite um acesso mais consciente à nossa interioridade e, por consequência, à nossa própria aprendizagem, sendo um artefato cultural que potencializa novos saberes. Portanto, a visão não é mera habilidade, mas uma construção cultural que se aprende e se ensina no interior das práticas sociais.

Para as crianças o Cinema é um convite, de acordo com Berino (2015, p. 174), sendo um “passaporte para muitas viagens simultâneas. Estão na escola ‘para aprender’, mas o cinema é muito vasto nas suas pretensões”. Nesse sentido, esse artefato cultural não é um campo definido, sendo ilimitado nas suas potencialidades.

Contudo, é na relação entre educador, culturas e discentes que se constituem aberturas para problematizar, organizar, preparar, desinstalar, pensar, desmascarar, inquietar, conscientizar e a formar sujeitos, e o Cinema possibilita a ampliação sociocultural.

**O CINEMA NAS TRANSFORMAÇÕES DOCENTES MEDIADAS PELA
PESQUISA COLABORATIVA**

Entenda os seus medos,
mas jamais deixe que eles sufoquem seus sonhos.

Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei essa manhã?
Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente.
Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: afinal de contas quem eu
sou?

Ah, este é o grande enigma.

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll (2000)

Nesta seção abordarei as conexões entre cinema e transformações docentes conduzidas pela pesquisa colaborativa. Nesse sentido, interpelei sobre as possibilidades do Cinema na Escola a partir das experiências, os contínuos e inúmeros diálogos entre os pares e as (re)construções das práticas pedagógicas docentes.

As práticas se transformam após reflexões, sobre o que se faz e o que se pode fazer, conciliados ao perceber e querer. São alterações que acontecem de dentro para fora, moldando e aperfeiçoando pequenas e grandes atitudes, construindo, interruptamente, modos de sentir, pensar e agir.

Neste trabalho, compartilho as experiências de professores se conectando com o cinema na sua vida e em suas práticas pedagógicas, se formando e transformando. O cinema tem o poder transformador. Por ser arte e cultura, ele consegue transitar no interior dos sujeitos e nas suas relações consigo mesmos, com os outros e com o mundo.

A situação problema da pesquisa foi a de compreender as potencialidades do cinema na constituição humana, planejando e propondo uma formação⁴⁴ docente voltada para a utilização de filmes com as crianças. Essa proposta foi pensada e arquitetada com a intencionalidade de contribuir para o desenvolvimento do professor, mobilizando a sua transformação no que se refere ao cinema como artefato potencializador. A construção da formação ocorreu de forma colaborativa, com as professoras decidindo o que queriam e como queriam aprender.

De início, apresento o grupo de estudos *CinEducação*, que é formado por educadoras conectadas com interesses de serem profissionais melhores. Elas trabalham em escolas da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia, participaram inicialmente das observações e entrevistas, e se engajaram em uma pesquisa colaborativa para estudar, refletir, debater e aprender mais sobre o cinema e suas práticas docentes.

Em seguida, abordo as ações conquistadas por esse grupo, que foi o curso de formação continuada para os profissionais da educação, intitulada *Luz, Câmera... Educação!* e outras as produções e multiplicações, como sugestões de filmes infantis nacionais, repositório virtual de compartilhamento de materiais, videoaulas, dentre outras.

Por fim, narro como os sujeitos participantes do curso de formação continuada *Luz, Câmera e Educação* e as colaboradoras do grupo de estudos *CinEducação* se

⁴⁴ Formação das professoras do grupo de estudos *CinEducação*.

sentiram afetados por viverem a experiência com o cinema, mobilizando as desconstruções e/ou construções pessoais e profissionais.

Grupo CinEducação - Fusões, Sintonias e Afetos

Ser um grupo é respeitar o outro, é ao mesmo tempo, dividir conhecimentos e multiplicar saberes. Histórias de vida, de trabalho, diversidade de ideias, de concepções, de ideologias, de religião que compõem o eu singular em ambientes diversos, mas com um objetivo em comum: o de estudar, de pensar, dialogar e construir conhecimentos sobre um determinado assunto, o Cinema na Escola.

Momentos de trocas entre os pares sobre as vivências pessoais e profissionais, leituras de textos e experiências com os filmes. Muitas interrogações, às vezes desentendimentos, mas a aprendizagem era uma constante nos nossos encontros. A diversidade cultural gera conflitos entre as pessoas e simultaneamente as aproximam, contudo, não se pode negar que possibilita a ampliação das visões de mundo.

Estou aqui porque adoro assistir filmes e quero aprender sobre o Cinema na Escola. (Encontro Reflexivo, Tiana, 27/11/2018).

Metaforicamente, podemos considerar que as professoras que almejam os estudos em grupo permanecem de um lado da fronteira, que compõe o que elas sabem e agem no que se refere ao Cinema na Escola, e anseiam passar para o outro lado, que é de querer aprender e saber mais. Nesse sentido, considerando que:

A fronteira é um lugar mítico do desejo, da escolha, da liberdade. É verdade que os seres fronteiriços e as crianças o são quase por natureza, são seres em trânsito para outra coisa [...] A fronteira é, de uma só vez, obstáculo e promessa, fechamento e abertura. Do outro lado da fronteira há algo que tem prestígio e a dificuldade do começo. (LARROSA, 2006, p. 62-63).

Dessa forma, a fronteira é considerada uma referência e sua passagem é arriscada necessitando de uma ação determinada e corajosa por parte de quem quer arriscar a fazê-la. A fronteira constitui um encontro com os outros e consigo mesmo, somente o ato de existir já nos leva para a fronteira e ela é, ao mesmo tempo, empecilho e promessa. Assim, os estudos em grupo nos possibilitam sair de um local e ir para outro adquirindo incontáveis experiências.

Esse atravessamento, que é individual e íntimo, com o cinema sendo o intermediário também pode ser pensado como encontro, de acordo com Oliveira Junior (2015, p. 743), “habitado de outras maneiras, abrindo nele novos possíveis ali instaurados no e com o encontro entre cinema e espaço”. Nesse sentido, o espaço, as interações, o querer, que é subjetivo de cada um é o que possibilita as pessoas a mudarem.

Esse movimento de transformação aconteceu nos encontros em grupo, pois conforme Barbosa (2017, p. 17) a intenção também foi de “fazer dessa prática pedagógica uma fábrica de novos olhares, pensamentos e atitudes mais questionadoras e propositivas frente ao mundo em que vivemos e àqueles que o cinema nos traz”, experimentando essa arte que nos move e deslumbra.

No processo de desenvolvimento dessa formação do grupo de estudos, foi indispensável discutir concepções que aproximaram, de forma global, as diferentes dimensões dos aspectos individuais, da práxis das professoras, as inovações permanentes situadas no contexto educacional e as diversas situações sociais, delas próprias, como a dos alunos e a de suas famílias.

Quando os/as professores/as se reúnem para voltar suas energias e atenção para a tarefa específica de construir práticas educacionais que possam ajudar os/as estudantes a contestar e avaliar as convenções sociais, os modos de pensamento e as relações de poder existentes. (SIMON, 2011, p. 61).

O grupo de estudos *CinEducação*, que perpassou a pesquisa-ação colaborativa, foi composto por 11 professoras, incluindo a professora pesquisadora, que manifestaram interesse em refletir sobre sua prática docente em relação ao uso do Cinema na Escola e que se engajaram nesse estudo, como diz Barbosa (2017, p. 124), “uma experiência de aprendizagem colaborativa, em que o conhecimento seria produzido na relação”.

Presencialmente ocorreram um total de trinta (30) encontros⁴⁵, a contar de novembro de 2018 a novembro de 2019ⁱ, para a realização de discussões a respeito da temática “Cinema na Escola”, sendo que em determinados momentos também foi necessário o estabelecimento de conversas, combinados e trocas de informações por meio

⁴⁵ Não computei aqui, nos Encontros Reflexivos do grupo *CinEducação*, os encontros do curso de formação continuada. Se assim fizesse seriam 39 ao total.

do grupo do *WhatsApp*⁴⁶. Esses encontros aconteceram na EMEI A no período da noite, das 18 às 21 horas aproximadamente, a fim de não coincidir com as atividades da escola.

O primeiro encontro aconteceu no dia 27/11/2018, e até então o único do ano de 2018 considerando que já estávamos no final de novembro. Além dos momentos de acolhimento, interação, socialização e reflexões sobre o cinema nas nossas vidas e em nossas práticas escolares, também discutimos sobre alguns assuntos interessantes vinculados a esse artefato.

Nesse dia, surgiu a ideia inusitada:

Por que nós não estudamos para levar informação para mais professores? Podemos estudar e divulgar o que aprendemos, sendo formadoras. Outro motivo para estudarmos pra valer. Quando a gente está de fora, igual estou agora, observamos que a televisão, o filme, o desenho e os vídeos no ambiente escolar são como passatempo. Eu vou colocar esse filme para os meninos assistirem e vou fazer meu diário ou vou fazer alguma atividade, por exemplo o planejamento. Eu gosto muito do tema, mas eu tenho essa visão, da gente levar isso para a Rede Municipal, igual tem a formação no CEMEPE, levar a formação para um grupo maior de professores, oferecer formação in loco aqui ou no CEMEPE mesmo. Um estudo sobre o Cinema na Escola é de extrema importância. (Encontro Reflexivo, Fiona, 27/11/2018).

Todas acharam essa sugestão interessante e assim marcamos outro encontro para discutirmos melhor sobre essa viabilização. Nos reunimos novamente no dia 18/12/2018, e traçamos coletivamente o roteiro de estudos para definirmos as datas, procurando atender aos anseios para a aquisição de novos conhecimentos voltados para o fazer e a prática pedagógica. Nesse processo, de ajustarmos os temas de investigação, nos pautamos nos filmes como conectores de diálogos, permitindo aos docentes “novos modos de sentir, pensar e habitar aquele local educativo”. (BARBOSA, 2017, p. 14).

Além de estudarmos sobre cinema, com leituras, teorias, também poderíamos curtir filmes. Poderíamos sugerir umas para as outras e também na formação alguns vídeos, filmes, clipes relacionados ao assunto em questão. (Encontro Reflexivo, Moana, 18/12/2018).

Dessa maneira, nosso direcionamento de estudo, dinâmica de trabalho, foi pautado no compromisso do curso de formação continuada, voltada aos profissionais da educação.

⁴⁶ O grupo de *WhatsApp* foi organizado, em razão de sua facilidade, praticidade, agilidade e dinamismo na comunicação, a fim de manter ativa a interação e as trocas de informação/diálogos entre os pares. Nele, sugeríamos leituras de textos, artigos e/ou livros, compartilhávamos ideias, sentimentos e/ou reflexões, indicávamos diversos filmes, clipes e/ou músicas, enfim dialogávamos sobre inúmeros assuntos.

Em outras palavras, direcionamos nossas investigações a partir dos temas que desenvolveríamos nos módulos.

A ideia da “Fiona” foi incrível! Vamos dedicar ao que queremos aprender, estudando para valer, discutir e organizar o que trabalharemos com as outras pessoas. E o estudo precisa ser bem sistemático, porque eu não quero passar vergonha não. Vamos dedicar para proporcionar uma formação bem bacana e significativa. (Encontro Reflexivo, Cinderela, 27/11/2018).⁴⁷

Exemplificando, o primeiro módulo do curso de formação continuada aconteceu no dia 26/03/2019 e nós, grupo de estudos *CinEducação*, nos encontramos cinco vezes presencialmente (12/02, 19/02, 26/02, 12/03 e 19/03/2019) para organizá-lo, estudando as temáticas que seriam contempladas. Já o segundo módulo aconteceu no dia 23/04/2019 e nos encontramos três vezes presencialmente (02/04, 09/04 e 16/04/2019) para prepará-lo, sempre estudando. Os encontros presenciais do grupo reflexivo eram realizados antes do módulo do curso, conforme o quadro (5) abaixo:

Quadro 5: Datas e temáticas estudadas nos Encontros Reflexivos

<i>Encontros Reflexivos</i>	<i>Curso de Formação Continuada</i>	
Datas	Datas	Temáticas
27/11 e 18/12/18		
12/02, 19/02, 26/02, 12/03 e 19/03/19	1º Módulo 26/03/19	Cinema na Educação
02/04, 09/04 e 16/04/19	2º Módulo 23/04/19	Cinema na Educação
30/04, 07/05, 14/05 e 21/05/19	3º Módulo 28/05/19	Linguagem Cinematográfica
04/06, 11/06 e 18/06/19	4º Módulo 25/06/19	Cinema nas Práticas Pedagógicas
02/07/19	5º Módulo 09/07/19	Cinema nas Práticas Pedagógicas
06/08, 13/08 e 20/08/19	6º Módulo 27/08/19	Cinema: novos olhares

⁴⁷ Essa é uma das falas que me tocaram e que me motivaram a escrever, além do meu objetivo que eram as docentes (observadas e/ou entrevistas), sobre o curso de formação continuada com detalhes. Eu percebia que os olhares e esforços do grupo *CinEducação* eram direcionados na tentativa de movimentar outras pessoas, na formação que oferecemos, porém nossos corpos, mentes, falas, aprendizagens e saberes foram transformados. Outro ponto que destaco é que o trecho “E o estudo precisa ser bem sistemático, porque eu não quero passar vergonha não” que mostra a escola como direcionadora, uma perspectiva que não considero na pesquisa. Porém, como o trabalho foi colaborativo todos tiveram voz e vez no processo, com igualdade de posicionamento.

03/09, 10/09 e 19/09/19	7º Módulo 24/09/19	Cinema: novos olhares
01/10, 08/10, 15/10 e 22/10/19	8º e 9º Módulo 29/10 e 05/11/19	Cinema: novos olhares e Eu faço arte: produzindo um curta
12/11 e 19/11/19		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Todas as programações, decisões e práticas adotadas pelo grupo foram acordadas democraticamente, sendo que em alguns momentos fizemos o uso da votação para realizarmos determinadas escolhas. A responsabilidade de estarmos reunidas semanalmente estudando sobre Cinema na Escola se deu de maneira coletiva. E assim os fracassos e/ou sucessos para a concretização do curso de formação continuada e suas atividades eram admitidos para todas.

Nunca estudei em grupo, essa dinâmica é diferente para mim. Quando eu fazia graduação uma professora convidou a turma, mas eu não fui porque trabalhava no horário. Não pensava que as escolhas eram coletivas e que nós poderíamos opinar, falar o que queremos ler e discutir. (Encontro Reflexivo, Mégara, 02/04/2019).

Desse modo, experimentamos e assumimos papéis distintos, sem constâncias, cada qual com sua importância como se fosse a produção de um filme, em que em um determinado instante uma das componentes do grupo *CinEducação* assumiu a posição de ser a diretora, outra a roteirista, cinegrafistas, sonoplasta, figurinista, entre outros.

Somos um grupo, uma equipe. Mesmo cada um tendo sua responsabilidade é importante todas saberem de tudo para ajudar a outra, caso precise, então todo mundo tem que estar por dentro do que será discutido. Vai que eu passe mal, com dor de barriga, e não venho? Vamos passar vergonha? (Encontro Reflexivo, Pocahontas, 19/02/2019).

Realmente nos tornamos um grupo, em que até mesmo o lanche, que eu levava para socialização durante as primeiras conversas, foi sinalizado, tornando-se objeto de discussões e decisão coletiva, como comprova o fragmento a seguir:

Eu queria propor uma coisa, esse negócio de você ficar dando lanchinho, lanchinho, não estou achando legal. Nós poderíamos fazer assim, cada uma traz alguma coisa para comer e beber, não pesa para ninguém, pois isso daqui não é só pra você é pra todas nós também. (Encontro Reflexivo, Fiona, 12/02/2019).

Dessa forma, os gastos relacionados aos Encontros e à formação foram divididos ou subsidiados pelo grupo, como, por exemplo, a aquisição das cadeiras plásticas utilizadas e disponibilizadas no curso, as caixas de som, as lembrancinhas, camisetas das formadoras (nossa – grupo formador), cartazes e *folders* de divulgação da formação etc. O fortalecimento do grupo colaborativo se consolidou, dia após dia, através de relações e práticas voltadas para a execução e concretização da nossa formação e da formação oferecida por nós, grupo *CinEducação*.

Eu posso conseguir as cadeiras plásticas emprestadas, com um amigo meu, para todos os módulos. Aqui na escola não tem muitas cadeiras de adulto para usar, alugar ficaria caro demais, aí vou pedir, não custa tentar. (Encontro Reflexivo, Fiona, 12/02/2019).

A programação dos estudos do grupo *CinEducação* passou por várias mudanças, de acordo com as nossas necessidades, curiosidades e inquietações, até montarmos o roteiro propriamente dito do curso de formação continuada. Vários aspectos pensados inicialmente foram excluídos e outros incluídas, mediante um planejamento flexível, elaborado para atender os anseios das envolvidas no processo.

As relações foram pautadas, como diz Barbosa (2017), em:

Uma série de acontecimentos que foram provocando desvios, variações e abandonos de ideias, mas que, ao mesmo tempo, nos fizeram criar outros caminhos, sensibilizando-nos a perceber outras possibilidades, a negociar com o espaço outros devires para as trajetórias em jogo no fazer cinema [...]. (BARBOSA, 2017, p. 122).

Esse planejamento, que visou o aprofundamento dos estudos e a autoformação, foi possível porque acreditamos ser importante capacitarmos, com conhecimento, desenvolvendo, conforme Teixeira, Grammont e Azevedo (2014, p. 134), “experiências e saberes para o trabalho com outras linguagens e, sobretudo, com imagens e telas que constituem grande parte dos processos de socialização e vivências socioculturais nas sociedades contemporâneas”.

Adorei a ideia de estudar, aprender e compartilhar. Vai ser muito rica essa experiência! (Encontro Reflexivo, Cinderela, 18/12/2018).

Esse movimento de ler, discutir e depois planejar um curso, aos colegas, é muito interessante. Além de aprendermos vamos, como se

fosse, ensinar. Uma grande motivação para aprender direitinho! (Encontro Reflexivo, Jasmine, 26/02/2019).

Começamos nossos estudos nas férias de janeiro de 2019, com sugestões deleites de diferentes filmes e leituras. Após quinze dias decidimos sistematizar o compromisso coletivo, assim elegemos o filme: *Como Estrelas na Terra*, para assistirmos em casa, individualmente, e após uma semana realizarmos as discussões, que graças aos avanços tecnológicos, principalmente dos meios de comunicação, nos possibilitou estarmos juntas mesmo que fisicamente distantes. De tal modo, realizamos as discussões pertinentes ao filme citado e ao final propusemos a apreciação do texto teórico intitulado: *Mídia-Educação e Cinema na Escola* – escrito por Mônica Fantin, para uma posterior socialização entre o grupo.

Como anteriormente, uma semana depois da proposta de leitura do texto de Fantin nos conectamos, com hora marcada, para discutirmos e analisarmos os apontamentos abordados pela autora a partir do nosso entendimento e compreensão. Ênfase neste ponto, o movimento adotado pelo grupo para darmos continuidade aos estudos em casa, no período de férias, ocorrendo de forma não presencial, porém pontual. Continuamos nessa mesma prática de estudos por mais três semanas, quando então as aulas nas escolas municipais retornaram.

Achei que estudar nas férias seria horrível, estava cansada e só queria dormir, comer e passear, mas da forma que fizemos foi tranquilo, prazeroso e interessante. (Encontro Reflexivo, Pocahontas, 12/02/2019).

Meu pavor era ler aqueles textos acadêmicos que a gente não entende, mas as leituras foram tranquilas. Juntas trocamos ideias das leituras e filmes. (Encontro Reflexivo, Ariel, 12/02/2019).

Com o início do ano letivo e a disponibilidade da infraestrutura da escola, os encontros se tornaram presenciais como o planejado, todas as terças-feiras às 18h15min na escola em que a maioria do grupo trabalhava, sendo que a comunicação pelo *WhatsApp* também permaneceu.

Prosseguimos colocando em prática o roteiro de estudos, construído coletivamente pelo grupo de estudos *CinEducAção*. Como no primeiro tópico discutiríamos sobre Cinema e Educação, mais especificamente sobre a Lei 13.006/14, estudamos as seguintes obras: *Cinema, educação e estado: a inserção da Lei 13.006/14*

e a obrigatoriedade da exibição de filmes nas escolas – da autora Vitória Azevedo da Fonseca (2016); *Obrigatoriedade do Cinema na Escola: uma análise sobre a lei 13.006/14* – autora Ana Iara Silva de Deus (2016); *Cinema e Educação: a Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e proposta* - Adriana Fresquet (org) (2015).⁴⁸

Foi dessa forma que traçamos a nossa trajetória de estudos (grupo *CinEducação*), na qual definíamos previamente as leituras teóricas sobre Cinema e Educação, que eram realizadas em casa durante a semana, e às terças-feiras, nos encontros presenciais, fazíamos uma roda de conversas para discutir o material estudado. O combinado estabelecido entre o grupo foi o de que a pessoa que sugerisse o material para leitura da equipe, deveria fazer uma breve análise do conteúdo antes de propor, tentando perceber se o mesmo era adequado e pertinente para contribuir para nossa formação, recorrendo a autores da área de cinema e Educação para ancorarem nossas reflexões.

Antes de propor as leituras às colegas do grupo vamos combinar de ler e selecionar o que é pertinente ou não, fazendo uma seleção do material. Depois, disponibilizamos eles pelo WhatsApp para que todos leiam e façam suas anotações, e presencialmente conversamos, sobre o assunto e escolhemos o que trabalharemos na formação geral, claro, com assuntos que considerarmos importantes para nós e para os outros. (Encontro Reflexivo, Cinderela, 26/02/2019).

Tentamos trazer sempre ideias atraentes para o grupo e, conseqüentemente, para o curso de formação continuada, e nesse movimento vivenciamos também a experiência de realizar cinema, através da gravação de uma peça publicitária, que teve o intuito de despertar a curiosidade dos cursistas sobre um dos módulos que viria a ocorrer e que abordaria a temática cinema nas práticas pedagógicas.

No grupo reflexivo observamos que algumas professoras estavam mais abertas à construção do audiovisual e outras mais tímidas com receio de se expor, como podemos perceber nas seguintes falas:

Eu não gosto de ser filmada não, então vou ajudar nos bastidores. (Encontro Reflexivo, Tiana, 07/05/2019).

Quero ser a professora que fica saindo de sala em sala, bem desesperada, pedindo emprestado pen drive com filmes para as colegas. (Encontro Reflexivo, Pocahontas, 14/05/2019).

⁴⁸ Reiteramos que a programação de estudo do grupo *CinEducação* baseou-se nas temáticas que seriam desenvolvidas no curso de formação continuada. Logo a seguir, nesta seção, as detalharei.

Nessa gravação mostramos um pouco dos apuros que a maioria dos docentes enfrentam no dia a dia, não sabendo utilizar algumas ferramentas digitais que têm na escola e nas salas de aula. Assim, planejamos e executamos toda a construção da filmagem, materializando o que aprendemos no grupo *CinEducação*, como: o cenário, figurino, falas, planos, enquadramentos, som, ações dos personagens, entre outros.

Esse dia foi muito divertido e produtivo, exploramos na prática a experiência de uma produção cinematográfica. Os conhecimentos adquiridos nos encontros, principalmente sobre a linguagem cinematográfica⁴⁹, nos ajudaram bastante na construção do comercial. Fomos protagonistas e produtoras! (Encontro Reflexivo, Jasmine, 14/05/2019).

Nesse sentido, concordo com Barbosa (2017, p. 37) quando comenta que “a câmera é a trajetória que ganha relevo nesse processo de negociação com o real, pois ela é a ferramenta que recorta, monta e desvela os blocos de espaço-tempo, em composição com todas as demais trajetórias co-presentes no lugar de filmagem”. Nesse sentido, a câmera possibilitou a filmagem do que gostaríamos de exibir aos colegas, uma escolha coletiva de composições e ações.

Nós, grupo de estudos *CinEducação*, estudamos, discutimos, assimilamos, apropriamos e aprendemos juntas, para depois multiplicarmos para outras pessoas interessadas sobre a temática, na qual participaram da nossa proposta de um curso de formação continuada. Para isso, nos envolvemos no processo de construção de saberes, ação coletiva e individual, formamo-nos e formamos outras pessoas.

As escolas constituem, conforme Simon (2011, p. 67), “locais de política cultural, organizadas através de modos de produção semiótica que empregam variadas tecnologias culturais para representar, exibir e facilitar a mediação de asserções de conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos/as”. Neste sentido, as tecnologias culturais materializam os saberes historicamente construídos e as produções de significados sociais.

Simon (2011, p. 68) admite que as escolas “são os equivalentes a “máquinas de sonho” – conjuntos de práticas sociais, textuais e visuais planejadas para provocar a produção de significados e desejos que podem afetar a ideia que as pessoas têm de suas

⁴⁹ Leitura de textos e um encontro com Cristiano Barbosa que discutiu sobre a linguagem cinematográfica – somente ao grupo *CinEducação*.

futuras identidades e possibilidades”. Neste sentido, o cinema consegue transitar em diferentes ambientes.

Entendemos a Educação como um processo amplo e complexo, sendo um campo de reflexão que forma e desenvolve o humano, que se constrói e edifica nas interações sociais e culturais. Ela engloba a ação de ensino-aprendizagem, afetando a pessoa, por isso a educação liberta e precisa ser significativa, voltada ao acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno das pessoas, com respeito às diferenças.

E o grupo de formadoras nos Encontros Reflexivos construía essa dimensão da Educação, como podemos observar na fala que segue em que Tiana se ancorou em Paulo Freire,

*Se a educação não é Libertadora, o oprimido se torna opressor.
(Encontro Reflexivo, Tiana, 18/12/2018).*

Complementando, através das ações do grupo de estudos, buscamos compartilhar práticas e saberes com os profissionais da educação interessados no Cinema na Escola e suas potencialidades, sendo este último considerado um artefato cultural que sensibiliza, mobiliza e transforma os sujeitos. Nesse sentido, um trecho da fala a seguir de Moana mostra essa característica marcante do grupo de se preocupar não apenas com aquisição de novos conhecimentos, mas também de divulgar, de ampliar esse conhecimento para um número maior de pessoas.

É preciso lembrar que somos responsáveis por contribuir, mais do que no desenvolvimento cognitivo, é imprescindível colaborar com formação humana. (Encontro Reflexivo, Moana, 12/03/2019).

Também procuramos, no curso de formação continuada, colaborar para novos olhares sobre a Educação, as mídias e suas inúmeras possibilidades no processo de ensino-aprendizagem. Focamos no Cinema na Escola por ele estar presente uma vez por semana, no mínimo, dentro das salas de aula sendo um poderoso artefato na construção de saberes e sujeitos⁵⁰.

⁵⁰ Optei por narrar o curso de formação continuada e seus impactos, porque senti que nossos esforços, do grupo *CinEducação*, foram exaltados ali. Percebi que as colaboradoras se sentiam mais otimizadas e ativas em reconhecer os avanços dos cursistas do que nas suas próprias conquistas, no sentido de aquisição de conhecimentos. Acredito que temos esse sentimento por sermos professoras, sabemos que aprendemos muito, na teoria e prática, mas ficamos realizadas como docentes quando percebemos que atingimos nossos alunos, quando eles aprendem.

Meu objetivo que era planejar e propor uma formação docente na Educação Infantil voltada para a utilização de filmes com as crianças, aconteceu, que foram os Encontros Reflexivos do grupo *CinEducação*, e esta foi expandida a outros profissionais da educação, quando esse grupo decidiu desenvolver o curso de formação continuada. Assim, as integrantes do grupo foram formadas e estas (incluindo eu) formaram outras pessoas. Ambas as propostas foram construídas coletivamente voltadas ao Cinema na Escola como educação do olhar e do sentir.

Uma das ações do grupo de estudo *CinEducação* foi o curso de formação continuada para os colegas da Educação. O grupo, como já mencionado, decidiu multiplicar todos os estudos, reflexões, trocas, diálogos e aprendizagens sobre o *Cinema na Escola* com os profissionais da educação, a fim de contribuir com novas posturas sobre esse artefato presente nas instituições escolares.

Oportunizar momentos de reflexões e trocas entre os educadores, ampliando as visões sobre o cinema e as possibilidades de uso em salas de aula é, antes de tudo, levar a arte ao encontro do espectador-professor, um protagonista que anseia reconhecer os seus iguais, os diferentes e pensar a sua prática docente. Acreditamos também que o cinema possibilita caminhos de socialização e difusão cultural, imprescindível aos profissionais da educação.

Nosso papel como formadores é instigar além do que eles sabem. É provocar! Fazer com que eles pensem sobre o cinema, os filmes, na escola e em suas práticas pedagógicas. (Encontro Reflexivo, Mégara, 27/11/2018).

É importante frisar que o professor é um profissional que cresce a partir de um processo contínuo de formação, que ocorre através dos conhecimentos e saberes construídos desde a formação inicial do seu curso, no qual são agregados fundamentos pedagógicos, psicológicos, epistemológicos e teóricos, além dos componentes advindos da atividade docente. O modo que se dá à sua formação teórica com a prática reflete completamente na evolução de sua vida como educador.

A formação continuada dos professores demanda uma abertura a novas ideias, habilidades e estratégias, assim como possui o sentido de que todo indivíduo é capaz de se aperfeiçoar mediante oportunidades de aprendizagem em vários contextos e idades, tanto na vida pessoal quanto na vida profissional. Como bem apontam Gasque e Costa (2003):

A formação continuada é importante para que o professor se atualize constantemente e desenvolva as competências necessárias para atuar na profissão. A ideia de competência parece, então, transbordar os limites dos saberes, ou seja, o professor deve possuir tanto conhecimentos quanto competências profissionais que não se reduzem somente ao domínio dos conteúdos ensinados. (GASQUE; COSTA, 2003, p. 55).

E nesse os docentes são elementos essenciais do processo de ensino-aprendizagem sendo organizador dos conhecimentos e habilidades. O conhecimento pedagógico que os professores utilizam em sala de aula não é imóvel, ele se renova durante toda a vida profissional, por isso a importância de se atualizar, tanto teórica quanto praticamente, o que é contemplado nos cursos de formação continuada.

É importante salientar que a formação não se baseia somente pelo acervo de cursos, métodos, conhecimentos ou técnicas adquiridas, mas em um trabalho voltado para a reflexão crítica sobre as atividades docentes, sendo uma construção constante, com característica única e pessoal.

Oferecer, para quem queira, uma formação prática, viva, dinâmica, como é a realidade da escola e interligar o assunto cinema. (Encontro Reflexivo, Sininho, 12/03/2019).

Nesse direcionamento, a formação continuada pode oportunizar aos profissionais espaços de meditações, conversas, debates, trocas de experiências, bem como contribuir para a aquisição, consolidação e construção de saberes que favoreçam as práticas pedagógicas dos envolvidos nas salas de aula. Essas ações podem levar ao desenvolvimento holístico dos alunos, papel da educação e de seus agentes.

Acreditando na relevância da formação continuada, nós (grupo *CinEducação*), arquitetamos e intencionamos um curso de formação voltado para os profissionais da educação, com a finalidade de multiplicarmos os conhecimentos advindos dos estudos propiciados pela pesquisa-ação colaborativa. Justamente por acreditar que quando há professores engajados em um propósito, ele se efetiva. Isso é possível perceber nos trechos de falas das professoras:

Vamos nos formar e formar nossos colegas, isso nos impulsiona a buscar mais e mais. (Encontro Reflexivo, Tiana, 18/12/2018).

Estudando cresceremos enquanto profissional, cada uma de um jeito, com uma intensidade, mas cresceremos. Uma ajudando a outra! Juntas somos mais fortes! (Encontro Reflexivo, Mégara, 18/12/2018).

Retomamos que o roteiro de estudos e a definição dos módulos do curso de formação continuada foi estruturado no início de janeiro de 2019, pelo *WhatsApp*. Já seus desdobramentos foram planejados ao longo do processo. Buscamos contemplar os anseios dos profissionais da educação, tendo como base nossas necessidades formativas sobre o Cinema na Escola. Lembramos que os assuntos abordados em cada etapa foram construídos a partir das leituras, reflexões e debates oportunizados no grupo colaborativo *CinEducação*.

Depois de planejarmos um programa para o curso, apresentei-o ao Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais - Julieta Diniz - CEMEPE, e solicitei a apreciação do projeto, considerando que nosso intuito era o de colaborar na capacitação, aperfeiçoamento e formação dos servidores da Educação Infantil e Ensino Fundamental I da Rede Municipal de Uberlândia.

Vamos fazer nossa parte, proporcionando um estudo dinâmico sobre Cinema na Escola. Não sei se os professores vão querer participar, mas independentemente de qualquer coisa vamos nos dedicar e fazer nosso melhor. (Encontro Reflexivo, Moana, 18 /12/2019).

Se quiserem fazer o curso uma, dez ou mil pessoas, não importa. A dedicação e o empenho nosso serão os mesmos. Os cursistas ganharão nessa história, mas nós ganharemos muito mais. (Encontro Reflexivo, Jasmine, 18 /12/2019).

Desse modo e a fim de documentarmos as ações e oferecermos respaldo acadêmico aos cursistas, construímos o projeto de extensão⁵¹ *Luz, Câmera, Educação*, e o submetemos à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis – PROEX da Universidade Federal de Uberlândia, para consolidar e registrar as atividades de extensão e cultura que desenvolveríamos no curso de formação continuada que foi ministrado para os professores interessados da Rede Municipal de Ensino.

O curso foi intitulado como “*Luz, Câmera... Educação! As possibilidades do Cinema na Escola*”, foi apresentado aos demais profissionais da educação, através da divulgação de cartazes (Figura 1) espalhados nas escolas da rede municipal e por compartilhamento via *WhatsApp*, ideia de Mulan. Segue sua fala:

⁵¹ Projeto foi enviado pelo sistema de informação de extensão e cultura-SIEX e deferido no dia 14/03/2019, com registro número 18690.

Cada uma de nós (formadoras) fará a divulgação em suas listas de contato, principalmente de professores, e nos stores do WhatsApp também, quanto mais pessoas souberem da formação mais chances de adesão. Vou montar o folder e passo para vocês olharem e darem sugestões de mudanças. (Encontro Reflexivo, Mulan, 19/03/2019).

Após a divulgação abrimos as inscrições disponibilizando quarenta vagas, além das destinadas aos profissionais envolvidos na pesquisa. O preenchimento das vagas estabeleceu como critério principal a exigência de o cursista atuar e ser profissional da Educação Infantil ou do Ensino Fundamental I, e caso o número de inscritos excedesse o número de vagas oferecidas usaríamos como critério para preenchimento definitivo das vagas a ordem de inscrição, contemplando dessa maneira, os primeiros inscritos.

Figura 2: Cartaz de divulgação do curso de formação

Luz, Câmera... EducAcção
Vamos conversar sobre Cinema na Escola?

Objetivo: Propiciar espaços de reflexões e diálogos sobre o Cinema na Escola.

Público Alvo: Profissionais da Educação Infantil e Fundamental I
Período da formação: 26/03/19 a 05/11/19 (1 vez ao mês às terças)
Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira
Horário: 18h30min às 21h30min
Total de Vagas: 40
Inscrições: 01/03 até 15/03
No link: <https://goo.gl/forms/8cT1NYs0eSpMZCGA2>

Certificado de 34 horas
(válido como formação continuada - CEMEPE)
Sem custos

Logos: Prefeitura de Uberlândia, UFU Universidade Federal de Uberlândia, e ícones de câmera, cadeira de diretor, filme e claquê.

Fonte: Produção do Grupo de Estudo *CinEducAcção*.

Alcançamos um total de oitenta e um inscritos, bem mais do que esperávamos e conseguiríamos acolher, porém, considerando que todo planejamento pode ser flexível de acordo com as situações que acontecem no decorrer do trabalho, o grupo formador

decidiu contemplar todos os interessados, já cogitando o fato e a possibilidade de que muitas pessoas que fazem a inscrição não comparecem nas formações oferecidas.

Em virtude dessa decisão, optamos por mudar o local destinado à formação para melhor acolher os participantes com relação ao quesito qualidade e conforto, já que inicialmente utilizaríamos uma sala de aula e posteriormente priorizamos pelo refeitório/pátio da escola⁵².

Em relação às expectativas sobre o número grande de inscrições, especialmente por ser um curso que envolvia cinema e escola, destaco as falas de Mulan, de Ariel e de Jasmine:

Eu já sabia que esse assunto iria dar ibope, mas nunca pensei que fosse tanto. Acho que é porque não se vê cursos sobre o Cinema na Escola. Será que as pessoas responsáveis por nossa formação profissional não acham importante? Se não fossem os professores não trabalharíamos com filmes em sala de aula. (Encontro Reflexivo, Mulan, 19/03/2019).

Opa! Sou supervisora e nunca abordei esse assunto, de forma pontual com meus professores, porque nem eu sei, não houve nenhum momento da minha atuação que eu fiquei sabendo da divulgação de cursos sobre o cinema. Dentro da escola eu também sou a responsável pela formação continuada dos professores nos módulos, já abordei que os filmes nas salas precisam ter sentido, ser um momento planejado e tal, mas nunca estudei nem incentivei estudar sobre o cinema. (Encontro Reflexivo, Ariel, 19/03/2019).

Essa quantidade já falou por si só que muitas pessoas querem aprender sobre as possibilidades do Cinema na Escola. Isso é muito legal! E nem precisamos ampliar o prazo de inscrição. (Encontro Reflexivo, Jasmine, 19/03/2019).

Notamos que o assunto Cinema na Escola é uma questão necessária e pertinente, que precisa movimentar reflexões, debates e estudos que contribuam para divulgação e ampliação de documentos, pesquisas e obras referentes a essa temática, não só no contexto escolar, mas também nas universidades. A fala da Ariel revela tal necessidade:

O tema Cinema na Escola nunca foi alvo de estudos para nós, servidores da Prefeitura, e olha que estou na Rede desde 2007, há 12 anos. Penso que seja relevante porque os professores utilizam a

⁵² Como já mencionado na seção metodológica, observamos onze professoras em sua prática pedagógica e entrevistamos, além delas, mais seis profissionais da educação que trabalham diretamente com essas docentes observadas e entrevistadas, totalizando dezessete pessoas. Desse total, dez participaram efetivamente do grupo de estudos *CinEducAção* e quatro foram cursistas no curso de formação continuada.

televisão em sala de aula toda semana. (Encontro Reflexivo, Ariel, 12/12/2018).

De maneira geral, os cursos de formação continuada são conteudistas, evidenciando assuntos técnicos e disciplinares. Em contrapartida, propomos um curso que valorizava as experiências com o cinema, a arte possibilita a educação do olhar e do sentir, uma formação sensível pela ética-estética.

O curso de formação continuada foi realizado em uma das escolas municipais envolvidas nesse processo (EMEI A), no período noturno, devido ao fato do grupo de formadoras levar em consideração a vertente social, visto que o CEMEPE se localiza em um bairro central, porém com transporte público limitado e com pouca iluminação. Além disso, muitas vezes, esse local acaba provocando o distanciamento de alguns grupos de profissionais, em função de sua realidade física e intelectual. Sendo assim, a escola escolhida para ministrarmos a formação caracterizou-se por ser um ambiente real, compatível com a vivência educacional em que todos se encontram inseridos (formadoras e cursistas), tornando-se dessa maneira acolhedora.

Também consideramos extremamente relevante a argumentação defendida por Cinderela:

Acho que a formação tem que ser na escola, porque o CEMEPE, muitas vezes, traz temas que nem é de interesse nosso, a formação tem que ser in loco, onde cada escola vai trabalhar aquilo que necessita, dentro de sua realidade. Esse seria um excelente tema de formação. (Encontro Reflexivo, Cinderela, 27/11/2018).

Dessa maneira, a formação foi pensada, planejada e organizada com a finalidade de contemplar os anseios das pessoas que transitavam na escola que naquele momento foi o Cinema na Escola. Um artefato utilizado semanalmente nas aulas das docentes que, até então, não tinha sido alvo de discussões por eles.

O curso de formação contemplou a carga horária de trinta e quatro horas, distribuídas da seguinte maneira: nove módulos presenciais de três horas cada um e duas atividades para realizar em casa em um total de sete horas. O período da formação ocorreu de 26/03/2019 a 05/11/2019, sendo realizada uma vez ao mês, sempre às terças-feiras e sem custos financeiros aos cursistas.

Empenhamos ao máximo em oferecer uma formação atrativa, dinâmica e significativa, capaz de atender aos interesses e inquietações voltadas à temática Cinema

na Escola, sendo que esperávamos como participantes da nossa formação, pessoas dispostas a aprender e a inspirar, mesmo sem intenção, os colegas da escola em que trabalham.

Na sequência o folder (figuras 3 e 4) com as informações do curso de formação continuada.

Figura 3: Verso e anverso do folder do curso de formação



Fonte: Produção do Grupo de Estudo *CinEducAção*.

Figura 4: Parte interna do folder do curso de formação

 <p>➤ Este curso foi construído a partir das discussões do grupo CineEducação, uma parceria entre Universidade Federal de Uberlândia e Professores da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia. Tem por intuito a produção de conhecimentos sobre o Cinema na Escola por meio de estudos, pesquisas e práticas culturais.</p>  <p>➤ Propiciar aos participantes espaços de reflexões e diálogos sobre o Cinema na Escola, (re) conhecendo as possibilidades e contribuições para os processos de ensino-aprendizagem, contemplando um planejamento mais afetivo, lúdico e eficiente para o desenvolvimento dos alunos.</p> <p>Formadoras: Andressa Naves P. P. Mendonça, Charlene Ferreira Silva, Cristiane Lopes de Faria, Karine dos Santos Ferreira, Keila de Freitas Barbosa, Kelly Cristina C. Silva, Lúcia de Fátima D. Estevinho (coordenadora), Ludmila Rodrigues Rosa (coordenadora), Marilene de Brito, Nathália Martins Ferreira, Rafaelle Jesus da Silva, Tânia Lúcia V. C. Ribeiro.</p>	 <h2>Programação</h2> <p>Encontro 1 – Cinema na Educação Data: 26/03/2019 Horário: 18h30min – 21h30min Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira</p> <p>Encontro 2 – Cinema na Educação Data: 23/04/2019 Horário: 18h30min – 21h30min Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira</p> <p>Encontro 3 – Linguagem Cinematográfica Data: 28/05/2019 Horário: 18h30min – 21h30min Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira</p> <p>Encontro 4 – Cinema nas Práticas Pedagógicas Data: 25/06/2019 Horário: 18h30min – 21h30min Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira</p> <p>Encontro 5 – Cinema nas Práticas Pedagógicas Data: 09/07/2019 Horário: 18h30min – 21h30min Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira</p> <p>Encontro 6 – Cinema: Novos Olhares Data: 27/08/2019 Horário: 18h30min – 21h30min Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira</p> <p>Encontro 7 – Cinema: Novos Olhares Data: 24/09/2019 Horário: 18h30min – 21h30min Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira</p> <p>Encontro 8 – Cinema: Novos Olhares Data: 29/10/2019 Horário: 18h30min – 21h30min Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira</p> <p>Encontro 9 – Eu faço arte: produzindo um curta Data: 05/11/2019 Horário: 18h30min – 21h30min Local: EMEI Anísio Spínola Teixeira</p>
--	---

Fonte: Produção do Grupo de Estudo *CinEducação*.

Assim, fortalecemos nossos conhecimentos compatíveis sobre o que estudamos a fim de disponibilizar aos cursistas o aprendizado, sem a intenção de roteirizar o trabalho dos professores. Os módulos foram planejados pelo grupo *CinEducação* para estabelecer organização no assunto abordado.

Nossa pretensão foi proporcionar um espaço de trocas e experiências com o cinema, conforme pensa Barbosa (2017, p. 123), um “lugar negociação de múltiplas trajetórias, vivenciar um processo de busca, de experimentação e de criação de novas formas de nos relacionarmos com o espaço, o cinema e a educação”.

Nessa formação nos esforçamos para expandir e compartilhar os conhecimentos advindos das reflexões em grupo *CinEducação*, a respeito das possibilidades do Cinema na Escola, a partir da capacitação de educadores que trabalham na educação da infância, no que se refere ao uso desse artefato cultural em sala de aula, contribuindo de forma significativa para construção de novos saberes.

Corroboramos Migliorin (2015, p. 23) quando argumenta que “sem o professor, nosso trabalho com o cinema perdia a escola e não deixava nenhuma marca na instituição... saem da escola sem serem afetadas por elas e sem deixarem nada que a escola possa incorporar”. Por isso, focamos no curso de formação continuada, por entender que o Cinema na Escola é assunto de interesse dos docentes e que ao utilizar o cinema em sua prática pedagógica é possível sensibilizar, mexer e tocar os alunos, marcando-os.

Considerando as desistências e evasões comuns em cursos de formação continuada, compareceram ao primeiro encontro setenta e duas pessoas, sendo que sessenta e quatro⁵³ permaneceram participando até o final. O desejo coletivo de expandir nossas conquistas e conhecimentos aos demais profissionais da educação sobre o “Cinema na Escola” foi materializado, pois no desenvolvimento dos módulos buscamos instigar um olhar sensível e reflexivo sobre esse artefato.

Nesse contexto, o curso de formação continuada não tem apenas a finalidade de formar espectadores e educadores críticos sobre o artefato do Cinema na Escola, mas também

[...] pela contribuição que pode oferecer em termos de ampliação e apuramento do olhar desses sujeitos em termos humanos e profissionais. As atividades com cinema na formação dizem respeito a oportunidades de educar a sensibilidade, associadas às experiências que favoreçam, ao mesmo tempo, o exercício do direito de escolha e as vivências que edificam a percepção sensorial e a reflexão sobre as formas pelas quais tomamos consciência da realidade percebida pelos sentidos. (TEIXEIRA; GRAMMOND; AZEVEDO, 2014, p. 135-136).

Narro, com mais detalhes, os nove módulos⁵⁴ realizados no curso, pois constituem em uma das ações dos estudos e aprofundamentos teóricos sobre o Cinema na Escola vivenciados pelo grupo *CinEducação*. Toda a formação foi gravada em áudios e depois transcrita por mim a fim de contribuir para o desenvolvimento deste trabalho.

⁵³ Dos 64 cursistas que finalizaram o curso de formação continuada, 35 trabalhavam na EMEI A, 12 trabalhavam na EMEI H e 16 trabalhavam em outras escolas do município de Uberlândia (11 na Educação Infantil e 5 no Ensino Fundamental I) e 1 estudante do curso de Biologia/UFU.

⁵⁴ No folder da programação do curso de formação continuada colocamos a palavra encontro remetendo ao dia em que aconteceria a atividade presencial. Neste trabalho, escrevi módulo no lugar de encontro, pois utilizei a palavra Encontro Reflexivo quando reuníamos o Grupo *CinEducação*.

1º módulo: Cinema e Educação – 26/03/2019

O primeiro módulo do curso de formação continuada dos profissionais da Educação aconteceu no local, dia e horário conforme o planejado. Muitos detalhes foram improvisados no dia, visto que três pessoas externas ao curso, mas servidoras da escola se disponibilizaram a ajudar na organização do espaço e na decoração.

Algumas formadoras, que não estavam trabalhando no período da tarde, também colaboraram na organização do local. Notei os desdobramentos que cada uma delas fizeram para estar ali, dedicando seu tempo e atenção aos detalhes do evento para encantar os cursistas, engajamento por reconhecem esse momento como realmente delas.

Tencionamos impressionar as⁵⁵ cursistas, compondo, harmonizando e proporcionando um ambiente diferenciado, porém aconchegante, com estilo e características próprias do cinema. O evento aconteceu no refeitório da escola, que por sua vez foi improvisado como auditório, com todo o cenário disposto para melhor recepcionar o público-alvo. As cadeiras utilizadas no evento foram conseguidas por uma pessoa do grupo e, sendo assim, as dispusemos uma atrás da outra em formato de meio círculo para recebermos as participantes e disponibilizamos cadeiras pequenas para que elas acomodassem seus pertences, se assim o quisessem. (figuras 5 e 6).

Figura 5: Hall de entrada



Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

⁵⁵ A partir daqui, utilizo o termo: as cursistas, mesmo com a participação de dois homens. Como a maioria dos participantes foram mulheres, que é o reflexo desse gênero na Educação Infantil e Ensino Fundamental, resolvi valorizá-las, ainda que nas normas ortográficas seja considerado incorreto.

Figura 6: Refeitório/Auditório

Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

Ambientamos o palco com um não-tecido preto (figura 7), cobrindo por completo o painel branco com enfeites da escola, um telão no meio para permitir a projeção de imagens e duas caixas de som para proporcionar um áudio de melhor qualidade. Também dispusemos tapetes e almofadas para serem utilizadas (figura 8), bem como para compor a decoração do cenário. Além disso, exibimos e espalhamos várias figuras e cartazes de filmes no local, e montamos um *hall* de entrada para recepcionarmos o público.

Figura 7: Palco

Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

Figura 8: Lateral do palco

Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

As cursistas foram recepcionadas por algumas das formadoras caracterizadas com fantasias típicas de personagens de filmes de cinema diversos e receberam uma mensagem com bombom de boas-vindas. Em seguida, elas eram orientadas a fazer a conferência de seus nomes na mesa de credenciamento, assinavam, recebiam uma ficha de avaliação do módulo e eram direcionadas para o auditório, preparado com muito carinho e ambientado com animadas músicas de filmes, tocadas até o início do evento.

Atrasamos o início da formação cerca de vinte minutos, seguindo a sugestão da diretora da escola que argumentou que no centro de formação dos professores da prefeitura - CEMEPE, eles dispõem de alguns minutos de tolerância para darem início às formações. Percebemos que realmente a maioria das pessoas chegaram nesse intervalo de tempo.

A formadora Ariel, responsável por ser a oradora da abertura do evento e por ministrar este primeiro módulo, subiu ao palco caracterizada de Charlie Chaplin e ao som de uma música⁵⁶, apresentou uma performance cativante, imitando a forma de caminhar e os gestos desse grande personagem. Para iniciar a fala ela, de costas para o público, foi retirando lentamente a cartola, o casaco, a gravata e o bigode, ainda encenando o personagem. Depois, se virou, deu boas-vindas ao público e deu início à formação

⁵⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ObSwu--GmmE&ab_channel=LionFreeMusic. Acesso em: 26 mar. 2019.

propriamente dita. Esse foi um momento mágico, pensado para prender a atenção das pessoas além de encantar e, sendo assim, notamos que conseguimos.

Com o auxílio do sistema de *datashow* (com os tópicos) ela apresentou o curso, informando sua justificativa, objetivos e público almejado. Posteriormente, apresentou o grupo formador (que são os membros do grupo de estudo *CinEducAção*) e o planejamento dos módulos, contemplando os dias, carga horária, duração, o que seria trabalhado em cada momento, quantidade de faltas permitidas, atividades não-presenciais e certificação da formação.

Dando continuidade à programação do dia, foi proposto às cursistas um momento deleite com a obra *O Primeiro da Classe*⁵⁷, um filme inspirado na história real de Brad Cohen que se recusou ser abatido por sua aflição, por ser um sofredor da Síndrome de Tourette, e prometeu se tornar um professor, superar a ignorância e o medo, enquanto lutou para que seu sonho se realizasse. Nessa ocasião colocamos o ambiente bem escuro e servimos batata frita, pipoca, refrigerante e suco para que essa ocasião ficasse mais proveitosa e lembrasse o escurinho do cinema.

Pensamos na proposta de assistir ao filme, por corroborarmos as ideias de Teixeira, Grammond e Azevedo (2014) de que:

Algumas imagens e sons são mais potentes em termos educacionais. A força educativa desses elementos advém do fato de que desencadeiam processos mentais e subjetivos que podem resultar em experiências significativas para o espectador, estimulando-o a identificar, refletir e comunicar o que pensa e sente ao interagir com eles. Pensando um dos planos nos quais o cinema está presente na escola, os docentes precisam ser capazes de distingui-los para que possam trabalhar melhor as aulas que envolvam a exibição de filmes, por exemplo. (TEIXEIRA; GRAMMOND; AZEVEDO, 2014, p. 134).

Logo após a exibição, promovemos diálogos sobre o que fruiu, apreciou, sentiu, imaginou, sonhou, enxergou ou deliciou com o filme, deixando claro que as pessoas podem se expressar livremente, pois cinema é interpretação e que não existe certo ou

57

FICHA TÉCNICA	
Título	O Primeiro da Classe
País de origem	Estados Unidos
Lançamento	2008
Dirigido por	Peter Werner
Duração	95 minutos

Sinopse: Brad Cohen é um jovem com síndrome de Tourette que luta contra a discriminação e preconceito para realizar seu sonho de ser professor.

errado, mas formas diferentes de ver e sentir. Como optamos por não executar dinâmica de apresentação, sugerimos que antes de falar, mencionassem o seu nome, escola na qual lecionavam e suas considerações sobre filme. Estipulamos a tolerância de discurso de aproximadamente três minutos e utilizamos também uma plaquinha para sinalizar o final do tempo para não estender muito e para garantir a participação de todos que manifestaram interesse em dialogar e trocar experiências.

Várias cursistas fizeram o uso da palavra, manifestando apreço pelo filme exibido e relacionando-o, na maioria das vezes, com seu ambiente profissional, com sua prática docente, com o relacionamento humano baseado na aceitação do outro e das diferenças pessoais, com o papel do professor na formação dos alunos e na empatia. Percebemos que no começo elas ficaram embaraçadas em se exporem, mas, aos poucos, elas começaram a participar ativamente das discussões⁵⁸.

Eu me surpreendi muito com esse filme, apesar de não gostar muito de fatos reais, eu achei muito bonito a história de superação do professor (...). (Cursista).

Eu gostei muito do filme, achei lindo, segurei as lágrimas desde o começo (...). (Cursista).

Eu gostei do filme porque ele fala muito do nosso trabalho, na verdade fala de uma criança que está se descobrindo, que passa por esse problema que muita gente não entende. Na minha salinha eu passo por isso, é difícil a aceitação dos pais, eles não aceitam e nós temos que ter todo um jeitinho para lidar com a situação. Outro ponto é a persistência, que apesar de todos os não, de todas as barreiras, ele conseguiu dar aula para as crianças e fazer da melhor forma possível. (Cursista).

O que eu peguei para mim é a sensibilidade de entender o aluno, sem olhar crítico, às vezes a criança está passando por alguma dificuldade e suas ações não condizem ao que ela é (...). (Cursista).

Eu acredito muito em sonho, porque eu sou projeto de um sonho realizado. Tento fazer o meu trabalho da melhor forma possível, eu sei que não sou perfeita, mas eu tento. Eu vou aprendendo junto com as outras professoras, eu reflito muito em casa, os pontos negativos e positivos da sala de aula e o filme é isso, nós precisamos estar atentos a esses alunos especiais. Eu sei que é difícil com uma sala cheia de alunos, mas precisamos olhar diferente para cada criança. (Cursista).

⁵⁸ Trouxe todas as falas das cursistas na tentativa de materializar, pelo menos um pouco, o que elas vivenciaram com/pelo filme.

Uma coisa que gostei muito do filme e que eu sempre levo para minha sala de aula é que não deve vitimizar ninguém, aquela cena que a mãe leva ele no grupo de apoio, que a mãe fala que isso não é apoio e ele diz que isso foi importante para ele porque não quer ser assim. A gente tem crianças difíceis que passam por várias coisas, claro que a gente tem que entender, mas não podemos fazer disso uma muleta (...). (Cursista).

O filme, o cinema, traz muito essa coisa da gente discutir a temática e tal, as coisas que vocês falaram, as experiências na escola e como tocou de alguma maneira. Eu fiquei pensando duas coisas, como o filme nos traz situações e quando a gente leva o filme para sala de aula ele também faz a mesma coisa como fez com a gente hoje, o filme trabalha com a cabecinha das crianças, dos adolescentes e dos adultos, e o quanto é importante trabalhar essa temática. Outra coisa que me tocou bastante, que me faz pensar é que a nossa profissão é maravilhosa e que eu nunca vou esquecer é os professores que acolheram meu filho (...). (Cursista).

As falas mostram o quanto o cinema nos envolve e move com as emoções, promovendo reflexões sobre a vida, as relações interpessoais e sobre nós mesmos. O filme exibido fez com que as cursistas falassem livremente o que sentiram e muitas delas fizeram conexões sobre a escola e suas práticas docentes, mescladas com a sensibilidade que o cinema permite, pois trabalha com a interioridade, emoções, sentimentos.

Nesse sentido concordo com Oliveira Junior (2016, p. 165) quando diz que “explorar as imagens em educação implica processos de experimentação que não excluam delas nenhuma de suas potências, até porque acredito que algumas dessas potências irão ser descobertas justamente nessas experimentações”.

Para finalizar o módulo, agradecemos a presença e a participação no primeiro módulo da formação, lembramos a data do próximo encontro e indicamos o filme *Como Estrelas na Terra*⁵⁹ para elas assistirem em casa, enfatizando que não seria necessário trazer nada escrito, apenas que elas desfrutassem do momento, sendo uma estratégia que as permitissem mergulhar, como espectadoras do filme.

59

FICHA TÉCNICA	
Título	Como Estrelas na Terra
País de origem	Índia
Lançamento	2007
Dirigido por	Aamir Khan; Amole Gupte
Duração	165 minutos

Sinopse: Ishaan é uma criança com dislexia que não é compreendida na escola e nem por seus pais. Depois de muito sofrer, um professor, com atitudes diferentes, percebe suas dificuldades e o ajuda a superá-las.

Ao saírem, as cursistas colocaram numa caixinha a avaliação que continha o questionamento sobre suas opiniões referente ao módulo. Retiramos os enfeites, desmontamos os cenários, guardamos os equipamentos, organizamos o espaço com as mesas e cadeiras do refeitório, fizemos nossa parte em deixar a escola da mesma forma que pegamos, pois no outro dia, logo cedo, teria aula para as crianças que estudavam ali.

As avaliações eram impressas em papel e entregues às cursistas na entrada do local. Esse instrumental continha a pergunta ‘O que achou?’ e 4 *emojis* (carinhas) e abaixo delas as palavras: ‘Excelente’, ‘Muito bom’, ‘Bom’ e ‘Pode melhorar’, também estava escrito o termo ‘Opinião’ e na frente foram dispostas algumas linhas para a pessoa escrever o que quisesse.

No que se refere ao primeiro módulo, as cursistas apontaram que atingimos nosso objetivo, pois a maioria sinalizou que gostou muito do evento, que não conheciam o filme exibido e que adoraram a história, tendo expectativas para o próximo encontro. Ficamos felizes com os *feedbacks* e seguimos em frente sabendo que o erro também constitui uma maneira de aprendermos coisas novas.

Percebi, nos olhares das pessoas, o encantamento pelo primeiro encontro. Toda nossa preparação valeu a pena! (Encontro Reflexivo, Jasmine, 26/03/2019).⁶⁰

2º módulo: Cinema e Educação – 23/04/2019

O segundo módulo do curso aconteceu no mesmo estilo do primeiro, no que se refere à decoração, porém um pouco mais simples, sem tapetes, almofadas e com o *hall* de recepção menor (figura 9). Decidimos manter o não-tecido no fundo do telão, devido ao fato de nele serem expostas várias atividades das crianças, o que poderia desfocar a atenção das participantes.

Também conseguimos as cadeiras grandes de plástico (figura 10) e as caixas de som (figura 11), considerando o fato de que as cadeiras que a escola possui seriam desconfortáveis para as cursistas se sentarem (mobiliário adequado para crianças da Educação Infantil) e assim conseguirem permanecer bem acomodadas até o final da formação ministrada no dia. Resolvemos que a decoração utilizada naquele dia seria a

⁶⁰ Nesta seção, finalizo com algumas exposições diretas de pessoas envolvidas com a pesquisa. Essa escolha se deu por acreditar que as narrativas podem ser livres sem, necessariamente, serem interpretadas por mim e por compreender que elas podem falar por si só.

mesma até o oitavo módulo e que no último faríamos algo diferenciado para finalizar o curso.

Recebemos as cursistas com músicas alegres, diversificadas e trajando uma camiseta criada especificamente para o curso, sendo que uma das formadoras conseguiu a confecção para todo o grupo multiplicador. Disponibilizamos também um cafezinho e dessa vez, começamos concedendo apenas dez minutos de tolerância para que estivessem presentes. Muitas chegaram atrasadas, mas acreditamos que nos próximos encontros, o público seria mais pontual.

Figura 9: Hall de entrada



Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

Figura 10: Refeitório/Auditório



Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

Figura 11: Palco

Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

Iniciamos com a formadora Ariel apresentando a pauta do dia, melhor dizendo os assuntos que seriam abordados, que foram: Cinema e Educação; A Lei 13.006/14; Crianças Pequenas e os Filmes; Olhar Pedagógico no Processo de Ensino-Aprendizagem sobre o Cinema. Cada um desses tópicos foi exposto por uma formadora diferente, assim quatro assumiram o módulo (Ariel, Sininho, Cinderela e Pocahontas).

Os assuntos que escolhemos fazem sentido para quem está na sala de aula. Fazemos parte desse público e sabemos o que nos falta. (Encontro Reflexivo, Pocahontas, 09/04/2019).

A seguir apresentamos uma breve síntese referente a cada tópico abordado daquele dia:

- O cinema precisa ser pensado como artefato que promove aprendizagens, sentidos, significados, afetos e problematizações e como potência pedagógica. Na escola ele pode, além de proporcionar acesso ao que há de melhor na cultura, tencionar a própria arte e aproximar experiências sensíveis. Projetar filmes nesse ambiente significa a possibilidade de alargar o conhecimento de si e do mundo, imaginando como eles foram feitos, situando-nos nas emoções da criação e imaginando outras próprias.
- No ano de 2014 foi aprovada a lei nº 13.006 que exige que “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à

proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por no mínimo duas horas mensais”. Esta apresentou-se com o objetivo de atuar em defesa da presença da cultura brasileira e das artes no currículo escolar, levando diversão e alegria para dentro da escola, bem como impulsionar a indústria cinematográfica nacional.

- As brincadeiras, os brinquedos, os jogos e as narrativas, sejam elas provenientes de livros, filmes ou programas de televisão, são artefatos que estão presentes na formação das crianças. Ao oportunizar o lúdico no aprendizado, essas atividades são mais bem aceitas, o que contribui para a constituição dos aspectos físicos, intelectuais e sociais, pois é brincando que a maioria das crianças constroem a identidade, autonomia e estabelecem relações com os outros. Assim, o cinema coopera para a aprendizagem, podendo estimular também a criatividade, as noções de moral e sociedade, bem como influenciar na personalidade.
- O cinema precisa ser explorado no contexto escolar como uma espécie de mediação e reflexão, para que os alunos possam entender o mundo, e não como substituto do professor para compensar buracos ou preencher o tempo. Para isso, os docentes precisam fazer o planejamento da atividade, devem ser capacitados para incluir esse recurso em suas aulas, preocupar-se com a escolha do filme, se atentar à faixa etária, ver se eles são interdisciplinares ou só abordam uma disciplina, se oportunizam debates, se são possíveis de releituras.

Ao passar de uma temática para outra utilizamos alguns trechos do filme sugerido de “para casa”: *Como Estrelas na Terra*, para conectar ao que seria exposto. Essa conexão valorizou quem se comprometeu a realizar a atividade extra e possibilitou uma melhor contextualização dos assuntos.

O trabalho com os filmes se torna necessário na perspectiva de favorecer o empoderamento do professor como espectador e mediador dessa aprendizagem em relação aos estudantes, atendendo a uma demanda social que merece atenção e apoio em diversos âmbitos institucionais relacionados à organização da educação escolar neste país. (TEIXEIRA; GRAMMOND; AZEVEDO, 2014, p. 133).

Como constatamos que a maioria das cursistas compareciam diretamente do trabalho para o curso de formação continuada, ficou combinado de oferecermos lanche para amenizar a fome e o cansaço, sendo que dessa vez servimos bolo de cenoura com cobertura de chocolate com suco e refrigerante. Essa simples refeição foi proporcionada

pelas formadoras que custearam os ingredientes necessários, bem como outras despesas voltadas para o desenvolvimento do curso.

Ao final das exposições teóricas, abrimos espaços para as cursistas falarem sobre o que sentiram, viram, pensaram, gostaram ou não com relação ao filme “*Como Estrelas na Terra*”.

A grande felicidade dos pais foi quando viu que ele, seu filho Ishaan, tinha se tornado igual aos outros, quando viu as notas dele. Quando o professor tem um trabalho todo diferenciado consegue ajudar a criança a evoluir. (Cursista).

Apesar de não ficar claro a mudança na visão dos pais, eles queriam que seu filho tivesse sucesso. Quando temos essa cobrança, de ser alguém, principalmente enquanto criança, isso nos tira o brilho (...). (Cursista).

Eu fico angustiada de ver as crianças de 9 e 10 anos que não sabem ler, aí eu fico me questionando como eu posso ajudá-las, fazer com que elas tenham interesse em aprender, muitos não têm. Mesmo eu tendo muita idade eu comecei a trabalhar como professora em 2010, não tenho muita experiência. Eu vi os pais do filme e achei que mostra muito o real, porque nossa vida é competição, nós vivemos em um mundo capitalista, consumista. (Cursista).

A colega que falou agora mesmo tem uma experiência maior que é a de vida, de viver, de sentir o outro, às vezes isso vale mais que a experiência acadêmica. Interessante que você se questionou sobre o que pode fazer para ajudar seus alunos (...). (Cursista).

Eu gostei muito desse filme, já tinha assistido, mas não lembrava detalhes. Estamos buscando, olha quantos somos aqui no curso, tentar melhorar nossa prática (...). Tentamos identificar, compreender e entender as crianças que têm dificuldades e necessidades. (Cursista).

Gostei muito do filme, como o diretor mostrou as cenas e como a criança tem muitos conhecimentos, muito além do que percebemos. É importante a gente compreender para auxiliar no desenvolvimento dos alunos. Temos que ter esse olhar para compreender as crianças (...). (Cursista).

Trabalho com o segundo ano e eu tenho três Ishaans na sala, a LDB fala, no artigo 24, que o professor tem obrigação de fazer a recuperação paralela, então eu fico perguntando: Que horas eu vou fazer isso? Eu resolvi pegar eles no meu horário de módulo. Eu estava buscando solução, mas eles estavam em outro universo. Eu me sinto pequena por não atingir eles, eu vejo a turma desenvolvendo e eles não. A criança que tem apoio dos pais tem o desenvolvimento diferente.

Fiquei sabendo que todos os três tem as mães analfabetas, que não conseguem ajudá-los, em sala eu não estou conseguindo. Estou tentando e preciso fazer algo para eles chegarem ao final do ano melhor, só não sei como. Essa situação dói! Não é fácil, lotação da sala, a gente tem vontade, mas não é fácil. (Cursista).

Como as docentes mencionam, a história de Ishaan se relaciona também com vida real, principalmente nas escolas, perfazendo a trajetória acadêmica de muitas crianças. O contexto do filme perpassa pelo reconhecimento das necessidades dos alunos e as práticas pedagógicas dos professores com sentido, na busca pela sensibilidade do humano, entendendo que as pessoas são diferentes.

Ficamos muito satisfeitas por algumas cursistas partilharem seus olhares sobre o filme com as colegas. É nesse processo de troca, de partilha, de envolvimento que aprendemos. Também é uma prática que elas podem realizar em sala, dar vez, voz e ouvidos aos alunos para eles manifestarem suas visões.

Ao final agradecemos, lembramos a data do próximo módulo e sugerimos a elas assistirem no *Youtube* aos vídeos do grupo Trakinagem, com a finalidade de conhecerem suas produções e um pouco da linguagem cinematográfica. As cursistas também avaliaram o módulo através do instrumental (mesmo do módulo anterior) e novamente a maioria assinalou que ficaram muito satisfeitas com essa segunda formação.

Eu adorei o segundo módulo, os filmes têm mexido comigo, têm tocado muito meu coração, desse olhar diferenciado e é o que eu acredito. O curso vem mostrar muito essa questão, de olhar nas entrelinhas. O cinema toca sim e eu sou muito apegada aos audiovisuais e é assim que mobilizamos os alunos. Vocês estão de parabéns! (Cursista).

O relato acima constitui parte integrante do parecer de uma das cursistas na avaliação e que nos deixou muito felizes e animadas em prosseguir nossos estudos, aprendendo cada vez mais sobre o “Cinema na Escola” e nos impulsionando a continuar planejando os demais módulos nessa mesma direção, objetivando multiplicar e partilhar nossos conhecimentos com as demais. Através desse retorno, tivemos a certeza de que estávamos trilhando o caminho certo.

Sou tímida quando falo para adultos, hoje respirei fundo e consegui expor o planejado. Me superei! (Encontro Reflexivo, Sininho, 26/04/2019).

3º módulo: Linguagem Cinematográfica – 28/05/2019

O terceiro módulo recebeu a decoração no mesmo formato do anterior, contudo, o planejamento não saiu conforme o esperado. A formadora Ariel, que apresentaria o palestrante, que faria a abertura e o fechamento não conseguiu comparecer, em decorrência de problemas de saúde e, sendo assim, outra integrante do grupo, Pocahontas, se dispôs a assumir essa responsabilidade.

Ao sabermos da informação, que Ariel não iria, todas nós permanecemos tranquilas, pelo fato de que as temáticas estudadas e expostas nos módulos foram pesquisadas, estudadas, analisadas, organizadas e pensadas coletivamente, então, até os mínimos detalhes advinham das ideias e da escolha democrática do grupo.

O assunto abordado foi a Linguagem Cinematográfica – A criação de filmes na escola. Optamos em convidar um professor, cineasta, fotógrafo, Doutor em Cinema e Educação e também criador do projeto Trakinagem⁶¹ (Cristiano Barbosa) para discorrer sobre sua prática, que tem total relação com o tema e ele foi bastante receptivo em colaborar, pois sua filosofia é incentivar a experimentação de diferentes formas de criação de pequenos vídeos nas escolas.

Todo educador precisava saber o básico da linguagem cinematográfica para entender melhor o filme. (Encontro Reflexivo, Mulan, 10/04/2019).

Consideramos, conforme Teixeira *et al.* (2014), que conhecer os códigos próprios da linguagem fílmica, como as características de montagem, tipos de enquadramentos, movimentos da câmera etc. podem beneficiar:

[...] o exercício da atividade crítica, fortalecendo o poder de escolha do espectador e ampliando suas possibilidades de fruição ao aliar o prazer do simples deleite ao prazer da reflexão. Essa possibilidade será ainda potencializada se o docente tiver a oportunidade de conhecer alguns códigos por meio dos quais os filmes são construídos, desenvolvendo capacidades culturais que favoreçam uma apreciação mais qualificada. (TEIXEIRA *et al.*, 2014, p. 135).

⁶¹ Projeto viabilizado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia (PMIC) e patrocinado pelo IAMAR, instituto de responsabilidade social vinculado ao Sistema Martins (empresa atacadista de Uberlândia). O criador, gestor e proponente do projeto é Cristiano Barbosa.

O palestrante Cristiano inicialmente se apresentou e contou um pouco de sua história até chegar ao projeto que desenvolve atualmente intitulado Trakinagem, que é um modo de explorar o potencial criativo das crianças e jovens, fazendo com que eles experimentem com a câmera outras formas de estar e se relacionar com o mundo.

Em seu discurso mencionou que cinema nada mais é que fotografia em movimento e que os fotógrafos irmãos Lumière foram os criadores do cinema. Explicou os três elementos que considera básicos para fazer uma imagem que são: as ações de eleger (escolher), dispor (organizar) e atacar (momento de começar e terminar).

Cristiano argumentou também que as crianças de hoje são alfabetizadas primeiro audiovisualmente, que já nascem imersas na cultura tecnológica, por isso precisamos entender o papel desse artefato e usá-lo a nosso favor, trabalhando com os alunos desde pequenos. O Cinema na Escola não tem limites nem idades, ele toca as pessoas, mexe com o imaginário e amplia as visões de mundo.

Mencionou que a câmera pode nos proporcionar diferentes maneiras de relacionarmos com o mundo, possibilitando novas práticas pedagógicas que permitem aos alunos experimentarem outros modos de pensar e agir na escola, compreendido como espaço de múltiplas interações, trocas de conhecimentos, vivências e trajetórias humanas em constante reconfiguração.

Problematizou as cursistas fazendo com que elas pensassem sobre a cinematografia e suas linguagens, destacando como a posição da câmera suscita diferentes percepções do espaço-tempo e que essa é a grande potência pedagógica e educativa do cinema.

Migliorin (2015) concorda com essa ideia, quando fala que:

Decidir o lugar da câmera, escolher o que estará no quadro e o que estará fora, fazer o foco distinguindo o que está nítido daquilo que se embaça, movimentar a câmera e mudar o ponto de vista, aproximar dois planos com a montagem, negociar uma fala ou uma entrevista, acrescentar um som a uma imagem, escolher o ritmo da atenção demandada ao espectador, trabalhar a escuta, fazer ou não um *travelling* que reenquadra uma personagem, compartilhar imagens. Perguntas simples nos permitiam com o cinema extrapolar seus limites para pensar o lugar de quem vê e fala sobre o mundo. (MIGLIORIN, 2015, p. 49).

O palestrante destacou também que nenhuma imagem é ingênua, todas são pensadas e planejadas antes de chegar ao espectador. Nesse sentido, não existe a verdade

nem o real, existem variações da verdade e do real, sendo representações delas. Quem produz um filme elege, dispõe e ataca, colocando ali suas intenções.

Essa ideia corrobora Oliveira Junior (2015, p. 740) quando diz que uma história “atua como dispositivo do cinema para que o filme venha a existir como encontro, podendo a intimidade que emerge dele e é gravada no filme ser tomada como o índice de permeabilidade do real alcançado em cada projeto cinematográfico”.

Por fim, propôs parcerias a fim de oportunizar o Cinema na Escola utilizando como metodologia a criação de filmes de curta duração nas práticas docentes. Percebemos que a intenção é colaborar para uma aproximação mais cuidadosa entre professor e os filmes, contribuindo para uma reflexão crítica sobre como explorá-los em suas aulas.

Cristiano nos confessou ao conversar com as cursistas professoras:

A atividade superou a minha expectativa sobretudo pelo envolvimento dos professores, dos educadores que estavam ali, pelo interesse deles pelo que eu estava falando, apresentando. Eu pude perceber que há de fato um grande interesse das pessoas sobre o tema, em especial sobre o como filmar, como realizar pequenos vídeos. Neste sentido, apresentar aqueles três atos de criação e exemplificar como eles operam na prática ressoou de forma muito positiva. Eu adorei a energia que rolou ali, das pessoas. Acho que eu consegui me comunicar de forma clara, direta e didática, acho que consegui contribuir e compartilhar com eles, de fato, uma metodologia simples de ser executada, então para mim, foi maravilhoso, eu só tenho que agradecer a vocês terem agenciado esse encontro. (Avaliação do palestrante).

Apresento a seguir, algumas considerações das cursistas apontadas na avaliação do módulo e da formação em geral que nos tocaram e nos motivaram a continuar nossos estudos e trabalhos.

Tem uma coisa que estou achando muito interessante, porque professores quando vão em eventos ou palestras, qualquer formação, eles nunca ficam calados e aqui eles ficam e isso é inusitado. O palestrante falando e todos prestando atenção, participando, esperando e respeitando o outro falar, professor não é assim (...). (Cursista).

Eu aprendi um lado novo do cinema que eu não ensino aos meninos, porque eu não sabia. A visão do cinema a partir da história que ele traz e da sua linguagem, da sua produção, e que os meus alunos também podem produzir vídeos. Outra questão, a gente só sai de casa se é para ver coisa interessante e o curso está muito bom, estou adorando. (Cursista).

Nossa, cada dia melhor que o outro. Trouxe informações diferentes, outras perspectivas de se pensar cinema, imagem, fotografia, arte, gostei demais. O que me chamou atenção foi o tanto que o Gabriel, meu filho de 4 anos que estava comigo, ficou interessado, empolgado, envolvido, ele estava se deliciando com o módulo. Ele me disse que precisa prestar atenção porque o moço estava dando ideias de como ser um youtuber. Os olhinhos do meu filho brilhavam. Como o cinema mobiliza as coisas, tanto em nós como principalmente nas crianças. (Cursista)

O fazer cinema encantou formadores e cursistas, ampliando as concepções de Cinema na Escola que eram percebidas enquanto momento de lazer, de aprender conteúdo, de fazer as crianças ficarem mais calmas. Cinema também como criação, planejamento de ideias e produção.

Percebi que as cursistas faziam diferentes esforços para comparecerem aos encontros. Algumas não tinham com quem deixar os filhos e assim os levavam, a maioria chegava ao local de bicicleta, outras utilizavam o transporte público. Com essas observações começamos a disponibilizar brinquedos pedagógicos para as crianças entreterem e começamos a anunciar, ao final do módulo, as coronas solidárias para facilitar a locomoção das pessoas.

Naquele dia, solicitamos às participantes que fizessem uma atividade não-presencial, que valeria como carga horária na formação. Produzir um curta metragem, conforme o discurso e os exemplos apresentados pelo palestrante, de no mínimo trinta segundos e no máximo um minuto, utilizando a câmera do celular ou *tablet*, na posição horizontal, fixa, sem cortes, preferencialmente no espaço escolar ou que envolvesse a Educação. Como afirma Migliorin (2015, p. 24) “fazer algo é aprender a fazer” e para fazer bem é preciso praticar.

Migliorin (2015, p. 164) comenta que cinema é arte e arte é emancipação, é “ser capaz, em uma determina situação, de conhecer, agir e usufruir dos sentidos humanos e das potências da comunidade. Ser capaz de agir e fazer diferença na comunidade, mas também de ser afetado sensivelmente pelo que a comunidade inventa”.

Neste viés, o cinema nos faz refletir o que já sabemos e a construir novos conhecimentos. O cinema é forma de ver, sentir e experimentar o que se tem e o que é pensado e produzido por outros caminhos, ampliando nosso repertório intelectual, social e também cultural.

Nossa intenção foi oportunizar a experiência através da prática com o cinema, além de permitir o conhecimento sobre as docentes e os seus fluxos de relações, com os

alunos ou com o ambiente escolar de forma geral. Essas criações podem ser consideradas narrativas visuais, que são interpretações, que de acordo com Scalabrin (2016) é

[...] fruto de um processo que é iminentemente seletivo e marcado por um conjunto de aspectos de quem o desenvolve, que partem da captação audiovisual das experiências das crianças na sua inteireza para revelar a sua ação. Quando utilizo o termo inteireza me refiro a todas as formas de manifestação utilizadas pelas crianças: olhares, gestos, movimentos, choros, sorrisos, silêncios, dentre tantas possibilidades. Nessa perspectiva, não há dúvidas de que o processo de observação e a utilização das narrativas visuais propiciam um processo formativo importante aos professores. (SCALABRIN, 2016, p. 75).

Por fim, exibimos a produção de um comercial de 1 minuto e 52 segundos, elaborada e realizada por nós formadoras, que foi uma chamada engraçada e realista para o próximo módulo. Nele ilustramos alguns apuros que os professores passam quando vão trabalhar com filmes no contexto da sala de aula – pedir *pendrive* emprestado porque não sabe gravar vídeos; baixar vídeos em formatos que a TV não aceita; não conseguir selecionar as partes que quer mostrar aos alunos; pesquisar vídeos e filmes. Além de um grupo de estudo fomos simultaneamente produtores e atores do nosso próprio filme.

É muito importante trazer palestrantes externos para falar na formação, além da propriedade sobre o assunto ele utiliza uma metodologia diferente da nossa. Nesse movimento de formar os outros também aprendemos muito. (Encontro Reflexivo, Fiona, 28/05/2019).

Pessoas externas que pesquisam o assunto contribuem conosco e com os cursistas. Hoje foi um encontro que conseguimos perceber isso. Mesmo eu lendo os textos sobre a linguagem cinematográfica, mesmo que conversamos sobre a temática. Tudo que o Cristiano falou fez sentido na minha cabeça, como se diz ficou claro. (Encontro Reflexivo, Moana, 28/05/2019).

Nós, formadoras, optamos por convidar pessoas externas que vivenciam e estudam com mais profundidade alguns temas evidenciados na formação, porém tomamos o cuidado de conduzirmos as questões principais. Nesse sentido, a pesquisa-ação colaborativa se fez presente, pois todas as ideias foram compartilhadas pelas integrantes do grupo.

Consideramos que esses convidados representam um importante lugar de fala nas discussões suscitadas, mas sem hierarquizações de quem sabe mais ou menos, assim todos

têm vez e voz nos diálogos, com foco na construção coletiva do conhecimento, por isso as práticas são democráticas.

4º módulo: Cinema nas Práticas Pedagógicas – 25/06/2019

O quarto módulo aconteceu conforme o planejado. O assunto abordado foi Cinema nas Práticas Pedagógicas e as formadoras Mulan e Jasmine assumiram o encontro. Inicialmente, foi estimulado que as cursistas falassem sobre os filmes que marcaram suas vidas e qual o motivo dessa preferência.

Conversamos a respeito dos filmes favoritos e indagamos as cursistas sobre os seus, ponderando que embora sejam obras cinematográficas pensadas e produzidas com objetivo prioritário de entretenimento/fruição, também é possível pensá-lo de forma mais ampla e que na escola pode ser capaz de auxiliar nas aulas, despertando interesse dos alunos, estimulando a aprendizagem a partir de seu potencial educativo.

Para promover a conexão com o assunto em questão, problematizamos uma situação que tínhamos certeza de que provocaria inquietações em muitos educadores: Por que as crianças gostam de assistir um mesmo filme repetidas vezes? Deixamos claro que os gostos são individuais e que a maioria das crianças demonstram gostar dessa repetição porque cada vez que veem as imagens e escutam aos sons captam novas informações que as marcam.

Em seguida, discutimos como as crianças aprendem, abordando as teorias da aprendizagem e as tendências teóricas que embasam as práticas docentes, sendo elas: Inatismo, Behaviorismo, Sócio Interacionismo/Interacionismo, Teoria da Carga Cognitiva⁶². Utilizamos uma linguagem clara e objetiva, com vídeos para ilustrarem os discursos.

Percebemos que estávamos atingindo o público pelas interações delas conosco, formadoras. Uma cursista manifestou sua impressão sobre o módulo:

⁶² Essa teoria surgiu no final dos anos 80, por John Sweller, que coloca em evidência seu pensamento de que os esquemas ou combinações de elementos são estruturas cognitivas que formam a base do conhecimento de um indivíduo. Essas decisões foram coletivas e por sermos professoras, pedagogas, as teorias de ensino e aprendizagem são muito presentes. Neste trabalho, conversei com autores que pesquisam cinema e que estão além dessas teorias de ensino e aprendizagem, pois consideram a experiência e o processo criativo nesse novo aprender.

Essa formação está muito boa. Além de vocês falarem sobre o Cinema na Escola também trazem assuntos da nossa realidade. Está me ajudando a ser uma professora melhor e ainda estou estudando para o concurso, o edital já está para sair. Não me lembrava dessas teorias aí não. Fiz faculdade há 15 anos. (Cursista).

A partir do momento em que as pessoas expõem o que estão achando do curso de formação continuada, nós formadoras ficamos mais tranquilas e motivadas, pois durante a preparação de todos os módulos, sempre ficamos inseguras e preocupadas com relação ao fato de estarmos ou não atingindo o outro, conseguindo transmitir e explicar, de forma leve, os assuntos propostos.

Acredito que a formação continuada está atingindo as cursistas e penso que o motivo é que todas as integrantes do grupo CinEducação são profissionais da educação, atuando no ambiente escolar, e que mesmo com funções diferenciadas, o que considero rico nas trocas de ideias, conseguem planejar e executar os módulos de forma afetiva e efetiva, atendendo aos interesses e necessidades do público (colegas de profissão). Isso pode ser confirmado na pouca quantidade de desistência do curso de formação. (Minhas narrativas de campo, 26/06/2019).

Posteriormente, foram exibidos os tutoriais que o grupo de estudos produziu, que são técnicas informatizadas que muitos docentes manifestaram desconhecer e que podem facilitar suas práticas pedagógicas, considerados assuntos recorrentes quando se fala de Cinema na Escola. Optamos por utilizar a maioria das ferramentas *online*, pois nas escolas os computadores são públicos e possuem vários vírus.

Como mencionado, os tutoriais não foram retirados da *internet*, eles foram produzidos por nós, formadoras, o que demandou tempo. Assim, planejamos, preparamos o roteiro, organizamos o cenário, registramos as falas, gravamos, regravamos, editamos e gravamos, para que os vídeos fossem compartilhados aos cursistas.

Os tutoriais foram gravados para serem disponibilizados às cursistas e contemplaram os seguintes tópicos: a) como utilizar o *WhatsApp* Web, b) como pesquisar vídeos e filmes, c) como converter vídeos, d) como cortar vídeos, e) como bloquear anúncios indesejados, f) como baixar vídeos e g) como baixar vídeos em diferentes extensões. Lembramos que antes e depois das exibições dos tutoriais foram mencionados múltiplos episódios que nós, docentes, enfrentamos no cotidiano, frisando que se faz necessário atualizarmos nossos conhecimentos em função dos avanços e da volatilidade das tecnologias.

É um tal de não sei, não entendo, me empresta, deve ser difícil, que escutamos na escola. Muitos docentes não sabem utilizar as ferramentas básicas que trabalham com seus alunos. Sei que faltam cursos específicos para isso, mas também faltam interesses em aprender. Pegar pronto com o colega é mais fácil. (Encontro Reflexivo, Fiona, 11/06/2019).

É importante os educadores conhecerem e saberem utilizar essas ferramentas. Com certeza facilita suas práticas com os filmes nas salas de aula. (Encontro Reflexivo, Sininho, 11/06/2019).

Se nós temos interesse nessa temática, elas também terão. Só pensar no quanto é ruim depender de outra pessoa para fazer/desenvolver coisas da nossa função. (Encontro Reflexivo, Mégara, 11/06/2019).

Por fim, compartilhamos os quatro primeiros vídeos enviados de até um minuto produzidos pelas cursistas. Essa distribuição foi pensada porque recebemos um grande volume de produções e assim decidimos exibir aos poucos, nos módulos, para não atrapalhar a programação dos encontros, lembrando que esses deveriam contemplar a Educação (escolar ou não). Após a exibição de cada vídeo as pessoas (público) falaram sobre suas impressões e, em seguida, a produtora discorreu sua intenção de filmagem. Nessa oportunidade também comentamos sobre alguns elementos da linguagem cinematográfica, como plano, enquadramento, cores, personagens, entre outros.

A elaboração da proposta de produção de vídeos, justifica-se pelo fato de acreditarmos que a escola constitui uma das principais instâncias difusora de cultura. Conforme enfatizam Teixeira, Grammont e Azevedo (2014, p. 135), é importante que saibamos “comunicar sentimentos, sensações e ideias por meio da linguagem audiovisual, em uma sociedade em que essa forma de expressão tem predominado, sobretudo entre gerações mais jovens”.

Nossa intenção foi instigar as profissionais da educação no sentido de lhes incentivar a mergulhar em uma experiência com o cinema, sendo importante o processo e não o resultado das criações. Nesse sentido, solicitar a produção de vídeos implicou em conectar histórias, emoções, sentidos e heterogeneidades, espaços de criações e apreciações.

Corroboramos Barbosa (2017) quando argumenta que buscou em sua pesquisa de doutorado

[...] desenvolver experiências educacionais com o cinema, provocando leituras mais afirmativas, críticas e criativas dessa arte na escola,

pensando o cinema como prática de alteridade, como uma ferramenta que provoque alteração e mudança nas formas de perceber e inventar o mundo e, por conseguinte, engendrando ações estéticas e políticas nos territórios da educação escolar. (BARBOSA, 2017, p. 18).

Na sequência, apresento algumas manifestações das cursistas produtoras sobre a identidade do seu trabalho, deixando claro que a proposta de realização poderia ser feita com até três integrantes:

Filmamos o que veio na cabeça na hora. Estávamos montando o painel da escola e uma estava na escada, aí veio a música O Elefante Queria Voar. Aí deu certinho. Estou muito feliz em trabalhar aqui em Uberlândia e na Educação Infantil (...). (Cursista).

Eu conversei com os alunos que eles seriam filmados, mas deixei eles livres para brincarem como quisessem. E ficou melhor do que eu pensei, a espontaneidade deles foi muito legal. (Cursista).

Eu mostrei a correria do dia-a-dia, umas mães arrastando os meninos, os pais se trombando no mesmo ambiente e não falando nem um bom dia (...). (Cursista).

Eu quis mostrar na minha filmagem que eu estava parada, mas em movimento, porque eu sou teimosa mesmo (risos). Eu queria mostrar o lado bom da vida que passa todo dia que a gente não vê, essa é a paisagem que vejo todos os dias para ir trabalhar e eu só prestei atenção neste nascer do sol depois que gravei. São umas coisas tão pequenas que passam, é um sorriso, um abraço, que você não percebe. Então, eu quis mostrar a beleza da vida! (Cursista).

Distintas pessoas e subjetividades, neste viés as gravações também foram diferentes, começando pelo planejamento ou não dessa atividade de gravar. Os depoimentos expuseram os pensamentos, mesmo que momentâneos, das pessoas com os celulares nas mãos, registrando com a intencionalidade as cenas do cotidiano.

Agradecemos a presença de todas e sugerimos que treinassem todos os tópicos mencionados nos tutoriais, pois acreditamos que as dúvidas aparecem quando estamos praticando. Mencionamos que as indagações poderiam ser esclarecidas no próximo módulo e que estaríamos sempre à disposição.

O módulo foi diferente dos demais principalmente por trazermos técnicas. Estávamos com medo de ficar maçante, porque exibimos tutoriais nossos explicando as questões que presenciamos na escola,

mas não foi. Elas gostaram e querem essas gravações para treinarem. (Encontro Reflexivo, Mulan, 25/06/2019).

5º módulo: Cinema nas Práticas Pedagógicas – 09/07/2019

Naquele dia, todas as formadoras foram responsáveis pelo módulo. Iniciamos com a exibição do filme brasileiro: *O Casamento da Ararinha-Azul*⁶³, de autoria de Marcelo Branco, produtor local que participou de diversas Mostras de Cinema e inspirado no livro de mesmo nome do autor Ângelo Machado. Em seguida, assistimos os bastidores dessa obra, a fim de conhecer melhor como foi pensado e produzido.

Consideramos o espaço de fruição de filmes um momento privilegiado de discussão e ampliação de olhares. Migliorin (2015, p. 27) menciona que a experiência com o cinema não é “pensar a gramática cinematográfica, mas pensar as escolhas de criação acompanhadas por discussões estéticas e éticas”.

Sendo assim, procuramos escolher vídeos que na sua totalidade pudessem dialogar com as profissionais da educação, por isso almejamos que o filme exposto possibilitasse reflexões sobre algumas das temáticas que já foram contempladas nos módulos anteriores do curso de formação continuada.

Os filmes falam com a gente, independentemente da faixa etária. Suas impressões, em nós, é um processo cultural de construção que pode ser discutido entre todos, respeitando sempre o outro e suas visões. (Encontro Reflexivo, Mulan, 02/04/2019).

Depois das exibições abrimos espaços para conversas, de modo que algumas participantes manifestaram suas visões. Essa abertura para diálogos é muito interessante quando vincula as imagens em movimento.

Já quero trabalhar ele com meus alunos, achei o filme bastante abrangente. Traz muitas questões relevantes como meio ambiente,

63

FICHA TÉCNICA	
Título	O Casamento da Ararinha-Azul
País de origem	Brasil
Lançamento	2012
Dirigido por	Marcelo Branco
Duração	36 minutos

Sinopse: História de amor de uma ararinha-azul, cujo marido é capturado por traficantes de animais em extinção logo após o casamento. Ela conta com a ajuda de Ará (um menino mágico) e das crianças do Sacurá Futebol Clube para reencontrar o seu amado.

folclore, animais em extinção, valores e esses são assuntos importantes. Também traz a linguagem própria do contexto infantil. Filme muito fofo! (Cursista).

O sotaque nordestino foi incrível! (...). (Cursista).

Foi um dos filmes descartados pelo cunho religioso do catolicismo e pouco divulgado na época por isso. Mas esse filme traz muita coisa legal, principalmente a nossa Cultura. Tenho dificuldade com essa coisa parada dos filmes brasileiros, acho que as imagens poderiam ser mais vivas, ainda bem que são breves. Acho que poderia melhorar esse quesito nos filmes nacionais (...). (Cursista).

Sou professora de Ensino Religioso com habilitação específica. Com a BNCC vieram muitas quebras de tabus, pois se acreditava que trabalhar algumas temáticas era coisa de outro mundo. O Ensino Religioso é do ponto de vista não prolecionista, uma cena que mostra a igreja católica, por exemplo, não é catequisar ninguém. Referente às aulas de Ensino Religioso, é sempre contemplado o aprender a respeitar o outro independentemente da religião. Nesse filme eu, como especialista, não vi nada demais. Outra questão, do ponto de vista científico não se pode afirmar a extinção da espécie, pois é impossível catalogar, mas o risco da extinção existe. (Cursista).

Será o que o diretor pensou para fazer esse filme? Qual o seu objetivo? Eu entendi que foi o perigo da extinção dos animais e da conscientização de não manter aves em cativeiro. Ver os bastidores do filme foi muito interessante e eu não sabia que era tão trabalhoso, as colagens e programas computadorizados para fazer os movimentos, eles estão evoluindo cada vez mais e o Brasil ainda está no caminho, pois precisa-se de profissionais preparados e investimentos. Mas acredito que vamos chegar lá! (Cursista).

Todos aqui têm uma religião, mas nós falamos com um único Deus (...).

Eu já trabalhei esse filme, tanto na Educação Infantil quanto no Fundamental, e eu pesquisei sobre as informações que o diretor passa no filme e estão todas corretas. A Ararinha Azul e outras aves não aceitam ter outros parceiros, é muito difícil aceitarem. Isso demonstra que a produção foi bem pensada. Ah, o problema não são os profissionais brasileiros não, quem produziu a Era do Gelo foi um diretor brasileiro maravilhoso, foi pegar a arte de lá, o dinheiro de lá, o conhecimento a gente tem, não temos o dinheiro e a técnica. (Cursista).

Não investem no Cinema Brasileiro, quanto de grana pagam em um show de cantores famosos, mas tudo que contribuiu com a Educação não se pensa, não se investe, não estão nem aí. Temos que incentivar as produções nacionais (...). (Cursista).

Relaciono essas pontuações das cursistas com o ensino de Ciências quando são destacados os elementos culturais, religiosos, folclores, meio ambiente, entre outros. A área de Ciência não é estanque, ela se articula com variados temas transversais que perpassam também por diferentes áreas de conhecimentos, pois cinema é arte, cultura, conexão e possibilidades, que contempla a educação formal e informal.

Assim, o cinema é compreendido como potência de construções socioculturais, que resulta da produção científica, valorizando as vidas, pessoas, suas relações e a cultura. Nesse sentido, Wortmann (2018, p. 243) menciona que se faz necessário “admitir estarem codificados na episteme das teorias científicas aspectos como nacionalidade, gênero e raça, bem como consumo e propaganda, entre outros aspectos culturais”.

De acordo com a referida autora “as produções culturais midiáticas constituem-se como instâncias que conformam e produzem representações de mundo (e também as de ciência e muitas outras mais), (re)produzindo, (re)organizando e (re)inventado novas relações para elas” (WORTMANN, 2018, p. 245).

Percebemos que nesse dia muitas participantes se manifestaram pela primeira vez e que com o decorrer dos módulos as relações pessoais afetivas começaram a se consolidar. Também notamos que a entrega das cursistas foi mais intensa e todos os momentos foram fruídos (vividos/saboreados) por elas, mesmo com o cansaço da rotina de trabalho profissional⁶⁴.

Os debates, de forma geral, foram livres, com a palavra aberta para elas se pronunciarem. O interessante é que elas expuseram suas impressões e quando alguém discordava, justificava o motivo, sempre respeitando a opinião da outra. Isso é muito importante quando falamos em Cinema.

Concordamos com Fernandes (2015) quando argumenta que:

[...] ao falar sobre o que o tocou, o que o marcou no filme, narradores e ouvintes não apenas trocam experiências, mas também as inventam e se inventam. Quem narra relata seu ponto de vista ou o que lhe chamou atenção no filme, constrói sua relação com o que foi visto na tela e cria significados para a própria experiência. (FERNANDES, 2015, p. 105).

⁶⁴ Notei que os discursos das docentes sobre o filme eram ancorados nos conteúdos da obra, os assuntos evidenciados, assim como elas trabalham com seus alunos.

Nesse contexto, o filme configura-se como lugar de pensamento, pois o processo narrativo permite aos seus espectadores irem além das pretensões do diretor, não podendo ser mensurado, um cinema múltiplo e plural.

Em sequência do módulo e conforme o combinado, exibimos as produções das curtas de um minuto realizados pelas cursistas. Nesse dia, foi possível a exibição de apenas três, devido ao cumprimento do tempo e da programação. Notamos uma ótima recepção coletiva e compartilhada, o que oportunizou espaços de trocas sobre o cinema e a educação.

A seguir algumas considerações das professoras participantes e produtoras.

Minha intenção foi seguir as regras. Eu mostrei o movimento das crianças brincando e conversando, ninguém percebeu que eu estava filmando, foi super espontâneo. (Cursista).

Eu gostei muito de fazer esse vídeo porque foi a primeira vez das crianças brincando com esse objeto que chama cama de gato. Coloquei dentro da caixa um monte de brinquedos que eles não conheciam, que não tinha na sala, e tudo ali era novidade. Meus alunos gostam de coisas diferentes. Eu achei interessante o jeito que eles aceitaram os brinquedos. Ninguém ficou com receio de mexer na caixinha e ficaram muito curiosos. (Cursista).

Minha intenção foi mostrar os bastidos do ensaio da Festa Junina, como as crianças e adultos agem, como que é (...). (Cursista).

As cursistas se sentiam orgulhosas das suas produções. Esses momentos de apreciação e trocas são ricos de diálogos e valorizações das obras concretizadas pelo outro. Isso respeitando os olhares e “compreendendo que elas são resultantes de nossas experiências e que, portanto, estão situadas no campo das significações que construímos a partir de nossas relações com as crianças e o cinema” (INEZ; FARIA, 2006, p. 196).

Dando prosseguimento à formação, realizamos a brincadeira “Tentação” que teve como objetivo promover uma revisão teórica de todos os assuntos abordados e trabalhados nos módulos anteriores, de forma lúdica e divertida. O local foi dividido em dois espaços nos quais as participantes optavam em qual lado (verdadeiro ou falso) ficariam para responder à questão exposta no telão.

As respostas incorretas eram corrigidas e justificadas por alguma cursista sobre o porquê de ser, assim os conhecimentos foram colocados em dúvidas, fazendo com que todas pensassem, mudando de ideia ou afirmando o que aprenderam. No momento da

escolha de que lado ficar, as músicas animadas eram colocadas, tornando o ambiente mais alegre e dinâmico. Ainda tivemos a participação de duas crianças, filhas de cursistas, no palco, dançando festivamente.

Todas as participantes aceitaram o desafio de participar da brincadeira, o que nós formadoras não esperávamos. Os acertos foram comemorados, sem hostilizar quem errou. A formadora responsável por conduzir a atividades deixou claro que o importante era participar, pensar e aprender.

Uma cursista mencionou:

Que legal! Estamos esquentando do frio, brincando, divertindo, aprendendo e ainda estudando para o Concurso da Prefeitura. Vocês são demais! (Cursista).

Por fim, sorteamos uma participante para ganhar um presente, que foi um copo com alguns chocolates-bis dentro e uma caixa de presente, na qual, dentro havia outros bombons contendo junto um recadinho desejando boas férias. A ganhadora sorteada compartilhou seus presentes com as demais colegas e com as formadoras.

Módulo produtivo e deixando um gostinho de quero mais. Agora é aproveitar as férias. (Encontro Reflexivo, Mégara, 09/07/2019).

O encontro de hoje foi bem divertido. Me surpreendi com a participação depois do filme e na brincadeira. Mégara falou o que penso, vamos descansar nas férias para retomar nossa rotina de trabalho, estudo, planejamento e execução da formação. (Encontro Reflexivo, Pocahontas, 09/07/2019).

6º módulo: Cinema: Novos Olhares – 27/08/2019

O encontro teve o mesmo formato, no sentido estrutural dos anteriores. De início foi apresentada a proposta dos próximos módulos que têm como temática Cinema e Novos Olhares, sendo as responsáveis por eles as formadoras Tiana, Moana e Mégara. Em seguida, foi exibido o filme *Ele tem mesmo os seus olhos*⁶⁵, dirigido por Lucien Jean-Baptiste.

65

FICHA TÉCNICA	
Título	Ele tem mesmo os seus olhos
País de origem	França

Posteriormente foi proposto um debate, com a participação de dois convidados externos (Flávio Junio Neres Muniz e Valéria Maria Borges Teixeira) que estudam sobre as questões étnico-raciais que foram também evidenciados no filme, porém, concordamos com Miranda e Guimarães (2015, p. 154) quando dizem que “precisamos aprender a não hierarquizar esses conhecimentos e saberes. A formação de professores pode ser pensada como encontros entre a universidade, escola, museus e arquivos”.

Essa decisão foi ponderada por planejarmos uma conversa livre, mas reflexiva sobre o filme, ultrapassando o senso comum. Vale ressaltar que no debate os convidados chamaram a atenção para alguns pontos. Saliento a seguir alguns deles:

Esse filme desestrutura muitos lugares estabelecidos. A assistente social apresenta muito preconceito, no que se refere a dois negros adotarem uma criança branca, ela desconfia o tempo todo que esse casal não possa fazer a adoção, de forma correta, da criança por essa diferença racial, considerando a adoção mista uma questão muito problemática. O único lugar esperado pelos outros, em relação a uma mãe negra, é que ela fosse babá daquela criança branca. Até a irmã da personagem principal fala que negro adotar branco não é uma coisa natural. Os estereótipos são expostos o tempo todo, mostrando a posição que o negro pode ter, exemplos: segurança, cozinheiro, babá, traficante, empregado, entre outros, ou seja, o que se espera dos negros são somente situações de negação. O filme nos faz pensar, buscando desestabilizar lugares estabelecidos sobre a discriminação, xenofobia, racismo, preconceito, estereótipo, etnocentrismo etc. (Muniz).

O cinema é uma excelente ferramenta educacional. É importante lembrar que o filme é sempre a decisão do diretor, é história, ficção, narrativa. Notamos neste filme que quando o preconceito é praticado pelo branco ele é evidenciado e quando o preconceito vem do negro é menos questionado. Em 2016, quando o filme foi criado, no país da França estava sendo propagado que a miscigenação enfraquecia a raça, que casamentos inter-raciais não poderiam acontecer, aí imagina ter filhos. Assim, o diretor escreveu o filme, nesse contexto, provocando a construção social existente na época. É importante pensar determinados temas que o filme traz. Quando se assiste a um filme é importante ter cuidado com o discurso essencialista, que é quando se busca a pureza da mulher, do homem, o relacionamento perfeito. O diretor aqui inverte o clichê, desconstrói o estereótipo. O filme traz ferramentas, instrumentos, para a gente discutir as questões cotidianas e é muito bom refletir através dos filmes. (Teixeira).

Lançamento	2016
Dirigido por	Lucien Jean-Baptiste
Duração	95 minutos

Sinopse: Paul e Sali são casados e têm o sonho de ter um filho. Um dia Sali recebe o telefonema que tanto esperavam dizendo que a adoção de uma criança foi concedida. O bebê é adorável, tem 6 meses, é branco, loiro de olhos azuis, mas o problema vivido é que Paul e Sali são negros, o que causa um choque para a família.

Pontos semelhantes e divergentes sobre o filme, cada um interpretando o que viu, escutou e sentiu. Momentos muito agradáveis de elucidar como as pessoas têm olhares diferentes em relação à mesma obra. Que não existe o certo ou errado, mas sim pontos de vista e que cada pessoa buscou um caminho diferente, pois a interpretação é individual.

Cinema é cultura, porque o grupo que a gente convive é que constrói muitas das nossas visões. (Encontro Reflexivo, Tiana, 19/02/2019)

Nesse sentido, o cinema é uma forma de exprimir o mundo real a partir do imaginário, que lugares e personagens se misturam em um enredo capaz de materializar a desconstrução de preconceitos e de atitudes. Diante dessa afirmativa percebo também que os filmes possuem uma intenção educativa em algum aspecto da vida cotidiana.

As imagens e os sons do cinema e da televisão educam a nossa memória visual e também traduzem por si só uma educação estética. Diante disso, há inúmeras formas de estudar e interpretar a educação e a cultura, pois o cinema e a televisão, em seus diversos formatos e suportes, permeiam configurações históricas da sociedade em linguagem simbólica e alegórica e na experiência cultural dos procedimentos de comunicação, informação. (SILVA, 2012, p. 8).

Os filmes podem contribuir significativamente para a ampliação do pensamento e vários assuntos podem entrar em discussão, proporcionando uma grande diversidade de temas e de problemas que podem ser trabalhados, principalmente, com o intuito de educar ou de, pelo menos, instigar à reflexão.

Migliorin (2015, p. 101) evidencia em sua escrita sobre cinema e direitos humanos. Nesse sentido, concordamos com esse autor quando expõe que “os direitos humanos não passam exclusivamente por opções individuais – não se trata de um problema privado –, mas por uma verdade que se constrói no comum, na experiência e nos processos subjetivos em que a diferença participa dos processos”.

Os diálogos dos convidados foram muito interessantes, porém o tempo foi curto para que as cursistas manifestassem suas opiniões, dúvidas e/ou curiosidades. Concordamos com a ideia de Migliorin (2015, p. 30) quando salienta que “o cinema na sala de aula não pode ter pressa. A sala de aula deve se diferenciar do consumismo fílmico”, por isso deixamos que os convidados falassem livremente, porque cinema é aberto e possibilita inúmeras interpretações.

As avaliações das cursistas foram positivas para esse dia

Tema muito bom para refletirmos, porque alguns de nós não vivenciamos o preconceito. (Cursista).

Excelente filme e os temas trazidos por ele são bastante relevantes. Eu aprendi muito! (Cursista).

Cada encontro melhor que outro. Muitos conhecimentos e aprendizagens. (Cursista).

Finalmente, agradecemos a presença de todas e lembramos a data do próximo encontro. Sugerimos como tarefa de casa que elas assistissem ao filme *Felicidade por um Fio*⁶⁶, direção de Haifaa al-Mansour, que também contempla reflexões sobre a temática em questão.

Esses assuntos mexem muito com as pessoas, principalmente porque vivemos em uma sociedade desigual. (Encontro Reflexivo, Moana, 27/08/2019).

Esses assuntos que evidenciamos na formação contemplam as diferenças humanas e mexem com as pessoas, com suas memórias, com suas vidas. E ser professor é lidar com a formação humana, com a constituição do ser, por isso é preciso um olhar sensível para nós mesmos e para com os outros. (Encontro Reflexivo, Tiana, 27/08/2019).

7º módulo: Cinema: Novos Olhares – 24/09/2019

O módulo foi a continuação do anterior e as responsáveis foram Moana e Tiana. Iniciamos exibindo quatro produções das cursistas e, em seguida, escutamos suas explicações. Retomamos que nossa proposta foi materializada por acreditarmos que ao criarmos inventamos um mundo, ao mesmo tempo, comum e único.

66

FICHA TÉCNICA	
Título	Felicidade por um Fio
País de origem	Estados Unidos
Lançamento	2018
Dirigido por	Haifaa al-Mansour
Duração	98 minutos

Sinopse: Violet Jones é uma publicitária perfeccionista que não se permite errar. Desiludida no amor, ela começa uma fase de autoconhecimento e o marco disso tudo é quando, por um erro químico capilar, acaba raspando o cabelo.

Posteriormente, perguntamos quem assistiu, em casa, ao filme sugerido no encontro anterior, *Felicidade por um Fio*, e que gostaria de expor suas impressões. Várias delas manifestaram suas reflexões:

A frase mais impactante do filme foi ela falar para a mãe assim: Você me criou a vida inteira para agradar os homens, agora eu vou agradar a mim mesma! (Cursista).

É um filme muito bonito, muito interessante, que traz a realidade de muitas pessoas. A mãe sempre foi preocupada com a estética da criança, principalmente com o cabelo, aí ela escovava, pranchava, alisava, e essa criança cresceu com o preconceito de si mesma, não querendo mostrar como que ela era. Eu já vivi uma experiência assim, quando eu era nova minha mãe fazia coquinhos para eu ir à escola e os meninos falavam que era bostinha de cabrito. E a gente cresce com isso na cabeça, eu não gostava do meu cabelo até que meu marido disse que gostava dele como ele era, aí comecei a parar de usar alisantes e apliques, aí comecei a cuidar dos meus cabelos. Ele era pequeno, mas aos poucos foi ganhando força, e eu comecei a enxergar e gostar dos meus cabelos como eles são. (Cursista).

Eu fiquei pensando em como a sociedade impõe padrões de vida que muitas vezes nos esgotam, a personagem acordava muito cedo para arrumar os cabelos, além de todo sacrifício para ser perfeita externamente. O bacana, no final, é que não sabemos com quem ela ficou (rapaz), mas eu entendi que ela ficou com ela mesma, porque se aceitou. (Cursista).

Só nós que podemos mudar a nós mesmos. Cada um pode ter a liberdade de ter o cabelo que quiser, do jeito que quiser. Quem escolhe o que quer e como quer é a pessoa e não quem a vê. (Cursista).

Consideramos os momentos de compartilhamento e de trocas sobre a sensibilidade individual que o filme provocou, extremamente importante no curso de formação continuada, pois todo audiovisual mobiliza inúmeros sentimentos a partir das imagens, das falas e até dos seus silenciamentos.

Lembrar que a interpretação é individual. Deixar claro que todos que falam estão certos, que cada um interpreta de um jeito. O outro não verá como nós, outros detalhes serão percebidos. (Encontro Reflexivo, Mégara, 26/03/2019).

É preciso sempre respeitar o outro, suas opiniões. Cada pessoa é única! (Encontro Reflexivo, Ariel, 26/03/2019).

As pessoas falam o que pensam e essas ideias são construídas durante a vida. (Encontro Reflexivo, Mulan, 26/03/2019).

Ao deixarmos as cursistas livres para se expressarem, como diz Fernandes (2015),

Em alguns momentos fazem-se verdadeiras confidências públicas de situações vividas na infância ou na vida adulta relacionadas ao que o filme traz. Assim, os filmes provocam confissões, resgate de memórias, afirmações de identidades entre outras correlações trazidas por eles. (FERNANDES, 2015, p. 104).

Em seguida, dialogamos sobre as questões relacionadas à diversidade, alteridade, conceituação histórica sobre contos de fada e a representatividade nos estúdios da Disney, reflexão sobre quem é o outro, conceitos de criança e infância, filmes infantis, estereótipos presentes e desenhos igualitários (onde as pessoas são consideradas como humanas, independentemente de cor, religião condição financeira etc.). Deixamos claro que acreditamos no potencial das narrativas cinematográficas que possam ampliar a noção de mundo, favorecendo o respeito pela diversidade cultural e étnica.

Ponderamos que o cinema tem uma composição técnica, uma produção histórica, cultural e social, sendo artefato que provoca situações de ensino. Nessa mesma linha de raciocínio Almeida (2004, p. 32) argumenta que o cinema é percebido “como produto da cultura que pode ser visto, interpretado em seus múltiplos significados e criticado, diferente de muitos outros objetos culturais, igual a qualquer produto no mercado da cultura massiva”. O filme é, então, entendido como cultura de massa passível de ser questionado e pertinente a reflexões.

As questões motivadoras na preparação deste e demais módulos foram: a contribuição do cinema na constituição humana, a ação pedagógica do professor com relação ao uso do cinema, o uso de vídeos e filmes em sala de aula como artefato que oportuniza a socialização, a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Foi exibido o curta *Vista minha Pele*⁶⁷, de direção de Joel Zito Araújo, que é uma história invertida da realidade brasileira, em que os negros são a classe dominante e os

67

FICHA TÉCNICA	
Título	Vista minha Pele
País de origem	Brasil
Lançamento	2008
Dirigido por	Joel Zito Araújo
Duração	27 minutos

Sinopse: História invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados.

brancos são os dominados. Evidencia as relações étnico-raciais no espaço escolar e aborda a questão da discriminação e preconceito racial.

Segue a exposição de uma cursista sobre o vídeo:

Eu já pensei nisso um monte de vezes, mas nunca vi nada que representasse tão bem como esse filme. Eu achei que os professores foram coniventes com o preconceito. Gostei muito desse filme, porque a criança não vê o outro com os olhos maldosos do preconceito. A discriminação é cultural, mas é preciso mudar e o filme nos faz pensar. (Cursista).

Diálogos sobre os processos de construção do conhecimento fora e dentro do ambiente escolar, a partir da análise de filmes, permitem perceber as inúmeras interpretações que são feitas “[...] *a posteriori* e que dependem dos valores, dos problemas, das condições materiais, dos embates políticos, das perspectivas culturais, das representações construídas sobre as formas de viver e sobre as maneiras de pensar de cada época.” (MOREIRA, 2003, p. 3).

Na sequência, realizamos a dinâmica “Quando a imagem vale por mil palavras”, na qual selecionamos 4 grupos, de aproximadamente 15 pessoas em cada, para assistirem uma propaganda e discutirem o que notaram. Depois, o representante de cada grupo socializou com as demais cursistas os pontos polemizados.

As propagandas selecionadas pelo grupo *CinEducação (Bebê Jhonson, Aliados pelo Respeito, Sandália Love Xu, Comercial Dove)* exploraram as questões suscitadas nos módulos 6º e 7º e instigaram a um olhar sensível sobre as diferenças humanas, como: crianças com deficiência; negros bem resolvidos e em altos cargos profissionais; desejo infantil e consumismo; cabelos lisos e cacheados.

O encontro ocorreu conforme o planejado. A formadora Tiana mostra como pensamos que esses assuntos poderiam ser desenvolvidos:

O módulo precisa ser mais leve, mas claro que com conhecimento, pois não é uma ciência e sim uma cultura. O preconceito é perpetuado. É preciso falar, repetir, falar de novo, sendo até considerado “mimimi” para, às vezes, acordar e fazer refletir. A fala de alguém pode sensibilizar as pessoas sobre algumas questões que não pensaram. (Encontro Reflexivo, Tiana, 03/09/19).

Por fim, exibimos o experimento social *Ninguém Nasce Racista – Criança Esperança*. Solicitamos que as cursistas fizessem em casa um desenho, em folha sulfite

A4 branca, de uma princesa que pareça com elas e também a assistirem ao vídeo *TED: O perigo de uma história única*⁶⁸.

Abaixo, o retorno de uma cursista. Consideramos o *feedback* importante para “sustentar a experimentação”, como afirma Clandinin e Connelly (2011, p. 217).

Meninas, como vocês conseguem pensar em tantos assuntos interessantes lincando o Cinema na Escola? Estou boba. Não imaginava que essa formação seria tão completa, muito menos pensei em como o cinema consegue atravessar tantos temas que vivenciamos. Vocês devem estudar dia e noite para contextualizá-los e oferecer a formação. Parabéns! (Cursista).

8º módulo: Cinema: Novos Olhares – 29/10/2019

Este módulo foi a continuação do anterior contemplando a finalização da temática Cinema: Novos Olhares, no qual o assunto principal foi Cinema e Diversidade. Ao chegar, as cursistas colocavam sua atividade que fizeram em casa, desenho da princesa que pareça com você, no painel para que as demais pudessem ver.

De início, exibimos seis produções das cursistas e escutamos atentamente suas intencionalidades. Uma delas não quis expor suas intenções de filmagem para o restante da turma e respeitamos essa sua vontade de não falar, outra não compareceu neste módulo.

Eu gosto muito de resgatar as brincadeiras antigas de roda. Filmei esse momento porque acho muito legal essa interação e socialização entre as crianças. É uma turminha de GIII, todos adoram brincar. (Cursista).

Eu não preparei a filmagem para esse dia. Eu estava de costas contando uma história para as crianças e uma amiga que trabalha em sala de aula comigo, como educadora infantil, me filmou. Eu estava concentrada e não vi ela me filmar. Mas ficou legal! Música e movimento as crianças adoram. (Cursista).

Nós colocamos a câmera no teto do solário antes das crianças chegarem ao local, porque não queríamos que elas vissem que estavam sendo filmadas. Filmamos as crianças brincando com bolinhas de sabão. (Cursista).

Encostei o celular na parede para filmar. Filmei o GI explorando as paredes da escola com pinturas, até tinta na boca eles colocaram. Mas

⁶⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>. Acesso em: 24 set. 2019.

isso é educação infantil... oportunidades de exploração e conhecimentos! (Cursista).

Em seguida, exibimos um vídeo que fala sobre o *Respeito à Diferença*⁶⁹ para iniciar as reflexões sobre a temática que seria discutida. A formadora Mégara, que foi a responsável pelo módulo, contou sua história e sua vivência em ter uma irmã caçula diagnosticada com autismo. Esse relato, pessoal, mostrando o cotidiano da família de uma das integrantes do grupo de estudos/formação foi importante para que pudéssemos compartilhar pensamentos de como as crianças com deficiência são consideradas (aliás não são) pelas pessoas, pela sociedade, como as famílias precisam lutar por seus direitos e como a pessoa com deficiência se sente por ser invisível, desconsiderada capaz.

Uma fala da formadora Mégara que impactou:

Nós temos o poder de mudar a vida dos nossos alunos, independentemente de suas especificidades. Lembrem-se, com carinho, das crianças com deficiência e que muitas pessoas já desistiram delas. Ajude como você puder, contribuindo para que elas vivam melhor, com elas mesmas primeiramente e depois com os outros. Podemos fazer a diferença! (Mégara)

Nesse direcionamento colocamos em evidência questões sobre diversidade e inclusão, para depois propor reflexões sobre o papel das princesas nos contos de fadas e empoderamento feminino. Foi exibido o clipe⁷⁰ *Run the World, Dominando o mundo* (mulheres), da cantora Beyoncé.

Falamos em como os clássicos infantis materializam nas infâncias e como as crianças recebem os filmes. Geralmente eles apresentam nas tramas: príncipes (brancos, fortes, olhos claros, heróis, ricos, etc.), princesas (brancas, magras, frágeis, olhos claros, cabelos loiros etc.), vilões (negros, traços fortes, olhos pretos, pobres etc.). Enfatizamos a importância de o docente sensibilizar os alunos no que se refere às diferenças pessoais, que todos possuem, suas qualidades e defeitos, que beleza é relativa, que precisamos nos amar para consequentemente nos valorizar.

Friso que os artefatos culturais são marcados pela cultura que os produz e pelos significados que se materializam socialmente nos espaços em que circulam.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XijJavNcOhw>. Acesso em: 29 out. 2019.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AJOY0EzSZIk>. Acesso em: 29 out. 2019.

Ao falar sobre os clássicos fizemos problematizações. Um exemplo foi o filme Cinderela – a princesa buscou um príncipe para encontrar sua felicidade, somente ele a libertaria do sofrimento e que a proporcionaria uma outra vida. Só estaremos bem se estivermos ao lado de um homem? Não podemos lutar contra o sofrimento? Para conquistar nossos objetivos é preciso de outra pessoa? Para ser feliz é necessário estar com alguém? As mulheres não seriam nada se não fossem os homens? Etc.

Sempre contrapondo aos filmes, tentamos fazer as pessoas refletirem, como as mensagens abaixo

*Quem me salvou foi eu, quem me formou foi eu, não tem ninguém que te salva, você tem que depender de você, lutar por seus objetivos, por seus sonhos. Você é uma princesa, mas não aquela que aparece na televisão, sendo alta, magra, loira, branca, que nasceu para sorrir para homem. Você é quem decide sua vida, o que vai ser e como será!
(Mégara)*

Continuando, a formadora Pocahontas realizou a leitura do livro *Princesas em Greve*, da autora Thais Linhares, com auxílio do recurso do sistema de *data-show*, para que as presentes na formação acompanhassem. Em seguida, colocamos a música *Minha Rapunzel tem Dread*⁷¹, da Mc Soffia. Nesse momento, todas as formadoras (com tiaras de princesa) foram à frente, pegaram do painel seu desenho (que criaram) e exibiram às cursistas.

A letra da música dizia

*Na minha história a Rapunzel tem dread
Ela é negra e é Rastafari
Não precisa de um príncipe pra se salvar
Ela é empoderada e pode tudo conquistar
(MC SOFIA)*

Com a música sendo exposta, convidamos as cursistas a irem à frente expor seus desenhos. Naquele momento, muitas pessoas perceberam que a intenção do desenho era o autorretrato (desenho pessoal de como elas são e/ou se veem), que somos princesas, independentemente de como essa representação foi materializada na nossa intimidade.

Todas nós somos princesas. E o nosso lugar é onde quisermos. Então, lembre-se: ninguém nasce uma princesa, torna-se. (Mégara)

⁷¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b1Uf6_SV5_8. Acesso em: 29 out. 2019.

Finalizamos agradecendo a presença de todas e lembramos a data do próximo encontro. Pedimos que elas trouxessem um pratinho de quitandas para socializarmos, visto que seria nosso último módulo, e que não faltassem.

Uma das cursistas encantou o grupo de estudo *CinEducação* com sua fala ao final do módulo, dizendo o que sentiu, com os olhos cheios de lágrimas

Como vocês fazem isso comigo? Por que só agora que fui escutar e ver as coisas que vocês falaram? Hoje saio daqui muito emocionada e agradecida, sabendo que sou a minha melhor versão. Que não preciso me achar pequena diante das coisas que não gosto: no meu corpo, em como penso e como ajo. Sou humana, uma princesa, com muitas qualidades! (Cursista).

9º módulo: Eu faço arte: produzindo um curta – 05/11/2019

O último módulo do curso de formação continuada das profissionais da educação aconteceu conforme o planejado, e eu fiquei responsável por ele. Organizei e decorei o espaço (figura 12): o teto foi enfeitado com não-tecido branco e azul (com a aparência de tenda); no palco, além da decoração já utilizada (não tecido preto, caixas de som, telão) coloquei alguns quadros com mensagens e balões (dourados e metalizados); na lateral do palco, forrei duas mesas do refeitório e expus alguns embrulhos de presentes; no meio do refeitório, enfileirei três mesas e coloquei alguns vasos de flores.

Figura 12: Refeitório/Auditório



Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

Tentei impressionar minhas companheiras e as cursistas da formação, compondo, harmonizando e proporcionando um ambiente diferente. O evento aconteceu no mesmo local (no refeitório da escola que foi improvisado como auditório) e com o mesmo formato, cadeiras de plástico, entrada com assinatura da lista, entre outros.

Como o módulo tinha como objetivo mostrar as produções das cursistas, iniciamos apresentando todos os vídeos que ainda não tinham sido exibidos e as autoras das obras falaram suas intenções de filmagem. Reitero que todas as cursistas, individualmente ou em grupo de no máximo três, participaram dessa experiência de produzir um vídeo, que foi muito rica de ideias e diálogos.

Estava trabalhando as estações do ano e eles pintando as atividades. Meu foco principal foi a interação do meu aluno diagnosticado como autista com a atividade e com os colegas da sala de aula. Nessa atividade ele mostrou quais as cores que estava usando para pintar seu desenho. (Cursista).

Era o dia de televisão na sala, geralmente eles assistem sentados, quando começaram a levantar e curtir o filme, peguei a câmera para filmar. Filmei eles interagindo uns com os outros, rindo, caindo, brincando, pegando na mão dos coleguinhas. Achei muito legal filmar um pouco do meu trabalho! (Cursista).

Essa é uma turma do quinto ano do ensino fundamental indo embora da escola. Falei que iria filmar eles saindo, porque essa era a tarefa de casa do curso que eu estava fazendo, e todos saíram andando bonitinho, sem correr, gritar, empurrar. Eles não agiram como todos os dias, a realidade não é assim não hahahaha. (Cursista).

Apresentação muito bonita, das minhas crianças, para os pais. O tema foi as diferentes profissões. Eles são bem pequenos e se travam na hora de fazer o que foi ensaiado, mas o importante é trabalhar a desinibição. (Cursista).

Vi meus netos divertindo no quintal de casa. Quando eles começaram a brincar de Adoleta eu peguei meu celular e filmei. Na primeira tentativa eles não perceberam que eu estava filmando, mas não gostei de como ficou. Depois falei que eu queria filmar eles brincando, aí deu certo, todos fizeram direitinho mostrando um pouco de como brincam e divertem na casa da vovó. (Cursista).

Gravei na escola particular que trabalho à tarde, eles brincando com as motocas. Eu achei interessante gravar a simplicidade, a espontaneidade deles. Preferi usar o plano aberto para mostrar todos os contextos da criança brincando. (Cursista).

Eu filmei em casa, minha filha e mais duas crianças. Sempre levo coisas para eles brincarem, nesse dia levei duas caixas de giz de cera e folhas sulfite para desenharem. Eu quis filmar somente as mãozinhas, mas as crianças ficavam olhando. Ai, filmei do jeito que consegui, mais livre. (Cursista).

Minha educadora de apoio que gravou, mostrando como as crianças interagem com a história. Fiquei com vergonha, porque eu apareci contando a história para meus alunos, mas tudo bem. (Cursista).

Essa foi a brincadeira de passar por debaixo da corda. Eu quis mostrar como cada criança desenvolveu a atividade, passando como quis, respeitando o colega. (Cursista).

Eu quis mostrar meu sonho realizado, que foi fazer uma faculdade de Pedagogia. Era uma aula prática, de apresentação de trabalho em que mostramos algumas brincadeiras que podemos fazer em sala de aula resgatando um pouco da cultura. Filmei os adultos, representando crianças, segurando por um tecido por suas pontas e dançando ao som de uma música. Foi tudo muito lúdico, a apresentação do trabalho e a filmagem. (Cursista).

Eu estava trabalhando os órgãos dos sentidos, nesse dia vendei as crianças para elas perceberem o ambiente da sala de aula sem o auxílio da visão. (Cursista).

Brincadeira O Mestre Mandou. A intenção foi eles imitarem o movimento que o professor fazia, a única regra era não conversar. Eles gostaram muito! (Cursista).

Quanta riqueza sentida, percebida e experienciada nessas ações! O Cinema na Escola não apenas pela exibição na televisão, de filmes, agora ele se faz presente pela câmera do celular conduzida pelas mãos das educadoras. Registro de lugares, pessoas, relações, sentimentos. Sons e imagens captadas do vivido ou do que se quer mostrar, possibilitando o outro ouvir, ver e sentir, com diversos gostos e sabores.

Depois, socializamos com o lanche coletivo, que foi um momento para estreitar os laços, alimentar o corpo e a alma. Em seguida, sorteamos três camisetas do curso de formação continuada para as cursistas presentes. Solicitamos a uma pessoa retirar um papelzinho de cada vez da caixinha, e o número que saísse era conferido com a ordem da lista de presença, sendo a sorteada.

Na sequência, relembramos que todo o material utilizado na formação (*slides*, vídeos, livros, indicações de filmes etc.) era gratuito e estava disponível no repositório virtual para o compartilhamento. Colocamos no telão o usuário e a senha para elas

acessarem. Também lembramos que o certificado estaria disponível, o mais breve possível, no *site* da SIEX/UFU⁷².

Apresentei um vídeo em homenagem às participantes da formação (cursistas e formadoras), colaborando com todo o movimento de ensinar e aprender. Nele foi exposta a foto de cada uma delas (que encontrei nas redes sociais), totalizando sessenta e quatro, com o nome e uma qualidade que eu havia notado. Tentei mostrar que elas foram vistas ali e que são importantes nos contextos em que vivem. As reações delas foram diversas, contudo percebi que elas gostaram desse momento coletivo e ao mesmo tempo individual.

Quando a imagem da pessoa era exibida, elas batiam palmas e falavam, na maioria das vezes, com as colegas, principalmente se conhecessem a pessoa e se concordassem com a característica atribuída por mim. Algumas frases foram mencionadas em voz alta, na hora da exibição, como: “ – Ela é isso mesmo!”; “ – Onde você conseguiu essa foto?”; “ – Uau, como tô gata gente!”; “ – Olha eu ai!”; “ – Sou um espetáculo mesmo!”, entre outras.

Depois agradei publicamente às colaboradoras da formação, por terem caminhado comigo na pesquisa e por quererem também desenvolver um curso de formação continuada voltada ao cinema como construtor de sujeitos, potencializador de sonhos, experiência da vida. Esse meu desejo era pequeno, simples, que dependia de outras pessoas, e elas (minhas colaboradoras, parceiras e amigas) compraram-no, tornando-o grande, múltiplo e sem limites.

Como singela forma de reconhecimento montei, com todo carinho, um quadrinho personalizado (cada uma com o seu) com a imagem da personagem, escolhida por elas, e uma frase do filme. É claro que escolhi as falas que me tocaram quando assisti as animações, assim:

Às vezes a eternidade dura um segundo. (Alice)
Não entendo como um mundo que faz coisas tão maravilhosas pode ser tão mau. (Ariel)
A gentileza é de graça, o amor também. (Cinderela)
Sou uma história de amor que você nunca poderá contar. (Fiona)
Os momentos especiais de hoje são as memórias de amanhã. (Jasmine)
As pessoas fazem loucuras quando amam. (Mégara)
Às vezes nossa força está além da superfície, muito além, em alguns casos. (Moana)
A flor que desabrocha na adversidade é a mais rara e bela de todas. (Mulan)

⁷² Os certificados foram disponibilizados no dia 05/02/2020 e eu avisei, por mensagens de *Whatsapp*, a todas as participantes.

Se você acompanhar os passos de um estranho, você vai aprender coisas que jamais imaginou. (Pocahontas)
Tudo o que você precisa é de fé, confiança e um pouco de pó de pirlimpimpim. (Sininho)
Meu sonho não estaria completo sem você! (Tiana)

Posteriormente, entregamos a cada cursista uma lembrancinha personalizada feita por nós (figura 13), grupo formador *CinEducação* – com um porta-retrato, com formato de filme de cinema, e com a foto da pessoa; uma caneca, silcada com o nome da formação, e com pipoca doce dentro, como forma de agradecimento e gratidão pelos conhecimentos compartilhados nos nossos encontros.

Figura 13: Lembrancinha para os cursistas



Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

Finalizamos nos despedindo, emocionadas e felizes, agradecendo a todas elas, por abdicar das suas noites, das suas famílias, dos seus descansos para estarem conosco, compartilhando vivências, aprendendo e ensinando a arte do ensinar, tentando aprimorar seus conhecimentos e ser educadores melhores, fazendo a diferença na Educação.

OUTRAS PRODUÇÕES E MULTIPLICAÇÕES

Durante o percurso do grupo *CinEducação* e do curso de formação continuada, emergiram algumas necessidades e para supri-las decidimos, coletivamente, alterar o planejamento, de tal modo, que produzimos e propagamos dispositivos, apresentados na sequência, para que os nossos objetivos fossem alcançados, contemplando assim os anseios e interesses das cursistas.

** Sugestões de Filmes Brasileiros*

No momento em que ministrávamos o módulo dois, abordando a respeito da Lei 13.006/14, muitas cursistas manifestaram desconhecimento em relação a existência de filmes e/ou desenhos infantis nacionais, que pudessem ser explorados no contexto da sala de aula com seus alunos. Em função disso, decidimos selecionar, classificar e organizar alguns deles, resultando num total de 71 filmes/vídeos, a fim de disponibilizar como sugestões de obras brasileiras para elas (quadro 6).

Quadro 6: Estrutura adotada para a classificação dos filmes/desenhos infantis nacionais

Filme	Meu Amigãozão (nome/título)
Duração	0:45 (tempo de duração)
Tema	Amizade (assuntos que abordam)
Classificação do filme	Livre (idade indicada para assistir)
Classificação sugerida	Livre (é a mesma da anterior?)
Etapa escolar	Educação Infantil e /ou Ensino Fundamental e/ou Médio
Avaliação	Excelente, Muito bom, Bom ou Razoável

Fonte: Produzida pelo Grupo *CinEducação*.

Disponibilizamos esse material através do *WhatsApp*, levando em consideração a questão da sustentabilidade ecológica, no que se refere ao fato de evitar o uso excessivo e indiscriminado do papel. Dessa forma, conseguimos organizar os filmes em 23 folhas, ocupando e aproveitando todos os espaços possíveis. O retorno das cursistas foi positivo, sendo que as mesmas manifestaram e sinalizaram que esse material seria muito útil em sua prática pedagógica, no sentido de se fazer cumprir a lei, que exige das escolas de

educação básica, o cumprimento das duas horas mensais de filmes nacionais aos seus alunos.

** Videoaulas*

As videoaulas constituem outra produção em conjunto do grupo a partir da ideia inicial da Mulan:

Poderíamos fazer videoaulas para divulgarmos o que sabemos ou aprendemos. Ai montamos um blog ou mesmo um tutorial e colocamos no Youtube, tanto teórico quanto prático dos assuntos trabalhados. (Encontro Reflexivo, 26/03/2019).

De imediato todas concordaram e a produção das videoaulas começaram a ser elaboradas e realizadas, sendo expostas às cursistas no quarto módulo do curso de formação continuada. A argumentação da formadora Mégara foi reafirmada por todas, bem como as considerações da Cinderela:

Os tutoriais têm que ter a nossa linguagem, para atingirmos os professores que tem dificuldades e querem aprender.

Tem professores que não sabem baixar filmes/vídeos e tem gente que sabe, então essa seria uma oportunidade da gente ensinar e ao mesmo tempo aprender, umas com as outras. (Encontro Reflexivo, 26/03/2019).

Nesse sentido, consideramos que somos um grupo, no qual as ideias se consolidaram, transformando, aperfeiçoando ou contrapondo o individual e somando com a coletividade. Foi a partir desse confronto de opiniões, discussões e aprimoramentos, que se concretizou o objetivo da construção dos tutoriais.

** Compartilhamentos em um Repositório Virtual*

Também criamos um espaço de trocas entre formadoras e cursistas em um repositório virtual, que constitui um serviço de armazenamento na nuvem da *Microsoft*. Pensamos e preferimos esse dispositivo por ser gratuito, de fácil acesso e, principalmente, por possibilitar o arquivamento e compartilhamento de vários arquivos simultaneamente.

Assim sendo, no quinto módulo do curso de formação continuada, explicitamos como utilizá-lo e frisamos que todos os materiais do curso, como: *slides*, filmes, entrevistas, textos, tutoriais, dentre outros, estavam disponíveis e armazenados nessa plataforma digital, sendo de uso e usufruto coletivo, das formadoras e cursistas.

* *Pequenos Cineastas*

Em uma das escolas-campo em que foi realizada a pesquisa (EMEI A), foi desenvolvida uma oficina sobre produção de filmes com uma turma de 1º período do turno da tarde, sendo a professora cursista da formação continuada. Essa oficina foi ministrada pelo grupo Trakinagem e acompanhada pela formadora Sininho. A atividade aconteceu no dia 20/08/2019 com duração de 2 horas aproximadamente e teve como objetivo, de acordo com o idealizador e oficinairo do projeto, explorar o potencial criativo das crianças para que elas experimentem outras formas de se relacionar com o mundo através das câmeras.

Lembro que o responsável pelo projeto Trakinagem – Mostra de Cinema e Educação –, ministrou o terceiro módulo do curso de formação continuada, discorrendo a respeito da linguagem cinematográfica. Naquela ocasião, ele mencionou o trabalho com o cinema nas escolas, manifestando interesse em retornar à instituição para colocar os conhecimentos explanados em prática, transformando alunos das escolas públicas em cineastas por um dia.

Inicialmente, o oficinairo fez uma roda de conversa com as crianças (figura 14). Ele se apresentou e, em seguida, perguntou se alguma delas já havia trabalhado como ator ou atriz. Aqueles que se manifestaram que sim, expuseram suas experiências com a câmera, envolvendo a filmagem. O oficinairo explicou que a ideia era filmar coisas interessantes, que todos brincassem de ser atriz/ator dentro e fora de sala de aula, em casa ou em outros lugares.

Figura 14: Alunos conhecendo a arte do cinema, pelo grupo Trakinagem



Fonte: Produzida pela formadora Sininho.

Em seguida, o educador mencionou que o motivo da sua presença seria brincar com eles, utilizando a câmera de filmagem. Com a filmadora, ele propôs aos alunos a filmagem de diferentes maneiras: parados (sem movimentar, como se fossem estátuas), fazendo caretas, demonstrando medos, imitando animais, fingindo estar dormindo, bravos/nervosos e felizes, brincando com os colegas e com brinquedos (figura 15, sempre ressaltando alguns ensinamentos sobre técnicas de gravação).

Figura 15: Crianças socializando entre elas e com brinquedos



Fonte: Produzida pela formadora Sininho.

Posteriormente, aconteceu a prática que desafiou a imaginação das crianças e transformou o cenário da sala de aula em um verdadeiro estúdio de gravações (figuras 16 e 17). Foi realizado um teatro de sombras – com as luzes apagadas e com a cortina fechada os corpos ficavam sem nitidez –, e os pequenos foram atores e protagonistas da produção de filmes, bem como experimentaram diversos movimentos, enquadramentos, luzes, sons e outros componentes ligados à linguagem cinematográfica.

Figura 16: Alunos produzindo seu próprio filme



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/trakinagemcine/photos/a.2100073846924665/2311341315797916/?type=3>

Acesso em: 26 nov. 2019.

Figura 17: Alunos e oficinairos observando as produções



Fonte: Facebook. Disponível em:

<https://www.facebook.com/trakinagemcine/photos/a.2100073846924665/2311341385797909/?type=3>

Acesso em: 26 nov. 2019.

Os filmes criados e produzidos durante as oficinas pelo grupo Trakinagem e escolas foram exibidos na 3ª edição da Mostra de Cinema e Educação, em novembro de 2019, e divulgados nas redes sociais. Considero essa vivência bastante significativa para todos os envolvidos, pois a partir dela é que se desvelam as infinitas possibilidades dos recursos audiovisuais.

Foi uma experiência muito positiva, mobilizou um monte de coisas bacanas, interessantes, nas crianças. A produção do vídeo em si, ensaiar, treinar o que iria fazer, foi uma novidade para os alunos e ao longo da oficina eles começaram a se soltar, dar ideias, fazer poses, dar sugestões. A oficina me acrescentou muito enquanto pessoa e educadora, eu pude perceber a sensibilidade, dos responsáveis pela oficina, em explorar brincando com a linguagem cinematográfica com os meus pequenos, realmente um trabalho diferenciado. Até o autista da turma fez trakinagem, se envolvendo de um jeito que eu nunca tinha visto. É uma outra possibilidade de trabalhar o cinema em sala de aula, pois o cinema tem a sensibilidade de tocar o outro, ele mobiliza impressões e sensações diferentes, é lúdico, sedutor, mágico. Com certeza levarei para minha prática pedagógica. (Professora da turma e Cursista, 20/08/2019).

* CineFolclore

Nossos estudos também contemplaram o Ensino Fundamental I. Uma professora de uma turma de quinto ano, cursista da formação continuada juntamente com a formadora Mégara promoveram uma discussão sobre Cinema e Folclore em uma escola municipal de ensino fundamental localizada no bairro Morumbi no dia 28/08/2019 com a duração de 1 hora e 30 minutos (figura 18). O objetivo foi estimular a criticidade dos alunos no que se refere aos mistérios do interior do Brasil e reconhecer as culturas locais, regionais e nacionais.

Consideramos essa iniciativa muito relevante, pois acreditamos, conforme Barbosa (2017)

[...] ser crucial o acesso às produções que propõem outros modos de lidar com o real, especialmente no contexto escolar, pois a escola é um espaço de aprendizagem que exerce importante papel de formação crítica e ampliação da nossa cultura visual, e por conseguinte do modo como nos relacionamos com o mundo. (BARBOSA, 2017, p. 56).

Professora e formadora planejaram e executaram toda a atividade tentando estimular os educandos a pensarem sobre o filme, expondo o que viram, ouviram e

sentiram a partir do curta metragem da série *Juro que Vi* – episódio Matinta Perera⁷³.
Naquele dia,

Os alunos ficaram estáticos, silenciados, com olhos e ouvidos atentos à tela. Foram sustos e pequenos gritos a cada voo rasante da ave e a queda da criança. Eles participaram do momento da melhor forma, como se estivessem dentro da história. (Mégara, 28/08/2019).

Trabalhar com o cinema em sala de aula, principalmente uma lenda, foi diferente e produtivo. Eles conheceram um pouquinho da cultura brasileira. Sem contar nas produções que eles fizeram depois que foram bem impactantes e isso foi revigorante para mim. (Professora da turma e Cursista, 28/08/2019).

Após a exibição realizaram uma roda de conversa, discutindo o que foi compreendido e/ou o que sentiram ao viverem essa experiência, sem o julgamento de certo ou errado. Depois, pediram para que os alunos registrassem escritas ou pinturas, sobre o que mais os encantaram no filme (figura 19).

Figura 18: Espaço de socialização organizado em sala de aula



Fonte: Produzido pela formadora Mégara.

⁷³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uMUqDgwsSI4&ab_channel=MultiRio. Acesso em: 28 out. 2019.

Figura 19: Momento em que as crianças registraram suas impressões



Fonte: Produzido pela formadora Mégara.

Assuntos relacionados ao cinema, no processo de construção do conhecimento dentro de sala de aula, podem fazer com que os alunos tenham melhores condições para uma leitura consistente frente às nuances dos audiovisuais, sendo capazes de conduzi-los para se tornarem apreciadores dessa forma artística, estimulando seu gosto e hábito pela sétima arte.

Concordo que, a relação imagem e escola, de acordo com Marcello (2013, p. 15), diz respeito ao papel decisivo na “participação ativa na construção e, sobretudo, na ampliação das experiências visuais dos sujeitos”, permitindo que eles sejam mobilizados pela linguagem cinematográfica.

* *Diálogos e Socializações*

Ao longo da pesquisa socializamos nossas experiências e aprendizagens com as demais pessoas, inclusive do âmbito acadêmico, sobre como o cinema mobiliza as pessoas e se materializa socioculturalmente. Acredito que esses diálogos constituem oportunidades de promover interações em torno de produções entre professores da educação básica e universidade.

Nesse sentido, submetemos trabalhos em eventos acadêmicos para divulgar nossas ações e propor reflexões sobre as possibilidades do Cinema na Escola, sendo eles:

Professoras Produtoras - o cinema na formação docente; Filmes Nacionais na Educação Infantil de Uberlândia - Expectativas X Realidade; O Cinema aliando o Entretenimento e Aprendizagem.

Nessa perspectiva, colocamos em evidência o prisma reflexivo e formativo de professores, tendo como base atividades que emergem das escolas. Considero que a expansão do nosso trabalho seja uma forma de ampliar as ações no que se refere à utilização dos filmes nas instituições escolares, podendo ir além do entretenimento e da ilustração do conteúdo.

As Múltiplas Experiências com o Cinema

O universo cinematográfico é amplo e seu limite não pode ser mensurado, pois ultrapassa a quantificação. São misturas e amarras subjetivas, em que a criatividade se faz presente no que escutamos, vemos e sentimos. Por isso, o cinema não pode ser simplificado, somente como objeto de entretenimento, ele é um potencializador de aprendizagens.

Corroboro Migliorin (2015, p. 87) quando afirma que o cinema não tem “somente a possibilidade de narrar e produzir sentido, mas de deixar buracos e excessos onde o sentido não está completamente organizado”. O espectador entende o filme conforme sua visão, pois a interpretação e o sentido são individuais, mesmo estando no coletivo.

Quem assiste ao filme compreende-o e o amplia de acordo com sua história, suas relações sociais e culturais, deixando marcas, ou não, na plateia. Como Migliorin (2015, p. 34) argumenta “os filmes estão sempre misturados a diversas formas de expressão e de diálogo com os espectadores”.

O cinema com propósito educativo consiste em oportunizar experiências que admitem às pessoas se autoconhecerem e conhecerem umas às outras. Nesse sentido, o cinema “deixa de ser diversão cultural para passar a ser visto como um espaço produtor de sentidos que envolvem múltiplas subjetividades”. (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p. 14). Tal subjetividade pode despertar caminhos e percursos de aprendizagens muito significativos.

Concordando com essa ideia, os filmes podem ser explorados também no ambiente escolar, um artefato de mediação para que os alunos entendam o mundo, pois cada um deles apresenta múltiplas possibilidades. Considero, assim, urgente e necessário

promover a ampliação do universo de experiências, conhecimentos e habilidades dos docentes e discentes, tentando oportunizar uma educação para o sentir.

Os produtos cinematográficos em trabalhos educativos podem ser mais do que meros instrumentos didáticos usados para ensinar certo conteúdo escolar ou, então, para motivar alunos. Ou seja, podem ser pensados em suas próprias linguagens e imagens, seus efeitos, seus endereçamentos, suas montagens, suas estéticas. Podem, ainda, nos levar à indagação pelas nossas experiências com eles, as mediações que acionamos nas leituras que processamos, a proliferação de sensações e de pensamentos que nos toma quando estamos diante da tela, vendo uma imagem em movimento. (GUIMARÃES; GUIDO; SCARELI, 2013, p. 8).

Por atuar com múltiplos significados o cinema pode suscitar muitos conhecimentos e ele pode ser trabalhado na escola de forma prazerosa. É importante ter um contato social e cultural mais intenso e direcionado com os audiovisuais. Como afirma Migliorin (2014, p. 64), “um filme não deve transmitir experiência, ele deve ser a própria experiência”. Sendo de extrema relevância pensar o cinema como artefato que possibilita construções de saberes.

Nesse sentido, o autor também enfatiza que é imprescindível “reelaborar o olhar para ver diferente, observar a partir do olhar do outro, porque nosso olhar e modo de ver é sempre parcial e localizado, um recorte do mundo. Entretanto, o que não vemos não deixa de existir e merecer nossa atenção”. (MIGLIORIN, 2014, p. 35).

Pensando como os autores mencionados, tentei, por meio de condições experienciais e afetivas, criar momentos de acessar a subjetividade das professoras e cursistas que estiveram comigo nesta pesquisa colaborativa. A transformação começou por mim, pois senti necessidade de expandir a outras pessoas a experiência com o cinema.

O cinema não é só matéria para a fruição e a inteligência das emoções; ele é também matéria para a inteligência do conhecimento e para a educação, não como recurso para a explicitação, demonstração e afirmação de ideias, ou negação destas, mas como produto da cultura que pode ser visto, interpretado em seus múltiplos significados, criticado. (ALMEIDA, 1993, p. 137).

Nessa perspectiva e como última seção da tese, apresento alguns depoimentos que a experiência com/em cinema, por meio do próprio cinema, oportunizou. Meu compromisso foi com a formação humana, abarcando as múltiplas vivências que os filmes

possibilitaram (e possibilitam, porque as transformações não podem ser mensuradas, acontecendo, ou não, de dentro para fora, o tempo todo).

Deixo claro que, quando falo experiência concordo com Larrosa (2002, p. 21) admitindo que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” e experienciar requer

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

E me amparo em Fresquet (2019, p. 9) quando comenta que a “vivência do cinema nos permite mergulhar fundo em nós mesmos nos apropriando desta vez mais conscientemente em nossa história, personalizando nossa própria aprendizagem e produzindo e renovando a cultura”, por isso a experiência em/com/no/pelo cinema mobiliza os sujeitos.

Oportunizar essa experiência não foi nada fácil, mas foi possível. Por isso, destaco os depoimentos de alguns participantes do curso de formação continuada *Luz, Câmera e Educação*, bem como das colaboradoras do grupo de estudos *CinEducação*, com a finalidade de mostrar como essas vivências as afetaram, se as mobilizaram ou não, na ampliação da visão sobre o cinema e sobre o cinema e a escola.

Oliveira Junior (2016, p. 136) discorre que na relação cinema e escola “o aprendizado é atravessado pela experiência e que, portanto, valorizar a experiência singular é favorecer aprendizados através daquilo mesmo que mobiliza alguma experiência a se desdobrar em outras experiências”.

Assim, no decorrer do curso de formação continuada as cursistas sinalizaram o que estavam julgando dos encontros e dos assuntos, o que evidenciei nesta seção. Já no último módulo, que aconteceu no dia 05/11/2018, questionar de forma direta o que acharam e/ou sentiram com essa experiência com o Cinema na Escola.

Eu achei o curso excelente! Muitos assuntos atuais sobre os filmes, que eu não tinha conhecimento, e que são necessários no contexto escolar. Vai me ajudar, aliás já está me ajudando, nas minhas práticas porque a partir daqui tive uma direção de como posso fazer, e com os

conhecimentos adquiridos aqui me sinto mais segura em fazer em sala. (Cursista).

Todos os módulos e conteúdos foram ricos porque foram experienciados, quem ministrou as discussões falou muito das suas próprias experiências com o Cinema na Escola e como ele pode ser trabalhado, sem receitas prontas e mágicas. Nessa vivência a gente cresce, pois conseguimos nos situar, quem escutou conseguiu levar para a prática, o cotidiano. (Cursista).

O horário do curso que foi complicado, poderia ter acontecido em um dia da semana, no período da manhã ou da tarde. (Cursista).

Gostei muito! Foram muitos conhecimentos importantes para mim, que eu levarei para o dia a dia da sala de aula. (Cursista).

Maravilhoso! Aprendi muita coisa que eu não sabia e a valorizar coisas que eu não valorizava também. Nunca pensei que o cinema fosse tão amplo e que eu pudesse trabalhar com ele de tantas formas. Vai me ajudar muito profissionalmente! (Cursista).

Gostei da formação! Vocês conseguiram abordar bem o assunto cinema e escola nos módulos. Senti falta de aprofundamento teórico nas discussões, mas pelo que eu vi do grupo as professoras não iriam ler não, a maioria sai da escola e vem para cá direto. Eu estou acostumado com a universidade: leitura, autor, leitura, autor. A pegada de vocês foi didática. (Cursista).

Achei top! Vai me ajudar muito como profissional da infância. Trabalhar com o Cinema na Escola é misturar o prazer com o aprender. (Cursista).

Eu achei a formação maravilhosa. Sempre tive repulsa de televisão em sala de aula e com o curso percebi como ela pode ser útil, mas é necessário saber o que vai passar, para que passar, como, tem que ser significativo para as crianças. Antes eu passava os filmes somente por passar mesmo, um momento livre, uma questão lúdica, de brincadeira, passando por passar, agora aprendi que esse momento precisa ser planejado mesmo que ele tenha a intensão de divertir. Ah, vi também que ele pode ser mais que isso. (Cursista).

Eu achei ótimo, muitas aprendizagens para levar para a vida e para sala de aula. (Cursista).

Eu gostei bastante de participar do curso, esse é o meu primeiro ano na escola trabalhando na área da Educação, aprendi muitas coisas. Módulos dinâmicos, com vários palestrantes e várias metodologias diferentes. Aprendi sobre como podemos trabalhar com o Cinema, a televisão, no cotidiano da sala de aula. Me ajudou muito e abriu meu

olhar para muitas coisas que não enxergava, foi bem impactante. (Cursista).

Eu adorei o curso, gostei muito mesmo! Achei muito importante os assuntos abordados, tinha algumas coisas que eu não sabia. Gostei da interação, da dinâmica, dos vídeos, do despertar um novo olhar sobre o Cinema e Educação. Com certeza contribuí para melhorar minha prática. (Cursista).

Muito bom mesmo! Curso muito prático que trouxe assuntos que eu nunca pensei que seriam relevantes nas ações dos professores no ambiente escolar. (Cursista).

Eu gostei muito do curso, tive bastante aprendizado. Vai me ajudar muito na sala de aula, estou vendo o Cinema de outra maneira. O curso foi bem dinâmico e interativo. Única coisa que senti falta foi de água gelada, hahahahaha, com esse tanto de gente, nem o bebedor conseguiu fornecer. (Cursista).

O melhor curso que eu já participei. A didática, o conteúdo, os palestrantes arrasaram. Com certeza as pessoas que estão aqui tiraram muito proveito. Vou levar os aprendizados para a vida! (Cursista).

Eu achei o curso excelente! Tem mudado os meus olhares e minhas perspectivas enquanto professora mesmo. A partir do curso mudei totalmente minha prática, hoje envolvo meus alunos até na construção de vídeos em sala de aula. Eu sempre gostei muito do cinema enquanto recurso pedagógico, agora sei que ele é mais que isso. O curso abriu o leque de outras possibilidades de se trabalhar com o cinema e com meus pequenos. Eu amei! (Cursista).

Esses relatos nos encheram (nós, formadoras) de orgulho e alegria, pois percebemos que nossos esforços foram recompensados. Que os estudos, reflexões, diálogos, planejamentos, organizações e trabalhos deram certo, que conseguimos mergulhar no universo do cinema e proporcionar essa experiência às demais.

Uma mobilização interna e externa, provocando nosso interior a novas práticas docentes, que nos instiga e instiga outras pessoas. E essa vivência, esse crescimento e aprendizado só foi possível porque o Cinema é arte, é cultura, e como tal nos apresenta como múltiplas potências.

O grupo de estudos *CinEducação* também manifestou, no Encontro Reflexivo posterior da data 12/11/2019, o que pensaram, acharam e perceberam do curso de formação continuada que oferecemos:

A formação foi melhor do que eu imaginava, nunca pensei que iríamos finalizar com tanta gente, porque as que eu participo começam com muitas pessoas e terminam com poucas. A nossa foi diferente, houve pouquíssimas desistências e foi perceptível a animação dos cursistas. (Jasmine).

As pessoas estão muito despreparadas nas escolas, no nosso trabalho fomos com cuidado para não ferir os professores. (Pocahontas).

As abordagens feitas nos módulos foram muito interessantes e pertinentes, conseguindo prender a atenção dos cursistas do primeiro ao último dia de formação. Os temas foram abordados de forma clara, objetiva e com estratégias diferenciadas de transmissão, porque quando a coisa fica apenas no expositivo, as pessoas cansam e no nosso não, o público-alvo participou e interagiu junto, mostrando interesse pela temática Cinema na Escola. (Sininho).

Eu gostei muito de estudar e proporcionar a formação, na verdade ela daria até uma pós-graduação pela infinidade de assuntos que conseguimos contemplar. (Moana).

Eu achei legal que os cursistas gostaram do curso, de todos os módulos, mesmo que estavam cansados, pois a maioria trabalha em dois turnos. O interesse era nítido, podíamos perceber pela presença, olhares, gestos e participação. Muitos tiravam tempo para si mesmo aqui na formação, aprendendo o que gosta. (Jasmine).

A leveza do curso proporcionou momentos incríveis a todas nós, inclusive para quem participou. Uma formação sem provas, sem cobranças, eles vieram com vontade de crescer, descontraír, aprender e de tirar um tempo para eles mesmos. (Mégara).

Completando... E eu brincava que o melhor do curso seria o lanche e não foi hahahahaah, foi o quanto ele foi gostoso, significativo, prazeroso, instigante. (Tiana).

Acertamos nos temas, módulos que contemplamos. (Moana).

Acredito que tem pessoas que nós não conseguimos atingir, mas a grande maioria deles foi tocada. Nosso papel foi esse, sensibilizar as pessoas sobre a potência do Cinema e como ele forma as pessoas. Muitos cursistas me procuraram dizendo o quanto foi rico e como foi impactante a formação na vida pessoal e profissional deles. Isso me deixa realizada! (Mégara).

A formação afetou de dentro para fora, no que vivemos e o que meus alunos podem viver. Quantas influências negativas nós tivemos e é isso que queremos para nossos alunos? A naturalização do preconceito, pelas brincadeiras, como machucou tanta gente. (Cinderela).

Naquele momento também falamos sobre como foi estudar colaborativamente, em grupo, de forma coletiva, sobre as trocas de leituras, de reflexões e experiências com o Cinema e Educação. Por isso, conforme Clandinin e Connelly (2011, p. 130) nossas “experiências da experiência não serão as mesmas”.

Não imaginei que poderia ajudar tanto na minha prática em sala de aula, no meu trabalho. Fiz atividades, projetos, movimentei meus alunos, isso tudo depois de estar aqui, com vocês. Tirando o cansaço, eu só tive benefícios com a formação e em ser formadora. É um tema que eu sempre gostei e aprendi muito com todas vocês, com certeza foi um divisor de águas na minha prática docente. Tenho certeza que vou colher muito mais frutos futuramente, essa oportunidade foi o pontapé para eu pesquisar sobre o tema e perceber o quanto ele é enriquecedor na constituição das pessoas. (Mégara).

Foi uma oportunidade incrível. Aprendi muito na interação com as colegas e descobri que esse assunto é muito importante na formação docente, pois muitos temas abordados foram totalmente novos pra mim. Sou grata pela oportunidade. (Mulan).

Quando a gente vive, lembramos de usar na prática. O encantamento nos faz sermos melhores, assim conseguimos atingir ao outro, nesse caso as crianças. Estar em grupo me fez viver e melhorar minha prática pedagógica. Meu modo de pensar minha prática teve mudanças, porém não foi sempre. Eu trabalho com outras pessoas em sala de aula e nem sempre elas aceitam o que sugiro, querem somente Galinha Pintadinha e falam que as crianças só gostam disso. Na Educação Infantil é preciso o envolvimento de todos os adultos nas atividades pedagógicas. Tentarei fazer um planejamento mais objetivo e contextualizado com o uso do cinema nas minhas aulas, podendo ser em forma de projetos, experiências, aberturas que queiram explorar com as crianças. Não imaginei que fosse tão produtivo todo esse movimento, e olha que reluto muito em assumir compromissos porque eu enjoio muito fácil das coisas, e por incrível que pareça eu cheguei até ao final do nosso estudo, formação, bem satisfeita. Têm cursos que eu faço que ficam tão maçantes que prefiro parar de fazer, eu não tenho mais pique nem tempo de ficar fazendo coisas que eu não gosto, aí os deixo e não estou nem aí. (Tiana).

Aprendi que o filme não pode ser visto como um passatempo, que apenas ocupa o tempo das aulas e deixa os alunos quietos. Os filmes têm significado, eles podem ser um recurso didático que ensina habilidades e competências para que as crianças se desenvolvam. (Fiona).

Foi maravilhoso participar do grupo de estudos com vocês meninas. Mudei minha visão sobre Cinema na Escola, bem como na minha vida, ainda mais para mim que não era muito adepta em assistir filmes e séries, parecia que eu estava perdendo tempo e hoje vejo que é ganho, aquisição, crescimento. (Jasmine).

Ser formada e ser formadora foi um desafio, que deu trabalho no início. Tivemos que estudar, encontrar, compartilhar, discutir, mas passou rápido, depois pegamos o ritmo e deu tudo certo. Foi muito bom aprender e ao mesmo tempo ensinar! O nosso tema é de grande relevância e está sendo muito falado na mídia, até caiu no ENEM. Eu acho que todo mundo que está aqui foi movido pelo assunto e que agora não pode ver nada sobre cinema que quer ler ou saber mais, pesquisar, assistir filmes e produções inéditas. Posso dizer que a formação foi o início da movimentação da catraca, precisamos mergulhar mais, temos muito que aprender ainda. (Pocahontas).

O nosso grupo, nossa formação, foi um pontapé inicial e colocou algumas pulgas atrás das orelhas para que todos pensassem nas várias possibilidades do Cinema na Escola. (Cinderela).

Descobri, no desenvolvimento dos nossos estudos, que o Cinema na Escola pode ser também um recurso didático com grande relevância na educação, pois torna as aulas mais dinâmicas e conectadas com atualidade, além das crianças adorarem. (Ariel).

O estudo sobre o Cinema e Educação foi muito significativo, prazeroso e um grande momento de aprendizado. Conforme foram acontecendo os nossos encontros percebi que o cinema tem a possibilidade de ser explorado muito mais que entretenimento e recurso pedagógico nas práticas pedagógicas. (Moana).

A temática cinema nos traz encantamento e apresenta sim diversas possibilidades. Possibilidades estas que fizeram parte da nossa trajetória, ao longo da formação, que por sua vez foi muito boa, aliás foi ótima, muitos momentos de aprendizagem e de troca de experiências juntas e com certeza contribuí e continuará contribuindo tanto para a minha prática pedagógica como para o lado pessoal. Foi muitíssimo excelente, não imaginava que tomaria essa dimensão e que aprenderia tanta coisa, foi muito gratificante fazer parte desse seu percurso. Lembra que uma vez me falou que não sabia nada, só para te contrariar está aí a prova de que você sabe e sabe muito sobre esse assunto e nos deu o privilégio de dividir todo esse conhecimento com a gente, que só tem que lhe agradecer por essa oportunidade única. (Sininho).

O cinema foi o potencializador de relações na escola e ele possibilitou uma pluralidade de experiências. Acredito que os filmes interagem com seus espectadores, impactando socio e culturalmente, nos afetando de diversas formas, construindo saberes e sujeitos.

Busquei oportunizar às pessoas com as quais relatei neste trabalho experiências com o cinema. Assim, compartilho da ideia de Oliveira Junior (2016) quando ressalta que existem projetos que criam trilhas para a vivência nas quais

[...] as pessoas envolvidas nessas pesquisas e experimentações inventem outras experiências justamente na participação nesses projetos. Em poucas palavras: inventem poderes na medida mesma em que inventam mundos sensíveis onde venham habitar suas experiências. (OLIVEIRA JUNIOR, 2016, p. 175).

Foram os retornos das colegas de grupo, ao longo do processo, sobre as nossas práticas coletivas de estudo que me sustentaram no campo de pesquisa. Assim, pude perceber o quanto estava somando na vida pessoal e profissional das pessoas e, conseqüentemente, no desenvolvimento dos alunos.

Estou gostando muito e aprendendo bastante, já gostava de assistir filme, mas agora vejo com um olhar mais atento e investigativo. Antes eu passava o desenho, o filme, para as crianças como um complemento do conteúdo que eu trabalhava, agora eu vejo como momento de fruição e fazer pensar além do que o filme nos propõe. O estudo tem contribuído muito, não só para minha prática profissional, mudou o meu olhar de ver o cinema de outras formas. (Encontro Reflexivo, Sininho, 02/07/2019).

E o que ficou em mim, de toda essa construção e movimento na escola, oportunizada pela pesquisa colaborativa sobre o Cinema e Educação, se resume na palavra gratidão. Sou grata por persistir no sonho de contribuir para a formação docente e de proporcionar, junto com o grupo *CinEducação*, reflexões e experiências com o Cinema e suas potencialidades.

No dia 01/12/2019 toda essa produção foi divulgada no jornal Diário do Comércio⁷⁴ da cidade de Uberlândia, intitulado *O Cinema como Aliado da Educação*, que contemplou essa experiência de estudo, fruição, mediações e diálogos sobre a arte do cinema para uma educação do olhar, do sentir, do viver.

Concordo com Santos, Barbosa e Lazzareti (2015, p. 35) quando comentam serem importantes os diálogos com as obras fílmicas, argumentando que “sua discussão e seu desvelamento produzem a educação dos olhares singulares e coletivos e colocam-nos a todos como apreciadores éticos e estéticos”. Essas autoras mencionam também que “fazer cinema é narrar. Fruir cinema é estar em um fluxo narrativo” (p. 68), isso envolve experimentar a obra, sentir o que viu, imaginou ou pensou sobre as cenas visíveis e invisíveis, desfrutando prazerosamente dos filmes.

⁷⁴ Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/23638/luz-camera--e-a-democratizacao>. Acesso em: 01 dez. 2019.

Cinema é arte, cultura, magia, prazer, encanto... é fonte de humanização, criatividade e expressão. Um artefato que provoca, mexe, inquieta e nos faz pensar... uma construção estética, além de um enunciado social. O Cinema é um potencializador de conexões, é sentimento, liberdade, possibilidades, multiplicidades e transformação.

** Muitezas de Sininho em uma narrativa*

Em um bate-papo, pelo *Whatsapp*, que era utilizado pelo grupo de estudos *CinEducação*, no dia 06/10/2020, mencionei que estava finalizando a escrita da tese e deixei em aberto o convite de alguém escrever sobre sua experiência com o cinema (sem preocupação com roteiros e padrões).

Essa ideia surgiu por ponderar que o estudo em grupo compõe, conforme Barbosa (2017),

[...] um processo educativo que produziu condições para que o aprendizado fluísse a partir das fissuras provocadas pelos acontecimentos que tiveram como função desestabilizar o campo do previsível, em que se experimentaram modos de afecção e produção de sentidos num estar com. (BARBOSA, 2017, p. 112).

Corroborando essa ideia e por considerar importantes os espaços de diálogos e exposições das participantes, dando voz e vez a quem buscou novos conhecimentos, Sininho escreveu, com as próprias palavras, suas vivências e que exponho aqui. Sua narrativa é singular, mas que traz brechas dessa experiência coletiva.

“Ainda me lembro como se fosse ontem o convite informal, no ano de 2018, de Alice para eu participar de sua pesquisa envolvendo o “Cinema na Escola”, porém não imaginava o quanto esse convite se tornaria um divisor de águas e provocaria uma grande mudança e diferença em minha vida.

Posso dizer, com clareza que grandes transformações aconteceram tanto no contexto pessoal, envolvendo a prática corriqueira de assistir um filme por pura diversão, quanto na minha prática pedagógica, influenciando diretamente na minha maneira de ministrar aulas para as crianças, recorrendo ao uso do audiovisual, e de igual maneira, no meu processo de formação.

*Foi nesse ano que participei de dois encontros que me instigaram verdadeiramente a pensar sobre o cinema e educação, que me motivou a querer aprender mais e trocar ideias sobre o que pesquisamos, lemos, assistimos, sentimos, vivemos, produzimos. Assim surgiu o Grupo de Estudos *CinEducação*, nome escolhido e eleito de maneira coletiva e democrática.*

Decidimos que estudaríamos sobre cinema e dividiríamos esses conhecimentos e práticas com as colegas de profissão. Melhor dizendo, estudaríamos em grupo sobre os assuntos, planejaríamos os módulos do curso e compartilharíamos nossos saberes. O bom é que aprenderíamos de verdade para repartir com os docentes que participariam e teríamos sempre um foco de estudo, que são as educadoras.

Em 2019 colocamos a mão na massa, um estudo em grupo no qual trocamos figurinhas sem hierarquias. Ninguém sabia mais ou sabia menos, estávamos dispostas a dividir os conhecimentos. Eu acreditava que já sabia muito sobre o cinema e que tiraria de letra essa participação, no entanto, com o passar do tempo e o envolvimento no grupo CinEducação, fui descobrindo que eu não sabia quase nada sobre o assunto.

Neste estudo, além dos diversos textos que estudamos também debatemos filmes, documentários, propagandas etc., dentre eles “Feministas: O que elas estavam pensando?”, “O sorriso de Mona Lisa”, “Cowspiracy: O segredo da sustentabilidade”, “As Sufragistas”, “Bird box”, “Felicidade por um fio”, “Ensaio sobre a cegueira”, “Bem-vindo a Marly-Gomont”, “Lionheart”, “O ganha pão”, “Sementes podres”, “12 anos de escravidão”, “Histórias cruzadas”, “Garota exemplar”, “He evenhasyoureyes”, entre outros.

Dois filmes, em especial, me marcaram muito que foram “Como Estrelas na Terra - Toda Criança é Especial”, que é um filme que provoca diferentes emoções e que tem tudo a ver com o cotidiano escolar e com o fazer docente: o chão da escola; e o outro que me emocionou foi o “Primeiro da Classe” filme que retrata e denuncia problemas que vivenciamos no dia-a-dia da escola, porém que nem sempre prestamos atenção nas vozes e no olhar dos aprendizes e que se não estivermos atentas passam despercebidos, impactando na exclusão de muitos aprendizes no contexto escolar.

Esses foram alguns filmes contemplados na nossa formação, dos membros do CinEducação, que esquentaram nossos estudos e renderam belos aprendizados e trocas de opiniões e, paralelamente à fruição desses filmes, realizávamos a complementação com leituras de textos também focando na temática “Cinema na escola” que alimentaram ainda mais nossa vontade de compreender o cinema.

O dia 11/02/2019, foi uma data marcante para mim e para o grupo de estudos, mais uma experiência fantástica e significativa envolvendo o “cinema”; um palestrante com uma bagagem admirável e super entendido do assunto foi conversar com a gente sobre “linguagem cinematográfica”.

Enquanto isso, nos bastidores do CinEducação via remoto, continuamos com nossas pesquisas e investigações entrelaçando nossas percepções e reflexões sobre os filmes e de maneira igual com deleite de textos como: “O professor e os recursos audiovisuais”, “Mídia-Educação e Cinema na escola”, “Crianças, cinema e televisão: experiência do filme em mediação educativa”, entre outros.

A partir desses entrelaçamentos, discussões e muita aprendizagem, engajaram no grande desafio, que ao mesmo tempo nos provocou medo, inquietações e também vontade de dividir o que estávamos aprendendo sobre “o Cinema na Escola” para ser compartilhado com outros profissionais da nossa área de atuação: ministrar um curso de formação continuada (aperfeiçoamento/ extensão) para professores da Rede Municipal de Educação de Uberlândia.

Esse desafio foi surpreendente e nos propiciou enfrentar barreiras, como por exemplo, vencer o medo de falar em público, algo para mim, super difícil, considerando que sob minha responsabilidade ficou a atribuição de discorrer sobre a “lei 13006/2014”, que dispõe sobre a obrigatoriedade de exibição de filmes de produção nacional, sendo no mínimo de 2 horas, nas escolas e sobre a relação “cinema e educação”.

De início nem eu sabia do que tratava a lei, mas me empenhei em correr atrás de informações e pesquisando descobri que, apesar da lei ser obrigatória nas escolas, a maioria dos cursistas não tinha ciência da existência dela. E, ser portadora desse conhecimento envolvendo o cinema foi extremamente gratificante e importante, pois contribuiu para conhecimentos no contexto da escola, do cinema e principalmente para me fazer acreditar na minha própria capacidade de falar em público.

Nossos encontros a partir de fevereiro de 2019 passaram a ser presenciais e rendiam belas discursões, reflexões, conflitos, entendimentos, empatia, no sentido de colocar-se no lugar do outro, de respeitar o “olhar do outro”, vislumbrando detalhes até então não percebidos por nós e assim aprendemos a valorizar o pensamento, a posição, a opinião de cada componente do grupo e chegamos juntos a um consenso democrático a respeito dos módulos que seriam organizados para serem ministrados ao longo da formação “Cinema na Escola”.

Nesses encontros presenciais, inclusive no sobre “Linguagem Cinematográfica”, tivemos o privilégio de produzirmos nossos vídeos de “um minuto”, incorporando as técnicas necessárias de enquadramento, posição de fixação da câmera/ celular etc. Nossa formação a cada encontro com as formadoras, a cada módulo com as cursistas ganhava vida, ganhava conhecimento e cada vez mais tínhamos a certeza e a confiança de que o caminho escolhido estava tomando os rumos certos.

A formação destinada aos professores da rede Municipal foi um sucesso total, mas para continuar fazendo parte desses belos momentos de aprendizagens, eu tive que me revestir de muita coragem. Estava desacreditada em formação continuada desse tipo, em função de ter tentado o mestrado em 2018, e por uma sucessão de informações não consistentes, não ter conseguido.

Essa decepção me fez desacreditar de minha própria capacidade de vencer na vida. Eu queria muito cursar o mestrado e para estudar e realizar todas as etapas foram necessários muito suor, muitas noites em claro, muitos finais de semana sem desfrutar com a família, sem contar

que sempre exerci dupla jornada de trabalho na escola, pois apenas um cargo não me possibilita conseguir pagar todas as contas.

Superei esse momento com a ajuda da minha família, porém eu não queria mais tentar o mestrado na UFU nem fazer nenhum curso de formação. Ao iniciar os estudos sobre o cinema com o grupo passei a me envolver completamente, assim estava me formando e também contribuindo para a formação dos meus colegas professores.

E esse envolvimento, de pesquisar, estudar e dialogar em grupo foi crescendo cada vez mais. O ano estava finalizando, os encontros do grupo estavam marcados e acabando, e novamente saíram as inscrições para o mestrado. Pensei, pensei e decidi tentar. Fiz a inscrição no último minuto do prazo estabelecido, pois estava desacreditada, decepcionada.

Contudo, decidi que faria dessa descrença minha mais nova motivação para não desistir de um grande sonho e continuar seguindo em frente e a formação proporcionada pelo CineEducação em muito contribuiu para essa tomada de decisão, pois cada vez mais despertava a vontade de conhecer não apenas sobre assuntos relacionados ao Cinema na Escola, mas sobre a educação no geral, e considerando ela como fonte de transformação, de conhecimento e tentando o mestrado novamente, teria a possibilidade de dar continuidade à minha formação a fim de beneficiar meu fazer docente e principalmente ser mediadora do conhecimento daqueles que trilham seus primeiros passos na educação infantil rumo ao mundo do conhecimento (meus pequerruchos do berçário).

Apreendi muito com o grupo de estudo a trabalhar lançando mão dos filmes dentro do planejamento, sem fazer desse momento apenas um passatempo para os bebês. Os pequenos estranharam não assistirem mais apenas a “galinha pintadinha” e as profissionais de apoio também, que sempre batiam na mesma tecla de que “a galinha pintadinha é que fazia sucesso na sala e mantinha-os quietos e concentrados”. Foi uma luta romper com esse pensamento, mas com o tempo a turminha e as profissionais de apoio começaram a gostar do repertório no denominado “dia da tv” e assim fomos juntos vencendo as barreiras em relação ao fazer uso de diferentes filmes/ desenhos para os bebês.

Tudo o que é novo gera desconfiança, mas através do curso, fui conseguindo melhorar minha prática como docente. O estudo me mostrou que é possível sim usar o cinema como um grande aliado em nosso planejamento e de igual maneira, revelou que o trabalho em grupo, não é fácil porque envolve diferentes opiniões e que em alguns momentos o conflito é inevitável, porém com diálogo, escuta atenta e com empatia é possível chegarmos ao consenso de que um mesmo assunto (no caso o cinema) pode suscitar diferentes pontos de vista, que quando confrontados democraticamente, de maneira respeitosa, geram um conhecimento ainda maior que beneficia a todos, propiciando aprendizagens diversas.

Antes de participar do estudo, também era adepta da galinha pintadinha, mas com os módulos, passei a refletir melhor a respeito dos filmes que considero interessantes trabalhar com o berçário e passamos a fazer uso de um repertório variado.

E foi dessa maneira, me envolvendo cada vez mais com o grupo de estudos, com todo o novo e grande conhecimento que ele me proporcionou, que voltei a acreditar no poder transformador da educação, pois estava desestimulada de tentar o mestrado, em função da derrota que tinha vivenciado, e foi aí que decidi e prometi para mim mesma que estudaria intensamente. Retomei os estudos de forma sistemática – desta vez faria valer a pena – e imbuída desse ânimo propiciado pelo grupo e com essa vontade de estudar para passar, mesmo à base de muitos sacrifícios, finalmente deu certo, meu sonho se realizou e hoje posso dizer que sou uma pesquisadora iniciante, mas que farei o meu melhor para produzir mais conhecimento e devolver o que aprendi para nossa sociedade, para que outras pessoas tenham a mesma chance que tive de dar continuidade na minha formação, na produção e na disseminação do conhecimento.

Aqui estou eu de volta ao ensino superior e muito devo aos conhecimentos adquiridos ao longo da formação e dos encontros do curso.

Nos despedimos em 2019, com nossa formação, com nosso grupo CinEducação, mas as aprendizagens adquiridas em meio às trajetórias, os desafios e as conquistas ao longo dos anos de 2018 e 2019 não finalizaram. Os ensinamentos do grupo permaneceram em ação, neste ano de 2020, através de outros cursos que tenho participado envolvendo a temática cinema e educação, como por exemplo, “No chão da escola: educação e cinema na promoção dos direitos humanos”, realizado com finalidade de valorizar e investir na formação continuada de professores da educação básica e de falar sobre as oportunidades do cinema no chão da escola e um outro curso de extensão intitulado “Projeto cinema e infância: a educação do olhar”, de responsabilidade do GEPLI da UFU, entre outros, que continuam despertando o fascínio pelo tema Cinema na Escola.

As aprendizagens adquiridas sobre o cinema ao longo dos estudos propiciados pelo grupo CinEducação foram excelentes, porém algo continua me instigando e me provocando, no sentido conferir continuidade nessas aprendizagens e, nesse sentido, esses novos cursos/eventos/lives contribuem de maneira significativa, reforçando o que aprendi no coletivo proporcionado pelo grupo e simultaneamente me oportunizam novas aprendizagens sobre a temática, sem falar que o módulo referente ao uso de recursos tecnológicos, contribuiu e de certa maneira permanece contribuindo em relação à participação nessas lives, nesses cursos, realizados de forma remota, exigindo de nós o manejo, a habilidade e o desafio de vencer barreiras e conseguir dominar a tecnologia, entendendo-a como fonte possibilitadora de exploração de recursos audiovisuais.

Até hoje colho os frutos da dedicação de estudarmos em conjunto, no grupo CinEducação, pois em 2020, com a pandemia ocasionada pela COVID-19 as aulas tornaram-se

remotas e até as técnicas que pesquisamos e aprendemos se tornaram úteis para que minhas interações com os alunos e de igual maneira, nas disciplinas do mestrado, aconteçam. O que eu tenho a dizer é que sou muito grata pela oportunidade de estudo, pelos aprendizados e amizades que consolidamos.

Antes da formação do grupo de estudo, o cinema, o simples fato de assistir um filme/desenho em casa ou na escola com as crianças, se resumia em momento de distração, usado mesmo exclusivamente para passar o tempo. Contudo, após o curso, aprendi que tomando o filme, no contexto da escola, como parte integrante do planejamento, podemos explorar diferentes temáticas/ assuntos que extrapolam a ideia central do desenho/da proposta do dia do vídeo na escola e assim podemos incentivar e aguçar nas crianças a curiosidade, a imaginação, a aprendizagem, porque o cinema dentro do espaço escolar extrapola estratégias que permitem o conhecimento não só do aluno, mas também do professor.

Além disso, como outras vantagens, o cinema propicia interação e muita brincadeira, eixos centrais e estruturantes da aprendizagem das crianças, que por sua vez, acontece de maneira multidisciplinar e é muito importante que o professor seja propiciador/ mediador nas aprendizagens envolvendo o cinema, coisa que aprendi muito bem e que ainda constitui um grande desafio para muitos educadores e, por isso, se faz necessário exercer o processo de escuta atenta em relação às possibilidades de trabalho que o cinema nos oportuniza e possibilita desenvolver no chão da sala de aula.

O modo de ver o cinema, construído a partir dos estudos do grupo, também me possibilitou, assistindo filmes em casa, não só assistir a determinado filme com atenção, mas a promover reflexões e vivenciar diferentes emoções, mergulhando no mundo do audiovisual, suscitando diferentes narrativas, revelando possibilidades imaginárias diversas, possibilitando observar sutilezas, imaginando até mesmo nossa autoria, assim como a observar/ ou imaginar onde a câmera estava posicionada quando cada quadro foi gravado, desnaturalizando diferentes componentes.

O estudo no grupo envolvendo o cinema me permitiu lançar um olhar diferente de ser, de interagir, de tencionar o vislumbamento do cinema, ou seja, através dele é possível produzir opiniões, crenças, questões de gêneros, de diversidade cultural, de dúvidas diversas que se revelam postas no mundo que nos cerca.

Ele contribui para o meu entendimento de que o cinema no chão de escola implica em produção, em aprendizagem, em conhecimento e que se faz necessário possibilitarmos à criança experimentá-lo, por exemplo, através do segurar uma câmera e produzir sua própria história, exercendo sua autoria, pois essa manipulação o possibilitará construir diferentes narrativas, possibilitando o sentir, o experimentar diferentes repertórios, sempre considerando a escola como um espaço diversificado. Portanto, devemos aproveitar esse espaço (escola), onde a magia acontece através da projeção e parte de diferentes imagens (cinema). O cinema chega na escola

para provocar seu alargamento e, assim, ele deve ser compreendido como uma experiência intelectual e sensível, capaz de ativar atenção, a emoção, a concentração, a imaginação e nos possibilita o sentir, o compartilhar e o experimentar diferentes emoções em grupo, de forma coletiva.

O estudo também nos permitiu conhecer a lei nacional do filme e a perceber que, embora obrigatória, ela permanece adormecida e engavetada nas escolas, mas que necessita ser mais bem explorada e divulgada para que o cinema de fato adentre no chão da escola, potencializando os limites proporcionados por esta lei. Na formação conseguimos evidenciar essa lei para muitas professoras, no entanto, é possível que outras tantas nem sequer saibam da existência dela, que em muito corrobora a valorização do audiovisual e do cinema produzido em nosso Brasil.

Por fim, o estudo e o curso me fizeram entender acima de tudo, que trabalhar o Cinema na Escola implica em seleção/escolha de filmes próprios para cada nível de ensino e que se faz necessário o despertar dos professores em relação ao trabalho. É urgente a necessidade de o professor proporcionar, permitir e possibilitar aos seus educandos, experiências diversas com o cinema, momento em que eles possam vivenciar o sensível, o musical, o artístico, o emotivo. Só assim estaremos promovendo a expansão do Cinema na Escola, considerando a diversidade cultural, garantindo um espaço para a utilização da linguagem audiovisual e apresentando o cinema para as crianças não apenas como prática educativa, mas como uma futura profissão, a ser almejada por nossos atores mirins e porque não por nós mesmos, educadores, adultos como sendo roteiristas, editores, diretores. O cinema nos propicia um leque de possibilidades infinitas, provocando o deslocamento de diferentes paradigmas no contexto da escola, do chão da sala de aula.”

Os dizeres de Sininho me fizeram entender que uma pesquisa nunca estará completamente evidenciada em uma tese, escrita. Que as relações, conexões e sentimentos são incalculáveis e indescritíveis, por isso exponho algumas pistas das experiências com o Cinema na Escola e como ele pode mobilizar os sujeitos a compreenderem a si mesmos e às suas práticas docentes.

O cinema, por ser multidimensional, consegue bagunçar as mentes, proporcionando inúmeras sensações em quem o vivencia. Ele traz marcas de possibilidades de diversificados olhares, o que impossibilita definir essa experiência, que é individual e intransferível.

IMINENTES CONSIDERAÇÕES

Não pode mudar o passado,
mas arrisco dizer que pode aprender algo com ele.

O segredo, Alice, é cercar-se de pessoas que façam sorrir teu coração.
E então, só então encontrarás o País das Maravilhas.

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carroll (2000)

Alice em... Explosões Internas

Confesso que o processo de construção desta tese me fez crescer muito profissionalmente e principalmente como pessoa, porém suscitou muitos sentimentos difíceis de lidar. Misturas de emoções foram presentes em todos os momentos desses quatro anos de pesquisa: medos, ansiedades, alegrias, tristezas, dúvidas, angústias, tensões e múltiplas aprendizagens.

Sempre preferi realizar meus trabalhos individualmente, mesmo sabendo e considerando que o trabalho em equipe nos faz ter outros olhares sobre o mesmo objeto. Não pondero que eu tenha problemas de convivência, como Professora e Orientadora Educacional e sou reconhecida como uma excelente profissional, pois, além de desenvolver minhas atribuições nos cargos que ocupo, tenho facilidade de criar vínculos emocionais com colegas, pais, alunos e comunidade.

Entretanto, desenvolver minha pesquisa na perspectiva colaborativa me fez sair da zona de conforto e aprender que nas relações interpessoais eu não sou pior nem melhor que ninguém, que não tenho o controle de tudo nas mãos e que a democracia é que permeia os combinados e as trilhas que serão percorridas. Também entendi que é preciso me colocar no lugar do outro, ser uma boa ouvinte e conselheira, doar meu tempo ao próximo e ser ombro amigo.

Opa! Minha pesquisa? Nunca foi minha, a partir do momento que meu objetivo foi investigar, problematizar e agir na escola. Ao adentrar no contexto escolar, como pesquisadora, já não era mais minha, dependi de outras pessoas para a construção das informações. Todas foram protagonistas na produção, não fui eu quem disse como desenvolveríamos o trabalho, nós decidimos sobre a nossa própria aprendizagem, sendo ativas, estabelecendo um ritmo na edificação do conhecimento e mostrando o que e como queríamos aprender. Descobri que a pesquisa é nossa, do grupo, da equipe que se entregou nesse estudo, pesquisando, descobrindo, aprendendo, multiplicando juntas.

Esse foi o meu maior desafio, não ter controle das situações e da pesquisa, a partir do momento que ela se tornou colaborativa. E isso me fez, muitas vezes, pensar em desistir, parar no meio do trabalho e simplesmente jogar tudo para o ar, porém movimenter objetos, lugares e pessoas, seria muita irresponsabilidade fazer isso. Nos momentos de desânimo recordava das palavras de afeto direcionadas a mim:

Acreditamos em você, no seu potencial, e não deixe ninguém te convencer de que não está apta ou que é incapaz. Dizem que as dificuldades preparam pessoas comuns para destinos extraordinários e, com certeza, você é uma delas. (...) eu acredito em você mesmo a conhecendo tão pouco. Vejo em você inspiração e exemplo a ser seguido. (Sininho, 17/07/2019).

Realmente não foi fácil e só eu sei quantas cicatrizes ganhei para chegar até aqui. Venci! Venci por mim, venci por nós (grupo *CinEducação*). Hoje entendo que vencer é também vivenciar, saborear e valorizar o caminho, mesmo encontrando muitas barreiras e tropeçando em muitas pedras. Não podemos mudar o passado, é preciso encará-lo e aprender com ele.

Encontros, desencontros, certezas, incertezas, amizades, cooperações, dramas, encantos, ações, tive que controlar minhas ansiedades porque trabalhar em equipe é respeitar o tempo do outro, suas limitações, ideais e subjetividades. Aprender a aceitar o próximo como ele é, como sujeito histórico, social, cultural, singular, incompleto e com inúmeras diferenças e potencialidades.

Quem me conheceu ontem já não me conhece mais. Posso dizer que mudei, mudei muito e mudo invariavelmente, percebi que ninguém é o que foi. Tento ser sempre melhor que fui, me (re)fazendo todos os dias, transformando-me, aceitando as mudanças que muitas vezes não são fáceis, mas com certeza são necessárias na constituição do meu eu.

Esse tempo no doutorado, desenvolvendo a pesquisa, relacionando-me e produzindo, me fez amadurecer, (re)inventar, (re)descobrir, (re)pensar e me (trans)formar. Percebi quem eu era, como me comportava e resolvi mudar, cresci muito como pessoa e profissional da educação. O cinema tem o poder mágico de nos ensinar e nos transformar.

Hoje entendo que é impossível registrar, tanto em palavras escritas ou proferidas, tudo que senti, movi, vivi. E se eu não consigo falar de mim e das minhas experiências, seria muita pretensão mencionar que sei o que pensam e fazem as professoras no que se refere ao Cinema na Escola. Assim, tudo que exponho neste trabalho são frestas de uma imensa pluralidade da prática docente. Contudo, o Doutorado nunca caberá em uma Tese.

Considerações sem Finais

A presente tese está relacionada ao aqui (situacional), de acordo com o contexto histórico, social e cultural que estamos imersos, e ao agora (temporalidade), que está se

tornando – também ousamos trazer algumas pistas do passado e incertezas ao futuro. Estamos em constante transformação, vivendo, conhecendo, adaptado, relacionando, aprendendo... mudamos do que era, para o que é e para o que vai ser.

Nesse sentido, acredito que somos provisórios, que modificamos e recriamos novas histórias, imensuravelmente, e que estamos em processo. Por isso, as considerações não poderiam ser finais, mesmo sendo o encerramento dessa produção escrita. Procurei fazer o melhor, ponderando as circunstâncias, consciente de que existem inúmeras outras formas de ver, interpretar e explicar as coisas.

Assim como todas as produções, esta também se encontra disponível a ser indagada; aliás, as pesquisas acadêmicas são divulgadas para que delas se possam refletir e articular outras ideias que as complementem ou contraponham. Então, retomo que a interpretação é individual e subjetiva, construídas a partir das próprias vivências, por isso é indispensável aceitar que as pessoas pensem de forma divergente de nós.

Ressalto que concebo a Educação como processo amplo, múltiplo e complexo, constituindo em espaço de reflexão que forma e desenvolve o humano. Formal ou informalmente, a Educação, como qualquer outro elemento cultural, constrói-se e reconstrói-se por meio de variadas instituições (escola, igreja, cinema, teatro, clubes, museus etc.) e pelas diferentes interações sociais.

O objetivo desta tese, produzida entre 2017-2021, foi compreender as potencialidades do cinema na constituição humana, planejando e propondo uma formação docente na Educação Infantil voltada para a utilização de filmes com as crianças, refletindo e analisando sobre o que já se faz e construindo uma proposta coletiva para o Cinema na Escola como educação do olhar e do sentir.

Para oportunizar a sensibilização e a mobilização da transformação docente sobre o uso do cinema no ambiente escolar, mais precisamente nas práticas pedagógicas, foi necessário pesquisar como ele é materializado nas escolas, quais os discursos dos professores e supervisores sobre esse artefato e como os estudos, reflexões e diálogos fornecem subsídios para ampliação de olhares sobre o cinema como possibilidades.

No desenvolvimento do trabalho de campo, que foram observações, entrevistas e diálogos oportunizados pelo grupo de estudos *CinEducação*, detectei que nas Escolas Municipais de Educação Infantil de Uberlândia as docentes dispunham de dois horários por semana consecutivos, em seu quadro de horário, destinados ao uso da televisão em sala de aula, porém em nenhum momento de suas carreiras profissionais receberam informações, direcionamentos ou cursos que contemplassem esse artefato.

Percebi que as professoras exibiam filmes de animação, utilizando-os como entretenimento, para as crianças se alegrarem e se divertirem, e recurso pedagógico, para ilustração e/ou ensinar algum conteúdo. Além disso, os filmes distraíam as crianças, deixando-as envolvidas e nesse momento as docentes conseguiam desenvolver outras atividades que sua função demandava.

Ao mesmo tempo, inferi que as crianças gostam muito de assistir filmes na escola e que as professoras também apreciavam utilizar esse recurso nas suas aulas, por isso o faziam todas as semanas, sem falhas. Porém, muitas vezes o cinema era considerado um passatempo, período de não fazer nada, uma atividade sem objetivos e que não precisava de planejamento para ser executado.

A maioria das docentes desconhecia a lei 13.006/14, não exibindo filmes de produção nacional aos seus alunos, que deveriam ser realizadas, no mínimo, duas horas por mês. Quando os filmes brasileiros foram expostos aos discentes, em quase todas as vezes, eles demonstravam desinteresses, suas preferências eram produções estrangeiras populares, com grande número de vendas de bilheteria, e geralmente os que eles já haviam assistido em casa ou na escola.

Igualmente, notei que os discentes eram reprimidos em sala de aula, no que se refere a não poderem fruírem e desfrutarem dos momentos oportunizados pelos audiovisuais, mesmo quando estavam interagindo com os personagens da obra. Nesse período, em que eles assistiam aos filmes, as professoras solicitavam que todos ficassem quietos para que ela realizasse outras atividades, como atendimento individual e/ou de pequenos grupos de alunos ou efetuar outras exigências da atividade docente.

Também captei que o Cinema na Escola, em grande parte, era exibido sem critério de escolha, de forma aleatória. Raríssimos foram os momentos em que as professoras assistiram aos filmes com os alunos e concebiam espaços de diálogos antes ou após a exibição. Assim, as crianças não tinham a chance de expor as impressões, sentimentos e interações que existiram entre elas e a arte.

As docentes e supervisoras escolares desconheciam estudos, palestras e cursos que abordavam o assunto cinema na escola. Diante dessas constatações e sentindo que esses profissionais apresentavam a necessidade de serem ouvidos, os convidei para uma conversa informal sobre o cinema no contexto escolar. Nessa ocasião, propus estudar as conexões entre Cinema e Educação e a maioria delas aceitou e se engajou na proposta, emergindo assim o grupo de estudos *CinEducação*.

Os encontros do grupo oportunizaram pesquisas, estudos, reflexões e trocas de conhecimentos sobre as potencialidades do cinema no ambiente escolar. Assim, a fonte norteadora de diálogos foi a dinâmica colaborativa de formação de educadores, que procurou atender as necessidades/expectativas das profissionais e contribuir para o (re)pensar o processo de ensino-aprendizagem, sendo o cinema fomentador de relações na escola.

O grupo de estudos foi potência, tocou as subjetividades e a coletividade. Pelas vivências e experimentações pelo/com o cinema o grupo ganhou vivacidade. Aliado aos laços afetivos que foram se constituindo, tornou possível o encontro, e a força desse encontro promoveu outros encontros, uma autêntica formação continuada.

A fim de multiplicar o que estudamos, discutimos, assimilamos, apropriamos e aprendemos juntas sobre Cinema na Escola, no grupo de estudos *CinEducação*, disponibilizamos aos profissionais da educação do curso de formação continuada intitulada: *Luz, Câmera... Educação!* com a finalidade de possibilitar a abertura de brechas para novas experiências e aprendizados com o artefato cultural do Cinema. Neste, buscamos contemplar os anseios dos profissionais da educação, tendo como base as nossas necessidades formativas sobre o Cinema na Escola.

Oportunizamos momentos de meditações e trocas entre as educadoras, ampliando as visões sobre o cinema e trazendo essa arte ao encontro do espectador-professor, um protagonista que anseia reconhecer os seus iguais, os diferentes e pensar a sua prática docente. Acreditamos também que o cinema possibilita caminhos de socialização e difusão cultural, que é imprescindível aos profissionais da educação.

Assim, a formação, tanto a do grupo de estudos quanto a continuada, foi bastante positiva mobilizando a transformação docente sobre as capacidades do cinema na escola e nas práticas pedagógicas em salas de aula, sendo um poderoso artefato que materializa socialmente na cultura, construindo saberes e sujeitos.

As escolas, em sua unanimidade, são caracterizadas pelas organizações rígidas dos conhecimentos, por disciplinas, e o cinema vem romper essa fragmentação, ele pode se relacionar com os conteúdos, porém ultrapassa os assuntos e os enquadramentos, sendo considerado um artefato único e diverso, transdisciplinar.

Cinema também é indisciplina, ele bagunça nossa mente, sendo impulsionador de devaneios. E, por mexer com a nossa interioridade, ele reflete no nosso corpo, nos nossos gestos e atitudes, então materializa-se nas diferentes maneiras de pensar e agir, atuando na constituição humana.

Dessa forma, a linguagem cinematográfica no ambiente escolar pode contribuir para a formação do imaginário, enriquecendo as concepções de mundo e fantasias, disponibilizando um universo de possibilidades e particularidades para o desenvolvimento dos alunos. O cinema tem o poder de despertar inúmeros e diferentes olhares, além de potencializar as relações na escola.

Tenho a convicção de que a finalidade do trabalho foi alcançada, pois as colaboradoras do grupo reflexivo se formaram quando se empenharam na tentativa de formar outras docentes. E o curso de formação continuada também deu certo porque professor entende outro professor, pois vivenciam a realidade das salas de aula e compartilham de muitos sentimentos.

Nesta tese, faço alguns ensaios sobre as experiências vivenciadas por mim, pelas colaboradoras e cursistas com o cinema na transformação docente e de vida, sendo que as interações e mediações de aprendizagem foram o suporte para essas mudanças. Busquei elucidar os caminhos percorridos na pesquisa, podendo inspirar novos mergulhos com o cinema.

A experiência é algo único, intransferível, e o cinema vem ao encontro desse entendimento por ser arte. Então, não se consegue dimensionar a possibilidade de uma transferência como ensinamento para a constituição de outras pessoas ou grupos. Por isso, são tentativas, brechas, das transformações docentes com o cinema.

Posso dizer que as potencialidades do cinema na escola é a educação do olhar, do sentir e a formação artístico-cultural. As experiências com o cinema na transformação docente sinalizam que eles precisam se envolver pessoal e afetivamente com os artefatos fílmicos, comprometendo-se com a formação mais ampla de si mesmo e para as crianças com as quais atuam.

Evidencio que cinema é movimento, transformação. As experiências oportunizadas contribuem para a formação pessoal e, conseqüentemente, na profissional, rompendo as estruturas rígidas de comportamentos e a rotulação dos conhecimentos. Torço para que este trabalho provoque pessoas, despertando sobre a potência do cinema em nossas vidas, assim como inspire novas produções sobre cinema e educação.

Contudo, acredito fielmente que o cinema perturba a mente, pois mexe com nossos sentimentos, imaginários, emoções, memórias, consciências e olhares, portanto admito o discurso de Marcello (2013, p. 8), quando menciona que o cinema é aceito como propulsor de ideia, sendo entendido como “ferramenta do pensamento e para o sonho”.

Cinema é um convite, são possibilidades de produções, interpretações, sentidos, significados, emoções e discussões, sendo um potencializador de relações e afetos. Por isso, ele mexe e toca as pessoas, nos desafiando com enigmas, provocando alegrias, tristezas, incertezas, conflitos, aproximando de nós mesmos e dos outros.

Cinema é arte, cultura, potência e conexão, também é falta, excesso, permissão, fuga, sentimento, sintonia e encantamento. Ele é singular e ao mesmo tempo plural, múltiplo. Enfim, as experiências com o cinema transformam as nossas vidas e as nossas práticas docentes. O cinema pulsa sonhos!

Chá das Loucas

No chá das 18 horas, de loucas, tudo era festa. Opa! Chá de loucas? Não, chá com prosa, afeição, estudo, formação, reconhecimento, dedicação, amizade, amor... chá de afetos. Assim, se caracterizaram os Encontros e Reencontros Reflexivos do grupo *CinEducação*, os quais provocaram, inquietaram, movimentaram, desmistificaram, instigaram, despertaram, encantaram Alice e suas colaboradoras. Foram momentos ímpares de prazer. Prazer? Sim! Prazer em ser educadora.

O grupo de estudos foi tudo que Alice sonhara: a mobilização das colegas com e pelo Cinema. No entanto, tudo que aconteceu não dependeu somente dela, mas de cada docente que assumiu o desafio de pesquisar, descobrir, estudar, vivenciar, compartilhar e refletir sobre suas práticas com os filmes na escola. O desejo de Alice tornou-se delas! Todas foram protagonistas na construção do conhecimento, o grupo deliberou sobre a sua própria aprendizagem.

Os integrantes tiveram vez e voz no planejamento, desenvolvimento e avaliação dos assuntos dialogados. Era a voz de cada uma, representando a si mesma e a de suas colegas de profissão nas temáticas compartilhadas, bem como nas práticas e vivências com o Cinema.

E o que elas sentiram em se aventurarem no País do Cinema?

Estar com vocês me fez movimentar. Todas as leituras, discussões e planejamentos, me ajudaram a pensar na minha prática em sala de aula e em como eu posso melhorá-la. (Mégara).

Foi enriquecedor participar do grupo de estudos, ainda mais para mim que não era muito adepta em assistir filmes e séries. Passei a ter outra visão do cinema, admirando cada produção. O bom é que a formação não só ampliou meus olhares para a vida pessoal, mas também para a profissional. Percebi o quanto os filmes podem ser aliados em sala de aula. Não restam dúvidas que os professores/educadores e toda a equipe escolar são extremamente importantes na vida dos alunos e que podem despertar neles interesses para novos desafios. (Gasmine).

Foi muito bom aprender e ao mesmo tempo ensinar! Os encontros foram momentos exitosos de compartilhamento de conhecimentos, experiências e visões de vida. O curso foi fantástico! (Pocahontas).

Para mim, o estudo sobre o Cinema e Educação foi muito significativo, prazeroso e um grande momento de aprendizado. A partir dos encontros percebi que essa arte cinematográfica tem a possibilidade de ser explorado

muito mais que entretenimento e recurso de aprendizagem mediador na prática pedagógica. (Moana).

O encantamento nos faz sermos melhores, assim conseguimos atingir ao outro, nesse caso as crianças. Estar em grupo me fez viver e melhorar minha prática pedagógica, uma vez que consegui readequar minhas ações docentes a partir dos diálogos com minhas colegas de profissão. (Tiana).

O grupo de estudos me proporcionou o encantamento pelo cinema, que com suas diferentes possibilidades se fizeram presentes e parte integrante da trajetória de toda a formação. Esta, que por sinal foi excelente, foi marcada por momentos de trocas de experiências e aprendizagens, que contribuíram e continuarão inspirando o (re)pensar da minha prática docente/pedagógica e de igual modo a minha vida pessoal. (Sininho).

Estudar me afetou bastante. Me fez olhar os filmes além do que os produtores querem transmitir, entender como eles tocam as pessoas e suas várias possibilidades na escola. (Cinderela).

Hoje me sinto mais preparada/capacitada para trabalhar com o Cinema na Escola. Esse estudo foi extremamente importante para meu aprimoramento profissional. Considero que a sementinha do

conhecimento foi plantada em todas nós, grupo CinEducação, e que percebemos a necessidade de estarmos em constante formação. (Fiona).

Descobri que eu não sabia nada sobre o tema e o quanto é importante se pensar o Cinema na Escola. Aprendi muito na interação com vocês! Foi uma oportunidade incrível. (Mulan).

A formação me proporcionou a oportunidade de acesso a uma temática que, até então, conhecia de forma superficial e assim reformular minhas práticas pedagógicas inserindo o Cinema na Escola como um importantíssimo recurso pedagógico. (Ariel).

É tudo que Alice mais queria na vida se concretizou: que as experiências com o Cinema atravessassem suas companheiras de grupo. Teria sido um sonho? Não, tudo foi a mais pura realidade, mesmo que alguns empecilhos apareceram no seu caminho, como: a Rainha de Copas querendo destruí-la, o Chapeleiro Maluco tentando confundi-la, o Coelho Branco mexendo com sua curiosidade, a Lagarta que lhe dava conselhos, o Gato que era inconstante.

É olha como tudo aconteceu no tempo certo. Todas as ações do grupo CinEducação findaram no ano de 2019, como o curso de formação continuada,

ofertada aos profissionais da educação, e outras produções/multiplicações advindas desses estudos. Em 2020, elas planejaram de se (re)encontrar para juntas, fruírem alguns filmes, porém a Pandemia Coronavírus alastrou-se pelo mundo, atingindo também o país do Cinema, e o isolamento social foi necessário.

As formadoras, mesmo nesse momento, continuaram percebendo o quanto suas ações tiveram significado para elas mesmas e para outras pessoas. Muitos retornos positivos foram alcançados, pois o trabalho da maioria da população teve que ser realizado de forma remota, principalmente o daquelas que trabalhavam em escolas. Nesse contexto, o curso de formação continuada contribuiu para que as cursistas pudessem contemplar as tecnologias de outras maneiras, de como podem trabalhar com a câmera do celular, de como filmar suas aulas se atentando à linguagem cinematográfica, como gravar, cortar e editar vídeos, dentre outros.

Alice se sentiu realizada com todos os sabores e dissabores desses momentos. E a magia dos acontecidos só foi pleno, porque o sonho foi sonhado junto, pelo grupo de estudos CinEducação, que foram colaboradoras, parceiras e amigas, que Alice será eternamente grata a cada uma delas.

E o que Alice pensa disso tudo?

Sempre acreditei que o Cinema fosse perturbador de mentes e provocador de sensações, mas essa experiência com/pelo Cinema me fez transcender essa concepção. Considero impossível definir todas as suas potencialidades, mas vamos lá... Cinema, hoje é para mim, uma construção estética e um enunciado social. É arte, cultura, magia, prazer, encanto, bem como fonte de humanização, criatividade e expressão. Um artefato que provoca, mexe, inquieta e nos faz pensar.... É um potencializador de conexões, é sentimento, liberdade, possibilidades e transformação. Cinema é vida!

É assim a história de Alice chega ao fim, pulsando o deslumbre de que estudar nos leva à transformação, a transformação de vidas pelo cinema!

PRODUTORAS⁷⁵

ALICE

Ludmila Rodrigues Rosa, professora e supervisora na EMEI Hipólita Teresa Eranci. Graduada em Pedagogia, especialista em Supervisão e Inspeção Escolar, em Gestão Pedagógica e em Educação Especial, mestre em Educação e doutoranda em Educação.

FIONA

Andressa Naves Pereira Pinto Mendonça, diretora na EMEI Anísio Spínola Teixeira (cargo de professora nessa mesma escola). Graduada em Pedagogia e especialista em Educação de Jovens e Adultos.

⁷⁵ Informações atualizadas das participantes, dezembro de 2020.

POCAHONTAS

Charlene Ferreira Silva, professora na EMEI Hipólita Teresa Eranci e professora na Escola Estadual 6 de Junho. Graduada em Pedagogia e especialista em Coordenação Pedagógica.

TIANA

Cristiane Lopes de Faria, professora na EMEI Professora Rosângela Borges Cunha e na EM Sebastiana Silveira Pinto. Graduada em Pedagogia, especialista em Inspeção Escolar e Docência na Diversidade para a Educação Básica.

MULAN

Karine dos Santos Ferreira, professora na EMEI Anísio Spínola Teixeira e supervisora na Escola Estadual Professor José Ignácio de Sousa. Graduada em Pedagogia e especialista em Supervisão em Inspeção Escolar.

CINDERELA

Keila de Freitas Barbosa, vice-diretora da EMEI Anísio Spínola Teixeira (cargo de professora na EMEI Maria Terezinha Cunha Silva). Graduada em Pedagogia e especialista em Pedagogia Empresarial.

MOANA

Kelly Cristina Caetano Silva, professora na EMEI Professora Rosângela Borges Cunha. Graduada em Pedagogia, especialista em Educação para Relações Étnico-raciais, História e Cultura Africana e Afro-brasileira e mestranda em Educação.

SININHO

Marilene de Brito, professora na EMEI Anísio Spínola Teixeira. Graduada em Pedagogia, especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Docência na Educação Infantil, mestranda em Educação.

JASMINE

Nathália Martins Ferreira, educadora infantil na EMEI Professora Gesimeire Fátima Araújo e contadora. Graduada em Ciências Contábeis, especialista em Direito Tributário e Planejamento Empresarial, mestranda em Educação.

MÉGARA

Rafaelle Jesus da Silva, professora na EMEI Hilda Leão Carneiro e educadora infantil na EMEI Anísio Spínola Teixeira. Graduada em Pedagogia e especialista em Gestão Escolar.

ARIEL

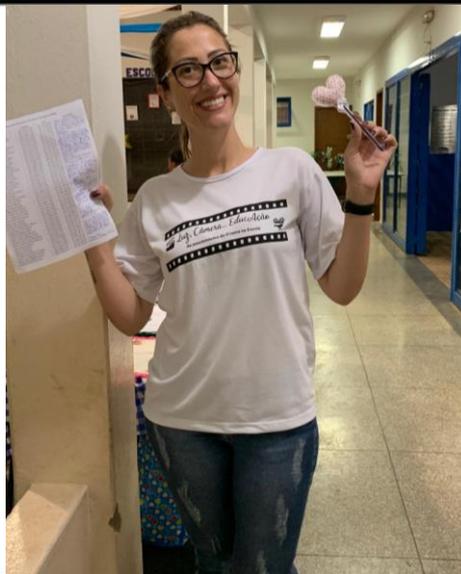
Tânia Lúcia Vieira Couto Ribeiro, professora aposentada da Rede Estadual de Ensino e atuando como Supervisora na EMEI Anísio Spínola Teixeira. Graduada em Pedagogia e especialista em Filosofia para docência da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

MAKING-OF CineEducação









Gratidão!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. Cinema e televisão: histórias em imagens e som na moderna sociedade oral. *In: Coletânea lições com cinema*. São Paulo, FDE, Diretoria técnica, 1993, v.1.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 32).
- AMARAL, Michele Pedroso do. **Educação estética pela mediação de leitura de imagens de obra de arte**. 2014. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/925/Dissertacao%20Michele%20Pedroso%20do%20Amaral.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 5 maio 2019.
- BARBOSA, Cristiano. **O espaço em devir no documentário: cartografia dos encontros entre cinema e escola**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2017.
- BERINO, Aristóteles. A escola diante do cinema nacional: uma narrativa. *In: FRESQUET, Adriana (org.). Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas*. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015, p. 167-176.
- BORDWELL, David. **Sobre a História do Estilo Cinematográfico**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2013.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer nº 20/2009, homologado pelo despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 9/12/2009, Seção 1, p. 14
- BUÑUEL, Luis. Cinema: instrumento de poesia. *In: XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983.
- CARR, Wilfred; KEMMIS, Stephen. **Teoria crítica de la enseñanza**. Barcelona: Martinez Roca, 1988.
- CARROL, Lewis. **As aventuras de Alice no País das Maravilhas e Alice do outro lado do espelho**. Tradução: Margarida Vale de Gato. Lisboa: Editora Relógio D'Água, 2000.
- CHASSOT, Ático Inácio. **Das disciplinas à indisciplina**. Curitiba: Appris, 2016.
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011, 250 p.

- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. *In*: MOREIRA, Antonio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (orgs.). **Currículo: pensar, sentir e diferir** Rio de Janeiro: DP&A, 2005 v. II. (no prelo).
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, Educação e Pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. n.23. p.36-61. Maio/jun/jul/Ago, 2003.
- DEUS, Ana Iara Silva de. **Obrigatoriedade do Cinema na Escola: uma análise sobre a Lei 13.006/14**. Artigo apresentado na Reunião Científica Regional da ANPED – Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. Curitiba/Paraná: UFPR, 2016.
- DINIZ, Kênia Mendonça. **Espaço, tempo e infância: problematização acerca do artefato midiático Barbie**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ESPELT, Ramón. A infância do espectador cinematográfico. *In*: TEIXEIRA, Inês; LARROSA, Jorge; LOPES, José Miguel (orgs.) **A infância vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FABRIS, Elí Henn. **Em cartaz: o cinema brasileiro produzindo sentidos sobre a escola e o trabalho docente**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- FABRIS, Elí Henn. Cinema e educação: um caminho metodológico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./jun. 2008.
- FANTIN, Mônica. Crianças, cinema e televisão: experiência do filme e mediação educativa. **Comunicar** [en linea] 2005, (Sin mes): [Fecha de consulta: 5 de febrero de 2019] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15825225>> ISSN 1134-3478. Acesso em: 21 set. 2017.
- FANTIN, Mônica. Novo olhar sobre a mídia-educação. *In*: 28a. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu. **Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED**, 2005.
- FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e mídia educação: Olhares e experiências no Brasil e na Itália**. 2006. 399f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2006.
- FANTIN, Mônica. Mídia-Educação e Cinema na Escola. **Teias**: Rio de Janeiro, ano 8, n. 15-16, jan/dez, 2007.

- FANTIN, Mônica. **Criança, Cinema e Educação**: além do arco-íris. São Paulo: Annablume, 2011.
- FANTIN, Mônica. Cinema e infância na escola: algumas questões sobre a escolha dos filmes para crianças. *In*: FRESQUET, Adriana (org.). **Cinema e Educação**: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015, p. 178-186.
- FELDMAN, Núria Aidelman; APARICIO, Laia Colell. Filmar uma criança: a construção de um espaço comum. *In*: TEIXEIRA, Inês; LARROSA, Jorge; LOPES, José Miguel (orgs.) **A infância vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FERNANDES, Adriana Holfmann. “A professora disse que hoje não vai ter aula e que é filme” – A obrigatoriedade de ver filmes e o cineclube como acesso formativo aos filmes: um desafio a partir da legislação. *In*: FRESQUET, Adriana (org.). **Cinema e Educação**: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015, p. 99-107.
- FERREIRA, Maria Salonilde; IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. A pesquisa colaborativa como espaço formativo. *In*: MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo; FIDALGO, Sueli Salles (orgs.). **Questões de método e de linguagem na formação docente**. São Paulo: Mercado das Letras, 2011, p.119-140.
- FERRETTI, Celso João. **O filme como elemento de socialização na escola**. *In* Coletânea lições com cinema, São Paulo, FDE, Diretoria técnica, 1993, v.1.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan-jun., 2002.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Cinema e juventude: uma discussão sobre ética das imagens. **Educação**, Porto Alegre; PUC-PR, v. 37, n. 1, p. 42-51, jan./abr. 2014.
- FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FRANCO, Marília da Silva. **A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais**. *In* Coletânea lições com cinema, São Paulo, FDE, Diretoria técnica, 1993, v.1.
- FRANCO, Marília da Silva. Hipótese-cinema: múltiplos diálogos. *In*: FRESQUET, Adriana (org). **Dossiê Cinema e Educação # 1**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- FRETAS, Maria Teresa de Assunção. O cinema na formação de professores: uma discussão. *In*: FRESQUET, Adriana (org.). **Cinema e Educação**: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015, p. 92-98.
- FRESQUET, Adriana. Cinema, infância e educação. Anped. GE: Educação e Arte /n.01. Artigo disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-3495--Int.pdf. Acesso em: 11 nov. 2019.

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14. *In*: FRESQUET, Adriana. **Cinema e Educação: a lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas.** Edição e distribuição: Universo Produção Prefixo editorial, 2015.

FUENTES, Héctor Salinas. Os baderneiros, a guerra e os botões. *In*: TEIXEIRA, Inês; LARROSA, Jorge; LOPES, José Miguel (orgs.) **A infância vai ao cinema.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Sousa. Comportamento dos professores da educação básica na busca da informação para formação continuada. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, p. 54-61, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIROUX, Henry. Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação. *In*: SILVA, T.T. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** p. 83-100. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOMES, Ana Maria Rabelo; OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. Encantadora de baleias: a fábula da menina Paikea. *In*: TEIXEIRA, Inês; LARROSA, Jorge; LOPES, José Miguel (orgs.) **A infância vai ao cinema.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Leandro Belinasso; GUIDO, Lúcia Estevinho; SCARELI, Giovana. Encontros entre o cinema, a educação e o ambiente. *In*: **Cinema, Educação e Ambiente.** Uberlândia: Edufu, 2013.

IBIAPINA, Ivan Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos.** Brasília: Liber Livro, 2008.

INEZ, Ana Marta Aparecida de Sousa; FARIA, Vitória Líbia Barreto de. O balão branco: encontros e encantos pelos cantos da cidade. *In*: TEIXEIRA, Inês; LARROSA, Jorge; LOPES, José Miguel (orgs.) **A infância vai ao cinema.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JESUS, Fernanda. **A Importância do Grupo de Estudo na Aprendizagem.** UNIPAMPA – Campus Dom Pedrito, Rio Grande Do Sul, 2014.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. **A natureza ensinando sobre raça, etnia e outras coisas mais nos desenhos animados.** 194 fl. Tese (Doutorado em Educação). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2003.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais. *In*: WORTMANN, M. L. C. *et. al.* **Ensaio em estudos culturais, Educação e ciência; a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas.** Porto Alegre: UFRGS, 2007.

LAROSSA, Jorge. As crianças e as fronteiras: várias notas a propósito de três filmes de Angelopoulos e uma coda sobre três filmes iranianos. *In*: TEIXEIRA, Inês; LAROSSA, Jorge; LOPES, José Miguel (orgs.) **A infância vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n. 19, p. 20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 13 set. 2019.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Quando a infância ensina – uma leitura interessada de Abril despedaçado. *In*: TEIXEIRA, Inês; LAROSSA, Jorge; LOPES, José Miguel (orgs.) **A infância vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIMA, Paulo Gomes. Fundamentação histórica e epistemológica do paradigma qualitativo. *In*: **Tendências paradigmáticas na pesquisa educacional**. Artur Nogueira, SP: Amil, 2003. p. 44-57.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. *In*: CARDOSO, Ruth. (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 127-140.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Seleção, soma e multiplicação: matemáticas do olhar no trabalho com cinema e educação. *In*: **Cinema, Educação e Ambiente**. Uberlândia: Edufu, 2013.

MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Cuiabá, v.47, set/dez, 2012.

MARTINS, Queila. **Grupo de estudos em conciliação, mediação e arbitragem**. GECMA, UNIVALI, Balneário Camboriú – Santa Catarina, 2015.

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema: entre a realidade e o artifício**. São Paulo: Artes e Ofícios 2003.

MIGLIORIN, Cezar. **Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. **Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; GUIMARÃES, Luis Gustavo. Cinema na escola: da formação de professores para prática escolar. *In*: FRESQUET, Adriana (org.). **Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015, p. 149-156.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; COPPOLA, Gabriela Domingues; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. A Educação pelo Cinema. **Educação e Cinema**. p. 1-12. 2006.

MOREIRA, Alberto da Ailva. Cultura midiática e Educação Infantil. **Educ. Soc.** [online]. 2003, vol.24, n.85, p. 1203-1235. ISSN 01017330. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302003000400006> Acesso em: 04 abril 2019.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. *In*: SILVA, T. T. (org.) **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em Educação. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 7-38.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. **Revista eletrônica “O Olho da História”**. n. 1. 1995. Disponível em: <http://oolhodahistoria.ufba.br/01apolog.html> Acesso em: 19 jan. 2019.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Sofá na praça: o espaço como encontro no cinema de João Salaviza. *In*: **Anais do II Simpósio Internacional e III Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte: espaços Sensíveis geografias da percepção e da emoção**. Goiânia, 23 a 25 de outubro, 2015 – Editora: Gráfica UFG/Laboter. p. 731-744.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos - rumo a geografias menores. **Pro-Posições (UNICAMP)**, v. 20, p. 7-19, 2009.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Agências da imagem. Uma entrevista com o Professor Wenceslao Machado de Oliveira Junior. [Entrevista concedida em 08 de maio de 2016]. **Revista PerCursos**. Florianópolis, v. 17, n.33, p. 162 – 175, jan./abr. 2016. Entrevistador: Marcelo Róbson Téó.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de (org.). **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente Universidade de São Paulo – USP. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez, 2005.

REIS, Aline Casanova dos; ZANELLA, André Vieira; FRANÇA, Kelly Bedin; ROSA, Sílvia Zanatta da. Mediação pedagógica: reflexões sobre o olhar estético em contexto de escolarização formal. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Porto Alegre, v.17, n.1, p.51-60, 2004.

ROCHA, Antônio Penalves. O filme: um recurso didático no ensino de História. *In*: **Coletânea lições com cinema**, São Paulo, FDE, Diretoria técnica, 1993, v.1.

ROSENFELD, Anatol. Cinema: arte & indústria. *In*: ROSENFELD, Anatol. **Cinema: arte & indústria**. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Debates), p. 33-47.

- SANTOS, Maria Angélica dos; BARBOSA, Maria do Carmo Silveira; LAZZARETI, Angelene. À luz da lei! *In*: FRESQUET, Adriana (org.). **Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015, p. 32-39.
- SCALABRIN, Angela. As narrativas visuais e a formação para a docência com os bebês e crianças bem pequenas. **Revista Latinoamericana de Educación Infantil**, Santiago de Compostela, v. 5, n. 4, p. 70-77, 2016.
- SILVA, Acir Dias da. Aproximação entre linguagem e visualidades no cinema - DOI 10.5216/vis.v5i1.18034. 2012. **Visualidades**, 5(1). Disponível em: <https://doi.org/10.5216/vis.v5i1.18034>. Acesso em: 22 nov. 2018.
- SILVA, Gisele Riuz; MAGALHÃES, Camila da Silva. Homem e natureza: produção de “verdades” no cinema de animação. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.
- SIMON, Roger Lichtenberg. A pedagogia como uma tecnologia cultural. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2011. (p. 61-84)
- SOARES, Maria da Conceição Silva. Como na faculdade de educação da UERJ estamos praticandopensando cinema e o significado da lei nº 13.006/2014. *In*: FRESQUET, Adriana (org.). (2015). **Cinema e Educação: A Lei 13.006 – Reflexões, perspectivas e propostas**. Belo Horizonte: Universo Produção, p. 67-76.
- SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na perspectiva em educação: a prática reflexiva**. Brasília, Plano Editora, 2002.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; GRAMMONT, Maria Jaqueline; AZEVEDO, Ana Lúcia. “Me ajuda a olhar!”: o cinema na formação de professores (as). **Educação em Foco**, Belo Horizonte, v. 17, n. 24, p. 123-143, 2014.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel. **A escola vai ao cinema**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LARROSA, José; LOPES, José Miguel. Olhar a infância. *In*: TEIXEIRA, Inês; LARROSA, Jorge; LOPES, José Miguel (orgs.) **A infância vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.
- VIANNA, Heraldo Marelím. **Pesquisa em Educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A visão dos estudos culturais da Ciência. *In*: VOGT, Carlos; GOMES, Marina; MUNIZ, Ricardo (orgs.). **ComCiência e divulgação científica**. Campinas-SP: BCCL/UNICAMP, 2018.

XAVIER, Ismail. Um cinema que educa é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevista. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 2. Porto Alegre, 2008.